

Sexualidade, Amor e Cosmopolitismo no Programa Erasmus

Inês Raquel Freixo Caroço

**Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e
Transnacionalismo**

Outubro, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica de Susana Trovão e co-orientação de Sofia Gaspar

Aos amantes

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a todos os participantes que tiveram a generosidade de partilhar comigo as suas vidas. Em segundo, agradecer às minhas orientadoras, com especial apreço à Sofia Gaspar cuja orientação dedicada me ajudou a organizar ideias, de forma a trazer este trabalho a bom porto. Agradecer também à minha família e amigos, com quem me construí e continuo a construir em conjunto. Em particular à avó Ana, figura de amor que lhe escorre pelos olhos, ao avô Ramiro, pela força que representa, à minha mãe que me ensinou a perguntar porquê e que é para mim o maior símbolo de humanidade, e finalmente ao Ricardo, sem ti esta tese nunca teria sido possível. O meu obrigada a todos.

SEXUALIDADE, AMOR E COSMOPOLITISMO NO PROGRAMA ERASMUS

INÊS FREIXO

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Amor, Individualização, Migração, Erasmus, Cosmopolitismo

Esta investigação pretende dar a conhecer as motivações que levam os estudantes a fazer Erasmus e o impacto que este assume na vida íntima. Numa abordagem qualitativa de carácter exploratório pretende-se revelar as práticas e representações afectivo-sexuais analisando os discursos dos participantes. Partindo do conceito de modernidade reflexiva (Giddens, Beck e Lash, 1997), o objectivo deste trabalho é verificar o modo como a identidade, a sexualidade e o amor são exploradas na migração, e de que forma a individualização, o capital social e a procura de cosmopolitismo influenciam o desenvolvimento individual. Definindo o Erasmus como um ponto de viragem voluntário na construção de uma biografia individual, identificam-se formas de viver a sexualidade e a afectividade dentro desta experiência internacional e explora-se o significado que estas adquirem nas trajectórias individuais. A análise dos discursos das entrevistas permitiu identificar quatro tipos-ideais: Sexualidade Ausente, Sexualidade Suspensa, Sexualidade de Escape e Sexualidade Cosmopolita, que ilustram modos diversos de viver o Erasmus e diferenças entre as práticas e representações dos participantes. Na parte final deste trabalho, enunciam-se algumas questões relevantes a explorar em futuras investigações.

ABSTRACT

KEYWORDS: Sexuality, Love, Individualization, Migration, Erasmus; Cosmopolitanism

This investigation aims to reveal the motivations that lead students to participate in Erasmus and the impact it has in their private life. In a qualitative approach of exploratory nature, we aim to know the affective-sexual practices and representations, analyzing the participant speeches. We use the assumption of reflexive modernity developed by Giddens, Beck and Lash (1997), in order to verify how identity, sexuality and love are explored in migration and the way individualization, social capital and the search for cosmopolitanism affects the individual development. By defining Erasmus as a voluntary turning point in the making of an individual biography, we identify ways of living sexuality and affection and we explore the meaning they acquire in individual trajectories. Four ideal-types had been created: Absente Sexuality, Suspended Sexuality, Escape Sexuality and Cosmopolitan Sexuality. Exploring these categories we found diverse ways to live the Erasmus experience, differences between practices and representations and we gathered information and clues for further investigation.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Programa Erasmus e Mobilidade Juvenil	5
I. 1. Migração, Afectividade e Sexualidade.....	11
Capítulo II: Enquadramento Teórico	15
II. 1. Individualização, Capital Social e Cosmopolitismo.....	16
II. 2. Identidade Pessoal, Sexualidade e Amor.....	20
Capítulo III: Metodologia	27
Capítulo IV: Análise das Entrevistas	31
IV. 1. Considerações Gerais	31
IV. 2. Sexualidades Erasmus	39
IV. 2.1. Sexualidade Ausente	41
IV. 2.2. Sexualidade Suspensa	47
IV. 2.3. Sexualidade Escape	55
IV. 2.4. Sexualidade Cosmopolita.....	61
Capítulo V: Amor e Sexualidade no Programa Erasmus.....	73
Conclusão	83
Bibliografia	85
Anexos.....	91
Guião da Entrevista.....	91
Transcrição das Entrevistas.	93

INTRODUÇÃO

“O Afecto produz ‘obras’, pessoas, é uma forma de criação por excelência da vida social em sentido metafórico e real”.

Anália Torres, *Amor e Ciências Sociais*

O ponto de partida para esta investigação surgiu, como tantas vezes acontece, da minha própria experiência individual. Ao realizar um programa de mobilidade europeia surgiram questões sobre a vida sentimental e sexual, que me levaram a uma reflexão mais profunda sobre o papel que as dimensões amorosas e sexuais têm na vida do indivíduo. Dei por mim dividida entre o que tinha idealizado para a construção do meu percurso de vida, que passava por viver um período no estrangeiro, e o que sentia a nível emocional quando chegou a altura de partir. Já com a viagem marcada e o projecto definido, apaixonei-me poucos meses antes da partida. Ainda assim, e por mais que a perspectiva de ausência me tenha causado angústia, estava obstinada a partir para o estrangeiro. A ideia de desistir do meu próprio caminho por amor parecia-me redutora, pouco independente e de alguma forma sentia que isso seria pôr outra pessoa à frente de mim mesma. Tinha medo que, mais cedo ou mais tarde, a relação acabasse por terminar e de ter perdido uma oportunidade para viver outras experiências noutro país. Esta era uma reflexão pessoal, mas não estava livre de validações e alguma pressão social à minha volta. Frases como “ tens que te pôr a ti primeiro”, “se não fores, depois vais arrepender-te”, “ se a relação for mesmo para durar, a distância não é problema”, “amores há muitos”, acabavam por me pressionar a não desistir, pois não só percepcionava a desistência como um fracasso, como percebia que socialmente, na minha rede social, seria visto dessa forma. O desenvolvimento individual estava à frente dos afectos. Uma parte de mim queria

explorar e conhecer outras realidades, porque sentia que isso seria importante na construção do meu percurso, e a outra queria ficar exactamente onde estava. Racionalmente procurava uma experiência cosmopolita, mas essa procura não estava de acordo com o que sentia emocionalmente. Existiam, portanto, vontades individuais contraditórias.

O facto de o meu parceiro ter terminado uma relação longa pouco antes de iniciarmos a nossa, também teve um papel importante no desenvolvimento de determinadas reflexões sobre o tema. Ao ter acabado uma relação recente, o objectivo pessoal dele não era construir de imediato uma outra, mas sim explorar-se a si mesmo, estar sozinho, descobrir-se e nesse percurso existia vontade de experimentar encontros sexuais com contornos de não compromisso. O objectivo para o imediato não era criar intimidade com ninguém em particular, mas sim experimentar uma realidade livre de constrangimentos ou de pressões amorosas. Portanto, cada um de nós, à sua maneira, pretendia investir mais no seu percurso individual em detrimento de um sentimento de afecto que era cada vez mais intenso. Era necessário lutar com o que se sentia para que os projectos individuais pudessem vir a ser realizados.

Acabei por ir, fiquei pouco mais de três meses, embora o período estipulado para a estadia fosse de nove. A experiência revelou-se rica em vários aspectos, mas nunca consegui desligar-me da relação que tinha, que passou por constantes negociações na estadia. A sensação era a de que tinha tomado a decisão errada e que o meu lugar não era ali. Sentia que tinha posto as expectativas de outros e até mesmo a minha formatação para a independência à frente do que realmente queria. Pois se o objectivo primordial do individualismo é a realização pessoal, a felicidade, porquê forçar-me a distanciar-me do que me fazia sentir feliz para procurar o que ficava bem no “papel”, o que era suposto fazer socialmente? Ao visitar Portugal acabei por não retornar e terminei o projecto antes do que estava inicialmente previsto.

Com minha experiência pessoal, a observação directa e os relatos de amigos sobre as suas experiências em contexto internacional, acabaram por emergir questões sobre as dimensões afectivas e sexuais e a forma como estas se constroem e influenciam o percurso de vida individual.

Num mundo em que a individualização tem cada vez mais expressão, e no qual a juventude é o espaço por excelência para a construção da identidade, qual é o espaço do amor? E como é vivida a sexualidade nos parâmetros da individualização juvenil? Será que extrapolamos os desejos de autenticidade, originalidade, diversidade, características intrínsecas à sociedade actual, para a nossa vivência amorosa e sexual? Para nos sentirmos indivíduos completos será necessário ser cosmopolita em todos os aspectos da vida social? Como construímos as relações com os outros baseados nas premissas da individualização? Num mundo em que as possibilidades são infinitas, o amor deixa de ser pensado como o caminho primordial para a felicidade e passa a ser um obstáculo?

Ingressei pouco tempo depois no mestrado de Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo leccionado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A partir daí descobri literatura sobre o tema e comecei a investigar mais profundamente questões relacionadas com a migração, identidade, afectividade e sexualidade.

Assim surge a ideia de escrever uma tese sobre o período Erasmus, particularmente sobre a dimensão afectiva e sexual que se desenvolve em contexto de migração jovem e estudantil. O Erasmus e outros projectos de mobilidade são possivelmente a melhor expressão de como o cosmopolitismo e a sua procura se encontram institucionalizados e são fomentados na sociedade contemporânea.

Esta investigação tem um carácter exploratório e o objectivo primordial é dar voz às experiências individuais no contexto de migração de forma a revelar pontos de interesse que possam trazer novas perspectivas sobre esta matéria. Porquê partir para Erasmus? Que objectivos se pretendem atingir? O que representa a experiência do Erasmus na construção individual? E qual a importância dos afectos e da sexualidade na vivência da migração?

Estas são questões que se pretendem desenvolver de modo a compreender como se relacionam as dimensões sociais e os comportamentos individuais, quais as representações dos indivíduos sobre os afectos e a sexualidade e como é que os seus percursos se desenvolvem.

CAPÍTULO I: ERASMUS E MOBILIDADE ESTUDANTIL

O Programa Erasmus era, até recentemente, um subprograma do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV) realizado no Ensino Superior. No passado mês de Janeiro de 2014 foi lançado o Programa Erasmus+, sendo este um novo programa para a educação, formação, juventude e desporto. Dispõe de 14.700 milhões de euros para o período de 2014-2020, o que de acordo com os dados da Comissão Europeia representa um aumento de 40% em relação ao período anterior. O Programa Erasmus foi responsável pela mobilidade de cerca de 270.000 pessoas no ano de 2012/2013 e estima-se que tenha atingindo cerca de 3 milhões de pessoas desde o seu funcionamento em 1987. Tem um orçamento anual na ordem dos 450 milhões de euros, envolvendo cerca de 4000 instituições de ensino superior e trinta e três países¹. De acordo com os dados referentes a 2011/2012, Portugal recebeu 9197 estudantes Erasmus e enviou 6484 estudantes portugueses para outros países, existindo uma tendência crescente tanto no envio como na recepção de alunos desde o ano 2000. No passado ano de 2012/2013 os números continuam a aumentar e Portugal recebe 9894 e envia 7041 alunos². Portugal é, sobretudo, um país receptor de estudantes em Erasmus.

O programa Erasmus tem como objectivo conjugar a aprendizagem ao longo da vida e a mobilidade geográfica, melhorar a qualidade e eficiência da educação, promover a igualdade, a coesão social, a cidadania activa e estimular a inovação, a criatividade e o empreendedorismo. Este programa representa, essencialmente, uma oportunidade para os estudantes poderem experienciar um país e uma cultura nova no seu percurso académico, durante um determinado período de tempo que pode ir de seis a doze meses. Os indivíduos que realizam programas de mobilidade estudantil são, portanto, migrantes de curta duração. Segundo King e Ruiz-Gelices (2003), estes

¹ 27 Estados-Membros da União Europeia; Estados EFTA/EEE (Islândia, Liechtenstein, Noruega, Suíça) e Estados candidatos à UE (Croácia e Turquia)

² Dados obtidos a partir do sítio: http://ec.europa.eu/education/tools/statistics_en.htm

estudantes podem ser classificados como migrantes privilegiados, uma vez que a sua saída é realizada individual e voluntariamente, sendo que a maioria provém de contextos socioeconómicos mais favorecidos³.

No contexto das migrações existe já algum trabalho académico desenvolvido sobre estes estudantes e outros programas de mobilidade internacional estudantil. King, Findlay e Ahrens (2010) fazem uma revisão da literatura da mobilidade estudantil no Reino Unido e referem existir nestes estudos seis áreas principais de interesse: a tendência na mobilidade para o estrangeiro e o que esta revela do comportamento dos estudantes; tendências e evolução da mobilidade internacional no Reino Unido e restantes países; as causas que conduzem os estudantes a participar neste tipo de programas; o estatuto económico e social dos estudantes em mobilidade internacional; o impacto que a mobilidade internacional representa ao nível da empregabilidade e nas atitudes dos agentes empregadores; e, finalmente, as políticas e práticas do ensino superior no Reino Unido que afectam os fluxos na mobilidade estudantil. A pesquisa desenvolvida tem-se focado, essencialmente, nos contextos socioeconómicos, nas motivações e nos resultados académicos e profissionais que advém da experiência de mobilidade. A maioria destes estudos são quantitativos (King et al, 2010) e utilizam métodos que não permitem ilustrar e compreender as práticas e as representações sociais dos indivíduos.

Relativamente às causas que levam os estudantes a optar por um programa de mobilidade, o estudo realizado por Findlay e King (2010), que tem igualmente como base alunos oriundos do Reino Unido, concluiu que 88.7% tem como principal motivo a vontade de frequentar uma faculdade de renome internacional, 87.9% indica que é uma oportunidade para uma aventura única; 68.7% pretende desenvolver uma carreira internacional, 42.5% aponta a falta de vagas no curso no desejado, 33.9% salienta o valor das propinas no Reino Unido e 27.3% refere o encorajamento por parte da família.

Destes valores são de salientar os 87.9% de inquiridos que definem os programas de mobilidade como uma oportunidade para uma aventura única, que

³ De acordo com o Relatório da Comissão Europeia de 2014 sobre o Impacto do Período Erasmus (ESI, 2014), 54% dos alunos Erasmus provém de famílias que frequentaram o ensino superior.

aparece como segunda causa motivadora na tomada da decisão. Parece existir a presença constante de motivos pessoais que se prendem com um desejo de conhecimento, de exploração do “eu” e enriquecimento de si próprio, surgindo estes factores como motivos principais para a realização de uma experiência de mobilidade.

Recentemente foi lançado um estudo sobre o impacto do programa Erasmus (ESI, 2014) realizado a pedido da Comissão Europeia que envolveu 78891 participantes. Foram realizados cinco inquéritos *online* em 2013 em 34 países, que resultaram na participação de 56.733 estudantes (com e sem experiência de Erasmus), 18.618 ex-alunos do ensino superior, 4986 professores (académicos e não académicos), 964 instituições de ensino superior e 652 empregadores (55% dos quais pequenas e médias empresas). A metodologia utilizada foi qualitativa e quantitativa e os principais resultados centram-se em questões laborais e no impacto do Erasmus na vida dos estudantes. Relativamente ao emprego, os resultados indicam que a possibilidade de os estudantes Erasmus se tornarem desempregados de longa duração é 50% inferior em relação aos que não tiveram qualquer experiência no estrangeiro. Passados cinco anos após a graduação a taxa de desemprego é inferior a 23%. No que diz respeito à vida pessoal dos participantes, o estudo refere que 40% mudaram o país de residência ou de trabalho desde a graduação, o que representa o dobro em comparação com estudantes que não tenham participado em programas de mobilidade. Os resultados obtidos indicam ainda, que existe uma maior probabilidade de desenvolvimento de relações transnacionais para aqueles que realizaram Erasmus. 33% tiveram um parceiro de nacionalidade diferente, enquanto a percentagem destes casos nos estudantes que ficam no seu país de origem é de 13%. 27% indicam ter conhecido o seu parceiro actual durante o programa, e estima-se que cerca de um milhão de bebés tenha nascido de casais Erasmus desde 1987.

Estes dados quantitativos vêm reafirmar a importância das questões pessoais nas questões migratórias e revelam as alterações que decorrem da realização de programas de mobilidade estudantis. No entanto, para que as práticas e representações dos indivíduos possam ser exploradas, é importante desenvolver pesquisa qualitativa de forma a que se compreenda mais profundamente estes fenómenos.

No âmbito das abordagens qualitativas já realizadas destacam-se os estudos de Murphy-Lejeune (2002), Bagnoli (2009), Brooks e Waters (2009,2010) e Water e Brooks (2010, 2011). Murphy-Lejeune (2002) baseia-se em cinquenta entrevistas em profundidade realizadas a estudantes do Reino Unido, para explorar as vozes e as percepções dos actores que passam pela experiência de mobilidade, e de como essa experiência os transforma emocionalmente. Este estudo centra-se na condição de “estrangeiro” e na sua adaptação social, tanto no país de acolhimento como no retorno ao país de origem. A autora explora a experiência de migração como um ritual de passagem e conclui que para além dos objectivos académicos e profissionais, os indivíduos vêem esta experiência, acima de tudo, como um tempo reservado para a viagem, a aventura e o divertimento.

Nesta mesma linha também se destaca o trabalho desenvolvido por Anna Bagnoli (2009) sobre a importância da viagem e o seu significado na juventude. A autora realiza entrevistas a 46 migrantes, que tinham como ponto de partida Itália e que estiveram pelo menos 6 meses no Reino Unido, e pretende identificar características das diferentes formas de viajar por parte jovens e como é que estas se relacionam e encorajam a construção individual em termos da agência individual e da construção da própria biografia. Bagnoli (2009) procura ainda indagar, a nível estrutural, como é que a viagem se pode apresentar como uma resposta às expectativas institucionais, familiares e das próprias redes sociais, e de que modo esta viagem influencia o processo de construção individual do *self* e a procura de identidade. Ao enfatizar agência juvenil e ao seu papel na construção das experiências de viagem, a autora defende que esta se pode traduzir num ritual de passagem institucionalizado onde se constrói a própria identidade, tanto em solidão como na relação com os outros. As conclusões da investigação indicam-nos que entre as motivações encontradas para a migração encontram-se experiências de perda, como a separação dos pais, falhas académicas e rupturas amorosas. Revela ainda como a experiência de viajar pode contribuir para a definição de identidades de género alternativas.

Por sua vez, Brooks e Waters (2009,2010) e Water e Brooks (2010, 2011) baseiam-se em 85 entrevistas em profundidade e tem como objectivo dar a conhecer

as motivações e as experiências dos estudantes que obtiveram, ou estão a pensar obter, o seu diploma exclusivamente no estrangeiro. A partir da análise destas entrevistas exploram diversas questões. Num artigo (Brooks and Waters, 2011) sobre as motivações e as experiências dos estudantes, as autoras apresentam duas conclusões principais. Em primeiro lugar, a influência dos *media* (filmes e programas de televisão) na tomada de decisão sobre o destino escolhido. Baseiam-se na teorização de Appadurai (1996) sobre o papel dos *media* na construção de um imaginário que alimenta as massas migratórias (Brooks e Waters, 2011:20) para ilustrar como o conteúdo mediático influencia as decisões dos jovens. Em segundo lugar, indicam que as relações desenvolvidas pelos estudantes do Reino Unido no estrangeiro estão geralmente confinadas a uma comunidade internacional estudantil, onde não existe um aprofundamento de relações com os nativos e não se fala outras línguas para além do inglês. Esta situação contribui para a formação de grupos distintos e elitistas com costumes e perspectivas cosmopolitas comuns (Beaverstock, 1996; Ley, 2004, Waters, 2007 cit. em Brooks e Waters, 2011:20). As autoras defendem que uma educação internacional pode muitas vezes contribuir para a criação de novas redes exclusivas e elitistas que não eliminam a diferença, reforçando o estatuto social dos participantes. Portanto, apesar dos programas de mobilidade estudantil abrirem a possibilidade ao desenvolvimento de uma consciência global e ao cosmopolitismo, nem sempre isso acontece (Matthews e Sidhu, 2005).

Num outro artigo, que parte dos mesmos dados, as autoras exploram o ensino superior internacional, a reprodução da classe social e de privilégio nos estudantes do Reino Unido que optam por programas de mobilidade. Waters e Brooks (2010) questionam até que ponto a migração é uma decisão estratégica. Referem que os estudantes não estão concentrados, na sua maioria, no sucesso académico, na vida profissional ou mesmo no desenvolvimento de uma consciência intercultural, utilizando este período como um instrumento de procura de aventura e excitação, e atrasando o início de carreira de forma a poderem continuar a viver um estilo de vida “despreocupado”. Concluem que apesar de existir um aumento no acesso ao ensino superior e mais oportunidades para estudar no estrangeiro, as oportunidades na educação e os resultados que desta advêm continuam a ser diferenciados pela classe

social. Nesse sentido, definem estes estudantes como “accidental achievers”. Não existe, por parte destes, muito empenho individual no percurso académico, mas a escolha para a saída recai sobre universidades de renome internacional (influenciados pelo sua rede familiar ou pela sua escola geralmente privada), e tal acaba por fazer com que estes indivíduos tenham sucesso académico e profissional. Ou seja, este sucesso mais do que estrategicamente procurado é o resultado do capital social de uma classe social privilegiada.

Brooks e Waters (2010) criticam a perspectiva de Murphy-Lejeune na forma como trata a importância das redes familiares e sociais dos estudantes na decisão de estudar fora do país. Relativamente às questões amorosas, Murphy-Lejeune (2002) indica que muitos participantes tiveram dificuldade na gestão das suas relações durante a estadia, por sua vez, Brooks e Waters (2010) defendem que a presença de um parceiro ou de outras ligações amorosas tem, muitas vezes, um papel facilitador na tomada de decisão de partida, no país de destino e da universidade que se pretende frequentar. Criticam a ênfase individualista e de escolha pessoal que é dada à decisão de partir para um programa de mobilidade (Brooks e Waters, 2010:24) e defendem que as redes sociais e familiares dos estudantes estão intrinsecamente ligadas à tomada de decisão e como tal, devem ser exploradas.

Neste trabalho procurar-se-á encontrar pontos, no contexto português, que possam corroborar ou contrastar com as teses desenvolvidas anteriormente. Estas investigações sobre mobilidade estudante e as suas diferentes perspectivas fornecem igualmente pistas que permitem explorar certas dimensões relevantes para o estudo do desenvolvimento da sexualidade e dos afectos e da importância que estes podem assumir no contexto da migração estudantil.

I. 1. MIGRAÇÃO, AFECTIVIDADE E SEXUALIDADE

O amor e a sexualidade são conduzidos para o centro da discussão nos estudos sobre as migrações com Mai e King (2009), e cujo interesse deriva, em grande parte, dos estudos *queer* e ligados à exploração sexual de migrantes. O objectivo é contextualizar as trajectórias de vida dos migrantes em torno a questões de mobilidade, modernidade e capitalismo, uma vez que a pluralidade de estilos de vida e de identidades notoriamente distintas não estão distribuídas de forma igualitária a nível mundial. Os autores defendem a necessidade de uma "reviravolta emocional" no campo das migrações e da mobilidade de forma a colocar dimensões centrais na vida dos indivíduos como a afectividade, o amor e a sexualidade no centro do debate, visto que estas se encontram intrinsecamente ligadas a questões económicas e sociais da vida quotidiana.

De acordo com Adrian Favell (2008), as relações afectivas no contexto da migração estudantil têm um papel importante na escolha de mobilidade por parte dos estudantes, ocorrendo um processo de europeização "*as they date each other in multiple dual-national combinations*" (Favell, 2008:67). Mitchell (2012) num estudo sobre a função cívica do Erasmus e da identidade europeia, conclui que os estudantes Erasmus falam mais línguas e têm uma identidade "europeia" mais forte e sentimentos mais favoráveis à União Europeia, face aqueles que não realizam programas de mobilidade⁴. A mobilidade estudantil está igualmente associada a um maior número de migrações efectivas após a conclusão do percurso académico (King e Ruiz-Gelices, 2003: 243).

Num estudo com migrantes intra-europeus centrado nas razões que os levam a viver no estrangeiro, a resposta mais comum prende-se com questões familiares e amorosas. Dos inquiridos que assumiram este como motivo principal, 61.6% afirmam tê-lo feito para estarem com um parceiro de nacionalidade diferente da sua (Santacreu

⁴ Estes dados são reiterados pelo estudo sobre o impacto do Erasmus (ESI,2014), onde existe a indicação que 83% dos participantes se sentem mais europeus após a realização do programa.

Fernández et al, 2009). Sofia Gaspar põe em contraste esta informação comparando-a com estudos sobre migrações das décadas de 60 e 70 do séc. XX, nos quais os motivos profissionais e económicos surgiam como os principais motivadores de saída. Actualmente, e contrariamente às décadas anteriores, as razões amorosas e a procura de qualidade de vida ganham uma importância crescente como motivo para a deslocação dos cidadãos dentro da União Europeia (Gaspar, 2012:72).

De acordo com os dados do ESI (2014), reportados anteriormente, o Erasmus tem um impacto significativo na vida de quem passa por esta experiência e tem consequências nos movimentos migratórios e nos relacionamentos interculturais. No entanto, escasseiam estudos que se prendam com a vivência afectiva durante o período migratório, tanto no contexto português como internacional. No que toca a perspectivas sobre a sexualidade e o desenvolvimento da vida afectiva no período Erasmus, não foi possível encontrar nenhum estudo português dedicado, especificamente a esta temática, situação que esta investigação pretende alterar⁵. Apesar de não existirem dados concretos sobre a vivência sexual e afectividade durante a migração estudantil portuguesa, existem trabalhos desenvolvidos em contexto não migrante sobre a exploração individual dos afectos e da sexualidade. Estes estudos de carácter qualitativo fornecem-nos informação valiosa para uma abordagem destas mesmas questões no campo das migrações. Destacam-se os estudos de Policarpo (2011) e Nico (2012).

Policarpo (2011) analisa, a partir de 50 entrevistas em profundidade, as trajectórias sexuais e as formas plurais que estas assumem na biografia dos indivíduos. O propósito da tese é defender que a experiência sexual dos indivíduos pode "*ser explicada pelo sistema social em que ele se insere, através das lógicas de acção que organizam as suas condutas*" (Policarpo, 2011:359). Pretende demonstrar que a sexualidade humana está relacionada com os sistemas sociais em que o indivíduo se

⁵ Existem estudos sobre alunos portugueses Erasmus em áreas como empregabilidade (Nunes, 2010; Cardoso et al, 2012), aprendizagem intercultural (Albuquerque, 2010) e fluxos migratórios (Carneiro e Malta, 2007). Existem ainda estudos com estudantes universitários e jovens portugueses sobre comportamentos e atitudes sexuais (Antunes, 2003; Alvarez e Nogueira, 2008; Rodrigues, 2003; Alferes, 1999), educação sexual, comportamentos de risco, saúde e VIH (Gaspar et al, 2006; Nogueira et al, 2008; Matos e Reis, 2008; Ribeiro e Fernandes, 2009).

íntegra e defende a sexualidade como um facto social. A hipótese que propõe parte do princípio que um maior nível de individualização nos indivíduos contribui para a existência de experiências sexuais plurais, e que simultaneamente, essas mesmas experiências plurais influenciam igualmente o processo de individualização. No que diz respeito à diversificação da vida sexual, Policarpo indica que parece surgir uma maior diversificação das experiências sexuais em contextos internacionais. Mas, por si só, o facto de se ter contactos com pessoas de diferentes nacionalidades não é suficiente para "destradicionalizar" e diversificar as condutas sexuais, pelo que a internacionalização não garante uma maior individualização da sexualidade uma vez que essa depende das lógicas de acção individuais (Policarpo, 2011:154,155).

Com base em 52 entrevistas suportadas pelo calendário de vida, Nico investiga os pontos de viragem (*turning points*) associados aos percursos e rupturas amorosas, e como estes influenciam o processo de transição para a vida adulta, a saída de casa dos pais e o redireccionamento do curso de vida. Nesse sentido, e partindo desta ideia, podemos assumir aqui que a decisão de fazer o Programa Erasmus é um acto consciente e voluntário de alteração do percurso de vida. A migração pode ser considerada como um evento marcante⁶ na biografia do indivíduo, isto é, como um *turning point* voluntário. *Turning points* ou pontos de viragem são "*combinações complexas de atributos pessoais e situacionais consistentes com a relação entre factores externos e dinâmicas intrínsecas*" (Shanahan e Porfeli, 2007 cit. em Nico, 2012). São acontecimentos que definem o futuro, rompendo com o passado (George, 2009:169 citado in Ibidem), cujas causas podem ser as mais variadas, assim como as suas consequências. Os *turning points* são, pois, utilizados como um dos instrumentos de análise do percurso de vida biográfico dos actores.

Uma vez que a nossa investigação se centra numa análise exploratória focada num período de vida específico, iremos assumir que o próprio programa Erasmus é,

⁶ A nível metodológico na análise do percurso de vida podem ser definidos três tipos de eventos. "Eventos de caso", que têm baixa possibilidade de acontecer e são de difícil previsão, eventos "críticos", quando tem contornos de crise pessoal de ordem interior ou exterior e finalmente *turning points* que traduzindo literalmente são pontos de viragem (Shanahan e Porfeli, 2007 cit. em Nico, Magda, 2012). Estes pontos de viragem têm um carácter que se diferencia dos restantes eventos por pressuporem um redireccionamento do percurso de vida, que pode ser involuntário, mas é muitas vezes voluntário. (Nico, 2012)

em si mesmo, um *turning point*. O Erasmus é um período de tempo em que existe efectivamente um corte com o passado, devido à deslocação física para outro país e à criação de novas redes sociais, é realizado de forma voluntária e existe procura consciente de mudança, ou seja, de uma ruptura com o “antes” e uma busca de situações que tenham o poder de alterar o “depois” (o futuro dos participantes). É um ponto de viragem procurado por quem deseja alterar a sua realidade quotidiana, conduzindo a mudanças, mas em simultâneo é um percurso institucionalizado e estruturado que traz contornos de segurança à mudança desejada.

Como tal, o objectivo desta dissertação é explorar o significado atribuído ao Programa Erasmus por parte dos indivíduos, e em particular, o impacto das dimensões afectivo-sexuais no período de migração. Quais as motivações que estão por detrás da decisão de saída? Como é vivida a sexualidade e o afecto durante o Erasmus? Existe alteração de padrões afectivo-sexuais durante a migração? Quais as práticas e representações afectivo-sexuais durante este período? Numa investigação de carácter exploratório e partindo da análise ao discurso dos actores envolvidos, tentar-se-á obter pistas para a compreensão dos estudantes portugueses em contexto de Erasmus. Desta forma, espera-se poder contribuir para colmatar, em parte, a falta de estudos sobre o tema no contexto português e trazer dados pertinentes para desenvolvimento em futuras investigações.

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Após a revisão da literatura existente sobre o tema da migração estudantil e das vivências sexuais e afectivas no percurso de migração, nas páginas seguintes irão explorar-se determinados conceitos teóricos que vão servir como modelo na análise das entrevistas realizadas.

Nesta investigação, será utilizada a perspectiva da modernidade reflexiva de Giddens, Beck e Lash (1997) que defende a capacidade de agência e reflexão dos indivíduos sobre as estruturas sociais onde estão inseridos. O que se pretende compreender são tanto os comportamentos individuais como as representações sexuais, afectivas e sociais em contexto migratório. Como tal, através da análise dos discursos dos entrevistados procurar-se-á observar as relações e intersecções entre identidade, individualização, capital social e cosmopolitismo, de que forma a entender como estes elementos influenciam as práticas e as representações afectivo-sexuais durante o período Erasmus.

Com a individualização crescente o sujeito é forçado a definir a sua identidade construindo a sua biografia pessoal. Esta biografia é condicionada por diversos factores, sendo que as redes sociais e familiares de onde o indivíduo provém têm um papel fulcral nas escolhas pessoais. Nas sociedades modernas de consumo, o indivíduo é levado à procura de mais-valias que o possam de alguma forma autenticar, torná-lo único. Assim acaba também por assumir o papel de produto, uma vez que ele próprio é o produto das suas escolhas individuais. Nesse sentido a globalização crescente exige ao indivíduo um esforço de compreensão e integração nas dinâmicas globais. O cosmopolitismo, a procura de diversidade, assume-se como uma característica da individualização nas sociedades modernas. A procura de um “outro”, diferente, tem um papel na construção individual e no que isso representa na própria biografia.

Deste modo, importa revisitar os autores e conceitos que guiaram a concepção da problemática estudada. Como é que as exigências sociais e a agência individual se articulam? De que formas são vividas as dimensões amorosas e sexuais no processo de

individualização? Como é formada a identidade individual e como se relaciona com as estruturas sociais? Qual é o papel da sexualidade no campo identitário? E qual o papel do amor e do afecto na construção da identidade pessoal?

II. 1. INDIVIDUALIZAÇÃO, CAPITAL SOCIAL E COSMOPOLITISMO

Tendo em conta que se pretende investigar indivíduos que pertencem a um determinado contexto histórico, é importante aprofundar o modo como o indivíduo veio a tornar-se o foco principal das sociedades modernas contemporâneas, e de que forma a individualização, o capital social e o cosmopolitismo se reflectem nas condutas individuais.

De acordo com Beck (Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2002) a individualização é o processo que veio preencher o vazio deixado pelo declínio da sociedade industrial, que o autor refere iniciar-se a partir de 1960 no mundo ocidental. As categorizações e as condutas de vida que a sociedade industrial impunha aos indivíduos são desincorporadas e são reincorporados novos comportamentos, que pressupõem que o indivíduo crie a sua própria biografia, a sua própria história. As condutas individuais seriam agora regulamentadas com base na visão do Estado Social, onde o indivíduo é o foco principal. O indivíduo torna-se responsável pela sua própria história, pelas suas escolhas, sendo ele quem tem a responsabilidade de planear a sua vida, as suas ideologias, e de definir a sua própria identidade. Assim a individualização *“significa a desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a compulsão para encontrar e inventar novas certezas para si e para os outros que não a possuem. Mas também significa novas interdependências, até mesmo globais. A individualização e a globalização são, na verdade, dois lados do mesmo processo de modernização reflexiva”* (Beck, 1997:25,26).

No entanto, a individualização não parte do livre arbítrio individual, sendo antes imposta ao indivíduo. É possível fabricar a própria biografia, mas esta é direccionada pelo Estado e pelos requisitos exigidos por parte deste. Assim uma biografia padronizada torna-se numa biografia "faça-você mesmo" (Ronald Hitsler cit.

em Beck, 1997:26). Ainda que no processo de individualização exista a possibilidade de escolher e fabricar a sua própria identidade, para que o indivíduo possa ser considerado como “útil” à sociedade tem que escolher determinados caminhos “padronizados”. Neste sentido, existe por exemplo, a obrigatoriedade social de frequência no sistema de ensino para que mais tarde possa integrar o mercado de trabalho. O indivíduo tem, aparentemente, múltiplas escolhas, mas não tem outra opção que não seja a singularidade e a procura de autenticidade.

Por sua vez, Bauman (2001) desenvolve o conceito de modernidade líquida, esta caracteriza-se por desconstruir, derreter tudo o que é "sólido" (organizações e instituições públicas). A modernidade entra num período intensivo de privatização e individualização. O processo de desregulamentação política, social e económica revela-se na expansão desregulada dos mercados mundiais, no esvaziamento do espaço público e no fim das forças colectivas. Devido à individualização e à desconstrução das instituições "sólidas", os indivíduos deixam de ter códigos de conduta para a construção da sua vida dentro de categorias de classe social e cidadania. A individualização acabará por destruir a cidadania. Para Bauman (2001), a esfera privada invadiu a esfera pública e os perigos que daí advêm são subestimados, é necessário reverter a situação para que se crie autonomia individual de *facto* (não somente de *jure*, jurídica). Só com a prática da cidadania a autonomia individual se torna real. O processo de individualização faz com que o indivíduo tenha como obrigação transformar a sua identidade numa “tarefa” a cumprir. É nos indivíduos que recai a exclusiva responsabilidade dos seus actos. Situações que tem a ver com questões sistémicas e estruturais são agora culpabilizadas somente na autodeterminação individual (situações de desemprego, pobreza, depressão entre outros). A construção biográfica exigida ao indivíduo não se inicia em circunstâncias de igualdade, o indivíduo será sempre afectado por diversos factores de ordem pessoal, estrutural e pelo meio onde está inserido, ou seja, pelo seu capital social.

Tal como o conceito de individualização, também o capital social é fundamental para a análise dos comportamentos individuais e para que se compreenda como a criação de uma biografia individual será sempre condicionada por este recurso. Bourdieu (1985) define este conceito como “*o agregado dos recursos efectivos ou*

potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (Bourdieu,1985:248).

O conceito de capital social tem sido desenvolvido e reformulado a partir desta ideia, algumas das críticas realizadas incidem no facto do capital social de cada indivíduo ser, por um lado, uma mais-valia devido à facilidade com que se pode aceder a determinados bens e informações e a uma maior rede de solidariedade, e por outro, limita o campo de acção do indivíduo fazendo com que a rede social onde que se nasceu possa ser de difícil transposição (Portes, 2000). Como exemplo, um indivíduo que nasça num contexto social desfavorecido economicamente, dificilmente terá acesso à mesma educação que um indivíduo de uma classe social abastada, como tal terá possivelmente mais contacto com os seus iguais, tornando-se mais difícil ultrapassar a sua própria condição, visto não ter contactos nem recursos que o possam ajudar no processo. Assim o indivíduo é afectado pelo contexto social de onde provém, mas no processo de individualização é exclusivamente sua a responsabilidade de alterar e escolher as suas próprias redes sociais.

No que se prende com as questões de mobilidade estudantil, o capital social surge em certas investigações (Brooks e Waters,2009, 2010; Waters e Brooks, 2010, 2011; Gaspar, 2012), como um factor que não só predispõe os indivíduos à migração, como a própria migração se relaciona com a procura contínua de um aumento deste capital. Os estudantes que se movem no campo internacional pretendem adquirir capital que possam converter em estatuto social e capital económico (Waters and Brooks, 2010). O capital social define-se pela procura de redes e ligações internacionais que possam trazer outros tipo de capitais, como capital cultural na forma de aquisição de uma segunda língua e conhecimento intercultural, capital económico com o objectivo de melhores remunerações e ainda capital de mobilidade. Este último tipo de capital é definido por Murphy-Lejeune (2002) como um subcomponente do capital humano que permite aos indivíduos desenvolver as suas capacidades devido à riqueza da experiência internacional. Esta constatação surge igualmente em outros estudos realizados não só sobre estudantes, mas sobre os novos migrantes no espaço europeu, tendo os novos fluxos de migração profissional

igualmente um carácter de procura de capital económico, social e cultural que permitam uma maior distinção social por parte do indivíduo (Gaspar, 2012).

Nessa mesma procura ou aquisição de capital social o indivíduo moderno procura fazer escolhas que o valorizem numa sociedade global, multifacetada e cosmopolita. O cosmopolitismo pode assumir diversas concepções tanto no sentido político, social, moral como cultural. Mais do que o seu significado político clássico, que defende o abandono dos ideais de identidade ligados ao Estado-Nação, substituindo-os por uma busca de universalismo, este trabalho focar-se-à no cosmopolitismo cultural. Este foi definido por Hannerz's (1996:130) como uma orientação e uma vontade de interagir com o outro, que pressupõe uma abertura a diferentes experiências culturais e, ao invés de buscar um suposto universalismo procura, acima de tudo, contrastes.

Delanty (2009) defende que o cosmopolitismo não deve ser reduzido à ideia de diversidade ou transnacionalismo, pois estas características por si só não garantem que exista uma mudança de consciência ou alteração de valores. O cosmopolitismo não pode ser entendido como o contacto com o outro numa perspectiva de tolerância ou capacidade de adaptação, mas sim como *“a constructive process of creating new ways of thinking and acting”*. (Delanty, 2009:252). Não é somente a capacidade de acomodar o outro, ou lidar com ele, é aprender em conjunto, e é também o reconhecimento da diversidade sem que seja dada prioridade a nenhuma cultura. Para Delanty (2009) a única possibilidade de um futuro viável, contra o nacionalismo e o poder dos mercados, é a criação de mecanismos globais onde os interesses nacionais sejam diminuídos e o capitalismo global refreado num compromisso pela justiça social (Delanty, 2009:259).

Visto que esta investigação se centra sobre migrantes, que o são por iniciativa própria, e que procuraram activamente estar num país diferente de forma a poder contactar com uma realidade que contrasta com a sua, a realização do Programa Erasmus pode ser vista como uma prática que pressupõe a procura activa de cosmopolitismo, no sentido do cosmopolitismo cultural (Hannerz's, 1996).

Em suma, a individualização existente nas sociedades modernas força a procura de uma identidade e biografia própria, única numa sociedade globalizada. Esta

construção será sempre determinada pelo capital social do indivíduo. O indivíduo ainda que dotado de agência para a realização do seu próprio caminho, está influenciado pelo sistema social onde se encontra inserido e as suas representações e práticas encontram-se em permanente construção.

De que forma se vive a sexualidade e o amor no processo de individualização? Policarpo (2011) defende que experiência sexual individual e a forma como se constrói uma biografia sexual estão associadas à incorporação da individualização nas condutas sexuais e amorosas e é também nessa premissa que se baseia esta investigação. Nas páginas seguintes explora-se a forma como a sexualidade e o amor se tornam centrais na construção identitária e o modo como são vividos no processo de individualização.

II.2.IDENTIDADE PESSOAL, SEXUALIDADE E AMOR

Após a compreensão dos fenómenos de individualização, capital social e cosmopolitismo, nesta secção pretende-se abordar os conceitos de identidade, sexualidade e amor. O objectivo é compreender como é que as dimensões sexuais e afectivas são vividas dentro do paradigma da individualização. Para tal é necessário compreender, em primeiro lugar, o que é a identidade e como se constrói individualmente, em segundo, o que é sexualidade e como se relaciona com a identidade, e finalmente, entender quais as concepções sociais sobre amor e sexualidade.

Em primeiro lugar é importante compreender que a identidade e a forma como se constrói tem diversas abordagens e é dificilmente definível devido a todas as concepções interdisciplinares, pelo contínuo debate académico e pelo seu uso continuado na linguagem do senso comum. Para se definir como se desenvolve a identidade do indivíduo vamos partir da proposta discursiva de Foucault (1988), posteriormente desenvolvida por Hall (1996) e Giddens (1996). Segundo Foucault (1988), os indivíduos são construídos no e pelo discurso. O que se ouve e o que se diz sobre a realidade tem o poder de transformá-la. A identidade do indivíduo é

construída com base nos discursos que moldam a própria realidade. É a linguagem que tem o poder de criar, organizar, classificar e alterar o real.

Hall (1996) numa revisão teórica à forma como a identidade tem vindo a ser trabalhada em diversas disciplinas refere que, para além da identidade se criar no discurso, a construção individual faz-se também a partir da relação com o “outro”. E essa relação constrói-se acima de tudo pela diferença. No senso comum a identificação é construída com base no reconhecimento de uma origem ou característica comum, na partilha de ideias com outra pessoa/grupo, que atribuem a este qualidades de solidariedade e fidelidade. A abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, um processo não terminado, contínuo, um valor que pode ser ganho ou perdido, sustentado ou abandonado (Hall,1996). A identificação é condicional e não destrói a diferença. Ou seja, na identificação nunca existe uma totalidade, um indivíduo pode-se identificar, por exemplo, com um determinado aspecto numa determinada altura e posteriormente deixar de o fazer. A identificação joga com a diferença e como é no campo da diferença que opera, cria discursos, fronteiras simbólicas e reais. É necessário que exista o outro, o que está de fora, para que seja possível a identificação com o que é considerado de dentro. O processo de construção da identificação é um processo de construção social com base nos discursos, um processo não terminado, contínuo (ibidem). A identificação é designada como a mais remota expressão de um laço emocional com o outro (ibidem), ou seja, a identidade não é apenas uma construção individual ou um processo introspectivo, ela está intrinsecamente ligada à forma como nos relacionamos uns com os outros (Scherrer, 2008:622). Para além disso, a identidade é construída nos discursos e com base nas suas inter-relações, num processo reflexivo. O sujeito é criado no e pelos discursos, nas suas relações com os outros. De acordo com a ideia de modernidade reflexiva, o sujeito cria-se nos discursos e nas relações com os outros, no entanto este não é somente um produto ou um reflexo dessa construção, tem igualmente agência sobre a realidade, é parte integrante do processo de reificação, viabilização e alteração da realidade (Policarpo, 2011; Giddens, 1997).

Como é que a sexualidade se integra na construção identitária? Se o sexo sempre existiu, a sexualidade, ou a criação de uma ciência sexual no Ocidente, inicia-se

a partir do séc. XVIII (Foucault, 1988). A partir do momento em que começa a ser tratada como uma área do saber, multiplicam-se os discursos sobre sexualidade e esta passa a assumir um carácter identitário. Para Foucault a ideia de sexualidade é o resultado dos discursos que exercem poder sobre o indivíduo e regulam as suas condutas levando-o a imaginar-se como um ser sexual (Foucault, 1988; Policarpo, 2011:12). O sexo na sociedade contemporânea ocidental torna-se assim um canal privilegiado de construção de identidade, do *self* e é concebido como parte de quem se é e não apenas como uma série de actos isolados. A sexualidade passa a fazer parte integrante da construção da identidade do indivíduo e do que isso significa a nível de posicionamento na sociedade e das condutas individuais. (Foucault, 1988; Giddens, 1996). Da mesma forma o percurso sexual e as opções que se tomam em relação ao mesmo fazem parte de quem se é ou se procura ser, nos termos da individualização enquanto o indivíduo constrói a sua biografia sexual (Policarpo, 2011). A sexualidade não é um dado, é um produto de “negociação, luta e agência humana” (Weeks, 2010:21). Weeks (2010) defende a sexualidade enquanto produto trabalhado por forças sociais, e ao contrário de ser o elemento mais natural da vida social, é sim o mais susceptível à organização cultural. As emoções, os desejos e a forma como se vivem estão intrinsecamente ligados à sociedade onde os indivíduos estão inseridos *“Indeed I would go so far as to say that sexuality only exists through its social forms and social organization* (Weeks, 2010;20).

É importante realçar de que forma as práticas e representações do amor influenciam igualmente a vivência da sexualidade, a construção individual, e as estruturas sociais. De acordo com Giddens (1996) nas sociedades modernas a partir do séc. XVIII, o amor passa a ser o canal privilegiado pelo qual a sociedade se organiza e estrutura. Se em épocas anteriores o amor existia, este não era socialmente desejável como forma de organização social. De facto, a escolha de parceiros era feita com base na condição social de modo a se manterem e reproduzirem as condições económicas, e não se relacionava com os sentimentos amorosos dos indivíduos. A partir do séc. XVIII, o amor romântico⁷ passa a ser o veículo pelo qual se organizam as relações entre

⁷ O amor romântico, definido por Giddens (1996), é a ideia de amor que surge a partir do séc. XVIII. Funde elementos do amor de base cristã, de carácter reflexivo e de auto conhecimento ligado ao amor a Deus e incorpora elementos do amor-paixão, como desejo intenso e atracção sexual. O amor-paixão foi

os actores sociais. Pela primeira vez o afecto é o veículo principal do funcionamento social no que diz respeito à organização social do casamento. Esta concepção amorosa relaciona-se com a ideia de liberdade e auto-realização, ideias que na época se encontravam em expansão. Portanto, o amor romântico passa a ser desejável e até mesmo a condição fundamental para a prática do casamento. O amor romântico institucionaliza-se e torna-se num instrumento normativo dos comportamentos. Giddens (1996) indica que, embora o amor romântico fosse inicialmente idealizado como a relação igualitária de duas pessoas, na verdade converteu-se num instrumento de submissão feminina⁸.

O amor-romântico veio a ser substituído, na sociedade moderna, pelo que Giddens (1996) designa por amor confluyente. Com a proliferação do divórcio e com a igualdade crescente entre géneros, surge a ideia de *relação pura*, intrínseca ao amor confluyente. Esta caracteriza-se por estar supostamente livre de critérios socioeconómicos, baseia-se no prazer e na satisfação que pode oferecer aos indivíduos. A ideia de relação vem também retirar o carácter normativo do amor-romântico em relação à heterossexualidade e à noção de fidelidade, dado que uma *relação pura* pode existir entre vários indivíduos de todas as orientações sexuais, sendo a exclusividade negociada entre as partes, caso assim o desejem. As características principais do amor confluyente com base na *relação pura* são a intimidade, a negociação permanente e a partilha emocional constante. Para além disso, o amor confluyente integra a dimensão sexual na relação, a realização sexual de ambas as partes é essencial para que a relação se possa considerar satisfatória.

Giddens (1996) cria assim o conceito de sexualidade plástica. A sexualidade plástica é a sexualidade desenvolvida de forma livre das necessidades de reprodução,

sempre visto como libertador, mas não era desejável pelas estruturas sociais existentes, devido ao seu carácter impulsivo, logo potencialmente transgressor da ordem estabelecida. A partir do séc. XIX o amor romântico veio juntar à ideia de liberdade e auto-realização, fazendo com que estes ideais facilmente se disseminassem.

⁸ Giddens (1996) refere que com a separação entre casa e local de trabalho na última metade do séc. XIX, o poder patriarcal perdeu domínio sobre a esfera doméstica, tendo esta ficado reservada às mulheres. A idealização da mulher como mãe, com qualidades femininas e maternais foram as formas privilegiadas da construção da sexualidade moderna. A mulher é vista como sendo emocional (o homem racional) e é ela que é remetida para os assuntos do amor. Se por um lado, as mulheres ganham poder na esfera doméstica, por outro são excluídas e protegidas do mundo exterior.

tendo origem a partir do séc. XVIII quando se generaliza a redução da natalidade e aumentando com a contracepção moderna. É uma sexualidade livre, moldada pelos próprios indivíduos, sendo fundamental para o “relacionamento puro”, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. O sexo deixa de ser visto como um instrumento para a reprodução e passa a ser um veículo de construção individual.

Anália Torres (2004) explora as diferentes formas como o amor tem vindo a ser socialmente analisado e cria o conceito de amor-construção. Este tem o mesmo sentido do amor confluyente, foca-se na estabilidade, na construção e no desenvolvimento dos sentimentos dentro da relação. O amor-construção está associado à crescente percepção da igualdade dos géneros nas relações e nas negociações que são feitas pelos indivíduos na construção da sua relação (apesar das práticas individuais não reflectirem ainda essa igualdade teórica). Existindo liberdade individual e com a proliferação do divórcio, o amor não deixa de ser o veículo principal para a realização pessoal e a busca de felicidade, mas a forma como este é vivido foi sendo alterada progressivamente à medida que a igualdade de direitos e a liberdade individual ganham expressão. A escolha amorosa – ou seja, a escolha do outro - é o fundamento da relação, mas a relação torna-se um processo. O amor-romântico, ou seja a paixão inicial não é suficiente para que as relações possam ser continuadas com sucesso, é necessária uma negociação e reflexão permanente.

Por sua vez, Bauman (2003) desenvolve o conceito de amor líquido. Se o amor romântico pressuponha uma idealização projectiva do outro, do ser amado, em que o objectivo seria uma vida a dois “para sempre”, o amor líquido representa o inverso. O amor líquido é o amor vivido nas sociedades modernas, e tem como características a flexibilidade, a fragilidade e a insegurança. Bauman (2003) defende que as relações são tratadas como produtos (mercadorias) os quais se deve experimentar, usar e trocar caso haja algum defeito. As relações são procuradas pelo prazer que dão, mas ao mesmo tempo representam uma prisão, uma perda de liberdade, são vistas numa óptica consumista de acordo com o próprio sistema económico. Ao escolher-se um determinado parceiro, perde-se a possibilidade de experimentar todos os outros. Para além disso, corre-se risco ao investir demasiado numa relação, pois caso esta termine o sofrimento e as suas consequências individuais serão muito mais avassaladoras. Os

indivíduos procuram as relações de forma a afastar sentimentos de insegurança e solidão, mas devido à fragilidade dos relacionamentos, o que acontece é um aumento da insegurança e o consequente afastamento do parceiro. As relações modernas são, assim, um negócio, vividas dentro e nas mesmas bases do sistema económico neoliberal. Bauman (2001) põe em contraste o *homo faber* (o homem cujo modos se encontram ainda no mundo pré-individualização) que representava a disposição para a procriação e para as relações duradouras e o *homo consumens*, cujo objectivo não é acumular, mas sim usar e deitar fora, desejando leveza e rapidez nas relações. O amor romântico é substituído pelos encontros sexuais mais ou menos duradouros. O encontro sexual é usado numa lógica de consumo onde os indivíduos são mercadoria.

Policarpo (2011) contesta esta visão defendendo que o que acontece actualmente é que as relações assumem formas plurais e diferentes de viver o amor e a sexualidade na busca de autenticidade. A desinstitucionalização das relações amorosas faz com que estas assumam mais importância e sejam mais valorizadas pelos indivíduos, *“os modos pelos quais os indivíduos conseguem reinventar a força desses laços, ultrapassando as condicionantes de um sistema social que sugere a ideia de uma crescente fragmentação (ainda que não efectiva), surpreendem pela sua criatividade e resiliência”* (Policarpo, 2011:168:169). O afecto não perde assim importância, pelo contrário, as suas expressões multiplicam-se.

Mai e King (2009) defendem que a noção de amor romântico é etnocêntrica e os critérios de expressão individual, igualdade de género e realização emocional e individual estão estritamente ligados à sociedade ocidental, à hegemonia de uma sociedade individualista e ao modelo neoliberal. O amor e a sexualidade não se encontram isolados e fazem parte integrante das hierarquias da globalização, juntamente com factores como a raça, religião, classe e género, e tal como estes são igualmente reproduzidos e alterados através da experiência de migração. Os afectos fazem parte das relações sociais, e a afectividade é um elemento fundamental na construção da identidade colectiva e individual, que tem códigos dominantes, tendências e padrões de relacionamento que se diferenciam no espaço e no tempo, sendo passíveis de análise (Torres, 1987). A dimensão afectiva, tal como a dimensão sexual, tem um carácter relevante no que diz respeito ao estudo dos fenómenos

sociais, da identidade e, neste caso específico, ao estudo das migrações e de mobilidade. Na construção da biografia reflexiva as dimensões sexuais e amorosas têm um papel fundamental na construção da própria identidade. Com a importância crescente que é dada à realização sexual e amorosa nas sociedades modernas e onde a procura de cosmopolitismo tem cada vez mais expressão, é importante compreender de que forma as representações e práticas afectivo-sexuais são afectadas por este fenómeno.

Os estudantes que optam por realizar Erasmus estão inseridos numa sociedade com um sistema de ensino que incita a exploração do *self* enquanto se procura o conhecimento do outro, do culturalmente diferente, como uma mais-valia individual para fazer frente ao mundo contemporâneo. Assim, propõe-se com este trabalho construir uma abordagem reflexiva das dimensões sexuais e afectivas no contexto da migração estudantil, de modo a avaliar a importância que estas podem assumir na decisão da partida, na vivência internacional e no desenvolvimento do percurso de vida. Pretende-se analisar a interligação entre a individualização e o papel da sexualidade e dos afectos durante a migração. De que forma são construídos os afectos e a sexualidade na biografia individual? Como é que a busca de cosmopolitismo e a criação de uma rede social de carácter internacional afecta as vivências afectivas e sexuais dos migrantes em período Erasmus? Esta investigação pretende, fundamentalmente, dar voz aos indivíduos que passam por uma experiência de mobilidade no contexto do programa Erasmus, de modo a analisar e identificar padrões, vivências, perspectivas e a importância atribuída às dimensões afectiva e sexual e o papel que estas desempenham na trajectória migratória.

CAPÍTULO III:METODOLOGIA

A investigação parte dos pressupostos do método compreensivo de inspiração weberiana, uma vez que se pretende analisar as experiências, vivências, representações e práticas concretas dos indivíduos que realizaram o programa Erasmus.

O método utilizado foi o ideal-tipo construído a partir de estudos de caso. As fases do método ideal-tipo de Weber incluem a compreensão, a interpretação e explicação de um determinado fenómeno. A compreensão é definida como *“uma apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido”* (Weber, 2010:16). A interpretação passa pela construção de metodologias que visam organizar e tornar legível a realidade. O método ideal-tipo é uma das metodologias utilizadas para se interpretar a realidade, sendo que o ideal-tipo construído pelo investigador não é necessariamente real, mas inclui características e traços fundamentais que ajudam a análise de determinados fenómenos. Estas construções *tipo* não são fechadas, estanques, nem totalizantes, pois são somente uma forma de construir um modelo que permite pensar, organizar e trabalhar a realidade que é em si mesma infinita e sempre mutável. A explicação está intimamente ligada à compreensão, pois só a compreensão de um fenómeno pode explicar as razões do mesmo (Policarpo, 2011).

O tratamento dos dados será então realizado numa abordagem qualitativa e exploratória que não tem como objectivo ser demonstrativa em termos absolutos, mas sim apresentar e analisar pistas fornecidas pela voz dos intervenientes para que se consigam obter testemunhos de práticas e representações do real.

A selecção dos indivíduos foi obtida através de dois tipos de amostras: amostragem acidental e amostra “bola de neve”. A amostragem acidental define-se pelo facto de os participantes se voluntariarem para a participação no estudo. O efeito bola de neve caracteriza-se pela identificação de um elemento que se enquadra no caso de estudo e a partir da sua rede social recrutam-se mais participantes para a investigação (Coutinho, 2004).

Foram realizadas onze entrevistas semiestruturadas, com questões abertas, a indivíduos de nacionalidade portuguesa, de ambos os géneros (4 homens e 7 mulheres), com idades entre os 20 e 30 anos, e com experiência de migração em contexto Erasmus. Dois dos homens são de orientação homossexual e os restantes participantes de orientação heterossexual.

Do total dos participantes, 6 foram recrutados junto dos gabinetes de apoio ao aluno Erasmus da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) e no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2 foram recrutados pela Associação de Estudantes da FCSH-UNL e foram realizadas 3 entrevistas provenientes do efeito “bola de neve”.

De forma a angariar participantes para o estudo, foi enviado um *e-mail* de pedido de participação aos gabinetes responsáveis que o encaminharam para a lista de alunos que realizaram Erasmus. Foram recebidas 10 respostas dos quais 6 acabaram por realizar entrevista. De notar que o número de respostas por parte dos alunos da Universidade Nova foi superior ao do Instituto Universitário de Lisboa, onde se obteve somente uma resposta que acabou por não realizar entrevista. Tal pode relacionar-se com o facto de a investigação ser realizada no âmbito de um mestrado realizado na FCSH-UNL. Por outro lado, não sabemos quantos *e-mails* foram reencaminhados por parte das secretarias, nem quantos alunos receberam o pedido de participação, dados que podem também estar na origem da discrepância das respostas.

O local de realização das entrevistas foi combinado com os voluntários, tendo sido deixado ao critério dos mesmos a escolha do local para o encontro. A maioria das entrevistas decorreu nas instalações da FCSH-UNL, uma das entrevistas foi realizada via *skype* (em duas partes), visto a participante estar correntemente a viver fora de Portugal, outra na casa da participante e uma outra no campus da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Devido ao facto de algumas entrevistas terem decorrido em espaços públicos surgiram alguns constrangimentos, devido a interrupções por parte de outros ou condições climatéricas adversas.

O guião da entrevista (ver anexo) foi criado com algumas perguntas-chave, de resposta aberta, de forma a desenvolver-se entrevistas semiestruturadas. No decorrer das entrevistas foram surgindo alterações ao guião, devido à necessidade de

compreender melhor determinado momento ou questionar uma situação específica reportada. As entrevistas foram sendo construídas com base num diálogo aberto entre entrevistadora e entrevistado/a. Estas alterações prendem-se com as narrativas específicas de cada entrevistado, a necessidade de compreender determinadas situações que necessitassem esclarecimento, e também de forma a direccionar a entrevista para o que pretendíamos investigar. Está igualmente incluída informação que foi partilhada antes e após a entrevista em contexto informal. Existiu também contacto via *email* com alguns participantes de forma a esclarecer questões que surgiram na análise das entrevistas.

Como era esperado, durante a realização de algumas entrevistas existiram dificuldades no que toca à narração da vivência afectiva e sexual. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, também se compreendeu qual o melhor momento para algumas questões, existindo igualmente uma aprendizagem de minha parte na condução do diálogo. A dimensão íntima sexual e afectiva de foro privado e não público, compreensivelmente não foi narrada com a mesma facilidade por todos os participantes.

Visto a investigação incidir sobre a vida pessoal e íntima dos entrevistados, e tendo sido realizada com a garantia de anonimato, as informações pessoais e os nomes que se apresentam são fictícios de forma a salvaguardar a identidade dos entrevistados.

Os estudos de caso e a utilização do método ideal-tipo com recurso à realização de entrevistas são os métodos indicados para esta investigação, visto que o que se pretende é explorar determinadas dimensões de um fenómeno, identificar e desenvolver problemáticas em relação às mesmas e estabelecer prioridades para investigações futuras.

CAPÍTULO IV:ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

IV.1.CONSIDERAÇÕES GERAIS

Neste capítulo serão abordados temas já trabalhados anteriormente e presentes na literatura sobre mobilidade juvenil que tiveram expressão nos discursos dos participantes desta investigação. Os pontos que se seguem são considerações gerais que se relacionam com estudos anteriores, independentemente das práticas e representações afectivo-sexuais dos entrevistados.

A procura do *self* e da identidade pessoal é transversal a todas as entrevistas estando de acordo com a ideia de individualização crescente e da modernidade reflexiva nas sociedades modernas ocidentais, nas quais o individuo se constrói a si próprio dentro das possibilidades que lhe são dadas e com todas as limitações existentes (Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Giddens, 1997; Bagnoli 2009).

O Erasmus surge nos discursos, por um lado, como um tempo para experienciar tudo o mais rapidamente possível, de consumo de experiências, um período de vivência intensa e de libertação, e por outro, como um tempo de pausa, de introspecção, sendo que em ambas as vertentes a importância é dada a construção do ser, à aprendizagem pessoal.

“Tempo para ler, tempo para estudar, tempo... para me dedicar a tempo inteiro... eu tive uma experiência diferente da maioria das pessoas que faz Erasmus, acho eu, porque eu estava a trabalhar, fui já com 29 anos e numa situação um bocado particular. O meu grande objectivo era poder ter três meses só para estudar, a tempo inteiro, sem ter os problemas do trabalho e investigar muito e experienciar a cidade, aprender um bocadinho a língua também.” (Alice)

A ideia de “estar sozinho”, “sair do ninho”, “precisar de uma pausa”, “de um tempo só para si”, está presente em todo o discurso dos entrevistados, ilustrando o foco do sujeito no desenvolvimento do *self* que é visível no programa Erasmus. Parece

existir uma necessidade nos indivíduos de procura da sua própria identidade, de forma a construírem quem desejam ser. Essa exploração encontra no Erasmus um “terreno virgem”, onde não existem condicionamentos sociais inerentes ao país de origem. Procura-se uma mudança da vida quotidiana de forma a produzir alterações nas percepções e concepções de si próprio e do mundo. É nesse sentido que, tal como indicámos anteriormente, assumimos o Programa Erasmus como um *turning point* em si mesmo, visto que existe uma vontade voluntária de alterar o percurso de vida.

“Bom, eu precisava imenso de estar num sítio onde não conhecesse ninguém, das coisas que eu queria era de certa forma ter um começo, um começo novo, começar do zero. Estar num sítio onde as pessoas não tivessem nenhuma noção de quem tu eras e tu poderes-te apresentar como a pessoa que sempre quiseste ser, não necessariamente para mudares o que eras, porque eu fui sempre genuíno, mas num sítio onde eu não tivesse os constrangimentos de às vezes estar a pensar em certas coisas, porque eu era demasiado consciente do que fazia. Eu precisava de não ser tão consciente, precisava de certa forma de libertar-me um bocadinho.” (Pedro)

A procura de independência da rede familiar é também uma característica da individualização (Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Bagnoli, 2009; Policarpo, 2011), uma vez que o indivíduo necessita de independência emocional e económica de forma a poder sentir-se realizado. Existe a necessidade de construir uma imagem de si próprio que está de acordo com o socialmente esperado e essas expectativas podem ser opressoras por parte da família e rede social de origem. Podemos ver esse desejo e a tomada de acção por parte dos actores ao escolherem fazer o programa Erasmus, como se este se tratasse de uma primeira experiência nessa incursão pela desejada independência.

“(...) Isto pode ser uma grande experiência para mim e eu na altura, sempre tive alguns problemas com os meus pais em termos de liberdade, era complicado sair, era sempre uma grande confusão e então pensei que podia ter alguma liberdade se fosse assim para um sítio completamente diferente. E também a nível pessoal, como é que eu ia lidar ao estar num sítio onde não conhecesse ninguém? Ter que fazer amigos, ser eu a ter que procurar isso. Porque se formos a ver, todo o meu percurso, eu sempre tive amigos desde o infantário que continuam a ser os mesmos de agora, portanto sempre

tive pilares à minha volta. Tive um acompanhamento seja a nível familiar, dos amigos e portanto acho que me quis por à prova, saber como é que ia lidar com isso.” (Marta)

A procura de independência, de estar só sem a própria rede social remete-nos para o capital social de origem se poder tornar num obstáculo ao desenvolvimento individual (Portes, 2000) e como tal é necessário sair do que é familiar procurando no desconhecido novas redes construídas de raiz. Pretende-se, assim, adquirir capital social no processo de internacionalização (Water e Brooks, 2010; Murphy-Lejeune, 2002, Gaspar, 2012). A partida para esta experiência associa-se à vontade de aumentar e melhorar as próprias capacidades individuais e de relacionamento interpessoal.

O Erasmus é descrito como uma oportunidade para aprender uma língua nova e também de aumentar o contacto com outras pessoas, na busca de novas redes sociais e de uma tentativa de melhor compreensão do real.

“Primeiro que tudo, ter uma experiência fora do país, viver noutra país, acho que é sempre uma experiência enriquecedora, permite ter contacto com outras pessoas, com outro estilo de vida outra cultura, é uma experiência diferente, interessante” (Joana)

Para além disso essa procura é relatada em alguns casos como direccionada para a busca de cosmopolitismo, no sentido da procura de experiências diversas, que estejam directamente ligadas “aos outros” e que estes outros sejam diferentes do “nós” (Hall, 1996; Scherrer, 2008; Hannerz’s, 1996). Para uma boa parte dos entrevistados era importante sair para uma realidade diferente que contrastasse com a sua, como tal os países latinos não se tornam tão atractivos como os países do norte da Europa.

O desenvolvimento de relações interculturais é, de facto, muito importante para a maioria dos participantes. Na interacção com os “outros” desconhecidos emerge a possibilidade de reinvenção e revisão do *self* e põe-se em perspectiva a realidade do país de origem. A maioria dos participantes considerou ter saído mais “forte”, “capaz”, “confiante” e “enriquecido” da experiência Erasmus.

“Representou uma revisão de valores, uma revisão da minha personalidade, da minha forma de ser” (Hugo)

“Quando voltei para Portugal, senti orgulho, de alguma forma, e acho que mesmo pelo que estamos a passar, falta um bocadinho às pessoas esse orgulho patriota e isso ajudou-me muito a tê-lo. (...) E essas relações com pessoas internacionais, de outros países, fizeram-me perceber que é um bocadinho do que eu sou, o facto de ser português. (...) A minha identidade, exactamente, saiu muito reforçada, exactamente! E a auto-estima também saiu muito reforçada, porque só houve comentários muito positivos.” (Miguel)

A própria identidade nacional sofre alterações existindo, por um lado, uma nova apreciação do que é “nosso”, por via da saudade e de um novo olhar sobre Portugal, e por outro, a existência de discursos de aproximação às identidades nacionais do local onde se realiza o Erasmus e sentimento de pertença a uma nova comunidade mais vasta, a “europeia” (Mitchell, 2012; Favell, 2008, Gaspar e Haro, 2011).

“Portanto mudou muito a forma como eu vejo as relações interculturais. E acima de tudo fez uma coisa muito importante, eu não me sinto tão português, agora sinto-me muito mais europeu! E nesse sentido é bom, porque eu sei que tenho amigos em vários países.” (Pedro)

A construção de uma rede social internacional é particularmente útil porque permite viajar com custos reduzidos, possibilita contactos para um futuro profissional que pode passar pela emigração e, para além disso, permite aumentar o mundo a que se pertence. O “nós” expande-se e abarca os que anteriormente eram os “outros”.

A intenção de no futuro se sair do país e a questão da emigração são particularmente interessantes, parece existir a noção por parte de alguns entrevistados que esta será uma primeira experiência para o futuro, não só por vontade pessoal, mas também tendo em conta a realidade nacional. Este é um ponto que deve ser aprofundado em futuras investigações, tendo em conta a situação política e económica do contexto português. Parte dos participantes, não só tem intenções de voltar a sair de Portugal, como esperam ter de o fazer devido às questões de emprego e qualidade de vida.

“E também me deu uma certa visão para se algum dia for mesmo necessário sair deste país, ao menos já tenho uma melhor escolha, uma melhor ideia para onde eu possa querer ir estudar, ou trabalhar ou viver!” (Susana)

Quanto às motivações académicas, ainda que referidas, são para a maior parte dos entrevistados um motivo de menor peso. A ênfase motivacional é dada, tal como referido, à procura de realidades diferentes, à exploração individual, ao desenvolvimento pessoal e social, remetendo para as conclusões de Water e Brooks (2010) e Baglioni (2009) Murphy-Lejeune (2002) em relação ao facto de neste período sobressair a ideia de viagem, aventura e desconstracção em detrimento do investimento académico. Como refere um dos entrevistados, *“os motivos não foram de todo académicos, foi mais sobre a experiência pessoal sem dúvida.”* (João)

Brooks e Waters (2011) referem que para os estudantes do Reino Unido a procura de uma consciência internacional não tem grande expressão. Os casos de estudo que aqui se apresentam contrariam essa afirmação, a maioria dos participantes pretendia conhecer culturas, países e pessoas diferentes de forma a melhorar a sua percepção do mundo e as suas capacidades de relacionamento intercultural. Não só era esta a intenção como a maioria indica que se relacionou dentro de uma comunidade estudantil internacional, mas onde o contacto com os nativos do país também teve expressão, foi procurado e valorizado.

“Eu, por um lado tinha assim vários... conheci pessoas em contextos completamente diferentes, pessoas que vinham de Erasmus, pessoas que eram mesmo de lá, as pessoas que estavam na minha casa também eram de um contexto diferente, muitas estavam lá não de Erasmus para estudar, mas ficaram lá um período para trabalhar. (...) foram pessoas que me ajudaram imenso, que foi óptimo, isso foi bom, porque lá está eu conheci pessoas em contexto completamente diferentes e por isso é que eu acho que foi super rico, não foi só aquela coisa da faculdade, aliás eu vivi muito pouco o ambiente da faculdade, confesso (...).” (Marta)

É valorizado o contacto intercultural e a possibilidade estar em contacto com toda uma nova realidade e não fechado dentro da comunidade de estudantes Erasmus. Na maioria dos discursos o motivo para a ida é a procura de um cosmopolitismo de sentido cultural, da procura do diferente (Hannerz's, 1996), e o

decorrer da experiência é feito de aprendizagens que pressupõem igualdade e a construção de uma visão do mundo cosmopolita (Delanty, 2009). Ou seja, não só é procurada a experiência diferente, como existe, de facto, vontade de aprender e se construir nela uma nova percepção de si próprio e do mundo e essa capacidade é valorizada.

“Eu acho que nos respeitávamos imenso, respeitávamo-nos bem com as nossas diferenças, ninguém gozava uns com os outros, tentávamos integrar toda a gente, não havia aquela criação de um grupo separado, era sempre... convidava-se toda a gente para tudo, portanto a nível das relações interculturais mais parecia que éramos todos do mesmo sítio, não senti nenhuma diferença por uma pessoa ser da América ou ser de Inglaterra, ou ser de França ou de Espanha, não senti absolutamente diferença nenhuma, acho que isso foi o mais incrível da experiência!” (Hugo)

A procura de uma consciência internacional parece ser mais expressiva no contexto português em contraste com o Reino Unido, esta situação pode associar-se ao facto de Portugal ser um país periférico no contexto da União Europeia. A procura de mais valências e mais conhecimentos a nível internacional pode, efectivamente, significar uma mais-valia individual na sociedade portuguesa em contraste com a realidade do Reino Unido que acaba por, ao estar no centro da Europa, ser menos permeável a influências exteriores. Falar inglês, por exemplo, é altamente valorizado em Portugal, enquanto para alunos do Reino Unido uma experiência num país periférico pode não ter recompensas tão elevadas.

O desenvolvimento de uma língua estrangeira e o aperfeiçoamento do inglês são uma constante enquanto factores para a realização de Erasmus (Bagnoli, 2009). O desenvolvimento de uma língua para lá da materna vai possibilitar uma maior rede de contactos, permitindo o acesso a recursos académicos diferenciados e essencial para a futura carreira profissional. Bagnoli (2009:336) refere que os estudantes italianos procuram activamente capital cultural aprendendo inglês de forma a aumentarem as suas possibilidades de emprego, por sua vez os estudantes ingleses utilizam a sua língua como um recurso na viagem, tornando-se, por exemplo, professores de inglês.

Para os participantes portugueses a questão da língua foi importante, mas não somente o inglês, a vontade era de aprender ou melhorar a língua nativa do país onde

se fez Erasmus. Inclusivamente, alguns já estudavam a língua do país de destino antes de partirem, sendo este um dos motivos para a escolha desse mesmo país. Esta situação vem também demonstrar a procura de valências diversas, não é só o inglês que é valorizado, mas sim a possibilidade de dominar pelo menos três línguas.

“Acho que a minha experiência lá seja artística, seja formativa me deu um currículo diferente, que me permitiu depois ter mais valor, quase, aqui. A língua, hoje consigo ler francês, dantes nunca conseguia e isso faz muita diferença em termos académicos daquilo que eu consigo aceder ou não, faz uma diferença brutal.” (Alice)

De acordo, com alguns estudos (Brooks e Waters, 2010; Carlson, 2011; Murphy, Lejeune, 2002) a grande maioria dos estudantes que optam por estudar no exterior, já tiveram no decorrer do seu percurso de vida contacto com o estrangeiro. Nos casos que aqui se apresentam, existiram contactos internacionais, mas de forma esporádica, viagens curtas, conhecimento de algumas pessoas de outras nacionalidades, visitas a família emigrante e recepção ou viagem através de *couchsurfing*. Para a totalidade dos participantes o Erasmus foi a primeira e a mais intensa experiência no estrangeiro. A curiosidade pelo diferente já existia e tentava ser explorada, existiram contactos pontuais que podem estar na origem da vontade de explorar contextos internacionais, mas todos indicaram no seu percurso não ter grandes contactos com o exterior.

Os resultados dos estudos que contrastam com os dados desta investigação partem das experiências de estudantes do Reino Unido, alemães e italianos. De facto, falta investigação de espectro mais alargado, tanto na pesquisa quantitativa como qualitativa, que tenha como foco os alunos portugueses. É necessário explorar, até que ponto o papel político e estratégico de Portugal, a história do país e dos seus movimentos sociais pode influenciar as perspectivas, motivações e as experiências dos estudantes que optam por realizar programas de mobilidade estudantil. As direcções e constatações que aqui se apresentam são um ponto de partida para o desenvolvimento e aprofundamento destas e doutras questões dentro do contexto português e continuarão a ser exploradas na análise individual de cada caso.

IV.2.SEXUALIDADES ERASMUS

Após a análise da experiência Erasmus nos discursos da maioria dos participantes, o objectivo será, a partir de agora, entender como é vivida a sexualidade no período Erasmus. Que contornos adquire? Existem alterações nas práticas sexuais e sociais? Quais as expectativas e como é que se desenvolve a afectividade e a sexualidade durante a migração? Analisando os discursos obtidos e tendo em conta o carácter exploratório desta investigação, pretende-se encontrar aspectos relevantes sobre as práticas, as representações e sobre o significado que estas têm para os participantes.

Para a análise dos comportamentos sexuais e afectivos é importante contextualizar a situação afectiva emocional vivida por cada entrevistado antes de realizar o período migratório, quais as perspectivas que tinham em relação ao mesmo, e como é que estas se desenvolveram. Para tal, apresentam-se os casos mais representativos dentro de cada tipo idealizado, e nos quais se apresenta uma síntese geral de toda a experiência, com particular ênfase na vivência e nas representações afectivas e sexuais durante o Erasmus.

A análise aos discursos dos entrevistados permitiu identificar quatro ideais-tipo, designados por Sexualidade Ausente, Sexualidade Suspensa, Sexualidade de Escape, e Sexualidade Cosmopolita. Esta selecção baseia-se nas características das experiências sexuais e amorosas descritas pelos entrevistados.

Assim, na Sexualidade Ausente concentram-se os entrevistados que não tiveram qualquer experiência sexual com outros indivíduos durante o decorrer do Erasmus. Em relação à sexualidade Ausente é necessário especificar que foi considerada a ausência de qualquer envolvimento físico ou relação continuada durante a migração. O facto de não existir qualquer contacto físico, não significa que não existissem sentimentos e emoções para com outros, no entanto os participantes que estão enquadrados neste tipo tendem a colocar estas questões em segundo plano.

Na Sexualidade Suspensa estão enquadrados casos que não desenvolveram qualquer relação de carácter sexual durante a estadia (a não ser com o próprio parceiro em visita) por estarem numa relação amorosa aquando da partida. A sexualidade é suspensa devido a sentimentos de exclusividade e fidelidade para com o parceiro e à distância física do mesmo. Nestes casos, a dimensão amorosa assume um papel fundamental e a forma como esta é negociada permite detectar contradições entre vontades individuais, práticas e representações sobre amor e sexualidade.

A Sexualidade de Escape é definida como aquela em que existiram relacionamentos de carácter pontual, e onde o passado amoroso assume uma maior expressão nos comportamentos individuais. A sexualidade é utilizada na recriação de um novo caminho no qual se pretende esquecer o passado e explorar algo de novo. O objectivo não é criar novas relações, no sentido da *relação pura*, mas sim ensaiar o caminho futuro. A sexualidade serve, por um lado, como instrumento de fuga, e por outro, como a tentativa de iniciar um novo capítulo na história individual. É instrumentalizada, de forma a conseguir-se a libertação de afectos que já não se desejam ter.

Finalmente, a Sexualidade Cosmopolita define-se pela sua multiplicidade de encontros, por se desenvolver com pessoas de diferentes nacionalidades, e em que existiram relatos de práticas de experiências de carácter ocasional e experimental, sem no entanto, se pretender construir ou procurar uma relação. Incorpora a prática de comportamentos sexuais que visam o conhecimento e a procura do “outro”, ao mesmo tempo que o indivíduo explora a sua própria identidade durante a estadia no estrangeiro. A sexualidade cosmopolita parte da sexualidade plástica (Giddens,1996), pois é moldada pelo próprio indivíduo de forma livre, integrando elementos de uma sexualidade líquida, experimental (Bauman, 2001) e de cosmopolitismo, visto ser realizada num contexto internacional com pessoas de diferentes culturas.

Convém assinalar aqui, que estes ideais-tipo não são estanques, podendo interligar-se entre si. Nesse sentido, as representações e práticas podem-se cruzar ou até ser díspares e, como tal, estas categorias representam uma forma de tornar legível a realidade, não representando categorias totalitárias. A construção de uma história sexual ou amorosa pode ser influenciada por diferentes factores, relações presentes e

passadas, padrões de comportamento pessoais, expectativas e as circunstâncias e pessoas com quem o indivíduo interage. As redes sociais criadas na estadia tem igualmente impacto na forma como as relações se constroem, podendo ser nacionais (indivíduos que se relacionam maioritariamente com outros do seu país de origem), cosmopolitas (indivíduos que pertencem a um grupo internacional, com pessoas de várias origens) ou nacionais do país de acolhimento. O passado emocional, a personalidade, os valores morais, o espaço onde a acção se desenrola e o tipo de pessoas com quem se desenvolve relações, condicionam as escolhas individuais e influenciam os percursos amorosos e sexuais.

No decorrer da investigação emergiram diferentes formas de vivenciar o período de migração que são importantes testemunhos da realidade que se pretende retratar, e que são representativas da multiplicidade de formas de viver a sexualidade e o amor pelos indivíduos na sociedade moderna.

IV.2.1.SEXUALIDADE AUSENTE

SUSANA

Susana é uma estudante de 20 anos que fez Erasmus na Alemanha. A estadia durou cerca de seis meses. A nível emocional, Susana não tinha qualquer envolvimento antes de partir e essa situação manteve-se no decorrer da estadia no estrangeiro. No que diz respeito a questões afectivas e sexuais era bastante inexperiente e considerava esta dimensão da sua vida pouco “forte”. Para ela o fundamental a retirar da experiência no estrangeiro seria a aprendizagem da língua alemã que já estudava, a melhoria do percurso académico e também a construção de novas redes sociais. As dimensões afectivas eram completamente secundárias.

“Não tinha qualquer pensamento sobre isso, porque eu basicamente só queria ir para lá estudar e tentar ter boas notas e talvez fazer bons amigos, não tinha pensado sequer nisso.”

Existe um foco no desenvolvimento individual direccionado para a academia e para a procura de um novo capital social e cultural. Para além disso, Susana pretendia tornar-se mais independente, “sair do ninho”, construindo um processo progressivo de autonomia face à sua rede familiar, processo este que é parte integrante do seu projecto de individualização (Bagnoli, 2009; Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Policarpo, 2011). Procurava ainda conhecer outros países numa busca de cosmopolitismo cultural (Hannerz, 1996), para ter contacto com outras realidades e aumentar o seu conhecimento pessoal.

A nível social existiram relatos de dificuldades em criar novas redes sociais no país de acolhimento. Susana não gostava dos colegas com quem partilhava casa e não desenvolveu relações fortes com colegas de faculdade, acabando por sentir alguma falta de apoio. De facto, relata que acabou por perceber que se iria sentir sozinha:

“Bem, eu quando lá cheguei, comecei a ter uma certa noção de que talvez me iria sentir mais sozinha, porque não sabia onde é que eu estava, não tinha ninguém com quem falar.”

Para combater esse sentimento de solidão, ultrapassar dificuldades e procurar uma rede social que a pudesse apoiar durante a estadia, inscreveu-se num coro para estudantes Erasmus que tinha sido recentemente criado na faculdade. É dentro desta comunidade que desenvolve relações um pouco mais fortes. Susana indica que se relacionou maioritariamente com suecos, romenos e húngaros e ressalva a importância da construção de relações interculturais para o seu desenvolvimento individual. O contacto com pessoas de outras nacionalidades pôs em perspectiva o seu próprio contexto social, político e económico. É também no coro que conhece um rapaz português com quem acaba por construir uma relação que considera mais próxima.

“Também estava lá um rapaz que era português (...) e lá basicamente o meu único contacto com a língua portuguesa era ele. E então, posso ou não ter desenvolvido alguma coisa, mas só o facto de ele ser um ponto que me indicasse para a minha área portuguesa, para a minha vida portuguesa, talvez tenha desenvolvido uma relação mais íntima com ele.”

A vivência que desenvolveu com este rapaz decorria nos ensaios do coro, através do *facebook* e em alguns encontros com e sem os restantes membros do coro. No entanto, Susana não demonstrou ter interesse em aprofundar a relação, vendo-a essencialmente como um suporte emocional devido ao facto de estar sozinha. Em relação à vivência sexual diz-nos que:

“Não houve qualquer vida sexual nesse momento, infelizmente... Infelizmente não é essa a palavra que quero usar, mas pronto. Não houve nada, acho que não senti nada o suficiente para querer ir a esse nível.”

Se, por um lado, utiliza a palavra infelizmente que depois acaba por rectificar, dando a entender que gostaria que tivesse existido alguma prática, por outro indicamos que não sentiu desejo de o fazer. Existe uma narrativa algo contraditória. É possível verificarmos que independentemente da questão emocional, a questão identitária foi importante, e o facto de ter alguém na sua rede social do seu país de origem fez com que a experiência de migração se tornasse mais fácil.

A visão que tinha do Erasmus após realizá-lo é alterada. Susana refere que agora sabe como este período pode ser difícil, caso não haja apoio aos alunos e reconhece a importância de uma boa rede social.

“Eu, por exemplo, já tenho vários amigos de Erasmus desta faculdade, mas só mesmo depois da minha própria experiência, porque eu sei o quão pode ser difícil e é muito complicado. E ter uma pessoa com quem falar ajuda bastante, mesmo que não mude assim tanto no foro à volta, mas pelo menos no foro mental ajuda bastante”.

A importância de criar redes sociais no país de acolhimento é fundamental para colmatar as dificuldades inerentes a uma mudança de realidade. Para além da própria história do indivíduo e das suas práticas, a capacidade de construção de uma nova rede social vai influenciar todos os campos da experiência individual de migração incluindo as dimensões afectivas e sexuais. O relato de Susana acaba por ser representativo da excepção do que a literatura tem demonstrado. O período Erasmus pode para a maioria dos participantes ser um período de busca de aventura e excitação (Water e Brooks 2010), mas existem outras formas de o viver mais isoladas e reservadas, e que são afectadas por vários factores desde as condições de

acolhimento, passando pela personalidade do indivíduo, até à sua capacidade de relacionamento. A experiência internacional, por si só, não contribui para que as condutas individuais se modifiquem (Policarpo, 2011), e, de facto, no caso de Susana os padrões afectivo-sexuais mantêm-se e a reflexividade ou a importância dada a estas questões não são expressivas.

RITA

Rita tem 23 anos e realizou o período Erasmus em Itália durante um semestre. Os motivos que a levaram a optar pela experiência ligam-se à vontade de viajar, de conhecer Itália em particular, de melhorar o seu italiano e “espairecer”. Dá também importância à experiência Erasmus como uma mais-valia académica e ao convívio que o Erasmus proporciona. Queria crescer e experimentar viver sozinha num primeiro passo para a independência da sua rede familiar (Bagnoli, 2009; Beck, 1997, Policarpo, 2011).

Não tinha expectativas amorosas antes da partida e indica não ter reflectido muito nessas questões. Antes de partir tinha conhecido um rapaz e estava a criar uma ligação mais profunda com ele, o Erasmus veio interromper essa situação.

“Mas nunca tive aquela, não havia aquela coisa de me querer envolver com alguém, até porque pronto, se calhar já estava satisfeita, não é? Com o que tinha aqui, pronto... Estava apaixonada, vá, infelizmente... Se não tivesse, acho que tinha sido igual também, pelo tipo de pessoa que sou, por não conseguir dar confiança às pessoas logo assim à primeira e não me conseguir envolver... acho que tinha sido igual também...se bem que existia um grego muito giro...mas pronto!”

Apesar de se encontrar apaixonada a relação não existia ainda. Rita indica que mesmo que não estivesse apaixonada a sua estadia não teria sido diferente, devido ao seu carácter pessoal. Na verdade, refere não conseguir envolver-se com alguém sem que exista uma relação firme e estável emocionalmente. A relação sexual só surge se existir amor, se existir segurança. Esta é uma atitude que corresponde a uma visão de amor-romântico em que a sexualidade, não é um fim por si só, mas sim algo que só é

explorado no contexto de uma relação (Giddens, 1996). As relações sexuais incluídas somente no contexto de uma relação são frequentemente associadas ao género feminino, sendo o contacto sexual predominantemente relacional (Policarpo, 2011:365).

O Erasmus veio quebrar a relação que estava a construir, e Rita sente que se já existisse efectivamente uma relação de longa duração, tal não sucederia. Mas como, de facto, a situação não era ainda clara, o Erasmus apresentou-se como obstáculo à continuação desse mesmo relacionamento. Continuaram a falar via *skype*, *e-mails* e mensagens escritas, mas a cumplicidade que se estava a criar perdeu-se. Sobre o desenvolvimento da sua vida amorosa no período Erasmus, refere que:

“Não senti nada, conheci montes de rapazes, conheci...em muitos ainda era: ah vamos ali almoçar, vamos ali... Nãaaa!! Não dava, porque por um lado sentia-me, sentia-me comprometida, percebes?! Sentia-me comprometida mesmo que não estivesse numa relação mesmo, sentia-me comprometida, e sentia que pronto não é suposto, não se deve fazer! Pronto basicamente foi isso.”

Apesar de não existir uma relação, pelo facto de se encontrar apaixonada, Rita sentia que tinha um dever de exclusividade. Visto existir alguém por quem nutria sentimentos, fossem estes correspondidos ou não, a exclusividade era uma opção pessoal. Esta liga-se também ao seu carácter e ao que sente ser a sua personalidade.

“Até agora só estive com três pessoas. Às vezes falo com amigas e não sei quê... E pronto e tenho pessoas que estiveram com muito mais e sentem-se à vontade. Mas eu própria não me sinto à vontade, não me sinto à vontade comigo própria também e isso, pensando que não, vai contribuir para tudo, não é? Sim, pronto e só me consigo envolver muito com o tipo de pessoas em que eu sei que estou numa relação. E não aquele género: ah, conheci-o é giro, bora! Percebes? Não consigo, não é meu! Não consigo, até porque não me sinto bem, tenho alguns complexos.”

O facto de não se envolver em envolvimento puramente sexuais por motivos de atracção física e de forma ocasional, associa-se à sua própria identidade individual, e também à relação que tem com o seu corpo. A ideia transmitida é que com a sua idade o comportamento “normal” seria já ter tido várias experiências, mas por motivos

internos não se consegue libertar, torna-se a excepção. Parece existir a noção que o esperado é que exista essa experimentação sexual, ou seja, a representação dos outros difere das próprias práticas. Os outros (jovens) apresentam-se como praticantes do amor líquido (Bauman, 2003) enquanto as suas próprias práticas se inserem numa visão do amor-romântico.

A vida que teve em Erasmus, nalguns aspectos, foi uma vida mais tranquila. Em comparação com a realidade portuguesa sente que a cidade onde estava não tinha grande vida nocturna, as discotecas fechavam cedo, e então acabou por conviver mais, mas em ambientes tranquilos. Interagiu com várias pessoas, vivia com jovens do sexo feminino, uma portuguesa e outras de nacionalidades diferentes, sendo que tinha um grupo fixo de amigos portugueses. A convivência era maioritariamente com o grupo de casa. O facto de ter vivido uma vida tranquila com muitas pessoas do país de origem poderá igualmente ter também influenciado o tipo de relações desenvolvidas. Rita refere que lá estava mais para conviver e conhecer e não tanto para a “vida louca”.

Relativamente ao comportamento dos portugueses face aos estudantes de outras nacionalidades, Rita sentiu que as portuguesas eram mais reservadas em comparação com mulheres de outras nacionalidades.

“Quanto aos choques culturais, o que eu reparei era aquilo que eu não pensava cá, na parte até mesmo quando vamos sair e conhecer pessoas. Nós saíamos um grupo de portugueses, como eu te disse, e as raparigas eram muito mais calmas do que, por exemplo, as gregas que eram atiradiças à força toda, mas tipo...horrorosas! E eu pensava sempre que nós eramos assim um povo mais espevitado, estás a ver? Mais vamos conhecer e vamos isto e vamos aquilo e pronto eu lá tive uma noção contrária disso.”

A noção pré-concebida que tinha sobre o comportamento ou sobre as características identitárias dos portugueses é alterada e existe igualmente um juízo de valor em relação ao comportamento de mulheres de outras nacionalidades, face à postura que adoptavam no desenvolvimento de relações. Se, de alguma forma, a libertação sexual é vista como normal na sociedade contemporânea, em simultâneo está igualmente presente no discurso a ideia de que esse comportamento não é moralmente correcto.

Rita enquadra-se no tipo Sexualidade Ausente visto não ter tido práticas sexuais ou qualquer envolvimento físico durante o Erasmus. A dimensão sexual não foi um factor motivador nem teve expressão na construção da sua identidade em Erasmus, tendo sido uma dimensão secundária. A afectividade, por outro lado, tem expressão, Rita dá muita importância à confiança e à intimidade, sendo que a sexualidade, no seu caso, é para ser vivida dentro de uma relação. A personalidade dos indivíduos, os seus valores morais, a sua educação e as redes sociais onde se movem são determinantes nas práticas e nas representações que desenvolvem sobre amor e sexualidade.

IV.2.2.SEXUALIDADE SUSPENSÁ

JOANA

O período de Erasmus de Joana na Turquia durou um semestre. Joana pretendia com esta experiência no estrangeiro contactar com outros estilos de vida, outras culturas e pessoas diferentes. Partiu sem qualquer expectativa, pois desconhecia a cultura do país por completo, e pretendia ter uma experiência que considerasse enriquecedora. As motivações que a levaram ao Erasmus prendem-se, acima de tudo, com a busca de cosmopolitismo cultural (Hannerz's, 1996), com a procura do "outro", do diferente, de forma a incorporá-lo no "eu". A procura de cosmopolitismo pretende transformar o "diferente" em "igual", de forma a fazer com que a própria identidade ganhe mais valências. Com a identificação ao "outro" esbatem-se as fronteiras culturais que nos são impostas e procura-se a diferença de forma a melhor perceber todas as realidades (Hall,1996).

"E depois as pessoas que conheces lá, os turcos são um povo incrivelmente... (não estava nada à espera), são muito afectivos, muito acolhedores (...)"

A realidade que veio a conhecer surpreendeu-a positivamente, tendo existido uma identificação com a mesma. Joana refere que se sentiu sempre muito bem

recebida e que encontrou na cultura turca várias semelhanças com a portuguesa, o que a fez sentir mais confortável em toda a experiência. A realidade encontrada, ainda que imaginada como diferente, acaba por ter pontos em comum com o que é considerado “nosso” e as diferenças esbatem-se nessa semelhança. A experiência revelou-se bastante intensa, especialmente porque no decorrer da migração, existiram manifestações políticas na cidade onde vivia, e nas quais acabou por participar. Joana refere a importância de viver um contexto político diferente do seu, o que fez com que reflectisse sobre a sua realidade de origem, que considera privilegiada no que concerne a direitos e liberdades civis.

Relativamente à sexualidade, Joana enquadra-se no tipo de sexualidade Suspensa, visto não ter tido qualquer prática sexual durante o período Erasmus uma vez que tinha uma relação aquando da partida. Como tal, partiu para a estadia com a perspectiva de não se envolver com ninguém e, a propósito das práticas sexuais desenvolvidas com o parceiro indica que:

“Não, não, é mais outra cena, é mais amoroso como se diz, sim, é mais aquela coisa de companheirismo ou outro tipo de... sexualmente não.”

As práticas sexuais com o namorado ficaram “congeladas” durante a migração, e o erotismo não foi desenvolvido, nem esteve presente de nenhuma forma. No entanto, no plano afectivo a relação continuou a construir-se. Antes de partir, a relação durava há alguns meses e manteve-se até ao momento da entrevista. Relativamente à vivência emocional durante este período, Joana refere que a maior dificuldade foi a ausência física do parceiro. O facto de existir um corte no desenvolvimento de actividades conjuntas, trouxe-lhe alguma ansiedade e a possibilidade da relação não sobreviver esteve sempre presente. Sobretudo porque a relação era recente e, como tal, não existia a certeza de que conseguiriam ultrapassar a distância com sucesso. A distância física é ultrapassada pela escrita de cartas “à moda antiga”, conversas via *skype* e *e-mails*. A internet aparece como um instrumento fundamental para a manutenção da relação. É o meio principal de partilha de vivências emocionais, visto que a física não é possível. Em relação ao impacto que o Erasmus pode ter numa relação, exemplifica:

“Se tu de um momento para outro dizes a outra pessoa: Olha isto agora, esta coisa de irmos sair e não sei quê, agora durante cinco meses, esquece lá! Podes obviamente estar à espera de um: ai é? Então, mas eu não estou para estar cinco meses à tua espera! Tchau, tchau!”

Joana indica que racionalmente aceitaria este cenário hipotético, se tivesse sido essa a vontade do seu parceiro, pois sente que *“cada um tem a sua vida e ninguém deve estar preso”*. Ou seja é aceitável que um parceiro termine a relação com o outro devido ao interregno Erasmus. A liberdade individual é valorizada acima de tudo, mesmo que isso possa acarretar sofrimento. A relação é um compromisso entre os indivíduos, mas é um compromisso construído respeitando a liberdade e vontade pessoal de cada um (Giddens, 1996; Torres, 2004). As relações são assim, por um lado, mais frágeis e facilmente quebráveis, por outras mais valorizadas, devido ao facto de se estar com alguém por vontade própria, por escolha. O indivíduo amado sente-se privilegiado, exactamente por ter sido escolhido dentro de uma quantidade infinita de opções. A capacidade de ultrapassar obstáculos, como o de separação física, é definida como um bom resultado. Até porque Joana relata que não sabe se teriam *“aguentado mais tempo”*, caso o Erasmus durasse um ano, porque viver uma relação à distância traz constrangimentos e é *“difícil”*. Podemos verificar aqui a existência da concepção da relação com base no amor-construção (Torres, 2004), ou seja, à medida que os indivíduos vão traçando os seus próprios caminhos, a relação vai sendo renegociada. Joana reflecte sobre essas fases na sua relação:

“É a primeira relação assim que eu estou assim há tanto tempo, há muita coisa que eu estou a descobrir. É muito engraçado veres como as coisas evoluem, que as coisas têm mesmo fases, passas por fases nos relacionamentos (...)”

Quando voltou de Erasmus, nos dias iniciais foi como se nunca se tivesse ausentado, mas posteriormente existiram divergências, *“ressentimentos”*, que a seu ver se relacionam com o facto de ter estado fora tanto tempo.

“A outra pessoa esteve fora cinco meses agora tens que voltar a readmiti-la na tua vida, e tu própria, tu estiveste fora cinco meses com outro estilo de vida, outra coisa e voltas para aqui.”

O reatar da relação não é feito sem que exista a necessidade de adaptação de ambas as partes, de negociação para que a relação possa ser continuada. O Erasmus pode surgir como um período causador de conflitos em relações pré-existentes devido às novas possibilidades amorosas e sexuais que apresenta.

No caso de Joana, as dimensões afectivas e sexuais não foram relatadas como centrais na experiência de migração e não foram motivos para a realização de Erasmus, mas este afectou directamente a relação que estava a ser construída no país de origem. A migração é um período para a auto-exploração, de liberdade e isso acarreta a exploração de todas as dimensões sociais, ao existir uma relação à distância esta será confrontada com a possibilidade de término e, como tal, a negociação entre os indivíduos é parte essencial para a continuação da mesma.

CAROLINA

Carolina tem 22 anos e fez Erasmus em Itália durante um semestre. Pretendia aprender a “desenrascar-se”, conhecer um novo país, não ter os problemas habituais do ambiente familiar, viajar e aprender outras línguas, principalmente o italiano. Via na experiência Erasmus uma forma de se tornar mais forte e mais independente e ganhar novas valências a nível académico e profissional. Viveu com três portuguesas, mas indica que na verdade passou mais tempo com os vizinhos, de várias nacionalidades. A nível de contacto indica ter estado sempre em contacto com italianos o que considerou óptimo para o desenvolvimento da língua e para a experiência de troca de culturas.

Antes de partir tinha uma relação a decorrer, mas a decisão de ir para Erasmus foi tomada de forma individual. O facto de não ter tomado a decisão em conjunto fez com que tivesse alguns problemas com o namorado.

“Porque ele não sentiu que fazia parte da decisão, achava que eu estava a pôr o Erasmus à frente da nossa relação então... e como comecei a poupar, comecei a gastar menos dinheiro com ele, e foi um bocado complicado. Também comecei a trabalhar, comecei a ter menos tempo, para ganhar o dinheiro e... Portanto as minhas

perspectivas em termos amorosos, estavam um bocado complicadas, porque eu achava primeiro que nos aguentávamos em termos de relação, mas tendo em conta que estava muita coisa a ser posta em causa antes de ir, eu estava com um bocado medo que a certa altura ele se fartasse e desistisse.”

Pela tomada de decisão não ter sido feita a dois e o tempo que a preparação financeira para o Erasmus exigiu dela, fez com que a sua relação passasse por dificuldades e instalaram-se sentimentos de incerteza. Se os ciúmes não eram anteriormente uma questão relevante, a partir do momento em que o Erasmus entra na relação, a situação inverte-se. O facto de Carolina ter ainda uma rede predominantemente masculina de amigos, contribui igualmente para o aumento da instabilidade. O Erasmus surge como um obstáculo à relação (Murphy-Lejeune, 2002). Carolina assume uma postura independente em que toma a decisão de partida sozinha e financeiramente tenta ser o mais autónoma possível no desenvolvimento dos seus projectos pessoais.

Durante o programa Erasmus a relação foi instável, no entanto dado já se ter iniciado à distância (Carolina vivia numa localidade diferente da do seu namorado em Portugal) fez com que vivessem a relação de forma diferente de outros casais. Sentiu que por estarem habituados a não estar juntos permanentemente, não existia a necessidade de estarem em contacto constante. Compara a situação com as suas colegas de casa que estavam sempre em contacto com os respectivos parceiros, mas apesar disso uma delas terminou a relação que tinha e a outra quebrou-a temporariamente. A instabilidade na sua relação foi gerada por sentir falta de apoio na decisão tomada e distanciamento “natural”.

“ (...) Depois vais de Erasmus o teu namorado começa a pôr em causa as tuas decisões, depois começa a ver que o Erasmus em termos profissionais não é assim tão favorável e começa...pronto a fazer os seus respectivos filmes, por assim dizer! E depois chegas lá e estás numa realidade completamente diferente, comesas a pensar se vale a pena ou não. Se tens uma pessoa ao teu lado que não te apoia, que ao mínimo afastamento começa a desistir e começa a mudar os comportamentos e já não quer saber de ti! Fala contigo para te dar na cabeça e não para saber o que é que se passa na tua vida... As coisas começam a ficar um bocado estranhas e estás noutra sítio,

estás num sítio onde as pessoas, ainda por cima, gostam de ti do zero, portanto acabas por aprender a viver sem essa parte que tens cá, mas pronto, depois chega a uma altura que também te lembrás do que é que tinhas cá e há motivos mais fortes para estares com essas pessoas e as coisas resolvem-se.”

As dúvidas instalam-se principalmente devido à relação deixar de ser satisfatória (Giddens, 1996). Para além disso a existência de novas pessoas com quem se está a construir relações não exigentes, “gostam do zero” e não esperam nada em troca faz com que a relação anterior seja posta em causa. No entanto, os motivos para manter a relação acabam por ser mais fortes, mais relevantes do que as novas experiências e pessoas. Existe reflexividade sobre a situação e trabalho de ambas as partes para que se possa ultrapassar a situação. Para que a relação pudesse de alguma forma estabilizar, foi importante para Carolina ter comprado uma viagem para o namorado a visitar, partilhar e compreender em conjunto com ela a nova realidade que estava a viver. A ideia de *relação pura* e de como o esforço necessário para que esta possa ser construída com sucesso, está expressa nas seguintes palavras:

“Mas lá está, a minha teoria com relações é sempre: tem que haver um esforço das duas partes, é impossível uma das pessoas dar 100% e outro dar o zero, para mim o fifty-fifty é o essencial! E pronto acho que as pessoas, cada uma tem o seu tempo para se habituar às situações. E estar seis meses fora, ainda por cima, num ambiente em que está tudo em Erasmus, toda a gente sabe como é que funcionam as hormonas em Erasmus, é toda a gente à procura do mesmo, quase! E depois há sempre as dúvidas e os ciúmes é uma situação um bocado complicada, acho que é mais desafiante ir de Erasmus com namorado do que ir solteira, acho que isso se calhar foi a parte mais difícil de Erasmus, mesmo!”

As representações do Erasmus surgem carregadas de simbologia erótica. O imaginário sexual do Erasmus é construído como um espaço onde todos os participantes procuram o encontro sexual com muita intensidade e frequência, no sentido do amor líquido (Bauman, 2003). Este imaginário é generalizado e também construído através da observação directa dos outros envolvidos. De acordo com Carolina a distância de Erasmus é mais difícil de gerir para o parceiro que fica, no entanto, para quem vai, é complicado “controlar as emoções”. A convivência com

muitas pessoas novas e interessantes com quem se tem vontade de estar faz com que noutra situação em que não existisse exclusividade, pudessem surgir envolvimento de carácter amoroso/sexual. Principalmente quando existem problemas na relação, o novo leque de oportunidades que se apresentam faz com que esta comece a ser revista. O amor, tal como a identidade, é construído e explorado no Erasmus, reflexivamente (Giddens, 1997; Beck, 1997). O parceiro pode ou não continuar a fazer parte da escolha na biografia pessoal que se está a construir (Bauman, 2003). Esse exercício não foi considerado fácil.

“Há sempre muita tentação, há sempre pessoas muito interessantes à tua volta e quando sentes a falha emocional dum lado, que neste caso era o meu namorado acabas por aproveitar de certa forma o outro, a outra parte. E eu, claro, quando íamos para festas e isso tudo, eu adorava ficar horas a falar com determinadas pessoas, mas também fiz o meu jogo, porque foram pessoas com quem fui logo sincera, disse logo que tinha namorado e era uma coisa que eu nunca iria pôr de parte. (...) Acho que foi mais esse o meu trabalho de Erasmus, foi controlar até que ponto é que uma aventura podia estragar tudo, até que ponto é que eu queria alguma coisa e o que é era mais forte para mim (...) eu adorei ir para a festa com os croatas (...) E achei piada, porque para mim foi o suficiente! O ter imaginado aquilo a acontecer, aquilo de facto ter acontecido, estarmos todos no mesmo espaço, diverti-me imenso! E não foi preciso acabar enrolada com um deles para me sentir mais feliz no final do dia! Depois, chego a casa e tenho o X que está cá, e sei que quando chegar cá, me vai receber de braços abertos como nenhum deles me iria receber (...)”

Carolina não teve não qualquer relacionamento de carácter físico, mas as relações continuam a ser exploradas com base no que se pode designar de *flirt*. Esta opção acaba por fazer com que possa ter o melhor de dois mundos, pode explorar a sua identidade na relação com os outros, sem pôr em causa a relação prévia.

Quanto à sexualidade, ficou suspensa devido ao dever de exclusividade e fidelidade para com o parceiro, e só foi vivida durante a visita do namorado. Essa suspensão requer esforço por parte do indivíduo, que opta por não explorar outras possibilidades de modo a manter a relação. Apesar de as possibilidades se multiplicarem e ainda que existam dificuldades, o amor confluyente ou construção

continua a ser valorizado face ao amor-líquido (Giddens, 1996; Torres, 2004; Bauman 2003; Policarpo, 2011). O Erasmus é definido como um teste e Carolina sentiu que a relação saiu reforçada, devido a toda a negociação necessária e à confiança que se criou entre ambos. Ainda que exista uma parte sua que lamenta não ter explorado outras situações, valoriza muito mais a relação que é construída com base numa grande intimidade e partilha e sente que as outras relações seriam sempre superficiais se comparadas com a relação que tinha. A decisão de se manter fiel partiu da sua conduta individual, mas acaba também por sofrer pressões por parte das suas colegas de casa.

“Mas, depois estás em Erasmus, e conhecia pessoas e convidava-as para irem lá a casa, nomeadamente, rapazes para irem ouvir música ou qualquer coisa que eu achava que tinha em comum, e as minhas colegas de casa a avisarem-me que eu não podia fazer esse tipo de coisas, porque podiam levar a mal!”

O facto de conviver maioritariamente com rapazes e assumir que pretendia desenvolver relações com estes (amigáveis), fez com que as suas companheiras de casa acabassem por julgar e tentar, de alguma forma, condicionar os seus actos. Pode-se verificar como a rede social do país de origem afecta as relações desenvolvidas.

Quando se refere ao seu passado sexual, Carolina define-se como uma pessoa de relações, apesar de indicar não fazer qualquer julgamento sobre as experiências sexuais de outros. Sente que é válido, saudável, normal e “bom” explorar a sexualidade, que para si não é tabu, mas no seu percurso de vida as experiências sexuais estiveram, quase sempre, ligadas à presença de relações, reforçando a ideia do sexo acontecer no campo feminino maioritariamente no contexto de uma relação (Policarpo, 2011).

IV.2.3.SEXUALIDADE DE ESCAPE

ALICE

Alice tem 29 anos e fez o Erasmus em França. Inicialmente pensava ficar apenas três meses, no entanto acabou por ficar durante um ano e meio. As motivações que a levaram à saída ligam-se, essencialmente, à busca de tempo para si própria e à procura de conhecimento pessoal. Refere que fez Erasmus numa idade um pouco mais avançada do que o habitual, e por isso, vê no seu percurso aspectos distintivos face à trajectória da maioria dos estudantes. Um dos objectivos era poder estudar a tempo inteiro, pois era trabalhadora-estudante e encontrava-se saturada do trabalho que tinha na época. A academia foi um motivo com expressão para a partida, mas acima de tudo, o Erasmus surge como uma pausa para a reflexão e para a autodescoberta.

Alice tinha uma relação recente quando partiu para Erasmus. Esperava continuar a relação, até porque só pretendia ficar três meses. No entanto, não foi o que veio a acontecer. Passado cerca de um mês de ausência a relação terminou. O fim do relacionamento prende-se com a distância e a falta de segurança transmitida pelo parceiro. O contacto que mantinham era realizado através da internet e no local onde residia não existia internet sem fios, logo não conseguia ter privacidade, pois dividia quarto com uma colega. Alice refere que:

“Depois de várias tentativas de falarmos e ele chegar atrasado, eu dizia-lhe: assim não vou conseguir, assim não consigo, preciso que estejas aí! Porque eu também estava sempre... o que me estava a puxar, o que me estava a começar a criar defesas e a olhar para outras pessoas. Porque era uma forma de estar mais em X, lá está, de viver mais aquilo e de lidar melhor com a separação, melhor não, é uma má maneira, mas que me ajudava a suportar (...) Para mim, descobri algumas coisas relacionadas com a separação como é que eu lido com separações amorosas ou não. E sempre tive alguma dificuldade em relação a isso e também a ter mecanismos de defesa que me faziam diminuir a importância dele também. Ou seja, também comecei a reagir à falta

de vontade dele, com falta de vontade e um bocado assim: ai é? Então não queres falar, então não falamos! E comecei a conhecer outras pessoas e a pensar que me podia envolver com outras pessoas, mas não me envolvi, envolvi-me com uma já depois de termos terminado.”

Na tentativa de manter a relação, Alice sentia-se frustrada, pois sentia que o esforço que fazia para a relação continuar não era correspondido. A repartição das negociações e a entrega individual (Giddens, 1996, Torres, 2004) necessárias para que a relação se mantivesse, não eram sentidas como igualitárias e assim a relação foi posta em causa. Devido a essa percepção instalaram-se sentimentos de insegurança e, como tal, após a separação, existiu um esforço para procurar um novo envolvimento de forma a esquecer o passado. O envolvimento seguinte foi procurado deliberada e conscientemente, com um propósito exclusivamente sexual. A pessoa em questão não a atraía intelectualmente e não tinha interesse algum em desenvolver uma relação.

“Eu queria ter aquela experiência para vir cá de outra forma, achava que aquilo me ia fazer vir cá menos relacionada com esse meu ex-namorado, e mais relacionada... não sei bem como explicar isto, há bocado estava a dizer que o rapaz era um bocado infantil, mas isso também é uma atitude um bocado infantil, mas eu queria... queria que o meu corpo tivesse uma experiência com outra pessoa, antes de voltar a estar com meu namorado, para diminuir a importância do meu ex-namorado na minha vida.”

O envolvimento sexual é visto como uma fuga, uma tentativa de se libertar do passado e de se reconstruir a si própria. A importância do corpo é uma imagem extremamente elucidativa, como se o novo envolvimento pudesse de alguma forma apagar uma “impressão digital” do passado, fazer *tabula rasa*. A migração acaba por se transformar num instrumento de escape, após uma situação de ruptura emocional (Bagnoli, 2009). O término do namoro foi algo de profundamente doloroso, Alice indica que estavam no início e numa fase “de paixão absoluta” quando partiu. A decepção amorosa acabou por ter uma importância fundamental e estar na origem das transformações que se seguiram no decorrer da migração.

Definiu o Erasmus com uma frase de Dickens “foi o pior dos tempos e o melhor dos tempos” devido à intensidade de sentimentos, mudanças e descobertas que

aconteceram na sua vida. O Erasmus acabou por ser um *turning point*, o seu percurso académico alterou-se e a sua percepção de si mesma também. Como ela indica:

“Eu já estava a pensar estudar X, mas era assim uma coisa que eu nem podia dizer muito bem. Só quando cheguei lá é que ganhei um bocado coragem e pensei: ah afinal posso fazer isto ou quero fazer isto! O Erasmus é assim uma coisa que torna tudo... parece que é uma lupa gigante mudar de país.”

A imagem da lupa é ilustrativa da reflexividade que o indivíduo vive. Tudo é aumentado e visto ao pormenor. Durante este período, existe a possibilidade de explorar as vontades individuais, de as rever e alterar. Ao estar fora do seu contexto habitual, não é necessário ir de encontro às expectativas criadas pela rede social na qual se está inserido. Este é um ponto que Alice refere como chave na sua experiência, as expectativas dos outros e o quão pode ser libertador não agir de acordo com o que é esperado. A migração abre a possibilidade de se alterar a visão de si próprio e de procurar quem se é e o que se quer, mas esse processo pode não ser pacífico. Já após o fim do relacionamento, existiu uma noite em que se sentia de tal forma perdida que chegou a pensar em suicídio.

“Foi depois de um atelier de teatro, lá está, esse confrontar-me com as minhas escolhas, (era de improvisação), porque é que eu escolhia uma coisa e não outra? Porque é que eu me representava de uma forma e não outra? Porque é que... E a reacção das outras pessoas, ter sempre um espelho à frente, que era a sensação que eu tinha sempre lá, fazia-me olhar tanto para mim e de uma forma tão...que eu me sentia muito perdida. Também tinha a ver com isso do relacionamento, porque eu tinha muitas expectativas em relação a esse relacionamento e sentia-me bastante perdida”

A reflexividade do “eu”, a construção por parte do indivíduo da sua identidade e da sua biografia, não está livre de angústias existenciais. Se, por um lado, é libertador sair da rede social onde se está inserido, por outro, o facto de se estar sozinho acaba por contribuir para que o indivíduo se sinta em constante revisão e isso pode trazer sentimentos de desorientação. O fim da relação também vem aumentar a vulnerabilidade emocional (Grello, Welsh, Harper, 2003).

Alice indica que se o fim da relação foi dramático, acabou por ser desse caos que depois se reconstruiu e se reinventou, saindo da experiência com mais certezas e mais valências. A migração foi um *turning point* na sua vida, a dimensão amorosa assume uma importância central nesse percurso e a sexualidade foi instrumentalizada de forma a deixar o passado, razão pela qual se enquadra na perspectiva de uma sexualidade de escape. O sexo surge aqui como uma tentativa de início de outro capítulo na história individual, o novo envolvimento existe para apagar um sentimento afectivo que é nefasto para o próprio indivíduo. Na verdade, a prática sexual acaba por ser a tentativa de um *turning point* na vida amorosa, não no sentido de encetar uma nova relação, mas no sentido de eliminar a antiga.

TERESA

Teresa tem 29 anos e realizou o Erasmus durante sete meses em Itália há já algum tempo atrás. Ficou em Itália, apesar de, inicialmente, ter desejado ir para países do Norte da Europa. Esta vontade de ir para o Norte da Europa prendia-se ao facto de querer que a experiência fosse realizada num contexto diferente de Portugal e também devido à informação que tinha sobre o ensino académico nesses países. A procura de realidades diferentes em contraste com o que era familiar era o percurso desejado. Apesar de ter acabado por realizar o período Erasmus em Itália as motivações prendem-se com a busca de cosmopolitismo cultural e com o aumento da capital social e cultural próprio.

Teresa indica que na verdade nunca pensou na possibilidade de não fazer Erasmus, visto que é uma oportunidade dada pelo sistema de ensino, financiado, e como tal a sua realização sempre lhe pareceu óbvia e natural no seu percurso de vida (Brooks e Waters, 2009). Apesar disso, a nível emocional Teresa procurava um *turning point*.

“ (...) E a possibilidade de ir embora, parecia uma coisa, parecia que iria ajudar e que haveria muitos... eu, por exemplo, como tinha acabado uma relação de vários

anos, tinha pensado agora é que é! Vou para lá e vou conhecer uns italianos bonitos, e assim.”

Antes de partir Teresa tinha terminado uma relação muito recentemente, e pretendia que o Erasmus trouxesse a possibilidade de ultrapassar essa situação. Podemos verificar a procura activa de um *turning point* que parte de uma situação de ruptura emocional (Bagnoli, 2009). A dimensão afectiva assume aqui importância na decisão de migrar e é um factor determinante na construção do percurso de vida.

Apesar das suas expectativas passarem por vir a ter experiências a nível afectivo e sexual que a ajudassem a ultrapassar o passado, não foi isso que acabou por suceder. Teresa diz que ainda que se sentisse livre, não frequentava muito o circuito Erasmus da sua cidade e acabou por se relacionar maioritariamente com italianos. Indica que o facto de não ir muito a festas ou estar envolvida num ambiente internacional contribuiu para que a nível emocional e sexual acabasse por não explorar as suas expectativas iniciais. Além disso, à partida, não pretendia encontrar nenhuma relação estável, dada a natureza temporária do Erasmus. A dimensão afectiva e sexual acaba por ser definida também pelo facto de ser um período pré-determinado em que as relações que se imaginam têm contornos de pontualidade e não de compromisso emocional, de modo a evitar outra ruptura emocional no fim da migração.

“Por acaso, na altura não ia à procura de nenhum amor da vida, nem estava à procura de nenhuma coisa estável, estava só a pensar, vou estar aqui, vou estar uns meses fora e posso estar com pessoas, sem ter de me atracar muito a elas, porque é uma coisa temporária, porque eu já sei que vou querer voltar e que, que não é para ficar.”

Apesar de existir disponibilidade para desenvolver relacionamentos, na prática Teresa teve somente um relacionamento de uma noite com um rapaz italiano e envolveu-se posteriormente com o seu ex-namorado, que acabou por ir passar férias com ela no fim do Erasmus. O facto de nunca se ter desligado da sua relação em Portugal e de continuar apaixonada explica, igualmente, a ausência de experiências. A partida para Erasmus teve como objectivo criar um distanciamento da relação, no entanto manteve sempre contacto via internet com o ex-namorado. Em relação à experiência casual que teve, não existiu qualquer continuidade por vontade própria.

Teresa sentiu-se, inclusive, perturbada, com o facto de o rapaz ter ido visitá-la à cidade onde estava a estudar, pois uma das razões que aponta para ter partido para o envolvimento de uma noite, foi o facto de saber que este era de outra cidade e que não haveria qualquer possibilidade de continuação ou de desenvolvimento emocional.

“Se calhar até era um rapaz fixe, mas não sei... se calhar foi um bocadinho assim aquela, do “vou fazer porque posso”, ou “vou deixar acontecer porque é assim que deve ser”, e também pronto alguma ideia qualquer romantizada do que é que será uma aventura com um italiano, se calhar simplesmente queria ir para cama com um italiano, é possível...”

O Erasmus é um período onde é esperado um determinado comportamento porque “se pode” e “é assim que deve ser” e esse comportamento pode passar por ter um envolvimento com outra nacionalidade, uma relação imaginada do que é estar com o “outro”, no fundo experimentá-lo, consumi-lo (Hall, 1996; Bauman, 2003). A sexualidade desenvolvida é ocasional, não existe procura de relação no sentido da *relação pura*, pelo contrário, a possibilidade da vontade do outro de iniciar algo que pudesse levar a algo mais “sério” torna-se incomodativa. A experiência sexual acaba por ser uma forma de tentar escapar do passado, mas acaba por considerá-la “estúpida”. Existiu uma tentativa de iniciar um novo capítulo sexual na sua história, que acabou por não considerar satisfatório. Teresa demonstra também algum arrependimento pelo facto de se ter envolvido novamente com o ex-namorado no fim do Erasmus.

“Tive uma one night stand e pronto! E depois na verdade foi só isso, porque depois o meu ex-namorado acabou por me ir lá visitar, portanto estragou tudo...”

No que diz respeito à experiência de Teresa, as expectativas amorosas e sexuais em relação ao Erasmus acabaram por não se materializar. O imaginário Erasmus e o que se pretendia resolver a nível emocional não se concretizou. Teresa queria incentivar a mudança para o futuro, um futuro diferente e livre, onde pudesse fazer um hiato do seu passado emocional. No entanto, o peso desse mesmo passado acabou por influenciar as suas acções e a exploração das suas fantasias. A dimensão afectiva foi efectivamente um motor para realização do Erasmus e, curiosamente, acabou por mais tarde ser também um dos factores principais que a levou a ingressar num outro

programa de mobilidade europeia. Mais uma vez, pretendia conseguir fugir à relação amorosa que mantinha e a qual não considerava salutar. O afecto desempenhou um papel fundamental na migração e enquanto fio condutor do percurso de vida de Teresa.

IV.2.4.SEXUALIDADE COSMOPOLITA

PEDRO

Pedro é um estudante de 20 anos, de orientação homossexual e realizou Erasmus na Holanda durante um semestre. O programa Erasmus apresentou-se como uma forma de realizar o desejo de conhecer outras realidades e fazer uma pausa na sua vida quotidiana, uma espécie de "período sabático". Antes de partir tinha terminado uma relação há cerca de seis meses, as coisas em casa não estavam a correr da melhor forma e o ambiente político-financeiro do país estava a deixá-lo abatido. O Erasmus era algo que já pretendia fazer há bastante tempo, até porque tinha tido outras experiências a nível internacional que tinha considerado gratificantes. A Holanda foi o destino escolhido devido ao prestígio da universidade, ser um país bonito e ter uma cultura liberal. A partida não foi feita sem algumas angústias devido ao facto de nunca ter vivido tanto tempo fora. Relata um ataque de pânico no avião, após a despedida dos familiares.

“(...) Tive assim uma espécie de um ataque, tava a pensar o que é que vai acontecer? Eu não sei para onde é que eu vou, eu não conheço ninguém, eu não conheço o país, eu nunca vivi sozinho! E depois cheguei lá, pus os pés no chão, entrei no aeroporto e fiquei completamente extasiado e cheguei... apanhei o comboio, cheguei a x e quando saí da estação e olhei para a universidade, pensei: bom, cheguei isto agora vai começar! E a partir daí foi sempre a subir, e foi a melhor altura de sempre!”

A deslocação para outro lugar onde existe incerteza e falta de controlo sobre o ambiente, pode provocar sentimentos de insegurança e medo no indivíduo. No

entanto, estas inquietações foram facilmente ultrapassáveis. Rapidamente criou uma rede sólida de novas amizades. O grupo que considera como família era essencialmente francês, mas as suas relações desenrolaram-se com pessoas das mais diversas nacionalidades. O facto de se acontecer algo inesperado, de acontecerem em permanência coisas novas, de se conhecer pessoas novas a todos os instantes foram factos muito valorizados que o fazem relatar o Erasmus como uma experiência única. Para além disso refere que através do Erasmus conseguiu uma melhor percepção de si próprio, dos outros e do que deveria valorizar.

“Acima de tudo, aprendi muita coisa em termos de contacto humano e interacção com outras culturas. Aprende-se um bocadinho a beber de cada cultura em particular (...) o facto de estar num país estrangeiro, abre-me a minha cabeça para certas coisas, para a interpretação que dou a certas coisas e agora noto muito mais que dou mais valor a certos sítios, a certas pessoas, a certas situações de forma diferente...”

A sua identidade pessoal saiu reforçada do encontro com o “outro”. O cosmopolitismo existe, no sentido cultural (Hannerz, 1996) de procura do diferente, mas é também realizado na perspectiva da aprendizagem e construção de uma nova forma de estar e pensar (Delanty, 2009).

Em relação à sua vida amorosa e às expectativas que tinha para a estadia, Pedro pretendia acima de tudo não se envolver seriamente com ninguém.

“Não me queria comprometer tão cedo. E quando eu fui para Erasmus até foi um bocadinho nesse espírito, eu acima de tudo não queria encontrar ninguém de quem realmente gostasse, porque isso ia ser muito complicado, e efectivamente não encontrei. Conheci algumas pessoas com quem me dei bem, conheci outras pessoas com quem estive uma vez, e também o que eu queria era conhecer-me mais a mim mesmo. Eu não ia com grandes expectativas acerca do que ia acontecer, eu só sabia que queria ter uma experiência que mudasse a minha vida e que queria aproveitar todos os dias individualmente, fazer de cada dia um dia só! E nesse sentido eu não ia com intenções de me comprometer com ninguém a não ser comigo”.

O objectivo é viver intensamente o dia-a-dia e o compromisso não iria permitir a liberdade individual procurada. Queria alterar o seu percurso de vida, e portanto procurou intencionalmente um *turning point*. O único compromisso a que se propõe é consigo mesmo, no sentido de explorar a sua própria identidade e perceber quem é. O afecto, no sentido romântico, ou a relação mais íntima são vistos como limitadores do desenvolvimento pessoal durante o período Erasmus.

O facto de viver somente com colegas contribui para que pudesse explorar as suas vontades individuais no que toca à exploração da sexualidade.

“(...) Lá estava a viver na minha casa sozinho, não tinha que dar explicações a ninguém. O meu colega de quarto, também sabia que não me tinha que dar explicações a mim, estávamos os dois completamente à vontade, cada um tem a sua vida e fazem o que quiserem. E nesse sentido tinha liberdade para fazer mais o que... não tinha que pensar tanto nas coisas, podia fazer o que eu queria sem ter que estar a pensar muito.”

Viver sozinho, sem a vigilância parental, permite que a sexualidade possa ser explorada como se entende, sem necessidade de justificações ou julgamentos exteriores. A individualização da sexualidade está também associada ao aumento de autonomia por parte dos indivíduos (Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Policarpo, 2011:154). Pedro sente que a exploração da sua vida afectiva não era de forma alguma uma prioridade e o seu interesse estava focado noutra tipo de actividades. Portanto todos os envolvimento que desenvolveu foram pontuais e a casualidade foi procurada conscientemente, porque era isso que desejava. Os encontros desenvolvidos ocorreram em ambientes de festa ou por via de aplicações no telemóvel nas redes sociais.

“(...) comecei a dar muito mais valor a outras coisas e as relações não entraram muito nessa equação. Eram situações mais circunstanciais, em que conhecia uma pessoa, estávamos interessados, pronto acontecia alguma coisa e depois não voltava a acontecer.”

A vida sexual tornou-se "um pouco mais aventureira" durante o Erasmus. Tal é visto como positivo porque era a liberdade de se construir a si próprio e de explorar

todos os aspectos da sua personalidade que o tinham levado à partida e não a procura de uma relação. Pretendia não ser tão "consciente" do que fazia, no sentido de não se preocupar tanto com o que as suas acções pudessem representar. Queria escapar da visão previamente construída da sua identidade, baseada na percepção da sua rede social no país de origem. Pedro aproveitou, acima de tudo, o Erasmus para se descobrir e para saber o que pretendia para o seu futuro. Este foi um passo na criação da sua biografia "faça você-mesmo" (Beck, 1997). É o indivíduo, que dentro das suas possibilidades, reflecte e escolhe o seu próprio caminho.

Enquadra-se na prática de uma sexualidade cosmopolita exactamente pela vocação para a descoberta de novas experiências sexuais em contexto internacional. Assim, procurou intencionalmente encontros pontuais que aconteceram com indivíduos de nacionalidade diferente da sua, recusando a intimidade no sentido da *relação pura* (Giddens, 1997). A partilha de intimidade pressupõe esforço, dedicação e vulnerabilidade para com o outro, e na sua busca de identidade, Pedro prefere não gastar recursos ou energia nessa construção e investi-los somente em si próprio. A sexualidade desenvolvida também se reveste de características experimentais e o programa Erasmus é o espaço por excelência para a desenvolver.

"E não sei, não queria que o meu Erasmus fosse preenchido por uma nota negativa quando eu viesse embora. E também foi por isso que eu não me tentei comprometer com ninguém, nem queria, nem queria! O interesse estava mais em conhecer-me a mim em primeiro lugar, porque a partir do momento em que uma pessoa se conhece a si, pode-se dar a conhecer aos outros."

A perspectiva de investir tempo e dedicação numa relação que corre o risco de não poder ser continuada ou em que se vislumbram contrariedades, devido ao retorno ao país de origem, facilita a prática de uma sexualidade de contornos pontuais.

É possível verificar como o cosmopolitismo se encontra actualmente ligado à individualização e à construção de uma biografia reflexiva, nas seguintes palavras:

"Bom, eu sempre tive a fantasia de ir para o estrangeiro. Sempre tive muito essa fantasia. Aliás eu desde pequeno que pensava que eu queria ir para Nova Iorque e

casar com uma chinesa, isto é muito parvo, mas eu sempre pensei nisto durante muito tempo, era muito engraçado!”

Esta fantasia de infância ilustra o imaginário cosmopolita. Pedro desde cedo se imaginava como um cidadão do mundo, a viver em Nova Iorque que é a capital representativa por excelência do individualismo e do sistema neoliberal. Para além do mais, imaginava-se casado com alguém de outra nacionalidade, inclusive com características físicas diferentes da sua. Portanto o cosmopolitismo reflecte-se igualmente na perspectiva amorosa. A fantasia de infância incorpora elementos normativos como a relação heterossexual⁹ e o casamento e esses são vividos num ambiente cosmopolita em que o “outro”, diferente, faz parte da fantasia. Pode-se propor a hipótese que de alguma forma o cosmopolitismo se está a tornar intrínseco às instituições, aos comportamentos individuais e, logo, normativo. A procura de cosmopolitismo inscreve-se nas estruturas de organização social e institucionaliza-se. O Erasmus é um dos melhores exemplos, o facto de ser valorizado tanto por estudantes, como por empregadores¹⁰ pelas valências que pode trazer, fazem dele um instrumento do sistema vigente e, em última análise, da globalização¹¹.

⁹ Na fantasia de infância, antes do desenvolvimento identitário e sexual, a relação imaginada é aquela que corresponde ao ideal que a sociedade impõe, pode-se verificar como a heterossexualidade e o casamento são normativos (mono heteronormatividade).

¹⁰ Em relação à perspectiva por parte de empregadores não existem estudos exaustivos sobre empregabilidade dos estudantes que passam por uma experiência intencional e sobre a visão dos empregadores (King, 2010). De acordo com (Varghese 2008: 24; cit. em King, 2010) as vantagens de estudar no estrangeiro são superiores em países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos. No mercado europeu com o aumento da globalização e generalização deste percurso, o significado do Erasmus perde valor (Bracht *et al.*, 2006: xxii cit. em King, 2010). É importante referir que de acordo com o ESI (2014) 64% dos empregadores consideram importante ter uma experiência internacional no currículo.

¹¹ A mobilidade internacional estudante está associada ao processo de neoliberalização e privatização da educação (Mitchell, 1999; Mitchell, 2003; Lewis, 2005 cit. em Brooks e Waters, 2011).

JOÃO

João é um jovem de 21 anos, de orientação heterossexual, que realizou o Programa Erasmus em 2013. O país de acolhimento foi Itália e a estadia teve a duração de um semestre. João tinha primeiramente planeado fazer o Erasmus em conjunto com a namorada, como tal, ambos escolheram a mesma cidade. No entanto, antes da partida, a relação terminou. Ainda assim acabaram por fazer Erasmus em simultâneo, apesar de terem estado de relações cortadas durante grande parte da estadia.

As motivações que o levaram a Erasmus foram essencialmente pessoais e a questão académica não teve expressão enquanto factor de partida. De facto, João via o Erasmus como uma oportunidade para experimentar viver a dois, tornar-se mais independente e aprender a “desenrascar-se”. Apesar da vivência a dois não se ter concretizado, o Erasmus surge inicialmente como um projecto a dois, uma incursão na vida adulta, um passo que se esperava ser um teste na iniciação da vida conjugal. Neste caso a relação teve um papel facilitador na decisão de partida (Brooks e Waters, 2010). Devido ao término da relação, não foi possível pôr em prática a experiência imaginada a dois. João ainda pôs em causa se valeria a pena viajar após a ruptura, mas chegou à conclusão que seria importante fazê-lo. Pretendia “sair daqui como toda a gente” e “conhecer o estrangeiro”, assumindo que o desejo de experimentar o diferente está socialmente generalizado e pretendendo também conhecer outros países.

O projecto a dois acabou por se tornar num projecto a um, e logo as expectativas amorosas/sexuais mudaram. Assim, João que tina iniciado a sua vida sexual com a ex-namorada, esperava relacionar-se com outras raparigas, desejo que se concretizou uma vez que teve vários envolvimento, apesar de somente dois terem sido definidos como sexuais.

“Estive, sexualmente, com a minha namorada e com outra rapariga francesa que estava lá. Depois entretanto também estive com outras raparigas, só que nunca foi sexualmente. Foi só andarmos aos beijos durante uns dias e depois acabava-se”.

As relações desenvolvidas nem sempre chegaram a actos que tenha considerado sexuais. Ainda assim existiu uma multiplicidade de envolvimento, de carácter pontual. As circunstâncias em que estes eventos ocorreram foram semelhantes:

“Porque é aquela cena, tu estás em Erasmus, vais sair e acabas sempre por conhecer gente nova e funciona um bocado assim, depois com umas começas a conversar mais, e acabam por se relacionar ou porque estão bêbados ou porque sentem mesmo a cena e pronto acaba por acontecer assim.”

A entrada em contacto com muitas pessoas diferentes em ambiente de festa acaba por ser ponto de partida para o envolvimento. O consumo de álcool, frequentemente associado ao encontro sexual casual (Leigh & Schafer, 1993 citado em Grello, Welsh, Harper, 2006; Ribeiro e Fernandes, 2009), devido ao seu efeito desinibidor, acaba por facilitar e promover estes encontros. João refere que os envolvimento se dão tanto por estarem “bêbados”, como por sentirem “mesmo a cena”, portanto não é necessário que se sinta mesmo algo, o facto de estar num ambiente propício ao encontro casual e tendo consumido álcool faz com que este surja com relativa facilidade. No fundo, existe uma antecipação do envolvimento sexual/afectivo, uma vez que este já é esperado em determinados contextos. Mas mais uma vez o encontro é ocasional e não tem como objectivo a procura de uma relação duradoura, de uma *relação pura*. Inscreve-se nas premissas do amor líquido (Bauman, 2003). Numa das suas relações, indica que a *“rapariga parecia que queria uma coisa séria”* e, como tal, acabou por afastar-se, pois o seu objectivo não era construir nenhum laço mais profundo. O João enquadra-se na experiência de uma sexualidade cosmopolita, porque ainda que nem todas as experiências tenham tido carácter sexual, a maioria dos envolvimento físicos foram realizados com pessoas de diferentes nacionalidades, de forma ocasional, e num sentido experimental em contexto internacional. Existe activamente a procura de divertimento, aventura e excitação (Water e Brooks, 2010; Bagnoli, 2009) durante a estadia e esta busca reflecte-se nas práticas sexuais e amorosas.

“Sim, o modo, a cultura das pessoas também influencia um bocado isso. E é um bocado diferente estar a relacionar-me com portuguesas do que estar-me a relacionar

com estrangeiras. É um bocado difícil de explicar, porque vai muito da cultura e é um bocado parvo dizer, mas pode parecer até mais fácil relacionar com estrangeiras do que com portuguesas e não é só a minha opinião, porque uma vez um sueco disse-me também que as portuguesas eram as mais difíceis”.

Os estereótipos sexuais encontram-se presentes no discurso, as portuguesas são consideradas “difíceis” em contraposição com uma predisposição de outras nacionalidades para o envolvimento sexual. As atitudes face à exploração da sexualidade são associadas à nacionalidade dos indivíduos e à cultura de onde provêm.

Apesar de ter passado por uma fase de experimentação, no fim da estadia a relação com a ex-namorada acabou por ser reatada. João diz ter tentado resistir, pois não pretendia estar novamente com a ex-namorada durante o período Erasmus, mas acabou por ser com ela que desenvolveu um maior relacionamento, e acabaram por ir viajar em conjunto após o Erasmus. Portanto, apesar da fase de experimentação amorosa/sexual, a relação construída anteriormente e na qual existia maior intimidade acabou por se sobrepor à procura de libertação.

No caso de João, as dimensões afectivas e sexuais estiveram na origem da partida para Erasmus, inicialmente, imaginado como experiência a dois. Posteriormente, acaba por viver o Erasmus como um período de libertação e experimentação, que termina com o retorno à relação original. A dimensão amorosa teve um papel decisivo na partida e a experimentação da sexualidade foi desenvolvida durante o Erasmus.

MIGUEL

Miguel é um estudante com 23 anos e de orientação homossexual. O período Erasmus foi realizado na Alemanha durante sensivelmente seis meses. Antes de partir para Erasmus tinha uma relação, que não considerava saudável, devido a sucessivas infidelidades e à falta de confiança que sentia no parceiro da época. A relação manteve-se à distância e acabou por terminar dois meses após o fim do Erasmus.

Durante o período Erasmus, Miguel sentiu que não tinha nenhum dever de fidelidade para com o seu parceiro, visto que este lhe era infiel continuamente, e o Erasmus aparecia como uma oportunidade para terminar uma relação que considerava prejudicial a si mesmo.

No que diz respeito às expectativas em relação à sua vida afectiva/sexual antes de ir para Erasmus, Miguel indica que:

“Imaginava que ia acontecer uma libertação, porque cá eu tinha uma relação, sentia que a relação não era muito saudável e sentia que precisava de me libertar dessa relação e achava que o Erasmus me ia ajudar e de facto ajudou.”

No caso de Miguel é possível observar de que modo o programa Erasmus é em si mesmo um *turning point* voluntário, como este se pode apresentar como uma tentativa de fuga do presente na procura de um futuro diferente. No campo emocional esta fuga pode-se apresentar como um dos motivos para realizar a migração. Está presente a ideia de liberdade, o indivíduo procura um espaço temporal e espacial onde considera poder ser verdadeiramente livre de forma a poder construir-se a si mesmo, sem os constrangimentos sociais que as redes de contacto no país de origem acarretam.

Relativamente ao à sua vida afectiva e sexual durante o período Erasmus, Miguel indica que:

“Bom, quando cheguei lá foi relativamente descontrolado, foi uma situação que como era uma novidade e como eu estava com esse espírito de liberdade, sinto que me envolvi com muitas pessoas, num curto espaço de tempo (...) Se bem que durante o período Erasmus tem-se sempre a noção que aquilo é uma coisa passageira, portanto nunca se tem aquela sensação de “eu posso construir uma relação com alguma dessas pessoas!” Será sempre um envolvimento emocional contido. Porque nunca pretendi ultrapassar aquele limite e sempre tive medo de o ultrapassar e ao mesmo tempo quis que continuasse a existir, porque sinto que necessitava e sinto que tinha vontade de viver aquilo com aquelas pessoas que estavam a viver o mesmo que eu e que não queriam ultrapassar aqueles limites e que ao mesmo tempo se queriam envolver com outras pessoas.”

As primeiras experiências revestiram-se de um carácter pontual, sem que existisse continuidade no desenvolvimento dos relacionamentos. E posteriormente é relatado que existe um aprofundar de relações, mas no entanto, a própria ideia de continuidade foi rejeitada conscientemente. Existe uma procura efectiva do “outro”, mas numa perspectiva experimental, mais uma vez, tendo a ideia de liberdade como o factor motivacional. O compromisso torna-se indesejável, pois tal seria impor um limite à libertação procurada. A sexualidade é ocasional e tem como propósito a experiência e o prazer sexual em si próprio, características da sexualidade plástica e líquida (Giddens,1996; Bauman,2003). Não existe inicialmente procura de *relação pura*, nem vontade de partilha emocional, no entanto, mais tarde essa procura intensifica-se com outros parceiros já considerados amigos. Ainda assim o período Erasmus surge como um período onde o ideal será não desenvolver relações íntimas demasiado intensas, pois a construção necessária para que estas resultem será sempre difícil devido à ruptura anunciada com o retorno ao país de origem.

Durante o início do Erasmus, Miguel ficou hospedado num *hostel* por algum tempo onde relata que:

“O hostel era mais complicado, como era muita gente sempre a entrar e sair as pessoas também estavam nessa postura de liberdade, e de isto é uma vez só e temos que disfrutar ao máximo. Pronto, no hostel é que as situações começaram acontecer com mais frequência (...)”

A ideia de liberdade e fugacidade voltam a estar presentes, o que nos remete para o Programa Erasmus como um instrumento de procura de aventura e excitação referido por Water e Brooks (2010). Disfrutar ao máximo significa experimentar tudo quanto possível, ter contacto com a maior diversidade de situações e de pessoas, ou seja, consumir o “outro” (Hall, 1996; Bauman, 2003) e viver a vida sexual e amorosa de uma forma intensa. O Erasmus surge como o palco onde é imperativo experimentar tudo, inclusive, institucionalmente é esse o seu propósito, facilitando experiências que ajudem à reflexão e construção do *self*. A procura da diferença acontece a todos os níveis da experiência individual, o cosmopolitismo inscreve-se também na dimensão afectiva e sexual. É nesse sentido que se desenvolve aqui o conceito de sexualidade cosmopolita. Esta, parte da sexualidade ocasional, mas para além de ter como

característica a pontualidade, incorpora a procura do outro, do “diferente”. No caso do Miguel, as relações foram desenvolvidas com pessoas de diversas nacionalidades e em contexto internacional. Relativamente às alterações que se deram, comparando a vivência afectiva e sexual antes e durante o Erasmus, Miguel diz que:

“Claro que existiram, não é? Antes do período eu não me envolvi com tanta gente num tão curto espaço do tempo como no período Erasmus. Porque no fundo quando se está no período Erasmus sente-se que é um período isolado e que tem ser vivido com a máxima intensidade e que não se pode desperdiçar experiências e que tem de acontecer tudo ali porque é agora ou nunca! Pronto, e antes isso não acontecia, antes eu vivia a minha vida mais tranquilamente.”

Existe uma alteração nos comportamentos devido à forma como, conscientemente, se olha para este período como um janela que vai permitir experimentar outras realidades com outras pessoas. Além do mais é um período que serve para o indivíduo explorar as suas vontades individuais, potenciando a realização de desejos anteriores. No caso específico de Miguel a migração acaba por reflexivamente ser a forma como este se tenta libertar da dependência que sente com o seu parceiro actual. Enquadra-se na sexualidade cosmopolita, visto existir uma procura efectiva de casos e envolvimento diversificados, com pessoas de diferentes nacionalidades e onde a experimentação e a liberdade emergem como o motor principal para as práticas realizadas. Ainda assim, reflecte também características de uma sexualidade de escape, pois parte do seu comportamento está ligado à tentativa de romper com o seu parceiro da época.

CAPÍTULO V: AMOR E SEXUALIDADE NO PROGRAMA ERASMUS

Após a análise das entrevistas, parte-se agora para as considerações finais em relação ao proposto nesta investigação. Na análise dos dados surgiram quatro ideais-tipo: Sexualidade Ausente, Sexualidade Suspensa, Sexualidade de Escape e Sexualidade Cosmopolita. Estas categorias da análise, como referido, não são estanques e servem para decodificar as práticas dos entrevistados, revelando também as representações que desenvolvem no seu percurso da migração.

Relativamente à Sexualidade Ausente, na qual se tomou em consideração a ausência de práticas sexuais, surgem dois motivos principais: as condutas individuais e representações face à sexualidade e a relação que se tem com o próprio corpo. No caso de Susana, o Erasmus não veio alterar a sua realidade, o padrão desenvolvido antes da saída mantêm-se e não existiu qualquer exploração desses desejos ou muita reflexão sobre os mesmos. No caso de Rita, esses motivos ligam-se às suas percepções sobre as condutas sexuais e afectivas e também à relação com o seu corpo. De facto encontrava-se apaixonada e apesar de não estar numa relação, essa questão foi apontada como uma das razões para não ter qualquer envolvimento, acabando também por integrar elementos da Sexualidade Suspensa. Em nenhum dos casos, a dimensão sexual surge como central na migração, como factor motivador, nem no processo de construção individual reflexivo. Por razões diferentes, a sexualidade não tem expressão, não adquire particularmente algum significado e não existe grande reflexividade sobre a mesma.

Na Sexualidade Suspensa incorporaram-se os casos que tinham uma relação a decorrer antes da partida para Erasmus e que, devido à noção de exclusividade e fidelidade, não tiveram qualquer envolvimento físico. Esta suspensão das actividades sexuais não só aconteceu em relação aos outros, como também com o próprio parceiro (exceptuando casos de visita). A sexualidade não assumiu outras formas de se expressar, nomeadamente via internet. O erotismo é suprimido da relação e existe um maior foco na dimensão afectiva. Nestes casos, a distância foi assumida como a grande

dificuldade a ultrapassar. Em relação a Joana a dimensão sexual é diminuída, fica suspensa até ao retorno, o foco é dado à cumplicidade e à construção da relação. Joana tinha iniciado a sua vida sexual activa recentemente com o namorado e na construção da relação em Erasmus o elemento sexual desaparece por completo. O ênfase é dado à construção (Giddens, 1996; Torres, 2004) e ao companheirismo e em relação à sexualidade não existe um discurso reflexivo muito alargado. Carolina, por sua vez, viu a sua relação ficar mais instável e reflecte sobre as complicações pela qual a sua relação passou e ainda sobre as dificuldades em controlar os seus impulsos sexuais e emoções. Carolina acaba por ter um discurso muito reflexivo sobre toda a situação. Quanto ao seu percurso sexual ainda que, a maioria dos seus envolvimento tivessem sido em contexto relacional, iniciou a sua vida sexual há já algum tempo.

É importante salientar o facto de que quase todas as mulheres entrevistadas, antes ou no decorrer da entrevista, se desculparam pelo facto de não ter muito para contar a nível sexual. Ou seja, existe a ideia de que essa experimentação era devida e esperada e o facto de não terem tido práticas que correspondessem ao imaginário Erasmus faz com que estivessem de alguma forma em falha. Uma das participantes (Marta) tem um discurso representativo em relação a esta questão. Marta tem 30 anos e já fez o seu Erasmus há algum tempo, este foi um período em que se sentiu livre de pressões familiares, descontraída e que assumiu bastante importância no seu desenvolvimento pessoal. Tem um discurso muito reflexivo em relação à sua experiência e aos seus comportamentos afectivo-sexuais. Partiu para Erasmus sabendo que existia a possibilidade de explorar um pouco mais a sua vida sexual e amorosa, no entanto devido à temporalidade do Erasmus, aos seus valores e educação, sente que não faz parte do seu carácter envolver-se com pessoas de forma ocasional. Ainda assim durante a estadia, desenvolveu envolvimento amoroso e um físico que definiu como “curte”, situação que indica ter acontecido por estar em Erasmus *“E mesmo assim aquilo que eu fiz, de estar a beijar um rapaz que eu não conheço de lado nenhum, que não é amigo, não é nada, para mim também foi um bocado estranho, mas pronto na altura...pronto lá está, foi o pouquinho que eu tive, se calhar, dessa coisa que dizem das festas de Erasmus, que as pessoas ficam mais predispostas para isso”*. Marta acabou por explorar um pouco mais as suas vontades individuais, dentro

dos limites que considera confortáveis e correctos para si. Interroga-se igualmente sobre a origem e validade das suas condutas *“sou um bocado específica nesse aspecto, ou pelo menos tenho esta noção, não há muitas mulheres que pensem assim, se calhar estou a perder algumas coisas, não sei, não aproveito ou assim (...) quando tu vais para a cama com alguém só por ir, só por ir não, só para teres prazer meramente físico, é isso é explorares o físico, não acho nada mau, nem pensar! Outra coisa é, eu não sei se sou capaz de estar assim numa noite, sentir uma atracção física e bora lá, acho que não me consigo ver nesse género (...) mas também penso nisso, se não deveria explorar um bocado isso, mas também vou o quê? Esforçar-me a fazer essas coisas, também acho um bocado estúpido.”*

Podemos ver como a nível de representação a liberdade sexual feminina é valorizada e, inclusive, é vista como a norma, como o que as outras mulheres fazem e é suposto fazer, mas as práticas não revelam essas mesmas ideias. A ideia generalizada ao falar com os participantes que não tiveram práticas sexuais, é que o Erasmus para os outros estudantes (que não eles próprios) é um período de grande experimentação sexual e que a ausência de actividade sexual é a excepção. Nos casos de estudo que se apresentam aqui não é essa a realidade, pelo menos no campo feminino.

A Sexualidade de Escape integrou dois casos de mulheres que tinham passado pelo fim de uma relação recentemente. Em ambos os casos pensavam ir ter mais encontros casuais e envolvimento pouco profundos de forma a esquecer o passado. No entanto, acabaram por desenvolver somente um encontro e ambas o desvalorizaram, tendo Teresa mostra mesmo algum arrependimento. Sentimentos como depressão após encontros casuais e fim de relacionamentos estão mais associados ao género feminino (Grello, Welsh, Harper, 2003). Existem também indicações de que as mulheres mais facilmente iniciam encontros sexuais de carácter casual, se acreditarem que este pode levar ao início de um novo romance (Impett & Peplau, 2003 cit. Grello, Welsh, Harper, 2006). Nos casos estudados tal não se verifica, o sexo é instrumentalizado como o início de outro percurso distanciado do passado emocional, mas não existe o objectivo de iniciar uma nova relação. Pelo contrário, esse objectivo fica reservado para o futuro, o principal volta a ser estar sozinho, estudar, viajar, procurar construir o *self*. As participantes enquadradas na Sexualidade de

Escape são do género feminino e tinham ambas um passado histórico sexual muito activo que foi interrompido durante o Erasmus, ou seja, existiu uma pausa no padrão de comportamento anterior. São jovens com uma idade mais avançada e um percurso sexual mais intenso se comparadas com as mulheres pertencentes à Sexualidade Ausente e Suspensa. Ambas apresentam um discurso muito reflexivo, o que valida as conclusões de Policarpo (2011) sobre o aumento de experiências sexuais plurais associado à individualização. Nestes casos, ao contrário do que acontece na Sexualidade Ausente e Suspensa, o encontro sexual no percurso de vida não esteve sempre associado à presença de uma relação. No entanto, devido ao facto de terem terminado relações importantes anteriormente, acabam por se encontrar num momento emocional mais vulnerável. De acordo com Grello, Welsh, Harper (2006) a vulnerabilidade emocional nas mulheres está associada a um aumento de encontros sexuais casuais. É importante ressaltar que dois dos casos integrados na sexualidade cosmopolita referiram-se ao período Erasmus como uma forma de ultrapassar um relacionamento. Pedro antes de partir tinha terminado uma relação há cerca de seis meses e Miguel tentava encontrar uma forma de sair do relacionamento que considerava nefasto. Ainda que não apareçam como motivos principais das práticas sexuais tendo estas um carácter primordial de exploração do *self* em contexto internacional, o afecto não se encontra ausente dos seus discursos como factor contributivo para a realização do Erasmus e para as práticas sexuais desenvolvidas.

No que diz respeito à Sexualidade Cosmopolita pode-se constatar que enquanto prática se encontra nos sujeitos com representações discursivas maioritariamente ligadas à libertação e ao projecto de construção individual. A sexualidade é vivida no imediato, pela experiência em si e na procura do prazer, de forma hedonista (Bauman, 2003). É vivida de forma mais livre e despreocupada devido a não existirem constrangimentos sociais e, acima de tudo, incorpora a “experimentação do outro”. Essa experimentação passa pelo consumo de contactos de carácter sexual ou físico com indivíduos com quem se interage no contexto internacional, com pessoas de diferentes nacionalidades. Os casos que se enquadram na sexualidade cosmopolita são compostos por homens dois dos quais de orientação homossexual. De acordo com a literatura parece existir uma maior propensão para o

encontro casual em homens heterossexuais do que em mulheres (Buss, 1988; Hill, 2002 cit. em Grello, Welsh, Harper, 2006; Antunes, 2003; Alferes, 1997; Reis e Matos, 2008; Ribeiro e Fernandes, 2009; Policarpo, 2011). E esses contactos parecem ganhar ainda mais expressão entre homens homossexuais (Reinish e Beasley, 1993:143 cit. em Giddens, 1997). Nesta investigação, visto o seu carácter exploratório e não demonstrativo (ou seja, a inexistência de uma amostra representativa), não se pretende assumir que estas linhas de conduta se reflectem devido a questões de género ou orientação sexual. No entanto, estes são pontos que devem ser de futuro aprofundados. O que nos interessa em particular é a forma como o cosmopolitismo se reflecte nas práticas sexuais, estando estas ligadas a representações de liberdade, experimentação sexual em contexto internacional e construção reflexiva da biografia individual no processo de individualização (Giddens, 1997; Bagnoli, 2009; Policarpo, 2011). A casualidade dos encontros, naqueles que se enquadram na sexualidade cosmopolita, parece também aumentar quando se está em contexto internacional em contraste com os padrões anteriores em ambiente nacional, assim como a reflexividade sobre estes. Esta situação está, mais uma vez de acordo com a hipótese de Policarpo (2011) sobre a individualização e as experiências sexuais plurais se associarem entre si, Quanto mais os indivíduos incorporam uma conduta moderna na construção da sua biografia maior será a experimentação e reflexão sobre as suas práticas sexuais, ao mesmo tempo, indivíduos com uma história sexual plural tendem a ter um discurso mais reflexivo demonstrando sinais de individualização. A experiência sexual dos indivíduos tem origem no sistema social em que este está inserido e nas suas condutas individuais (Policarpo, 2011:07).

As representações cosmopolitas estão presentes em quase todos os entrevistados, mas as práticas são no masculino (Buss, 1988; Hill, 2002 cit. em Grello, Welsh, Harper, 2006; Antunes, 2003; Alferes, 1997; Reis e Matos, 2008; Policarpo, 2011). A nível de representações a sexualidade cosmopolita foi validada, por ambos os géneros, mesmo quando as práticas não o demonstraram. No campo das representações, Teresa, por exemplo, acaba por ter ideias sobre o período Erasmus que integram elementos cosmopolitas, no sentido em que imaginava *“uma vida muito apaixonante com os mais variados amantes italianos”* ou Marta que diz *“ aliás, ir para*

Erasmus incentiva também um bocado isso, pelas festas, pela aquela vontade de conhecer novas pessoas e acabas também por te entusiasmar de várias outras formas”, mas as práticas acabam por não corresponder ao imaginário. Por esta razão é importante investigar futuramente qual a importância do género e da orientação sexual para a prática de uma sexualidade cosmopolita, assim como todo o percurso sexual dos indivíduos. A generalidade dos participantes imagina o Erasmus como um período ligado à descoberta e exploração sexual, onde todos *“andam à procura do mesmo”*. No entanto, a nível de práticas apresentam-se situações distintas. A maioria das mulheres não teve envolvimento de carácter sexual e quando existiram não foram múltiplos, as relações anteriores (continuadas no Erasmus ou não) assumiram o papel principal na sua vida amorosa.

De acordo com os dados reportados, quando existem práticas sexuais no período Erasmus, estas parecem revestir-se essencialmente de um carácter causal, ocasional. Ainda assim é importante ressaltar que, pelo facto de não existir nenhum ideal-tipo definido que tenha construído uma relação com alguém que conheceu durante o Erasmus, isso não significa que esta situação não aconteça. Como se indicou no primeiro capítulo, os dados do ESI (2014) indicam que 27% dos entrevistados tem uma relação actual com um parceiro que conheceu durante a realização do programa Erasmus, falta verificar se esta percentagem é semelhante em relação à população portuguesa. De facto, um dos participantes (Hugo) construiu uma relação durante o decorrer do Erasmus, no entanto a relação foi construída com uma pessoa que tinha conhecido uma semana antes de partir, em contexto nacional. Desenvolveram a relação via internet. No início do Erasmus, teve um envolvimento casual, durante cerca de uma semana, mas optou por não se envolver com mais ninguém, apesar de não estar ainda comprometido. Existiu inicialmente uma experimentação, mas posteriormente a sexualidade ficou suspensa, por opção pessoal devido à presença de um sentimento de afecto crescente correspondido. Não existia qualquer tipo de compromisso ou acordo, a opção foi individual e prendeu-se aos modos de conduta que considerou correctos. Apesar de na maioria dos casos retratados o Erasmus se apresentar como uma dificuldade às relações pré-existentes, e onde as relações vividas na estadia não tem continuidade, não significa que o reverso não aconteça. O

programa Erasmus juntamente com outros programas de mobilidade tem contribuído para a criação de um novo “grupo social europeu” ligado por estilos de vida e valores semelhantes, originando o que Gaspar (2008,2009) define como “casamentos homogâmicos intra-europeus”, visto que os indivíduos tendem a casar com outros com que partilham os seus valores e estatuto social económico (Gaspar,2008:13)

Nos casos em que existiram práticas sexuais a maioria teve características de pontualidade e de fuga ao compromisso (Bauman, 2003). No entanto, as razões para essa procura distinguem-se, para uns na importância dada à qualidade de liberdade e experimentação, e para outros à fuga do passado emocional. A migração traz consigo a ideia de possibilidades infinitas, reinvenção e exploração de quem se é. A autodescoberta é o elemento fundamental que conecta todos os casos independentemente das suas práticas. E esse elemento de autodescoberta reflecte-se nas práticas e nas representações sexuais e amorosas. Com a individualização, a juventude é vista como o período de construção do *self* por excelência (Murphy-Lejeune, 2002). É nesta altura que o indivíduo é forçado a fazer escolhas determinantes para o futuro, mas é também nesta altura que é aconselhado a experimentar, a procurar a sua identidade, a saber quem é e o que necessita para atingir a felicidade, objectivo máximo da modernidade.

Na procura da sua própria identidade, a sexualidade e a vida amorosa são partes fundamentais e são afectadas pelo processo de individualização. Por um lado, temos os casos que não desenvolveram qualquer prática sexual (Ausente e Suspensa) em que o amor-romântico e amor-construção assumem maior expressão; e que incidem, sobretudo, no género feminino. A história sexual estava a ser iniciada e os encontros sexuais estiveram maioritariamente associados à presença de uma relação (Policarpo, 2011). Por outro lado, na maioria dos casos retratados em que existiram práticas sexuais (Escape e Cosmopolita), parece que as ideias de liberdade e autodescoberta não se coadunam com a ideia de intimidade ou até amor romântico ou confluyente, pelo menos, durante Erasmus (Giddens, 1996). A importância é dada a si próprio. Na sua construção individual, o encontro sexual casual é visto como um meio privilegiado de descoberta da própria identidade ou como instrumento de fuga de relações anteriores. A sexualidade tem um carácter individualista, e já não é somente

um meio para criar intimidade ou construir uma relação, é essencialmente um aspecto da vida social que é necessário explorar para se procurar quem se é e ajudar essa construção, ou seja, é instrumental. O amor, o afecto, a ligação mais profunda com o outro fica remetido para segundo plano na busca da individualidade. O sexo surge como canal preferencial de desenvolvimento individual, visto que a intimidade necessária à construção de uma relação traz limitações e, em última análise, dor no momento da separação. Por ser um período limitado no tempo e num espaço em particular, o Erasmus acaba por transpor essas mesmas limitações para as dimensões afectivas e sexuais. A própria institucionalização do Erasmus não está desligada da percepção que se tem sobre o mesmo, o Erasmus serve para descobrir, conhecer, explorar, investigar e aumentar as possibilidades individuais e a sexualidade é um dos aspectos a ser revelado e explorado no mesmo. De facto, a procura de experiências variadas pode ser vista numa perspectiva de consumo, não se pretende consumir somente coisas, mas sim experiências, situações, pessoas (Bauman, 2003). O Erasmus torna-se assim um símbolo de cosmopolitismo, de individualismo e da sociedade moderna de consumo.

Pode-se concluir que as condutas de acção individual e as formas como estas se expressam nas práticas e representações afectivo-sexuais estão associadas ao processo de individualização (Policarpo, 2011), e que as vivências cosmopolitas aumentam igualmente este processo. Existem expressões de práticas e representações diferenciadas, mas que se cruzam entre si. Se para alguns a sexualidade é enquadrada nas práticas de amor-romântico e amor-construção, outros apresentam práticas que se ligam ao amor líquido. O que é notório é que a representação da sexualidade no Erasmus é maioritariamente líquida para todos, o Erasmus representa em grande parte o sítio ideal para um comportamento sexual inscrito na modernidade líquida (Bauman, 2003), ainda que as práticas demonstrem várias formas de construir a dimensão afectiva e sexual. Por outro lado, por existir reflexão e possibilidade de escolha, tal não significa que o amor líquido seja a principal forma de estar entre os jovens, as condutas individuais multiplicam-se e diversificam-se. Não se trata de pôr em confronto amor-romântico vs. confluyente ou confluyente vs. líquido, nem se trata de práticas passadas ou futuras, todas as hipóteses de viver o amor e a sexualidade na

modernidade são válidas, visto que a própria reflexividade individual permite ao indivíduo escolher, rever o seu caminho e optar por o que crê ser conveniente na construção da sua biografia (Beck, 1997; Giddens, 1996). Em determinados momentos da trajectória individual pode ocorrer uma maior experimentação, mas isso não significa que posteriormente não exista uma idealização do amor-romântico, confluyente e vice-versa. O que parece existir é uma fusão dos diferentes modos de viver e representar a sexualidade e o amor, todas coexistem e prendem-se, de facto, às condutas individuais. O Erasmus, por ser um período livre de pressões familiares e sociais, vem potenciar as vontades individuais e é sem dúvida, um período no tempo determinante na construção da identidade, afectando a vida afectiva e sexual dos indivíduos.

CONCLUSÃO

O propósito desta investigação foi explorar as práticas e representações sexuais de jovens estudantes, migrantes de curta duração no Programa Erasmus. Pretendia-se analisar de que modo é vivido o Erasmus e como é que este período se reflecte na biografia dos indivíduos. Acima de tudo, compreender até que ponto a dimensão amorosa e sexual assume importância no percurso de vida e mais especificamente na migração. É importante salientar, mais uma vez, o carácter exploratório e não representativo dos dados. A análise foi qualitativa e não se pretendeu, em nenhum momento, generalizar os resultados. O objectivo foi criar pistas para investigações futuras que possam ter um espectro mais alargado.

O Erasmus foi definido como um *turning point* voluntário e a autodescoberta, a procura de cosmopolitismo e a procura de capital social e cultural diferenciado surgiram como os principais motivos para a partida. Para a análise das representações e práticas sexuais e afectivas foram criados quatro ideais-tipo - Sexualidade Ausente, Suspensa, Escape e Cosmopolita - que permitiram explorar a forma como as diversas concepções de amor e as práticas sexuais são construídas no Erasmus. Em relação às representações o Erasmus surgiu, para a maioria dos participantes, como um espaço privilegiado para exercer uma sexualidade experimental e ocasional, ou seja, inscrita no amor líquido (Bauman, 2003). Esta é uma representação associada, maioritariamente, ao comportamento dos “outros”, o percurso individual revela práticas diferenciadas. As práticas multiplicaram-se e surgiram diversas formas de explorar a sexualidade e o amor. Por ser um período limitado onde a exploração do *self* é o principal objectivo, o Erasmus pode facilitar um aumento de experiências a nível sexual, mas essa exploração está dependente das condutas individuais (Policarpo, 2011). Tendo-se verificado uma multiplicidade de práticas e representações, concepções românticas, confluentes e líquidas do amor e sexualidade que se intersectam, é necessário um estudo mais alargado e de carácter quantitativo de

forma a verificar tendências comportamentais representativas com base no género e orientação sexual.

A nível qualitativo, é importante explorar noutros contextos a validade dos ideais-tipo construídos e verificar outros percursos que possam ter importância. Os estudos de caso que aqui se apresentam são compostos por estudantes ou ex-estudantes do ensino superior da área da grande Lisboa, maioritariamente de ciências sociais e humanas. Importa no futuro verificar se existem diferenças entre estudantes de áreas científicas diferenciadas e comparar percursos sexuais e amorosos entre estudantes Erasmus e estudantes que não tenham participado em qualquer programa de mobilidade. Acima de tudo, validar numa pesquisa de carácter extensivo as diferenças entre práticas e representações de indivíduos com origens socioeconómicas díspares (classe alta, média e baixa), origens étnicas diferenciadas, e socialização maioritariamente rural ou urbana. Será importante compreender igualmente o papel que a religião, ou a socialização dentro de uma rede social religiosa, pode assumir nas práticas e representações.

Este trabalho permitiu iniciar a investigação em Portugal sobre o estudo da sexualidade e dos afectos durante a realização de um programa de mobilidade no ensino superior. A investigação sobre mobilidade estudantil a nível internacional tem já alguma expressão, e é necessário que no contexto nacional se investigue o impacto social que estas movimentações representam, até porque estão claramente associadas ao processo de globalização crescente e são criadoras de novas dinâmicas migratórias, socioeconómicas e identitárias.

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, A. (2008), "Can ERASMUS mobility really help crossing borders? the in and out of a case-study", SPACE, Higher Education Press, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.22/2812> (último acesso a 8 de Out.2014).
- Alferes, V.A.R. (1997), "Encenação e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade", Porto: Edições Afrontamento.
- Alferes, V.R. (1999), "Escala de atitudes sexuais", In M.R. Simões, M.M. Gonçalves & L.A. Almeida (Eds.), Testes e provas psicológicas em Portugal (Vol 2, pp. 131-148), Braga:SHO/APPORT.
- Alvarez, M.J. & Nogueira, J. (2008), "Definições sexuais de estudantes universitários", *Psicologia* [online], 2008, vol.22, n.1, pp. 59-76, disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a03.pdf> (último acesso a 10 de Out.2014).
- Antunes, M.T. (2003), "Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes do Ensino Superior", Universidade da Extremadura, Badajoz.
- Appadurai, A. (1996), "Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization", University of Minnesota Press.
- Bagnoli, A. (2009), "An Introspective Journey", *European Societies*, 11:3, pp.325-345.
- Bauman, Z. (2001), "Modernidade Líquida", Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2003), "Liquid Love: on the frailty of human bonds", Cambridge, Polity Press.
- Beck, U. (1992), "Risk Society: Towards a New Modernity", London: Sage.
- Beck, U. & Beck-Gernsheim. E. (2002), "Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences", Sage, London, England, pp. 221.

- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (1997), "Modernização reflexiva", São Paulo: Editora da Unesp.
- Boyle, P., Halfacree, K. & Robinson, V. (1998), "Exploring Contemporary Migration", London: Longman.
- Bourdieu, P. (1986), "The forms of capital", in J.G. Richardson (ed.) Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education, New York: Greenwood Press, pp.241-258.
- Brooks R, Waters J. (2009) "International higher education and the mobility of UK students". Sage Journal of Research in International Education, 8 (2), pp. 191-209.
- Brooks, R. & Waters, J. (2010) "Social networks and educational mobility: the experiences of UK students", Globalisation, Societies and Education, 8:1, pp. 143-157.
- Cardoso, J.L., Escária, V., Ferreira, V.S., Madruga, P., Raimundo, A. & Varanda, M. (2012), "Empregabilidade e ensino superior em Portugal", Lisboa: A3ES, <http://hdl.handle.net/10451/7888> (último acesso a 8 de Out.2014).
- Carlson, S. (2011), "Just a Matter of Choice? Student Mobility as a Social and Biographical Process", working paper nº68, Sussex Centre for Migration Research, University Of Sussex, Berlin.
- Carneiro, M.J. & Malta, P. (2007), "The higher education students' tourism market: the role of Portugal in international mobility flows", Revista Turismo & Desenvolvimento, 7-8, pp. 241-253.
- Coutinho, C.P. (2004), "Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática", Coimbra, Edições Almedina S.A.
- Delanty, G. (2009), "The Cosmopolitan Imagination", New York, Cambridge University Press.
- European Comission (2014), disponível em http://ec.europa.eu/education/tools/statistics_en.htm (último acesso a 14 de Out.2014)

- Favell, A. (2008), "Eurostars and Eurocities. Free Movement and Mobility in an Integrating Europe", Oxford, Blackwell.
- Foucault, M. (1988), "História da Sexualidade I: A vontade de saber", tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Gaspar, S. (2012), "Patterns of bi-national couples across five EU countries", Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Gaspar, S. (2009), "Mixed marriages between European free movers", CIES e-Working Paper N.º 65/2009, Lisboa, CIES-ISCTE.
- Gaspar, S. (2008), "Towards a definition of European intra-marriage as a new social phenomenon", CIES e-Working Paper, nº 46/2008, Lisboa, CIES-ISCTE.
- Gaspar, S. & Haro, F.A. de (2011), "Reflexões e paradoxos sobre a identidade e a mobilidade europeias", in Revista Migrações, Abril 2011, n.º 8, Lisboa: ACIDI, pp.9-26.
- Gaspar, T., Matos, M.G., Gonçalves, A., Ferreira, M. & Linhares, F. (2006), "Comportamentos sexuais, conhecimentos e atitudes face ao VIH/Sida em adolescentes migrantes", Psic., Saúde & Doenças, Lisboa, v. 7, n. 2, disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862006000200011&lng=pt&nrm=iso, (último acesso a 10 Out. 2014).
- Giddens, A. (1996), "Transformações da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas", Celta Editora, Oeiras.
- Gomes, A. (2008), "Comportamentos sexuais de risco: um estudo com estudantes universitários", Dissertação de mestrado, Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/283>, (último acesso a 11 Out. 2014).
- Grello, C.M., Welsh, D.P., Dickson, J.W., & Harper, M.S. (2003), "Dating and sexual relationship trajectories and adolescent functioning", Adolescent & Family Health, 3, pp.103-112.

- Grello, C.M., Welsh, D.P. & Harper, M.S. (2006), "No strings attached: The nature of casual sex in late adolescents", *The Journal of Sex Research*, 43, pp.255-267.
- Hall, S. (1996), "Introduction: Who Needs 'Identity'?" in Stuart Hall e Paul du Gay (orgs.), *Questions of Cultural Identity*, Londres/Thousand Oaks/Nova Deli: Sage, pp.1-17.
- Hannerz, U. (1996), "Transnational Connections: Culture, People", *Places*, London: Routledge.
- King, R., & Ruiz-Gelices, E. (2003), "International student migration and the European "year abroad": effects on European identity and subsequent migration behaviour", *International Journal of Population Geography*, 9, pp.229-252.
- King, R., Findlay, A. & Ahrens, J. (2010), "International student mobility literature review: final report", *Project Report*, Higher Education Funding Council for England.
- Mai, N. & King, R. (2009), "Love, sexuality and migration: mapping the issue(s)", *Mobilities*, 4 (3), pp.295-307.
- Matos, M.G., Reis, M., Ramiro, L., & equipa Aventura Social (2011), "Saúde Sexual e Reprodutiva dos Estudantes do Ensino Superior", *Relatório do Estudo – Dados Nacionais 2010*, pp.154 .
- Matthews, J. & Sidhu, R. (2005), "Desperately seeking the global subject: International education, citizenship and cosmopolitanism", *Globalization, Societies and Education*, vol. 3, no. 1, pp.49-66.
- Mitchell, K. (2012), "Student mobility and European Identity: Erasmus Study as a civic experience?", *Journal of Contemporary European Research*. 8 (4), pp.490-518.
- Murphy-Lejeune, E. (2002), "Student Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers", London: Routledge.

- Nico, Magda (2011), "Transição Biográfica Inacabada. Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida", Tese de Doutoramento, Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa.
- Nico, M. (2012), "Partidas, Largadas e Fugidas. Uma análise da saída de casa dos Pais a partir dos pontos de viragem amorosos", VII congresso português de Sociologia, 19 a 22 de Junho, Universidade do Porto.
- Nunes, F. (2010), "A mobilidade académica de estudantes e a inserção profissional: o caso dos licenciados em Geografia e Planeamento", In Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia, 6 a 9 de Outubro de 2010, Porto.
- Policarpo, V. (2011), "Indivíduo e sexualidade: a construção social da experiência sexual", Tese de Doutoramento, ICS, Universidade de Lisboa, disponível em <http://hdl.handle.net/10451/4197> (último acesso a 14 de Out.2014).
- Portes, A. (2000), "Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea", Sociologia, Problemas e Práticas, 33, Oeiras.
- Reis, M. & Matos, M.G. (2008), "Contraceção em jovens universitários portugueses", Aná. Psicológica, Lisboa, v.26, n.1, Jan., disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000100006&lng=pt&nrm=iso, (último acesso a 10 Out. 2014).
- Ribeiro, M.I. & Fernandes, A. (2009), "Comportamentos sexuais de risco em estudantes do ensino superior público da cidade de Bragança", Psic., Saúde & Doenças, Lisboa, v.10, n.1, disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862009000100008&lng=pt&nrm=iso (último acesso a 10 de Out. 2014).
- Santacreu, O., Baldoni, E. & Albert, M.C. (2009), "Deciding to move: migrating projects in an integrating Europe", in Ettore Recchi, and Adrian Favell (eds.), Pioneers of European Integration, Citizenship and Mobility in the EU, Cheltenham, Edward Elgar Publishing.

- Saavedra, L., Nogueira, C. & Magalhães, S. (2010), “Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual”, Educ. Soc., Campinas, v.31, n.110, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000100008&lng=en&nrm=iso, (último acesso a 10 Out.2014).
- Shanahan, M.J. & Porfeli, E.J. (2007), “Chance Events in the Life Course”, Advances in the Life Course Research, vol. 11, pp.97-119.
- Scherrer, K.S. (2008), “Coming to an Asexual Identity: Negotiating Identity, Negotiating Desire”, Sexualities 11.5, pp.621-641.
- “The Erasmus Student Impact: Effects of mobility on the skills and employability of students and the internationalization of higher education institutions”, (2014), European Commission, disponível em http://ec.europa.eu/education/library/study/2014/erasmus-impact_en.pdf (último acesso a 04 de Out.2010).
- Torres, A. (2004), “Amor e Ciências Sociais”, Revista Travessias, pp.15 .
- Torres, A. (1987), “Amores e desamores: para uma análise sociológica das relações afectivas”, Sociologia, Problemas e Práticas, 3, pp.21-33.
- Waters, J. & Brooks, R. (2010), “Accidental achievers? International higher education, class reproduction and privilege in the experiences of UK students overseas British Journal of Sociology of Education”, 31 (2), pp.217-228.
- Waters, J. & Brooks, R. (2011), “Vive la différence?”: The “international” experiences of UK students overseas Population, Space and Place, 17 (5), pp.567-578.
- Weber, M. (2010), “Conceitos Sociológicos Fundamentais”, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Weeks, J. (2010), “Sexuality”, London and New York, Routledge.

ANEXOS

GUIÃO DA ENTREVISTA

- Quais foram os motivos que te levaram a fazer o Programa Erasmus?
- O que procuravas retirar da experiência?
- Em que contexto viveste?
- Antes de partires para Erasmus, quais eram as tuas perspectivas em relação à tua vida sentimental/amorosa/sexual para esse período?
- E na realidade como é que as coisas aconteceram? Como é que foram os relacionamentos que desenvolveste?
- Sentes que a experiência Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional de alguma forma?
- Durante o período Erasmus como dirias que foi a tua vida sexual?
- A tua vida sexual mudou? Houve alguma alteração de padrão?
- O Erasmus mudou a tua visão em relação às relações interculturais?
- Durante o teu percurso de vida estiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Viveste algum período no estrangeiro?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As informações que possam pôr em causa a confidencialidade dos entrevistados foram substituídas por um X ou estão identificadas como tal. As entrevistas estão transcritas na sua totalidade (com excepção das situações acima referidas). Existiram pequenas alterações no sentido de facilitar a leitura. As entrevistas estão dispostas por ordem alfabética.

Legenda: Entrevistadora: Negrito; Entrevistado: Regular.

ALICE

Quais foram os motivos que te levaram a Erasmus?

Eu estava a fazer o mestrado em X, estava trabalhar ao mesmo tempo e as coisas no trabalho...estava já muito cansada, já estava a acabar o meu projecto, eu estava a trabalhar numa associação não-governamental há 4 anos e o meu projecto acabaria em Dezembro e em Junho mais ou menos, eu recebi um *e-mail* da faculdade a dizer que alunos de mestrado poderiam fazer Erasmus. E então, (não fazia ideia disso), e quando vi essa possibilidade comecei a pesquisar para que faculdades é que poderia ir, na verdade, foi só pedir informações, mas como não havia ninguém que quisesse ir para a X, que era uma coisa assim que eu também tinha, tinha um bocadinho o sonho de estudar lá e... deixei o meu nome, inscrevi-me, mas... estava mais a pedir informações do que propriamente a inscrever-me, foi assim uma coisa um bocado impulsiva. O que eu queria basicamente era ter uma pausa no trabalho, estava mesmo insuportável lá, e a possibilidade de viver num outro país sempre me tinha fascinado, e eu tinha ali a oportunidade de fazer isso só em três meses, o que também não era assim um compromisso muito grande, se fosse mais de três meses assustava-me um bocadinho essa ideia.

O que é que pensavas retirar da experiência Erasmus?

Eu estava na fase da tese, ou em Setembro ia começar a tese e a minha tese é sobre X e X, então é o sítio ideal para a ir para biblioteca, consultar bibliografia e eu esperava isso: tempo para ler, tempo para estudar, tempo... para me dedicar a tempo inteiro... Eu tive uma experiência diferente da maioria das pessoas que faz Erasmus, acho eu, porque eu estava a trabalhar, fui já com 29 anos e numa situação um bocado particular. E o meu grande objectivo era poder ter três meses só para estudar, a tempo

inteiro, sem ter os problemas do trabalho e investigar muito e experienciar a cidade de X, aprender um bocadinho a língua também.

E as perspectivas, antes de ires, quais eram as tuas perspectivas, a nível da tua vida sentimental/amorosa/sexual, portanto, quais eram as tuas perspectivas para esse período?

Eu comecei um relacionamento dois meses antes de ir para Erasmus, estava assim numa fase de paixão absoluta, depois de uma relação falhada de seis anos, que tinha acabado três meses antes de eu conhecer esta última pessoa com quem estive. E conheci-o, ele era meu colega de mestrado, na verdade, mas envolvemo-nos no verão e passamos assim um verão fabuloso! Depois, eu fui para X e a ideia era sempre, vou lá três meses, vamos continuar a falar pelo *skype*, já estávamos a comprar o bilhete dele para ir em Novembro, ou seja, a meio da viagem, mas claro que ao final de duas semanas aquilo acabou logo! E acabou porque não conseguimos lidar muito bem com a distância. Acho que ele... ele tinha tido uma relação muito longa, também com uma rapariga que tinha ido estudar para outro país, e eles tiveram quase a casar, era assim uma coisa muito séria e que acabaram por ela ter ido viver para outro país. Ele tinha assim uma espécie de trauma, em relação a isso. Ele estava sempre muito defensivo quando o assunto era esse, sempre que eu queria falar antes de ir, sobre isso, como é que vamos fazer, como é que vamos não sei o quê...eu talvez fosse demasiado ansiosa, e quisesse demasiado falar sobre isso, e ele quisesse demasiado não falar sobre isso. E quando eu cheguei lá, sobretudo no *skype*, tínhamos muita dificuldade em acertar as horas, para já é uma hora de diferença, não é muita coisa, mas faz diferença. E, às vezes, marcávamos e ele aparecia com uma hora de atraso, e eu estava a partilhar quarto com uma amiga, portanto não podia falar a qualquer hora, não tinha internet em qualquer parte. Então, eu mobilizava-me para falar com ele naquela altura e ele falhava e aquilo deixava-me bastante ansiosa. E ele, pelo que ele me dizia precisa de manter o quotidiano dele, para não sentir tanto a minha falta, e então, se calhasse falávamos, se não calhasse não falávamos. Se ele tivesse num jantar ele não ia sair mais cedo, para falar, não queria que eu... estou a falar dele, devia falar de mim! Para mim, descobri algumas coisas relacionadas com a separação, como é que eu lido com separações amorosas ou não. E sempre tive alguma dificuldade em relação a isso, e também a ter mecanismos de defesa que me faziam diminuir a importância dele também. Ou seja, também comecei a reagir à falta de vontade dele, com falta de vontade e um bocado assim: ai é? Então não queres falar, então não falamos! E comecei a conhecer outras pessoas e a pensar que me podia envolver com outras pessoas, mas não me envolvi, envolvi-me com uma já depois de termos terminado, nós terminamos em X, logo no início de X este relacionamento.

Ok, essas foram as tuas perspectivas e um pouco do que aconteceu. E depois na realidade o que é que aconteceu na tua vida?

Ok, ok, desculpa, esqueci-me de especificar. A minha perspectiva era então regressar passado três meses, mantendo esse relacionamento tinha uma perspectiva que esses três meses fossem uma forma de enriquecimento, eu também estava numa fase de descobrir o que é que queria fazer, como eu estava a dizer estava muito farta do trabalho e tinha investido muito nisso. Estava um bocadinho à toa, e achava que esses três meses me iam dar isso também, perceber melhor o que é que eu queria fazer, depois deste trabalho, o que é que eu queria estudar já tinha alguma perspectiva

de estudar X que depois foi o que vim a estudar. Enfim, em termos de relacionamento pensava que ele se ia manter e que depois voltava e que continuava tudo igual. O que aconteceu foi que eu fui a X de X, e a X de X nós terminámos o namoro. E eu acabei por ficar, ajudou-me a ficar ter terminado o namoro.

E a tua vida a partir dessa altura? Existiram outros relacionamentos?

Sim, relacionamentos, mas nada de sério. Depois envolvi-me com um rapaz bastante mais novo que eu, um americano, assim muito infantil, muito... Eu vinha cá em X, já sabia que ia voltar para X e que ia lá ficar, mais um ano pelo menos. E então aquilo era uma forma de eu voltar... eu queria ter aquela experiência para vir cá de outra forma, achava que aquilo me ia fazer vir cá menos relacionada com esse meu ex-namorado, e mais relacionado... não sei bem como explicar isto, há bocado estava a dizer que o rapaz era um bocado infantil, mas isso também é uma atitude um bocado infantil, mas eu queria... queria que o meu corpo tivesse uma experiência com outra pessoa, antes de voltar a estar com meu namorado, para diminuir a importância do meu ex-namorado na minha vida, pronto, mais ou menos isso! E foi uma coisa, porque eu acabei o meu curso aos 22 anos e sempre trabalhei a partir daí. Estudei várias outras coisas sempre à noite, e estar lá foi a primeira vez que eu estava ser estudante, eu tinha 29 anos, mas estava ter as experiências todas que não tive aos 22, porque também namorava e aquilo era muito sério, e então a forma como me envolvi com esse rapaz, foi um bocadinho quase adolescente, em ambiente de festa, eles eram todos bastante mais novos que eu. Este rapaz tinha 21 anos e eu tinha 29, se calhar até tinha menos, já nem sei. Foi em ambiente de festa, eu vivia numa residência, numa cidade universitária, e então foi numa das festas dessa cidade universitária que... eu já tinha visto o rapaz antes, tinha achado giro, tinha comentado com uma amiga e tava decidida que naquela noite alguma coisa se ia passar então, na festa meti conversa com ele e pronto, depois...

Durante o Erasmus tiveste então com o teu namorado e depois com este rapaz, e houve mais alguma situação?

Não, não, durante o Erasmus não.

Sentes que a experiência Erasmus contribuiu, de alguma forma, para o teu desenvolvimento emocional, ou para o crescimento, se é que se pode dizer desta forma? Sentes que cresceste com essa experiência?

Sem dúvida nenhuma! Este ano foi assim... está associado ao Erasmus, mas depois eu fiquei... aqueles três meses fizeram-me perceber muita coisa em relação a mim, da minha forma de me relacionar com as outras pessoas. Depois, deu-me espaço e tempo para eu perceber o que é que me dava mais prazer estudar e/ou trabalhar. Foi logo nesse período que eu fiz o meu primeiro vídeo, eu nunca tinha feito nada nessa área. Por isso é que agora também estou em X, perdi um bocadinho medo de criar, tinha sido essa vontade, eu estava em X, sempre tive essa vontade, mas nunca tinha tido coragem, e foi no Erasmus longe de toda a gente conhecida que... E depois, realmente, desta experiência, foi mesmo muito forte, apetecia-me arrancar a pele quando nós acabamos, passei mesmo momentos muito duros, foi mesmo muito duro! E ao mesmo tempo muito bom, permitiu nesse caos todo, saber exactamente o que que eu queria fazer, ter tempo, descobrir-me. Foi mesmo muito interessante, depois lá

está, esses três meses, se eu reduzir... para mim a experiência de Erasmus foi este ano e meio.

No teu caso houve uma continuidade, portanto, podes falar também sobre isso...

Aliás eu fiquei como estudante, porque eu ainda tinha... o meu papel de Erasmus dizia X, então eu fiquei com esse estatuto mesmo já não sendo estudante, porque já tinha entregado a tese em X, então estava um bocadinho com esse estatuto. Mas esse ano e meio foi, para já, comecei a tomar conta de crianças, para sobreviver, que era mesmo isso. Até aí tinha tido sempre bastante dinheiro, nunca tinha tido problemas e lá passei muitas dificuldades, porque é muito caro X, a minha bolsa foi de 900 euros para três meses, então não tinha mesmo dinheiro nenhum. Percebi o que é que era ter necessidade de coisas e não as ter, reduzi ao mínimo, mesmo assim ao mínimo as coisas que eu precisava! Eu fui com duas malas, e cheguei a uma altura em que pensei, não preciso de nenhuma destas duas malas. Aqui tinha um estilo de vida muito diferente, lá está, tinha dinheiro, estava sempre a jantar fora, ia a montes de espectáculos, ia a concertos, fazia viagens. Lá, ia a muitos espectáculos, mas porque distribuía folhetos para ter bilhetes de graça, aprendi estratégias para... isso, nunca tinha tido essa experiência mesmo estando lá. Estratégias para poder fazer aquilo que eu queria sem dinheiro. E vivi, mesmo assim com dinheiro para pagar a renda e pouco mais, os meus pais tiveram que me ajudar um bocado às vezes, e nunca tinham tido que me ajudar. Então, descobri o meu lado mais artístico e tenho a coragem para isso, agora que estou de regresso começam as questões todas outra vez, só estou há um mês, só voltei há um mês. Depois, comecei a trabalhar num teatro lá, eles financiaram um filme que eu fiz lá, também sem isso não tinha qualquer hipótese de o fazer, sentir o apoio de um teatro X deu-me força para avançar. Estava-te a dizer que tinha tomado conta de crianças, isso também, cresci imenso. Eu sempre tive contacto com crianças que a minha família é gigante, mas tomar conta delas mesmo, diariamente, eu pelo menos tinha 3, 2 horas e meia, ir buscar à escola, dava lanche, dava banho, às vezes, ficava à noite quando os pais iam sair. Então, essa forma de cuidar, eu também aprendi lá, essa responsabilidade. Lá está tenho uma afilhada ficava com ela de vez em quando, mas assim aquela responsabilidade diária nunca tinha tido, e isso também foi uma experiência nova lá. Uma coisa muito importante também que eu consegui lá, em termos de amizades, o espaço entre mim e os outros foi sempre foi assim muito difícil de definir. Eu, facilmente, pego nas coisas que as pessoas querem e eu faço por elas, as outras pessoas são sempre a prioridade e não o que eu quero. E, lá comecei a construir de raiz uma relação nova com amigos em que eu conseguia dizer que não, em que eu tinha uma cumplicidade tão, sem ter que provar nada, sem ter expectativas das outras pessoas. Esse é um ponto importante, expectativas! Que lá, estar livre disso fez-me perceber quais são as minhas expectativas o que é que eu quero. Agora isto também não está separado, porque eu fazia terapia, e então tinha conversas com a minha psicóloga, portanto eu consigo perceber estas coisas e sentir isto.

Lá, psicóloga em X ou cá?

Via *skype*, porque eu já tinha consultas cá, quando fui para lá não era para ter consultas, só mesmo se alguma coisa corresse mal e eu não me sentisse bem é que ligaria, mas pronto começou logo, senti logo, fiquei logo sem chão quando cheguei lá! É que não há mesmo, não se consegue mesmo antecipar a sensação que é estar num

sítio diferente, eu não consigo mesmo. Mesmo quando volto cá, seja de férias, seja agora que estou mesmo a viver cá, nunca dá, só quando se aterra naquele sítio é que se percebe. Há uma série de coisas que só podes sentir naquele sítio. E então eu comecei a fazer as consultas por *skype*, então essas aprendizagens também foram tão fortes, porque eu tinha esse diálogo constante com a minha psicóloga.

E a nível da tua vida sexual no Erasmus? Falaste do teu percurso emocionalmente, digamos assim. Durante o tempo em que tiveste relações, que percebi que foram duas, não é? Com o teu namorado e...

Ele nunca foi lá.

Sim, mas tinham contacto de alguma forma, não sei, podes falar um pouco mais, como é que exploraste essa parte durante o Erasmus?

Com o meu namorado da altura não dava para explorar, porque eu tinha que falar com ele em sítios públicos, ou na biblioteca, às vezes, por sinais ou só teclas, não tinha internet, uma coisa ridícula, mas não havia *wi-fi* na residência tinha que ser por cabo de rede. E eu partilhava quarto, nunca tinha privacidade, a minha colega podia sair durante uma hora, mas nunca era certo quando é que ela entrava, então não havia à vontade, nem sequer pensámos... e tínhamos tanta coisa má para lidar que a parte boa nem...eu estou a pensar, fazíamos umas piadinhas e umas coisas e assim, mas assim sexo ou por telefone ou por internet nunca fizemos. Depois com o rapaz de lá, ele era um rapazinho, era um rapaz pronto. Era um bocadinho adolescente, não tinha experiência, mas era muito carinhoso, se calhar excessivamente carinhoso, então sexualmente não foi nada satisfatório, ainda acho que, pois foi mais do que uma vez. A primeira, pronto, não foi assim grande coisa, mas tu pensas: é a primeira está nervoso, ok! À segunda continua a ser a mesma coisa, depois quando cheguei, vim cá em X, e em X, ele: então, já estás de volta, vamos sair e não sei quê? E eu nessa altura disse-lhe que pronto, não estava interessada em continuar a estar com ele, que nos íamos ver e continuamos a ver, pronto. Ele não me atraía intelectualmente, sexualmente também não. O meu objectivo era só a esse nível, sexual e ele aí não correspondia então...

Então notaste alguma mudança no período Erasmus ou não? Em termos de padrão com o que se passava cá?

Ah, sim, completamente! Depois, passei um ano sem me envolver com ninguém, depois disso nunca mais me envolvi com ninguém lá e cá eu tinha um relacionamento que estava no início, que tinha muito desejo, que nos estávamos a descobrir um ao outro, era uma coisa muito intensa, muito bonita...

(interrupção)

Estava a dizer que decresceu, o máximo que eu tinha estado sem alguém, sem alguém sexualmente, tinha sido três meses e lá passei este ano inteiro sem me envolver com ninguém. É uma mudança brutal! Ah falta-me também ainda quando estou sozinha, de masturbação ou não só com outra pessoa, aí era a mesma coisa, sendo que quando eu estava com um relacionamento, masturbava-me menos, e lá mais.

E o Erasmus mudou a tua visão em relação às relações interculturais?

Mudou, porque eu conheci mais e conheci-as num ambiente propício a que as pessoas se conheçam, é tudo muito intenso e no início toda a gente diz: quem é que és, de onde é que vens, o que é que fazes, o que é que estudas e o que é que queres fazer?! Então, há uma troca muito intensa, eu nunca tinha tido experiências interculturais tao intensas como lá, mas não mudou... sei lá organizei o ano chinês com as raparigas chineses da residência, tinha muita curiosidade sobre as comidas, sobre...acho que era das poucas pessoas que conseguia lidar, fazer uma ligação, elas tinham um grupo muito forte. Eu estava numa residência X, na residência X toda a gente falava português ou inglês, e diziam muitas vezes: ah as chineses estão sempre... nunca vêm para a cozinha, onde estava sempre montes de gente a jantar em conjunto, mas elas tinham um horário diferente. Então havia assim uma certa... e eu acho que eu me dava muito bem com elas e organizamos isso, em que juntamos toda a gente da residência para celebrar o ano chinês, elas cozinharam, fizeram comidas para toda a gente, fizeram uns cartõezinhos que deram a desejar boa sorte, decoraram, fizemos em conjunto, depois cada um cozinhou também e levou para partilhar....Depois, vivi na casa da X, nos últimos meses antes de voltar para cá e aí era muito diferente. Jantavam muito cedo, almoçavam muito cedo, muito diferente dos portugueses e daquilo a que eu estava habituada, as cozinhas eram mais calmas. Eu também estava num andar com menos pessoas do que quando estava na casa de X, então eram ritmos diferentes. Mais... conheci pessoas de toda parte, tinha amigos indianos, tinha amigas japonesas, argentinas, brasileiras bastantes também ...

Só uma questão, tu viveste em quantos sítios diferentes no Erasmus?

Dois sítios, a casa tinha chineses, indianos, alemães, era sobretudo X, X portugueses e X de outras nacionalidades e na casa de X era 80% de X e de X e 20% de outras nacionalidades, que era eu, uma mexicana e pouco mais, espanhóis...

E durante o teu percurso de vida, agora antes do Erasmus, tinhas estado com pessoas de outras nacionalidades, já tinhas vivido no estrangeiro, cresceste de alguma forma em algum ambiente internacional?

Não, nunca tinha vivido noutro país, fiz várias viagens, seja na escola seja por iniciativa própria, mas o meu contacto era sempre muito protegida por muita gente que eu conhecesse, ou pelo menos uma pessoa que eu conhecesse, então era um contacto mais do exótico: ah deixa lá ver como é que é! Aqui, foi assim uma vivência quotidiana, que tem pouco a ver, ou melhor, tem a ver com nacionalidade das pessoas, mas tem mais a ver com elas do que com a nacionalidade. Quando visitava um país era...por acaso, acho que nunca me interessava muito em conhecer pessoas desses países. Agora acho que é mais curiosidade... nem é curiosidade, nem é abertura, é mais natural que haja essa proximidade. Tinha pessoas angolanas em minha casa, lembro-me de ver um ou outro angolano que eram amigos dos meus pais, fora isso, acho que nunca convivi com outras nacionalidades, acho que não. E na escola, e viagens e sobretudo viagens.

Existe alguma coisa que gostasses de acrescentar em relação ao Erasmus, à tua experiência? Que aches relevante de alguma forma?

Sim, sim, foi assim um período de mudança incrível que determinou completamente. Depois, comecei a estudar outra coisa na universidade X, eu fazia Erasmus não é? Mas, depois comecei mesmo a estudar lá. E foi isso que me permitiu

também depois fazer um projecto e candidatar-me ao doutoramento cá. Eu estou cá porque tinha uma entrevista em X para um programa doutoral e ganhei a bolsa, então...Acho que a minha experiência lá seja artística, seja formativa me deu um currículo diferente, que me permitiu depois ter mais valor quase aqui. A língua, hoje consigo ler francês, dantes nunca conseguia e isso faz muita diferença em termos académicos daquilo que eu consigo aceder ou não, faz uma diferença brutal! Foi um ano de muitas mudanças que tem tanto a ver com o Erasmus como com outras coisas que aconteceram, houve coisas passadas, mas o Erasmus é assim quase o selo. Foi por causa disso que eu fui para lá. Eu não te posso dizer que foi por causa do Erasmus, mas o Erasmus abriu a possibilidade. Por exemplo, eu já estava a pensar estudar X, mas era assim uma coisa que eu nem podia dizer muito bem. Só quando cheguei lá é que ganhei um bocado coragem e pensei: ah afinal posso fazer isto ou quero fazer isto! O Erasmus é assim uma coisa que torna tudo, parece que é uma lupa gigante mudar de país. Ah, porque depois o meu filme é sobre mudança de país! O filme que fiz lá, foi porque a experiência estava ser tão forte, que eu reuni 10, 15 pessoas desta cidade universitária de diferentes casas e fizemos um vídeo, filme sobre experiências de mudança de país. Mas não é um documentário, é partir das experiências de cada um, e transformar em imagens, em movimentos, tínhamos exercícios de corpo, verbal era pouco, eu queria mais acesso ao corpo, ao que estava no corpo, do que aquilo que se podia dizer. Que eu também estava a viver isso, estava a tentar perceber exactamente o que é que eu não conseguia verbalizar, mas o que é que ia no corpo. Por isso, é que fiz o primeiro vídeo que sou eu durante 10 minutos a ir contra a parede, porque era isso que eu estava a sentir. O filme chama-se X que é ficar sem país e é sobre essas mudanças. Todo este ano e meio, tudo girou à volta dessa experiência de estar noutro país, concorri a uma escola de artes que tinha a ver com a experiência de ser estrangeira, as minhas leituras andavam à volta disso, esse estatuto muda muito, mudou muito a forma como eu me via e eu comecei a interrogar-me se aconteceria a mesma coisa com as outras pessoas e então fizemos esse filme. Pronto é isso...Foi um ano de muitas, muitas mudanças, de muitas descobertas, de muito crescimento eu digo sempre, que é uma frase conhecida do Dickens, que é “foi o pior dos tempos e foi o melhor dos tempos”, e é isso mesmo que eu sinto! Foi uma coisa maravilhosa aquilo que eu vivi lá, mas de uma dureza. Também não contei uma coisa que era importante. Houve uma noite em que eu pensei que eu me ia suicidar. Estava mesmo muito duro... porque como estava, eu senti que estava sem chão e que estava a experimentar coisas... foi depois de um *atelier* de teatro, lá está, esse confrontar-me com as minhas escolhas, era de improvisação, porque é que eu escolhia uma coisa e não outra? Porque é que eu me representava de uma forma e não outra? Porque é que... E a reacção das outras pessoas, ter sempre um espelho à frente, que era a sensação que eu tinha sempre lá, fazia-me olhar tanto para mim e de uma forma tão...que eu me sentia muito perdida. Também tinha a ver com isso do relacionamento, porque eu tinha muitas expectativas em relação a esse relacionamento e sentia-me bastante perdida. E então houve uma noite que foi a primeira vez em que eu pensei nisso assim mesmo, mesmo a sério. Então, que comprimidos é que eu tenho aqui... mas, depois, olha encontrei um amigo, tinha um *atelier* do filme no dia a seguir, ou seja, tinha pessoas à minha espera no dia a seguir. Encontrei um amigo que me disse: ah, senta-te aí, mas o que é que se passa? Estás com uma cara! Começamos a conversar e assim uma coisa um bocado surreal, os dois muito bêbados, na cozinha, tudo escuro, com

risadas assim muito descontroladas, foi assim uma noite mesmo muito intensa. Portanto, depois tinha o *atelier*, várias coisas me fizeram afastar cada vez mais dessa ideia, até que aterrei a dormir e depois era um dia novo.

Se eu percebi o teu relacionamento, quando acabaste, teve um impacto profundo em ti. Como é que acabaram? O que é que aconteceu? Se poderes ser mais específica nisso, do que te recordas mais concretamente.

Eu só consigo explicar como se fosse uma sensação de queda, é como se tivesse a cair e ele a mesma coisa, pelo que ele dizia e eu não tinha a que me segurar, vou tentar dizer isto sem ser assim por imagens, mas...

Como é que aconteceu? Talvez seja mais, fácil, quando é que decidiram? Houve um processo?

Depois de várias tentativas de falarmos e ele chegar atrasado, eu dizia-lhe: assim não vou conseguir, assim não consigo, preciso que estejas aí! Porque eu também estava sempre, o que me estava a puxar, o que me estava a começar a criar defesas e a olhar para outras pessoas, porque era uma forma de estar mais em X, lá está, de viver mais aquilo e de lidar melhor com a separação, melhor não, é uma má maneira, mas que me ajudava a suportar. E houve uma noite que eu não tinha conseguido dormir praticamente e falamos... e liguei-lhe, acho que eram oito da manhã, ou seis da manhã, já não sei, o horário era diferente aqui e, liguei-lhe e ele disse: assim não vamos conseguir ou isto não está a funcionar para mim! E eu disse: eu também não consigo, eu preciso de sentir mais que tu estás aí, eu queria... Eu tinha muitas expectativas que ia viver aquela cena um bocado da filosofia, que nós íamos escrever cartas, aliás eu escrevi carta, escrevi uma carta, envie-lhe um livro, mas nunca tinha resposta da parte dele. E senti ali uma barreira gigante, que ele desistiu, que deixou-me ir, lá está, e que eu estava cair e que ele não me agarrasse. E terminámos nessa manhã, dissemos: olha, (acho que foi ele que disse), acho melhor nós acabarmos e quando tu voltares nós falamos! Que seria supostamente passados dois meses... Eu ainda cheguei, nós ainda chegámos a falar depois disso, várias vezes, mas sempre uma coisa muito sinuosa, nada claro, não fazia ideia se ele tinha saudades minhas, se queria que eu voltasse ou não. Ele nunca me dizia nada explicitamente, então era assim um bocado tortura. Acabámos também por causa disso, não conseguia lidar com essa incerteza e com ele não me conseguir dizer nada claramente. Não sei, foi isso.

E agora que já voltaste? Já voltaste a falar a estar com ele?

Não, encontrei-o no Verão quando vim cá de férias ah e disse: então como é que estão as coisas? Eu na altura achava que ia ficar em X, não é? Mais um ano. Ele disse: Ah temos que beber um copo! E eu: sim, sim vamos combinar, depois nunca mais combinamos. Desde que voltei mesmo não tive com ele, nunca mais me cruzei com ele...

Obrigada.

CAROLINA

Quais foram os motivos que te levaram a Erasmus?

Primeiro, a experiência de ir para fora, e de conhecer um novo país, de desenrascar-me sozinha, de viveres sozinha, teres a tuas responsabilidades e de não teres o problema, da tua família e os envolventes que costumavas ter...E também em termos académicos, sempre foi um objectivo meu, fazer Erasmus, para conhecer um novo tipo de aprendizagem, de ensino, se bem que os italianos, neste caso são piores que os portugueses, até! Mas, pronto, foi basicamente por isso e conhecer novas línguas, viajar, novos países, foram esses os motivos...

E o que é que procuravas retirar da experiência, para ti?

Olha, eu acho que podia retirar várias coisas a nível pessoal e profissional! Porque, em primeiro lugar, a parte de...quando tu estás habituada (é a conversa que tenho sempre), estás habituada a ter os teus amigos, as tuas responsabilidades, e são coisas que são automáticas na tua vida! Quando estás sozinha, noutra país é completamente diferente! Em termos pessoais tu sentes-te uma pessoa muito mais capaz e desenvolves características em ti que não estás à espera de conhecer. E ao nível pessoal, principalmente para o meu curso de X, eu acho que a parte de aprender a nova língua, era muito importante para mim, e eu adoro italiano, é uma língua cantada, o que para mim é fantástico! E é muito parecido com o português, tive pena de não ter aprendido tanto como estava à espera, por desleixo também... e em termos profissionais também, para além de aprender um novo ensino, eu queria também ser testada! Não sei, eu tive que fazer apresentações orais em italiano para uma turma gigante, tive que fazer... lá o ensino, os exames eram sempre provas orais, e os italianos e o inglês também não funcionam muito bem! Ou seja, tive um exame em italiano com um daqueles professores mesmo antigos! E foram essas capacidades, de aprenderes, primeiro uma língua para o teu quotidiano, depois aprender uma língua mais técnica, porque era um livro de 300 páginas sobre cinema, que eu tive de discutir lá! E acho que, até na parte, como eu de X, a parte de falar com o exterior, de desenvolveres o inglês, o português e o italiano, forma experiências boas para mim, porque eu, no segundo semestre, para mim apresentações para a minha turma, não era nada! Se eu consegui falar italiano à frente de cinquenta pessoas, português para vinte foi mais fácil! E acho que era mais por isso, para descobrir as minhas capacidades pessoais, e colectivas, vá e profissionais! Acho que foi isso...

E em que contexto em que viveste? Onde é que viveste? Com quem? Como é que foi a parte da estadia?

A estadia! A estadia foi um filme! Primeiro, arranjar a casa e isso tudo, porque eu foi das primeiras a chegar (das portuguesas), porque duas raparigas tinham-me dito (uma da X e outra da minha faculdade) para ficarmos as três numa casa e para irmos procurando e isso. Só que chegas a Itália e ninguém quer fazer contratos de um ano, de seis meses aliás, nós ficamos só um semestre. Ninguém quer contratar portugueses porque nos associam aos espanhóis e os espanhóis, pelos vistos, só fazem asneiras lá em Itália, eram histórias! E, basicamente, primeiro foi um filme arranjar casa, tive em cinco ou seis *hosteis* diferentes, fomos expulsas de uma casa e ainda tivemos a viver 15

dias em casa de uns espanhóis! E, depois, nós arranjámos uma casa, que era fantástica, era uma casa gigante, dava espaço para tudo e mais uma coisa. Só que vivemos as três, erámos três portuguesas, a nossa senhoria era italiana, era professora de inglês, mas não falava nada de inglês, nada! Nós vivemos as três lá, mas eu não posso dizer em termos de estadia... eu acho que caracterizar a minha casa, não era muito forte, porque eu basicamente passei a vida na casa à frente da minha! Que era a casa de dois portugueses, um também da minha faculdade e um de outra faculdade, mas eles viviam com dois italianos, um sérvio e... não, dois italianos e um sérvio! Agora é que mais tarde, porque entretanto porque eu me fui embora mais tarde do que malta de Erasmus, conheci as outras pessoas que foram lá para a casa! E eu acho que isso é que contou mais como a minha experiência, porque eu tive sempre em contacto com o italiano, ainda por cima o X falava muito bem português em termos de dicção, era ótimo! Então, era giro ver ele e o italiano a falarem, ele falava em português e ele respondia em italiano, e o sérvio, pronto, até o sérvio aprendeu português! Acho que essa parte, em termos de línguas foi muito bom, e foi bom porque nós depois começamos a investir na parte da cozinha, a aprender, o sérvio fazia-nos comida sérvia, nós fazíamos comida portuguesa! Quando vim cá no Natal, foi logo levar carne e isso, a minha mala foi só com carne, só para cozinhar! E acho que em termos de troca de culturas, foi...a minha experiência de estadia foi lá, foi em casa deles, não foi na minha casa! A minha casa foi mais para, não sei... as pessoas juntavam-se lá com muita facilidade, tanto para jantares como para estudar, acabei por estudar mais à noite do que de manhã lá (que era coisa que cá não tinha essa tendência). E pronto, tínhamos uma casa boa, muito bem localizada, ao pé do X, que era o único supermercado barato que lá existia, estava a 5 minutos de nossa casa, portanto foi bom! Mas de resto, pronto, a minha experiência é mais na casa dos italianos, é mais isso...

E antes de partires para Erasmus, quais é que eram as tuas perspectivas em relação à tua vida sentimental / amorosa/ sexual, portanto em relação a estes aspectos quais eram as perspectivas?

Estava com algum medo, porque quando decidi, lá está, como também fui para lá com namorado! Eu quando tomei a decisão...primeiro foi uma decisão que eu tomei, vou fazer Erasmus, nem pedi aos meus pais, disse aos meus pais, disse aos meus pais que ia fazer e comecei a juntar o meu dinheiro! E com o meu namorado, foi basicamente a mesma coisa, e isso foi um problema! Porque ele não sentiu que fazia parte da decisão, achava que eu estava a pôr o Erasmus à frente da nossa relação então... e como comecei a poupar, comecei a gastar menos dinheiro com ele, e foi um bocado complicado. Também comecei a trabalhar, comecei a ter menos tempo para ganhar o dinheiro e...portanto as minhas perspectivas em termos amorosos, estavam um bocado complicadas, porque eu achava, primeiro que nos aguentávamos em termos de relação, mas tendo em conta que estava muita coisa a ser posta em causa antes de ir, eu estava com um bocado medo que a certa altura ele se fartasse e desistisse. Nós nem éramos uma relação com grandes ciúmes ou assim, mas estás no exterior, tens várias pessoas à tua volta, ainda por cima eu sou uma rapariga que se dá basicamente com rapazes, portanto eu tinha um grupo gigante de rapazes, passava a vida com rapazes basicamente e para ele era uma coisa muito complicada de lidar. Ele não sabia....e depois lá está, começaram a existir os ciúmes e essas coisas, eu estava

com um bocado de medo, e foi um bocado difícil decidir. E depois, não sei se queres saber como é que foi lá, em termos dessa parte? Porque, de facto, o que nós estamos à espera que aconteça é muito diferente do que acontece! Inclusive, eu estava a viver em casa de duas raparigas com namorado. A minha relação era a mais estranha, porque era uma relação à distância, eu sou de cá e o meu namorado, neste caso, mora longe de mim (actualmente não, está aqui). E era uma relação um bocado mais distante e que achávamos que tinha menos força, quando estivéssemos de Erasmus, por um lado! Mas por outro lado, também era mais consistente, porque já estávamos habituados a não estar todos os dias juntos, como a maior parte das relações! E eu notei uma diferença entre mim e as minhas colegas. Porque uma das raparigas tinha uma relação já há algum tempo, e estavam sempre, sempre, sempre em contacto, e acerta altura zangaram-se, durante ainda uma fase de Erasmus, tiveram discussões e ficaram mesmo mal e depois as coisas estabilizaram. Com a outra rapariga, o namorado, inclusive, estava de Erasmus lá ao lado, também acabaram e lá em Erasmus não voltaram. E eu e ele tivemos uma experiência um bocado mais instável... que era lidar com a distância, se eu ficasse horas sem lhe dizer nada, não havia discussões nenhuma, que era o que os outros namorados como estavam habituados à rotina faziam! Mas, no entanto começaram a surgir os ciúmes, começaram a surgir as discussões à distância, eu não conseguia falar com ele na net, ele não tinha webcam, por isso imagina! Inclusive, não o conseguia ver, ele como não tinha muito dinheiro muitas vezes nem conseguíamos falar ao telefone, portanto íamos falando muito espaçadamente, estás a ver? E sentíamos mais uma distância um bocado natural e acho que isso também estragou... no início, acabou por estragar um bocado mais as coisas! Porque eu habituo-me também...porque imagina, tens uma relação que cá, iam-se aguentando, mas iam-se vendo de vez em quando. Depois vais de Erasmus o teu namorado começa a pôr em causa as tuas decisões, depois começa a ver que o Erasmus em termos profissionais não é assim tão favorável e começa...pronto a fazer os seus respectivos filmes, por assim dizer! E depois chegas lá e estás numa realidade completamente diferente, comes a pensar se vale a pena ou não. Se tens uma pessoa ao teu lado que não te apoia, que ao mínimo afastamento começa a desistir e começa a mudar os comportamentos e já não quer saber de ti! Fala contigo para te dar na cabeça e não para saber o que é que se passa na tua vida...As coisas começam a ficar um bocado estranhas e estás noutro sítio, está num sítio onde as pessoas, ainda por cima, gostam de ti do zero, portanto acabas por aprender a viver sem essa parte que tens cá, mas pronto, depois chega a uma altura que também te lembrás do que é que tinhas cá e há motivos mais fortes para estares com essas pessoas e as coisas resolvem-se. Mas lá está, a minha teoria com relações é sempre: tem que haver um esforço das duas partes, é impossível uma das pessoas dar 100% e outro dar o zero, para mim o *fifty-fifty* é o essencial! E pronto acho que as pessoas, cada uma tem o seu tempo para se habituar às situações. E estar seis meses fora, ainda por cima, num ambiente em que está tudo em Erasmus, toda a gente sabe como é que funcionam as hormonas em Erasmus, é toda a gente à procura do mesmo, quase! E depois há sempre as dúvidas e os ciúmes é uma situação um bocado complicada, acho que é mais desafiante tu ires de Erasmus com namorado do que ires solteira, acho que isso se calhar foi a parte mais difícil de Erasmus, mesmo!

Então deixa-me fazer-te uma pergunta, disseste que o teu namorado não está cá, mas agora está cá, podes contextualizar isso melhor... há quanto tempo em que estão juntos...

Nós namoramos, faz agora três anos e meio que estamos junto, só que ele é de X! Nós andávamos na mesma faculdade, conhecemo-nos na faculdade e... ele é de X, e lá está, ele na altura era mais velho, já não sei... nós encontrávamo-nos mais na faculdade, e eu como ia de carro, ele na altura já tinha carta, ele também vinha para cá e íamos estando juntos... Nós começamos muito, lá está, como também vivíamos longe começamos muito numa de diversão. Tivemos um ano sem nada sério, depois entretanto, as coisas começaram a ficar sérias! Em termos de tempo, eu era capaz de o ver duas vezes por semana, e muitas vezes não o via duas vezes por semana. E a certa altura, ele deixou de estar na faculdade, ou seja deixou de vir a X com tanta regularidade. Pela questão dinheiro, por ser difícil vir cá, ficou desempregado, não encontrou emprego. E, quando eu voltei, primeiro só uma questão relativamente a Erasmus, não havia *webcam*, não havia dinheiro para chamadas, e não havia uma viagem marcada para lá! Toda a gente tem uma viagem marcada, pelo menos do namorado! Que é sempre, normalmente as raparigas vão para lá, já com o namorado com viagem marcada! Isso eram três pontos que também deixaram as coisas um pouco mais complicadas entre nós. Mas depois quando eu voltei de Erasmus, quando ele lá esteve, quando ele me foi visitar! Que eu nisso sou teimosa e paguei-lhe a viagem, porque eu tinha o meu dinheiro e eu queria mesmo que ele fosse! E a nossa relação estava em risco, pensei que era... uma última oportunidade, e que ele tinha que ver o que eu estava a viver para também perceber! E ele conhecendo-me, e conhecendo todos os rapazes com quem eu estava todos os dias, e ficou tudo calmo, e percebeu a situação, e viu as qualidades que eu estava a ganhar com aquilo! O que é que a experiência me estava a dar! E respeitou mais o meu Erasmus quando o viveu, também fui teimosa nisso! Mas agora está cá, entretanto eu voltei, ele continuou a enviar currículos e isso, e está cá a viver. Está, literalmente, a viver em minha casa com a minha mãe, o que também foi mais um desafio para a nossa relação, como deves calcular! Não sei se está contextualizado...

Gostava que explorasses mais a questão da instabilidade, se calhar fazeres um percurso cronográfico do que te recordas, desde que vais até ao teu regresso...

Sim, posso começar, eu sei que fui para lá.... Eu sou um bocado teimosa e gosto de ir com as coisas bem faladas, porque a primeira coisa que eu disse antes de ir foi: se eu for para lá e as coisas entre nós estiverem mais ou menos, esquece! Não vão ficar bem, porque se não estão bem cá, não vão ficar bem quando eu tiver a não sei quantos quilómetros de distância! E eu lembro-me que quando eu fui para lá, ele estava cá, passou cá os últimos dias connosco, houve jantares de despedida e isso tudo! E eu até estava bastante emocionada e a tentar não me despedir dos meus amigos numa situação triste e ele, inclusive, foi comigo ao aeroporto e acalmou-me. Porque eu até achava que a parte do namorado, que é a parte mais sentimental, me ia deixar mais triste, mas ele acalmou-me e deixou-me, mesmo antes de apanhar o avião, deixou-me muito calma, entre nós! E apoiou-me, e teve sempre...no primeiro mês, digamos, no primeiro mês e qualquer coisa, lembro-me que ele estava sempre atento, queria sempre saber de mim, teve aquela falta de... porque nós não nos víamos, mas falávamos constantemente, era a base da nossa relação, era a conversa! É a parte boa

da relação à distância, é que contrariamente, às relações que estão constantemente em contacto, a nossa relação era mais...nós tínhamos sempre novidades para contar havia sempre qualquer coisa. E era a parte dos pontos que nós tínhamos em comum que fortalecia a nossa relação! Nós falávamos de cinema, falávamos de festivais, falávamos de exposições, tínhamos vários temas em comum que mantinham a nossa relação acesa. E eu sei que no primeiro mês, ele investiu nisso, foi uma coisa que nós tentamos manter a conversa, as ligações e isso, e ele estava-me a apoiar. Depois, aparecem as novas amizades, nomeadamente os novos homens a aparecer... e neste caso, ele começou a ficar um bocado mais, como é que se diz? Menos confiante, a ir-se um bocado abaixo e a questionar algumas coisas. Portanto, eu diria que a partir do segundo mês, terceiro mês, as coisas começaram a dar para o torto! Comecei a ver que ele não ia lá, comecei a ver que ele se estava a afastar, porque era a maneira de ele se proteger da quantidade de informação que estava a absorver! Comecei a sentir-nos a afastar e depois, lá está, eu também sou um bocado protectora, se ele desliga, eu desligo e se eu estou numa posição melhor, melhor para mim, neste caso! Porque a nossa relação sempre foi um bocado de cedências e quando uma pessoa deixa de ceder a alguma coisa, a outra também não se vai entregar. E depois, chegou a fase em que ele se apercebeu que eu me estava a desligar...porque o Erasmus foi um bocado um teste na nossa relação, porque a nossa relação, como eu estava dizer sempre foi muito instável! Sempre foi...começou numa de brincadeira, depois ele era de X, eu era de cá. E acerta altura, as coisas não foram evoluindo tão naturalmente...naturalmente, mas com mais espaço entre as coisas, percebes? E foi uma relação que, lá está, nós estamos há três anos e meio e estamos mais sólidos, devido... nós dizemos que a nossa relação é uma montanha russa! Há sempre qualquer coisa! Foi o Erasmus, agora ele está viver cá, antes ele era o facto de ele ser de X, o facto de ele não ter dinheiro, há sempre alguma coisa que torna a nossa relação um desafio! Mas, depois, lá está, ele conseguiu...eu passei-me e disse mesmo: eu não consigo falar contigo! Eu não vou falar contigo ao telefone que não tenho dinheiro para isso, se quiseres falar comigo, arranja uma maneira de arranjares uma *webcam*, qualquer coisa, falo contigo onde eu tiver! E tivemos discussões, e discussões e até já dizia que nem sequer queria que ele fosse lá! De tal forma, que ele aí deu o 200% que é o que o que eu costumo dizer, e quando veio cá, nós resolvemos tudo, e deu para explicar mais ou menos tudo, as coisas, pessoalmente, que faziam confusão! Ele foi lá em X, eu penso quem em X, ou então no final de X, não me recordo ao certo à altura! Mas sei que eu não vinha cá, supostamente, no X. E que ele, inclusive, quando foi lá... eu acabei por marcar uma viagem, porque a minha família me ofereceu! E nessa altura ele até começou a questionar o facto de ele ir lá, tendo em conta que eu vinha cá passados uns meses! Portanto, as coisas não estavam a ficar... estavam-se a compor, mas não estavam grande coisa, não estava com grandes esperanças! Depois, claro, que ele vai para lá, passa lá um tempo comigo, resolvemos as coisas, tudo o que tivemos a resolver! Se fosse para ficar mal, ao menos ele tinha viajado, já não era mau! E, depois pronto, foi muito estranho, porque quando ele voltou, tivemos duas semanas sem nos ver só, tendo em conta que já tínhamos estado três meses, e tendo em conta a vida normal que nós temos, não era suposto sentirmos tantas saudades! Mas foi um momento muito forte para nós, até estranho! E quando, voltei, a partir do momento que voltei, ele estava logo cá, queria era estar, comigo e ver-me e saber novidades! E quando fui para lá, foi completamente diferente, porque primeiro tinha dado para matar as

saudades, depois tinha percebido qual é que era a situação, depois ia ter a fase dos exames em X, eu acho que ele também estava mais relaxado por aí! E depois ia voltar, portanto ia ter que me aturar à mesma, outra vez a 100%, mesmo assim acho que foi bom, para respirar e tudo! Mas pronto, é verdade, acho que em Erasmus há muitas fases, e digo também pelo que experienciei de outras relações...a distância muda muita coisa, a distância põe muita coisa em causa, nomeadamente para quem fica, é mais complicado para quem fica do que para quem vai, claro! No entanto, também é complicado para quem vai, controlar as emoções, porque vemos pessoas novas, conhecemos culturas novas, pessoas super interessantes e tu só queres é mantê-las por perto! Mas, depois estás em Erasmus, e conhecia pessoas e convidava-as para irem lá a casa, nomeadamente, rapazes para irem ouvir música ou qualquer coisa que eu achava que tinha em comum, e as minhas colegas de casa a avisarem-me que eu não podia fazer esse tipo de coisas, porque podiam levar a mal! Eu convidava um rapaz sozinho para ir ter comigo para ir ouvir música ou ver filmes e as pessoas achavam que eu estava a tentar ter um encontro com essa pessoa! Era diferente, não pelo o que eu dizia, mas pela maneira como a outra pessoa podia interpretar! Porque, lá está, em Erasmus, quando começa a haver muitos convites para casa e essas coisas, as pessoas começam a interpretar de outra forma! E eu, aqui, estou habituada a dizer amigos meus para viram cá a casa e, como é óbvio, conhecem-me há anos e ninguém acha que é com segundas intenções! Mas é complicado, em termos de...há muita informação, e depois as pessoas vêem também se vale a pena ou não, se a pessoa que tens a teu lado se é o que tu queres, como comesas também a conhecer mais, comesas a ver que afinal há aí um leque de oportunidades! Mas pronto, graças a deus, que o meu X está firme aqui e que era mais forte! Eu também não sou muito desse tipo de raparigas de sair à noite conhecer um rapaz e ir para casa com ele e ficar apaixonada e querer novas aventuras e isso! Não, eu gosto...todos os rapazes que eu conheci, os que eu gostei mesmo, pessoalmente, actualmente vamos falando e sei que se eu for lá, aos respectivos países, sou bem-vinda! O meu namorado sempre foi tema de conversa, sempre teve presente, sempre tive à vontade, tive sozinha com rapazes, tive rapazes a dormirem comigo lá em casa, claro que o meu namorado não sabe disso! Mas nunca houve segundas intenções e sempre fui eu! E foi essa parte que eu gostei, pessoas conhecerem-me do zero, e pronto, e criarem uma relação comigo do zero, mesmo genuína, não iam ganhar nada com isso, não sabiam se... Há pessoas que, no início, tu conheces e depois vão mudando ao longo dos meses, vês que as atitudes...porque no início é tudo muito giro e está tudo para o mesmo, depois as pessoas ganham o seu grupo e mudam as atitudes. E eu fui consistente o longo do tempo e sei isso, pelas pessoa que ficaram...e porque no final, quando foi aquela coisa de escrever a...tinha um caderninho onde as pessoas escreviam o que é que acharam e não sei quê! E toda a gente, até turcas que eu já nem me lembrava, que as conheci logo no início, a dizerem-me que eu desde o início até ao final mantive um sorriso e uma animação constante e que nunca me viram mal e que eu estava sempre aberta para tudo! E não era só para a parte das brincadeiras, que eu também ficava em casa a estudar! Era um bocado baldas em certas alturas, e levava na cabeça, lá está, dos alemães que eu até gozava com eles, porque eram eles eram sempre certinhos! Mas era impecável, a malta fazia até conferências comigo, pessoal de Erasmus, às tantas da manhã fazia conferências comigo no *skype*, para me fazerem revisões e tudo de matérias! Porque eu era, lá está, para eles a baldas, porque alemão que é alemão, se a aula começa às

oito, às oito está lá e só sai quando acaba! Eu não, eu ia lá, no primeiro intervalo, eu ia-me embora! E se tiver a falar demais também me podes interromper...

Queria voltar era ao tema que há pouco estavas a falar, na realidade queria saber como é que as coisas aconteceram para ti? A nível emocional, que tipo de relacionamentos é que desenvolveste lá no Erasmus, se existiram...

Sim, eu...olha, só houve uma questão que aconteceu em Erasmus e que foi um bocado complicado de lidar para mim, porque como as coisas entre mim e o X, estavam instáveis, também há muita coisa que eu comecei a pôr em causa! E conheci uma pessoa, que na altura também o X teve ciúmes de várias pessoas, mas muito ao lado, sabes? Porque, só houve uma pessoa com quem eu tive uma relação um bocado estranha para mim de lidar, porque conheci um rapaz que era exactamente igual a mim! Nós tínhamos conversas que até a discutir, eu discutia com ele, que é um bocado estranho porque eu não discuti com ninguém em Erasmus, e discutia com ele, porque, inclusive, eu discutia com ele e já sabia o que é que ele me ia responder, sabes? E foi uma sensação muito estranha, porque eu não sabia como é que havia de lidar com isso, eu estava com ele todos os dias! Inclusive, foi um dos rapazes que dormiu lá sozinho, por isso é que o X fez-lhe muita confusão, porque ele chegou lá e a primeira coisa que me perguntou quando chegámos à X, (porque nós fomos viajar), foi: que relação é que tu tens com esse rapaz, o que é que se passa? Não foi preciso falar, nós...inclusive, a namorada dele foi lá, (que ele também tinha namorada), a namorada dele foi lá, e nós combinámos que por respeito também aos outros... porque nós mandávamos muitas bocas entre nós, sempre na brincadeira, e sempre com respeito! Mas quando tens namorado ou namorada e eles estão fora e vêm ter contigo, é diferente a maneira como tens que lidar com isso! Porque pode ser mal-interpretado e é normal, também não me iria sentir segura se isso me acontecesse! E foi um bocado estranho, porque passámos muito tempo juntos e, lá está, tempo sóbrio, tempo em que não estávamos propriamente sóbrios, em que se dizem muitas coisas...que se calhar não se deve, nunca houve uma proximidade extra, nunca houve nada, sempre houve respeito pelo espaço e pela relação que cada um tinha! Mas foi um bocado estranho, porque de facto nos aproximámos imenso e vimos que éramos iguais em muitas coisas! Havia coisas que...cenas básicas, ao entrar no supermercado eu já sabia, quando a porta abre eu bato sempre com o braço, sempre! Eu já sabia que o gajo também ia bater a seguir! Ou que ia haver qualquer coisa... havia coisas muito parecidas, mas que eram coisas parvas, mínimas! Havia coisas que eu lhe telefonava, e dizia “temos de falar” e ele dizia: vais dizer isto, isto e aquilo! E irritava-me, porque ele já sabia exactamente o que é que eu ia falar... Porque as pessoas, ao fim de seis meses, não me sabem ler direito, não é? Conhecem vá, a minha parte de fora! E ele lia tudo, tudo! Eu já sabia o que é que ele ia fazer e ele já sabia o que é que eu ia fazer! E isso foi uma coisa que...foi o máximo que eu senti em Erasmus. Depois, claro há sempre muita tentação, há sempre pessoas muito interessantes à tua volta e quando sentes a falha emocional dum lado, que neste caso era o meu namorado acabas por aproveitar de certa forma o outro, a outra parte. E eu, claro, quando íamos para festas e isso tudo, eu adorava ficar horas a falar com determinadas pessoas, mas também fiz o meu jogo, porque foram pessoas com quem fui logo sincera, disse logo que tinha namorado e era uma coisa que eu nunca iria pôr de parte. Mas que, no entanto, sei que daqui a uns anos se eu os encontrar pode eventualmente acontecer alguma coisa ou não!

Inclusive, tive amigas minhas que acabaram por se apaixonar por alguns rapazes que eu tinha mais em consideração. E lá está, eu fui a primeira pessoa a dizer: pá, tu não tens namorado, tu não tens nenhuma, nada, nem... eu percebia quais eram os pontos que elas gostavam neles! Nelas, não posso generalizar, que isto foi um caso particular duma rapariga. E sabia exactamente, já sabia qual é que era a minha opinião, relativamente ao rapaz. E eu dizia logo, até achava piada muitas vezes, eu contava a opinião e dizia que gostava de certas características nos rapazes! Depois, há aquela coisa que eu não percebo nas raparigas de: é teu, é meu, posso ou não posso! Não percebo essa reacção das raparigas de verem se há outra rapariga interessada para ver se podem atacar ou não... como eu não sou muito de engates, essa parte está um bocado fora. E depois claro achava o máximo porque, obviamente, não havia nada que me fizesse confusão, até me dava gosto eu gostar de certas características e sentir que, não sei, ficar contente... coisas mínimas! Estávamos num jantar, sabia que se este rapaz e aquele estavam presentes, eu ia ficar mais bem-disposta porque nos dávamos super bem e havia ligações, estás a ver? Tanto ao nível físico, porque também é impossível fingir que não se sente nada, não é? Como a nível emocional e claro que houve essas pessoas, mas houve sempre limites! E houve grandes festas e dormidas fora e jantares em casa de italianos que eu nem sequer sabia que ia acabar na casa deles, e nunca houve nada! Eu, inclusive, tive....tive mais histórias do que eu estava à espera, por acaso, agora que penso nisso! Porque eu, inclusive, tive o X, aquele meu amigo com quem eu vivi, ele tinha um grupo lá da faculdade que eram croatas e sérvios que jogavam à bola! Croatas e sérvios são logo aqueles que têm aquela cara de maus e são todos...pá, não sei explicar, havia qualquer coisa que eu achava piada! E fomos ver o jogo, só por interesse e porque pronto, era uma cambada de sérvios e de croatas a jogar, claro que vou ver o jogo! E aquilo acabou...primeiro, eu achei muita piada ao capitão, até estava a gozar na altura, porque era mesmo...pá, era todo branquinho e tinha os olhos claros, mas tinha um ar de mau! Inclusive, ia começando uma porrada a meio do jogo! E onde é que nós acabámos? Isto é à filme, acabámos todos na festa (porque eles foram campeões, a equipa do sérvio, neste caso), e acabámos todos numa festa, num sítio que era para mim dos melhores sítios, que era assim um espaço mais alternativo que eles reservaram. E estavam lá todos! Eu nem sabia como é que havia de reagir, eu naquela altura só queria era estar solteira, mesmo! Mas era uma coisa de diversão e ir-me embora, claro! Mas, digo-te já que foi...porque primeiro eram só homens, depois estava lá o capitão! E depois nós erámos as estrangeiras, e como não havia... nós devíamos ser no máximo cinco raparigas, uma delas eu! Portanto havia muitas emoções, havia muito contacto e havia muita emoção para controlar mais! Acho que foi mais esse o meu trabalho de Erasmus, foi controlar até que ponto é que uma aventura podia estragar tudo, até que ponto é que eu queria alguma coisa e o que é que era mais forte para mim! Isso responde à questão das emoções? Foram, houve muitas, houve muitas histórias diferentes e muitas pessoas diferentes! Mas lá está, uma pessoa quando tem namorado, as coisas passam e...é mais fácil ser ingénua, nesse sentido e é mais fácil... eu digo-te já, eu adorei ir para a festa com os croatas, inclusive, porque já sabia, tendo em conta que estava com duas raparigas solteiras que íamos acabar na casa de alguns deles, e acabámos, só que foi só para entregar, quase, uma rapariga. E achei piada, porque para mim foi o suficiente! O ter imaginado aquilo a acontecer, aquilo de facto ter acontecido, estarmos todos no mesmo espaço, diverti-me imenso, e não foi preciso acabar enrolada com um deles

para me sentir mais feliz no final do dia! Depois, chego a casa e tenho o X que está cá, e sei que quando chegar cá, me vai receber de braços abertos como nenhum deles me iria receber! Quer dizer...mas pronto, é isso...

E em relação à tua vida sexual durante o Programa Erasmus?

Uh, muito fraca! Pá, não houve vida sexual, basicamente! Em todo o meu Erasmus, por acaso foi uma coisa...eu já estava à espera! Até há sempre aquela brincadeira, antes de ir, vamos aproveitar que enquanto tivermos lá não vai haver, quase! E depois, pronto, só houve vida sexual, quando o X me foi lá visitar! Tivemos lá em minha casa e depois tivemos na X! Pronto eu e o X também já estamos juntos há algum tempo, é o normal, estava tudo igual...pronto, até nos soube melhor, porque houve as saudades, estavam as saudades envolvidas! Mas de resto, apesar da tentação, não houve nada...

Quando digo sexual, podem ser envolvimento que não tenham um carácter tão sexual, um envolvimento físico de alguma forma, um beijo por exemplo...

Não, não houve nenhuma situação dessas! Nunca chegou a esse ponto. E acho que isso também parte de nós, se um não quer, têm que ser dois a querer para acontecer qualquer coisa! E, pronto, não houve nenhum contacto físico, não houve nada, nada, nada! Não houve nada que despoletasse qualquer coisa! Como eu te disse eu dormi com o rapaz, dormi na mesma casa em camas diferentes, claro! Com o rapaz com quem eu me identificava bastante e foi muito estranho de lidar porque era mesmo igual a mim! Mas, lá está, também foi uma coisa que eu disse logo, era giro ser diferente e conheceres uma pessoa tão parecida! Mas eu não quero namorar comigo própria! Para mim, não faz sentido, eu não quero uma pessoa igual a mim, senão para mim, não tem piada, estraga um bocado a magia das coisas! E lá está, e com esse rapaz até tive mais proximidade e tudo, mas nunca houve contacto mais em termos sexuais, nunca houve uma...claro, que há sempre contacto físico e isso, mas é o contacto que tens com os teus amigos, há os abraços, há a felicidade! É que nem sequer aquela coisa, eu até via filmes com eles, inclusive, e nem sequer havia a cena de me abraçar, de dar festinhas! Não havia esse carinho, estás a ver? Não havia esse contacto! Porque eu também gosto muito de pôr os limites logo! Eu dou confiança, mas não sou uma pessoa de muito contacto naturalmente, até com o meu namorado, se tu me vires, quando estamos juntos, tu não vês logo à partida que somos namorados! Não tenho essa parte, portanto em Erasmus também não...não sei se infelizmente ou não, porque em certas alturas até me apeteceu, mas não, não tenho nenhuma história dessas para contar, infelizmente (risos).

E com o teu namorado? Ou seja, na distância existiu alguma forma de expressarem a sexualidade?

Há, sempre... tens que mostrar sempre qualquer coisa! Mas eu quando estava com ele, lá está, vi-o poucas vezes, quando tivemos à distância a única coisa que houve, foi eventualmente, eu tê-lo apanhado uma ou das vezes na web, e pronto, e despir-me à frente da web naturalmente, como me dispo à frente dele! Não houve sexo *online*, não houve nada disso! Houve um strip ou outro, mas nada... Também sabia que ele vinha, era pouco tempo e, às vezes, o esperar depois é melhor! Mas pronto, cada uma se diverte como quer sozinha não é? E acho que, em termos...como as coisas também estavam muito instáveis, não havia assim nada de especial, e não

havia aqueles telefonemas mais marotos, nem nada disso! Não houve assim nada mais para puxar! O que houve mesmo, foi eventualmente, eu estar a sair do banho e estar-me a vestir e estar a falar com ele, despir-me, mas é com tanta naturalidade, ele já me vê há tanto tempo nua que também não foi nada de especial! Nem foi estar-me a despir e estar-me a tocar, e estar a puxar por ele, e estar a vê-lo a ficar excitado, não foi nada disso! Foi só: olha, estou só aqui e estou nua, ah deixa lá ver como é que isso anda, ah, pronto! E que é muito natural, essa parte! Mas em termos da distância não houve assim nenhuma motivação tão explícita...

Sentes que a experiência Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional, para o teu crescimento?

Sim, acho que houve muitas coisas que aprendi! A nível pessoal e também na maneira de ver a minha relação com X completamente diferente, neste caso! Sabes quando tu estás habituado sempre a uma rotina, e quando tu estás sempre com o...com o normal, para ti estar em X, estar em Portugal, é uma coisa normal para ti, já estás habituada! Claro que vais sair, claro que vais passear e conheces pessoas interessantes, e vais conhecer sempre pessoas interessantes, senão não terias amigos como é óbvio! E para mim foi bom, e lá está, quando digo para mim, acho que isto também ajudou o X, a perceber-me, a compreender-me, a confiar em mim a 100% mesmo, e a perceber quão real é a nossa relação! Porque se uma relação que é instável se aguenta seis meses, tendo em conta tudo o que se passou, e tendo em conta os envolventes... porque eu estando lá em Itália, posso dizer que não aconteceu nada e, no entanto, ter acontecido, estás a ver? E ele tem que confiar mesmo no que eu digo, porque as palavras neste caso é o que tem peso! E acho que em termos emocionais, foi bom! Fez-me crescer, na maneira de ver como é que as relações deviam funcionar, deu-me aquela confiança extra, para também não... Porque eu sei, sei, quando eu digo que sei, é de experiências à minha volta, não é? Das experiências que eu tenho, porque há raparigas que são mais desconfiadas, gostam mais de ter aquele controlo, saber o que é que os namorados andam a fazer mais ou menos, saber as rotinas e isso... E acho que tendo em conta, que nós também tivemos tanto tempo com o respectivo espaço, que também não perdemos tanto tempo com essas pequices, percebes? Mas, lá está, eu vim de Erasmus, tinha o meu espaço, tinha a minha vida e tinha a minha relação organizada como eu queria, como nós queríamos os dois! E neste momento, ele está a viver comigo e com a minha mãe, portanto... entrar uma terceira pessoa no relacionamento, é um dos motivos que me faz também querer ir embora daqui, estás a ver? Para também investir nisso... Também cresci, em termos emocionais, com a minha mãe, porque nós também temos uma relação um bocado complicada e, cheguei cá, foi diferente! Como tive lá os meus desafios, e como aprendi a gostar mais de mim e a dar valor às coisas, pá, não quero saber se fazer isto, aquilo ou aqueloutro... Coisas básicas, As limpezas da casa! Eu, aqui, para a minha mãe, sou a mais descuidada de sempre, sou uma desarrumada, isto e aquilo! Em Itália, era a arrumada de todas, era a mais organizada, eu sabia tudo da casa, eu sabia como é que se fazia tudo e mais alguma coisa! Porque é um hábito, que aqui é uma rotina e lá foi uma coisa nova, de tal forma que...eu estive com pessoas que não sabiam cozinhar, que não sabiam como é que se limpava uma retrete, para mim são coisas normais, estás a ver? Então, acabei por gostar mais de mim e sentir-me uma pessoa mais capaz! E quando tu vens a sair de experiências, quando tu vens com aquele

carinho todo à tua volta, independentemente de ser feminino ou masculino, eu acho que isso tudo te ajuda a lidar com as pessoas! E, depois, tens cá amigos teus que sentem saudades, que te dão bom humor e que te dizem em que é que fizeste falta e em que é que não fizeste, e que querem falar mais contigo do que o normal! Porque eu também não sou de estar sempre em contacto, mensagens ou assim, estás a ver? E foi bom, tudo o que o Erasmus me deu, eu acho que foi bom! Mesmo as coisas que me correram mal, nomeadamente na faculdade! A maneira como eu via a faculdade, as pessoas mesmo que trabalhavam na faculdade, tudo foi diferente! E, em termos, mesmo emocionais e mais específico para a minha relação, aprendi a respeitar mais o espaço do meu namorado! Claro que continuo a ser uma chata, é o meu papel, sou uma chata do caracas! Consigo embirrar por coisas mínimas, até dele viver cá em casa! Mas, acho que houve muito mais respeito, e a nossa relação cresceu no sentido de...nós sempre que discutimos queremos resolver as coisas para no futuro essas coisas se resolverem! Sabes quando tu tens uma discussão, ou tens várias discussões e chegas a um ponto em que, pá, não quero esta pessoa ao meu lado! Nós todas as discussões que temos, não é só “tens razão”! Não é só o “pronto, ok, não se volta a repetir”! É mesmo, vamos arranjar uma maneira... “Se tu fazes isso, e não é por mal, mas é uma coisa que me chateia, vamos trabalhar para que isto não aconteça dessa forma, vamos evoluir!” E eu acho que também a parte de Erasmus, e ver porque também vês outras relações, e vês como é que as pessoas são e vês o que é que tua relação te dá como pessoa! Porque, claro que conhecer pessoas novas e dizerem...gostarem de ti, de coisas básicas tuas, é uma coisa! Outra coisa, é teres uma pessoa que está, a não sei quantos quilómetros, que já te viu os teus...já te viu ligar, a chorar baba e ranho de não conseguires lidar com aquilo, e não conseguires estar lá e não sei quê...como também te liga, também fica todo contente se tu passas um exame, tens sempre esse apoio, estás a ver? E acho que, lá está, neste momento, ele próprio sofre por mim! Ele é uma pessoa muito calma, e eu quando estive agora a acabar o curso, eu estava nervosa e ele estava nervoso! Ele é uma pessoa que não é muito de telefonar e não sei quê, sabia que o meu exame devia ser às cinco ou às seis, a partir das cinco horas teve com um telemóvel o dia todo, ao lado do ouvido, à espera que eu lhe ligasse! Ele próprio disse-me mesmo que passou o dia todo nervoso, e ele nem sequer nos exames, para acabar o curso ficou nervoso! Portanto já estamos, não sei, estamos mais um, do que cada um do seu lado! Ah, ok ele faz isto, eu não gosto, ah ela faz isto, eu não gosto, há 1500 raparigas no mundo, há 1500 rapazes, vamos para outra, estás a ver? Acho que nisso crescemos um bocado em conjunto, foi um bom desafio! Acho eu, também estou a dizer bem, agora conhecias o meu namorado e ele era um parvalhão (risos).

E em relação à visão sobre relações interculturais em geral, o que é que te trouxe o Erasmus?

Mas o que eu aprendi com elas? O que elas me deram? Olha, eu não sei muito bem... Quando estás de Erasmus, as relações com as pessoas é sempre: como é que é no teu país? O que é que se passa? Isto, eu ouvi que era assim, será que é assim? E aprendes como é que as pessoas se relacionam. Há pessoas que são mais frias, há pessoas que são mais quentes. Eu conheci, há uma pessoa que acho que é o exemplo perfeito para isso, que é o sérvio. Ele era um rapaz que todas as raparigas que apareciam... ele tinha uma namorada, estava na altura a estudar fora também, ele

estava em Itália, ela estava em X, acho eu! Ele era completamente maluco por ela, mas tinha aquele ar mesmo rijo e forte, estava-se sempre a meter com as outras raparigas, nunca havia nada, nunca havia físico! Se houvesse entre eles e ninguém sabia! Mas ele estava sempre, provocava e não sei quê, e tu até achavas: ah, este rapaz nem sequer deve ligar muito à namorada...tornou-se um dos meu melhores amigos, mas no início dizia-lhe: tu não deves ligar nada à tua namorada, nem sei, a miúda deve ter outro namorado também para se aguentar! E ele gozava e respondia-me sempre sem estar muito preocupado! Até que eles terminaram, ela é que já não quis mais nada com ele! E eu vi uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida, que foi um sérvio a ficar completamente maluco da cabeça! Eu nunca tinha visto ninguém assim! Bateu-lhe de tal forma, ele tinha sempre aquela postura sempre fria e sempre: ok e há montes de raparigas e estava sempre divertido com outras raparigas e não o vias a falar constantemente com a namorada! Quando eles acabaram, eu nem sabia...eu própria, que sou mulher, eles até me diziam: X, tens que ir tu falar com ele! E empurraram-me para dentro de casa e eu não sabia o que é que havia de fazer, porque ele não conseguia estar no quarto com as coisas dela! Porque, claro, já se conheciam há anos, tinham coisas porque se iam visitar, estava lá roupa, deixava lá objectos pessoais ou assim... e ele não entrava no quarto! Depois, deixou de entrar em casa, ia sempre dormir fora, depois não conseguia dormir, depois não conseguia estar sóbrio! Olha, foi uma fase que eu nem sequer sabia como é que havia de lidar e pareceu-me mesmo o extremo! Imagina quando as raparigas acabam e é o amor da vida delas, e que não há mais nenhum homem na vida e aqueles pensamentos todos! Era o homem que estava a sentir isso, e num exagero que eu nunca tinha visto, mesmo! Relativamente ao facto de as relações com outras culturas...sabes que é giro, estar a fazer a maneira como as pessoas pensam, de imaginar... há povos mais quentes, há povos mais frios, há povos que são mais de abraços, de beijinhos, de mandar mensagens, de ter comunicação! E eu achei piada que a ideia que eu tinha de muitas pessoas era, não sei, era um bocado geral! Por exemplo, eu cheguei lá e não gostava de espanhóis, pura e simplesmente não gostava de espanhóis! Os gajos nunca falavam inglês, ainda por cima português e espanhol é basicamente a mesma coisa, eu conseguia falar espanhol, eles não conseguiam falar português, então houve muitas ideias que mudaram! Houve coisas que se mantiveram, como por exemplo, continuo a gozar, nós estávamos sempre a gozar com os alemães por causa das horas! Porque eles diziam que os portugueses se atrasavam sempre e que neste caso, que eu era diferente, porque eu quando dizia que ia a um sítio e se por acaso eu chegasse atrasada eu avisava! Não sei como, porque se eu chegasse atrasada era por ter ido comprar bebidas ao X para ir ter com eles, mas... porque português que é português andava com a malinha com as bebida e não pagava cinco euros por um copo deste tamanho, não é? E achei piada também a essa parte e, lá está, em termos emocionais também é um bocado complicado porque também é pouco tempo... e depois também há nacionalidades que se juntam mais pela língua, e pelas tradições, etc. Nós e os espanhóis impecáveis, não é? Os alemães davam-se mais com os belgas e...havia sempre o grupo de Erasmus, que nos juntávamos sempre, mas no dia-a-dia eu passava a vida com os italianos e com o sérvio e com os portugueses, os dois rapazes. Mas, também estava sempre com os outros e... e tive grandes amigos! Mas achei piada, em termos emocionais, eu dava-me muito com uma rapariga alemã, que era X, claro que tínhamos que gozar porque me chamo X e ela X, e nós dizíamos de que era a maneira de dizer mal o nosso nome cá em Portugal! E ela também era super

querida, mas também era como eu, era fria no sentido de não estava sempre a querer combinar coisas comigo, não andávamos sempre atrás uma da outra, nós encontrávamo-nos várias vezes, mas era... Se fosse preciso encontrava-a no meio da rua e levava-a para casa! E também, por exemplo, os turcos, foi muito complicado no início dar-me com os turcos, porque falavam muito mal inglês na altura! Evoluíram imenso! Até os espanhóis a pedirem-nos para ensinarmos, depois os espanhóis gozaram connosco: já não sei falar inglês, tu tens que voltar, tens que vir para cá! E essas diferenças culturais, as coisas que nós perguntávamos também...como é que a mulher era vista na Turquia, e como é que eles viam? E quais é que eram as crenças dos pais deles? Porque, nomeadamente, um pai de um dos turcos era muçulmano, mas achava estúpido rezar virado para a Meca, bebia como o caraças, tudo o que não tinha a ver com a cultura estás a ver? Então foi interessante, conhecer também como é que, saber como é que são os estereótipos, toda a gente tem uma noção, isto associo a este país,(o meu trabalho de final de curso também é ligado a isso)! Às associações que tu fazes dos países e depois também o que é que esperas desse povo, o que é que esperas receber! Mas em Erasmus é diferente, está tudo preparado para conhecer pessoas novas, para falar do seu país, falar do seu povo e com isso também aprendes como é que hás-de lidar com as pessoas! Porque, lá está, os turcos, eu nem sequer sabia... havia um turco então, que me deixou completamente maluca no bom sentido! Tinha um ar completamente estranho, veio cá a Portugal, tive cá com ele há pouco tempo, há uns meses! E ele era uma pessoa com quem eu podia ficar a falar horas e horas sobre filmes! Vim a descobrir no meu curso de italiano, que ele fazia um esforço do caraças, mas não percebia metade do que a professora dizia! E ele desenvolveu, lá está, como tinha parte dos filmes e não via tudo traduzido (como os italianos e os espanhóis), tinha um grande conhecimento da língua em si, falava bem inglês. E de certas, situações os filmes também te dão isso. Então era bom falarmos e fazemos essa troca de culturas e foi a partir daí que se criaram grandes amizades! Tu mostras interesse pelas pessoas, mostras interesse pela cultura, percebes as diferenças, e consegues entrar numa relação em que: ok, tu acreditas nisso! Tu não bebes, por exemplo, e eu bebo! Pá, tudo bem, vou ter sempre um sumo para ti cá em casa, não te vou estar sempre a oferecer cerveja, não te vou estar sempre a chatear! E acho que desde que haja respeito pelas diferentes culturas com que tu vais lidar, acho que é ótimo! Eu, inclusive, comi uma comida que um turco me fez, e ele estava com os copos quando estava cozinhar, ficou completamente horrível! Foi uma nova experiência, eu percebi, metiam iogurte com alho e coisas assim, que até deve funcionar, mas aquele não funcionou de certeza! E eu respeitei, e ele ficou todo atrapalhado a dizer que não tinha corrido bem, mas para nós tinha sido ótimo! Porque, pá, o turco teve a disponibilidade de ir para lá mostrar como é que era a cultura deles, o que é que eles comiam, por exemplo! E acho que todos esses factores, contribuem para conheceres outras pessoas, porque tu és feita das tuas culturas e das tuas experiências, das tuas vivências...não sei...

Agora gostava de falar do teu percurso de vida, não só de Erasmus, durante o teu percurso de vida estiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Viveste algum período no estrangeiro? Ou tiveste alguma experiência internacional?

Não vivi no estrangeiro! Nunca fiz nenhum intercâmbio antes de Erasmus, a única coisa que fazia era viajar, mesmo, conhecer outros países, mas também não

tinha tido viajado muito! Também era um dos motivos por o qual eu fui para Erasmus! E em termos de trocas culturais e contacto com outras pessoas, as outras experiências que eu tive mesmo, foram voluntariados em festivais e isso. Mas é um contacto, que eu acho que é muito *soft* e é... eu também ir para festivais fora do país, neste caso são em Espanha, que a maior parte dos contactos são espanhóis! Só tive mesmo nesse ambientes, de férias, de trabalhos em festivais e que está tudo para o mesmo! E tu não conheces as pessoas, não ganhas muito a cultura delas! Conheces uma pessoa divertida, falam sobre, estás a beber copos e falam sobre a música que vai dar, sobre as bandas, o que é que conhecem o que é que já viram! Em termos de aprendizagem, acho que nunca tive... no entanto, arrependo-me! Por exemplo, eu sei que cá em Portugal há encontros em Sintra, por exemplo, vem pessoas de outros países, em Sintra como em vários sítios. Que são, imagina, encontros culturais, no sentido em que vão todos para falar na guerra que está a existir, nas guerras que estão a haver, nos conflitos! E estamos a falar de ok, falar na Palestina, mas no entanto também há coisas que dá para discutir...como é que vamos ser auto-sustentáveis? Então, vem pessoas de países próximos e fazem um intercâmbio cultural, tem sede em vários países! E, lá está, eu não sabia isso antes de ir para Erasmus! E quando vi amigas minhas e como me dou com pessoas mais velhas e começo a ver as pessoas também a mexerem-se mais, e a irem para essas áreas, desperta o interesse, mas não tive assim grandes experiências antes de ir, não...

Então, portanto, vou voltar atrás, só para perceber a teu percurso, a tua história sexual. Saber se existiu uma mudança no padrão, eu sei que já estás há algum tempo com o teu namorado, mas basicamente saber se antes de estares com o teu namorado, se eras uma pessoa sexualmente muito activa ou não...

Pá, eu digo isto e rio-me, quando digo estas coisas, porque... Eu, infelizmente, infelizmente entre aspas, eu sou uma pessoa de relações! Eu comecei a minha primeira relação aos 16 anos, ou seja, também perdi a minha virgindade cedo! E namorei com esse rapaz durante um ano e meio, dois. E sempre tivemos uma vida activa, entretanto lembro-me quando nós acabámos, tive umas relações, mas nada de especial, porque eu entrava mesmo naquela fase: pá, acabei de aturar este durante não sei quanto tempo, deixem-me lá respirar! Depois envolvi-me noutra relação, também de um ano, também sempre com a mesma pessoa! E agora estou há três anos com o X, portanto a minha vida sexual é activa, mas com poucas pessoas percebes o que eu te quero dizer? Em termos de casos de uma noite, só tive uma vez na minha vida! Porque, lá está, estive tão pouco tempo... Se eu te disser que o intervalo, entre o meu primeiro namorado...porque lá está, era mais nova, na altura em que acabámos devia ter 18 anos, para aí! Esse foi o intervalo mais longo, porque também era daquelas relações, mesmo de crianças, volta não volta, volta não volta! Nós devemos ter estado, quatro meses, sem estarmos juntos, ou seja, quatro meses em que tive basicamente parada, em que ia só visitá-lo, para matar saudades, vá! Isso a nível sexual! Depois, tive com outro rapaz e foi muito estranho, porque foi o período de eu entrar para a faculdade, ou seja, nós acabámos quando eu entrei para a faculdade! As praxes e isso, eu estava noutra, como é óbvio, não estava à espera de encontrar um príncipe! E eu e o X conhecemo-nos no início do ano, portanto as praxes começam em Setembro, portanto também há-de ter sido mais ou menos 4 ou 5 meses que eu estive sozinha! E, lá está, foi tão pouco tempo para mim, que dá tempo para quê? Para

fazeres novos amigos, para te habituares a estares sozinha e não teres aquela rotina do namorado, portanto...pá, em termos sexuais, sim, de tempos a tempos, fui activa, mas, lá está, com os meus namorados! E sempre, foram todas relações que não começaram com uma relação, foram pessoas que eu fui conhecendo, fui testando as pessoas, gostando de ir passar tempo, uma coisa mais natural, deixar seguir e depois é que íamos namorar e íamos namorando! Não é daquelas raparigas que, vá temos que ter vinte encontros e depois já somos namorados! E, lá está, eu digo isto, porque as minhas amigas mais novas, de infância, é que gozam comigo, porque sempre que acabam com os namorados, eu digo sempre para elas não se preocuparam e não sei quê... porque, de facto é o que me acontecia. Elas diziam-me: tu estás sempre com namorado, tu vais procurá-los, como é que tu fazes? Tu dizes para nós não nos preocuparmos e depois tens tudo, estás a ver? E eu dizia: olha, eu continuo a achar,(e é um cliché), quanto menos te preocupares com isso, mais disponível vais estar para ele. Se vais estar sempre a querer, também te esforças para as pessoas gostarem de ti, quanto mais te esforças, menos as pessoas gostam, não é? Quanto mais natural fores, mais depressa gostam de ti! Mas, sim, nesse aspecto, é impossível, eu não consigo ter uma relação, inclusive, aquele namorado que eu tive o rapaz era virgem e deixou de ser! Porque para mim não é tabu, é uma coisa natural, e estás com uma pessoa...e não julgo, se me tivesse dado na cabeça no período em que tive entre o X e o X, neste caso, ter estado cinquenta mil rapazes, eu tinha estado e nem me importava com isso! Porque acho que é uma coisa boa, e acho que se eu tivesse um ano sem estar com namorado, acho que ia ter os meus casos, mas também ia ser esperta, tendo em conta que é uma coisa que também acho que faz bem à vida das pessoas, descarrega imensas emoções, é uma maneira de te ligares com as pessoas e de te sentires bem contigo própria, arranjava maneira de ter um rapaz nem que fosse aos fins-de-semana e arranjava qualquer coisa (risos). Mas, pronto, não tenho assim grandes histórias, nem nada do género, mas sempre fui mais de relações, não que procurasse isso, mas pronto, é assim...

Há mais alguma coisa que queiras acrescentar em relação ao Erasmus? Que aches importante em relação à tua experiência toda? Que queiras ressaltar?

Não sei, tenho que pensar... eu gostei de ver aquela parte, de fora, aquela parte, como eu te disse de eu ser mais de relações e não ser nada de engates, nem sequer sei como é que se engata, nem sequer tenho paciência. E achei piada às relações que via das outras pessoas, estás a ver? Neste caso também me dei com rapazes solteiros e com namoradas. Com rapazes italianos solteiros, o que é que eles queriam? Primeiro, ficavam apaixonados pelas meninas, pelas portuguesas e vi muitos...aliás o meu irmão, o meu *fratello* como eu lhe chamava, a ficar apaixonado por uma rapariga com que eu vivia, portanto foi uma situação que para mim teve piada, porque inclusive, ela tinha namorado! E aquelas coisas que eu consegui evitar, que eu te disse, pôr os meus limites, neste caso ela não conseguia, porque como estava muito fragilizada com ele mesmo, acabava por se entregar de outra forma, e de dar sinais que este meu amigo italiano leu de outra forma, e eles até acabaram por se envolver mais tarde, estás a ver? E isso era uma coisa, que eu estive sempre a dizer, e que, inclusive, o meu irmão, o amigo, estes rapazes todos que viviam comigo, eram meus irmãos mesmo! E era mesmo, quando eu fui aquela festa, toda a gente sabia que era irmã do X, portanto nenhum homem...nunca houve, aquele limite nunca foi

ultrapassado, nunca tive aquela dúvida mais forte, porque também nenhum...não deixei! E quando os espanhóis, que são mais de agarrar e não sei quê, eu dava sempre espaço! E achei piada, porque até o X, que respeitava muito a minha relação na altura, quando via que eu estava mais fraca, mais frágil, dizia-me logo: diz-me só quando é que estás solteira, tenho aqui uma lista e estava sempre a gozar com isso! Do género lá, havia muito mais...era mais fácil, no sentido de teres casos e isso, do que é cá! Porque, para mim, a cena de conheceres uma pessoa numa noite...o cliché, porque eu não sou de sair para discotecas! Para mim sair para uma discoteca, é quando tens 16 anos, e pronto tens aqueles casos de dares uns beijinhos. Não é saís à noite: ah esta está com os copos, é sexy, vá, vamos, só tenho que dizer três palavras e levo-a para casa! E depois veres como as pessoas se relacionavam, porque em Erasmus tu também não queres dar logo ideia que só queres falar com as raparigas para te envolveres com elas e vice-versa. Portanto, eu acho que foi interessante, ver de fora, a maneira como as pessoas se aproximavam, a maneira como criavam as relações. E pronto e nisso também vi que os portugueses que era o que eu sentia mais...os italianos eram mais: pronto, olha esta não dava, ficavam tristes e não sei quê, mas iam lá, estavam em casa, não é? Iam-se divertir, iam sair com as raparigas do grupo, e tinham lá os seus casos. O X, pronto, como ficou solteiro, acabou por ir para a Croácia, festejar, ainda por cima na Croácia, há montes de raparigas bonitas, mais em Zagreb! Fiquei contente por ter ido para X, com o meu namorado! Mas achei piada a essa parte mais sexual que, lá está, que eu experienciei e vi, mas nunca absorvi a informação, percebes? Foi uma coisa que para mim era natural! Mas teve piada, ver quais é que eram as relações que se aguentavam ou não, como é que as pessoas reagiam, as pessoas a dizerem que não devias estar muito presa aqui a Portugal! Tu estás no Erasmus, vives as experiências de lá, e a seguir no inverno se fosse preciso, essas pessoas é que vacilavam, acabavam por estar mais dependentes do namorado e não viver tanto as coisas e... pronto, depois há também aquela questão da postura das raparigas com namorado. Porque, é assim, eu posso ter namorado, mas eu não vou falar com os rapazes, naquela de, vá, estamos há uma hora a falar, se calhar este gajo já quer ter alguma coisa comigo e vou-me embora, percebes? Eu não! Eu quando via que as conversas estavam a ficar...já duravam mais de duas horas e estávamos num ambiente...eu era capaz, porque eu nisso sou muito natural, eu era capaz...em casa de um grupo, estás a ver? E há uma sala, salas pequeninas, há varandinhas e não sei quê...fico na varanda a fumar um, dois, três cigarros, e ficava não sei quanto tempo a falar, e nunca na vida, (e também acho que foi por isso que fiz grandes amizades), e nunca na vida, houve algum rapaz que achasse que eu me estava a sentir engatada, apreciada de outras formas, estás a ver? Porque, muitas vezes, há muito essa postura da mulher, no sentido de, vá, tenho namorado, não quero ter nada contigo! Quando dizia “o meu namorado”, era só: olha, eu estou a falar contigo, gosto mesmo, acho-te super interessante e dizia logo... eu caracterizava mesmo, dava valor aos rapazes, não tinha problemas nenhuns! E até dizia: pá, e quero sair daqui e quero voltar a estar contigo e não sei quê! Às vezes, até gozava, até dizia: pá, eu quando for mais velha, tu começa a ganhar dinheiro (para os alemães a gozar), começa a ganhar dinheiro que daqui a uns anos falamos! E achei muita piada às diferentes posturas! E também às relações que delas se criaram, porque eu sou capaz de te dizer que as raparigas com quem eu me dei, (depois outra acabou por ser diferente), mas uma das raparigas com quem eu morei, se lhe fores perguntar quem é que eram as pessoas com quem ela se dava, ela vai-te dar o nome

de cinquenta raparigas! Se me perguntares a mim quais é que foram as pessoas com quem eu me dei, eu vou-te dizer cinquenta rapazes e vinte raparigas, por exemplo! Porque também nunca foi, e lá está, esse mundo também dos engates e de procurar o amor em Erasmus, é uma coisa que, para mim, nunca fui com essa perspectiva! Aliás, eu tenho mais o sonho de, (quando me passar e quando tiver mesmo solteira), sair de cá solteira, ir viajar pelo mundo, quero juntar dinheiro e fazer as minhas viagens, mas mesmo, meses e meses! Pá e se encontrar...mas é encontrar o homem da minha vida, é encontrar uma pessoa que tenha o mesmo espírito que eu, na altura! E se, por acaso, eu achar que vou viajar e que encontre num país, qualquer coisa com que me identifique e que queira mesmo ficar lá, que goste da cultura, que são factores muito importantes para ficares num sítio! A cultura, as pessoas à tua volta, o tipo de relações, tanto ao início como no fim, e acho que isso em Erasmus é que não vivemos tanto... porque eu conheço os alemães, os espanhóis, os turcos, mas conheço-os em seis meses, durante seis meses, eu não sei como é que eles são no seu país, eu não sei como é que eles interagem com as pessoas de lá! E acho que isso é, são coisas importantes também para a tua vida e para a maneira com lidas com as pessoas! E lá está, e se encontrar o homem da minha vida no meio da rua, num sítio qualquer, com os mesmos objectivos que eu e que siga o meu caminho, pá, seja turco, seja chinês, seja japonês, seja o que for, qualquer coisa! E acho que o Erasmus também te abre mais essa vertente, há muitas pessoas no mundo e, apesar de as pessoas normalmente acharem que pelo facto de haver muito peixe no mar, também há muitas hipóteses, não! Também dás mais ao que tens cá, percebes? Porque eu gosto da nossa cultura e gosto do facto dos portugueses, eu não sou tão sentimental em certas coisas, mas aquele carinho que é mesmo nosso, aqueles abraços, e aquele, “pá, ok estás triste, então vamos ficar aqui um bocado os dois deitados, vamos ver o filme e vamos estar aqui os dois, nem precisamos de estar em conchinha e isso, está tá tudo bem! Está tudo bem, estou aqui para ti, percebes?” E às vezes via-se que lá, quando eu estava mais triste, era a parte mais difícil, porque eu estava triste e eu não sabia como é que havia de abordar as pessoas como é que eu falo com um sérvio, eu não sei se ele vai ser frio, se ele me vai responder bem, se ele vai perceber... eu quando tinha discussões com o X, e tentava falar com eles, era horrível! Eu não sabia, porque eles diziam-me coisas, que eu começava aos berros com eles, inclusive, começava aos berros com eles, com eles, às vezes, tinham a mesma opinião, eu passava a discussão para eles. Então, às vezes, tinha piada, até as experiências, até as culturas te ajudam a ver como é que as relações, e ver como é que as coisas funcionam, e se funciona assim com estes, porque é que não há-de funcionar assim contigo? E acho que isso foi muito importante e foi bom para mim, ter tido a parte dos solteiros e a parte dos comprometidos tão presente, para ter esse contraste! E, pronto, e foi bom ter rapazes, porque também é bom, porque quando comesas a sentir que a tua relação está um bocado instável, tens aquela...porque os rapazes são muito objectivos, são muito: isto é assim, tu queres que isto seja assim ou não queres? As raparigas é: mas se, e se, e, lá está, nós muita vezes, não tomamos decisões mais frias, a não ser quando nos passamos, não é? Porque queremos pensar sobre as coisas, queremos... achamos que há sempre uma parte: mas ele era assim! Quando eu dizia, “mas ele era assim”, eles diziam-me logo: “mas ele é? Neste momento, diz-me lá como é que ele é?” Eu passava-me, eu nem queria continuar a conversa, porque eu sabia que ia dar a resposta que eles queriam ouvir, estás a ver? Isso foi bom para mim... Claro, mas também lá está, eu não acho que uma

viagem de seis meses me tenha...mudou-me, não me mudou, enriqueceu-me é mais isso! Mas também sou pessoa para duvidar daquelas pessoas que estão dois meses, três meses, seis meses fora e de repente tem muitas certezas, e a vida afinal é assim! Não, eu acho que todas as experiências contribuem para ti, e o melhor que tu podes fazer é não aceitar tudo como certo, eu não posso dizer que os sérvios é que reagem bem às coisas, percebes? É ver na reacção das tuas pessoas, e no que elas te dão e nos conselhos que elas te dão, o que é que tu podes aproveitar para ti, o que é que tu concordas ou não! E acho que para mim as conversas é o mais importante, e essa parte de aprender, tu queres falar, a melhor coisa que uma pessoa quer é que tu mostres interesse! Eu chegava lá e eu não chegava só a falar de Portugal ou como é que me tinha corrido o dia, eu queria saber coisas sobre eles, até na parte da música, estás a ver? Ponham aí a música típica do vosso país, e gozávamos e dançávamos, era diferente! Acho que tudo isso me tornou uma pessoa muito mais curiosa! E agora, claro, sempre me dei bem com pessoas, agora quero fazer disso vida, quero trabalhar numa empresa com relações internas e externas, e estar sempre em comunicação, saber como é que as pessoas estão, saber o que é que preciso, o que é que há naquele mercado, como é que as coisas funcionam! Pronto e o Erasmus também me abriu essa porta! Pronto...

É tudo?

Sim, fiz agora a publicidade!(risos)

Obrigada!

HUGO

Quais foram os motivos que te levaram ao Erasmus?

Para conhecer novas culturas, estar um bocado mais longe disto tudo, que até uma certa altura uma pessoa começa a ficar farta da mesma rotina. Não é que as pessoas sejam desagradáveis ou não, até porque foi uma das razões pelas quais queria muito voltar, mas uma pessoa ver sempre as mesmas pessoas, a mesma rotina... uma pessoa tem vontade de mudar um pouco os hábitos, e pronto, conhecer novas pessoas, abrir horizontes, contactar com um novo ensino, provavelmente com maior qualidade, ganhar currículo... mas pronto, acima de tudo pela experiência pessoal, a nível pessoal, para enriquecimento. E foi em Inglaterra porque sempre foi assim um sonho e para lá, e nem que seja estudar, estar a viver um bocado, se bem que não há nada como Portugal. Mais razões... não me recordo de mais razões nenhuma.

O que é que procuravas retirar?

Acima de tudo, lá estar como eu disse, novas perspectivas de vida que as outras pessoas me trouxessem, nem que seja a nível de valores que são inerentes às culturas dessas pessoas, aos países, como é que eles contactam com a própria história dos países, a história internacional, até porque sendo de outro país e doutra cultura acho que temos uma perspectiva de vida bastante diferente, basta até ser de outra cidade, ou de uma aldeia, basta esse contacto que há logo uma divergência... E pronto, estava

na esperança ver que pontos em comum tínhamos, por exemplo, com Ásia e com Europa, ou simplesmente Portugal com Espanha, como é que vemos todos Inglaterra que era onde estávamos, o que é que esperávamos daquela experiência... pronto, acima de tudo foi interagir com um conjunto de pessoas muito diferentes, e vir de lá uma nova pessoa, assim já mais enriquecida, com mais tolerância até para falar com as pessoas e aceitar as suas opiniões diferentes e assim, mais ou menos isso.

Em que contexto é que vivias lá?

Vivia com mais cinco pessoas, cinco rapazes, dois franceses, dois checos e um rapaz do Taiwan. Estava assim numa espécie de residência de Erasmus, não era bem uma residência, mas o senhor que nos fazia o alojamento, basicamente era só alunos de Erasmus que vinham de Erasmus ou programas parecidos. Basicamente, aquela residência era como se fosse só uma casa porque o pessoal tinha sempre a porta aberta, entrávamos à vontade como se vivêssemos lá, se bem que às vezes havia uns roubos ou outros, mas pronto tínhamos que ter cuidado. Pronto, a nível pronto das condições, a nível económico era um bocado mais puxado. A zona não era muito perigosa, quando havia algum problema... pronto o único problema assim que houve foi roubos já...parecia que actuavam de forma mais profissional, esperavam que nós adormecêssemos, entravam em casa, levavam um plasma e assim, a coisa já era feita com mais inteligência por parte deles e um bocado de falta de inteligência da nossa, da nossa parte. Tínhamos acesso a várias coisas, vários serviços, o ginásio era barato, por exemplo, fornecido pela faculdade, estava a cinco minutos de onde eu vivia, se bem que havia vários pólos e o outro em que eu tinha aulas era a 45 minutos. Portanto, assim a nível de condições, creio que eram bastante melhores, porque, por exemplo, os senhorios, bastava pedirmos uma coisa que fosse para a casa eles davam tudo sem dizer ai nem ui, porque também era um investimento para eles. Aqui é um bocado diferente, eu noto, têm um bocado reticência em fazer mesmo um investimento para a casa, que nós precisamos pedir. A nível de acesso a livros, basicamente não era muito difícil, a biblioteca que havia lá tinha tudo e mais alguma coisa, aqui pouco há... pelo menos daquilo que eu tenho conhecimento e lá havia de tudo, basicamente procurava-se um livro a biblioteca tinha sempre. Pronto, o aquecimento era espectacular, uma pessoa vai para Inglaterra a pensar que é frio mas está-se lá de manga curta, sempre à vontade, como só se vai para a rua um bocadinho e em todo o lado há aquecimento uma pessoa às vezes até pensa que está no verão ainda. O sol desaparece logo às 16 horas, se não fosse isso até que nem era muito mau. Pronto a nível das condições acho que é tudo.

E o dia-a-dia, como é que era?

Regra geral era sempre aulas casa, sair ou jogar futebol, lá no pavilhão... A minha rotina era muito...pronto, mudava muitas vezes porque eu próprio, vivendo sozinho não queria que fosse assim uma rotina logo pré-concebida e tinha que ser aquilo até ao fim. Com um dos checos trouxe o carro lá da República Checa, veio de carro até Inglaterra, pronto fazíamos várias viagens, aproveitava sempre que podia para irmos todos juntos, ficava barato, íamos a Liverpool, a Manchester, vários sítios... Também entrei para uma equipa de futsal num torneio amigável da faculdade, éramos só estudantes de Erasmus, eles acabaram por ficar lá e ganhar o torneio, estávamos sempre a ganhar todos os jogos, era todos os domingos a jogar, treinos durante a

semana... O pessoal chamava para fazer qualquer coisa e eu ia sempre, portanto nunca havia aquela rotina sempre, sempre aquilo. Coisas mais rotineiras, claro que era ir às compras, todos os dias se faltava alguma coisa tinha que se ir. Gostava muito de estar a falar com os meus colegas de casa, dávamo-nos mesmo muito bem. Agora que eu chego cá e vejo algumas pessoas, vou a casa de algumas pessoas e vejo como se dão, até me faz alguma impressão porque... dávamo-nos bem de tal maneira que uma pessoa podia fazer alguma coisa mal que ninguém se chateava por isso, dizia “olha faz isto melhor” e depois uma pessoa tentava sempre compensar, por exemplo não se lavava os próprios pratos num dia, se a outra pessoa lavava por nós chamava-nos a atenção, no outro dia se fosse preciso estávamos a lavar a loiça dessa pessoa, portanto nunca houve problemas desses. O que deixávamos sujo uma pessoa limpava porque o outro se calhar se visse alguma coisa suja que nem ele sujou limpava também. Acho que a nível do dia-a-dia o ambiente era muito bom, gostávamos muito de partilhar gostos uns com os outros, assim a nível daquilo que gostamos mais de ver, séries, filmes, jogos, paixão desportiva, por exemplo se era o futebol... o que é que era mais tendencioso no país do outro. E pronto, basicamente creio que não houve uma rotina que eu pudesse dizer este dia-a-dia foi assim, têm que ser vários dias, tinha que descrever vários dias: várias viagens por dia, ir às compras a um supermercado, viajar, se me apetecesse apanhar o autocarro e ir, a uma hora da cidade, visitar o outro campus que era muito bonito, tinha lá uma vegetação incrível, parecia que estava noutro mundo... sempre que havia algum evento, tipo uma feira, chamava-se X, que era logo em Outubro se não me engano, aquilo era espectacular, até havia lá uma diversão que só havia em três países na Europa ou no mundo, era incrível...nem parecia uma feira montada em dias, parecia uma coisa que estava lá... aquilo é incrível, se pensarmos por exemplo no *funcenter* do Colombo, que já não há, mas pronto aquilo era dez vezes melhor e se calhar muito mais. Pronto, como eu disse tínhamos acesso livre à casa uns dos outros e tínhamos muito por hábito passar noites a ver televisão, assim a beber, a falar, e durante a tarde a mesma coisa quando havia algum tempo livre. Nunca estávamos assim sozinhos e parados, tínhamos sempre o hábito de deixar as portas abertas para convivermos uns com os outros, era um espírito muito aberto que eu gostei bastante.

E a nível de perspectivas para a tua vida afectiva, amorosa, sexual, para esse período, antes de ires para Erasmus?

Pronto, se me perguntassem uma semana antes de partir, talvez duas até... eu não sou muito de ir para lá já a pensar “vou estar com estas raparigas”, o que tiver que acontecer, acontece! Mas antes de ir conheci uma pessoa, uma coisa que não estava à espera, e mudou logo a minha vontade toda de ir para lá, uma pessoa fica muito mais a querer voltar, estava muito muito mais virado para ficar lá e não pensar nas pessoas aqui e escapar um bocado à rotina, mas pronto, acabei por ficar mais preso do que esperava. Não tinha expectativas de fazer isto ou aquilo, ainda houve alguns incentivos por parte dos amigos como oferecer preservativos ou coisas do género, mas a partir do momento em que conheci essa pessoa decidi que não valia a pena, e estando já a falar com ela em termos de ter alguma coisa futuramente, não valia a pena estar a enganar-me e a falar com ela enquanto estava com outras pessoas, não me ia sentir bem. Ainda estive com uma pessoa lá, logo no início, mas depois dada a situação que criei aqui antes de partir não continuei, não tive assim mais nada de especial. Portanto, a nível

de perspectivas a ir para lá, a nível sexual e afectivo não...era mesmo não fazer nada, pronto acabou por acontecer uma coisa, mas não foi nada de especial. Pronto, a nível das perspectiva é isso, basicamente não havia muitas.

Fala-me então de como é que aconteceu...disseste-me que as tuas perspectivas acabaram por mudar, ou seja, duas semanas antes seriam umas, depois encontraste alguém nesse período de duas semanas, é isso? Podes explicar um pouco melhor como é que correu, como é que foi?

Essa pessoa também é do meu curso, é do ano anterior, foi no dia das inscrições, estava basicamente a explicar-lhe como é que é o curso, como é que eram os horários, e na troca de olhares pronto, tanto eu como ela sentimos alguma coisa, ainda trocámos mais olhares depois de falar com ela...pronto, e depois desse dia das inscrições em que sentimos aquela empatia um pelo outro seguiu-se a semana de praxe, e na semana de praxe claro que houve, pronto uma pessoa aproveitou a posição, ainda foi falar, foi-se meter com ela e assim, e o sentimento foi crescendo cada vez mais, cada dia, cada interacção, o sentimento cresceu muito mais. Chegámos ao final da semana e havia a saída de curso, ela já me tinha ido levar ao metro, já me tinha dado a entender que havia alguma coisa, mas eu como me ia embora até decidi não avançar com nada e esperar que tudo resultasse depois. Nessa saída de curso, o que me deixou ainda mais com vontade de voltar foi quando me estava a despedir de todos os meus amigos, incluindo ela, eram por volta de três e tal da manhã, a noite já estava a morrer e ia acabar, ela apertou-me a mão de tal maneira que quase me deu vontade de não ir embora, e foi aí que eu decidi que, pronto, não podia deixar escapar aquela oportunidade. Era para a beijar, mas ela foi embora antes que eu tivesse metido isso na cabeça, ainda a procurei um bocado mas não a encontrei... ela mandou-me uma mensagem com um coração e depois passado um dia respondi-lhe a dizer “gosto muito de ti”, a partir daí começámos a falar mais, eu tive a iniciativa de falarmos por *skype*, todas as semanas falávamos nem que fosse uma vez e compreendíamos-nos completamente, sentíamos aquela cena a falar, ficar horas e horas a falar até às quatro ou cinco da manhã, saía de uma festa até para ir falar com ela se pudesse, e foi assim que se tornou durante essa semana, e prolongámos e alimentámos a ligação que criámos durante essa semana, ao longo do Erasmus. E foi por isso que a nível da relação sexual e afectiva com pessoas lá, não quis ter nada assim de especial.

Vocês envolveram-se cá, antes de partirem?

Não nos chegámos a envolver mesmo, mesmo, só a nível pronto, de ligação.

Partiste para lá e continuaram esta ligação via *skype*, certo?

Exactamente.

Quando partiste, falaram sobre isso, sobre o facto de tu ires embora, os dois falaram sobre essa situação, qual era a perspectiva pelo facto de te ires embora?

Não falámos directamente sobre isso, nunca dissemos, quando voltarmos que íamos ter alguma coisa, sempre deixámos tudo acontecer naturalmente sem pressões, sem dizer “espera por mim” ou assim, tipo, eu não queria ter nada com ninguém mas

não ia ter problemas se ela tivesse tido com alguém, e depois disse que eu compreendia... eu acabei por ter, mas foi ao início sem saber ainda se ia dar mas depois decidi arriscar e se alguma coisa corresse mal não teria sido porque eu estive com outras pessoas e não corri esse risco. Então, decidi correr o risco, mas se ela tivesse alguma coisa não ia ter problemas, por isso nunca falámos directamente sobre isso, deixámo-nos conhecer naturalmente, falar um com o outro sem falar do que íamos ser ou do que éramos e acabou por resultar, voltei e foi excelente, ainda voltei pelas férias do natal e foi aí que a pedi em namoro. Depois estive lá mais uns... aí já custou mais como é óbvio, mas conseguimos na mesma, e voltei definitivamente e ainda hoje estamos juntos, por isso acho que correu muito bem. Agora, conversas que tínhamos tido sobre isso, tivemos várias ao longo do tempo em que eu voltei. Pronto, e sobre isso falámos que, ela, por exemplo, dizia que eu era a força dela, como ela veio de longe, veio de X, não se estava a dar assim muito bem, disse que eu era a força dela mesmo até estando longe. Mandava-me várias mensagens várias vezes à noite quando ia sair, a dizer que eu devia estar cá, que só fazia sentido e só lhe dava força se eu estivesse aqui. Foi uma fase muito difícil para ela e eu dei-lhe o maior apoio que consegui, dada a minha situação. Fomos falando, fomos dizendo que foi uma coisa fantástica, termos sentido logo aquilo, termos tantas interacções. (gravação imperceptível)...fomos sempre ultrapassando tudo, sempre nos perguntámos como é que teria sido se eu tivesse ficado mas decidimos mesmo nunca pensar sobre isso porque as coisas acontecerem da maneira como aconteceram levaram àquilo que somos hoje e estamos felizes com isso, muito felizes mesmo. Portanto, sempre que recordamos essa altura, essas conversas por *skype*, tudo é com muita felicidade e hoje em dia ajudamo-nos muito um ao outro, para além de minha namorada é a minha melhor amiga e não iria abdicar dela por nada, nem ela de mim, fazemos sempre muito um pelo outro apesar de às vezes discutirmos o que é perfeitamente normal. Portanto, sobre essa situação tivemos mesmo várias conversas, resumir tudo aqui é difícil, basicamente foi o que eu disse agora. Recordar sempre com felicidade e nostalgia mas sempre preferindo o estarmos perto agora, e pronto, a nível disso é tudo.

Então, em relação ao que ocorreu no Erasmus, sei que tinhas essa relação a decorrer e que, pelo que percebi, optaste por não te envolveres com ninguém, não é que tenham combinado algum tipo de exclusividade, foste tu que optaste por essa situação, mas o que é que ocorreu lá e como é que lidaste com tudo? Ou seja, disseste-me que tiveste um envolvimento ao início, se pudesses explicar um pouco o que é que acontece durante o Erasmus.

Durante o Erasmus, esse envolvimento foi logo na segunda semana em que estive lá. A rapariga estava muito interessada em mim, mandava-me várias mensagens, ver onde é que eu estava e coisas do género, e numa noite pronto, aconteceu envolvermo-nos numa saída, prolongámos a coisa durante uma semana, mas pronto lá está, eu depois decidi desistir. Pronto, é suposto ir mais em pormenor não é? Envolvermo-nos nessa noite, ao longo da semana fomos indo a casa um do outro. A nível sexual não houve penetração nem nada do género, só houve sexo oral e pronto, houve umas vezes, despimo-nos e assim mas como eu não me sentia mesmo bem a fazer aquilo acabei por não fazer assim nada. Não sei, não me estou a lembrar de um termo científico para...pronto, com a mão. Pronto e durante essa semana foi

mais ou menos assim, fomos estando um com o outro e eu... ela queria mesmo fazer mas eu nunca quis e decidi que devia acabar com aquilo, não fazia sentido. Pronto, foi o que fiz. Ao longo do Erasmus ainda houve raparigas que tentaram alguma coisa, às vezes até se punham mais a tentar entrar no quarto quando havia alguma festa lá em casa, mas nunca... eu dizia mesmo que não queria, porque tinha uma pessoa à espera, e todas as tentativas que existiram por parte dessas raparigas nunca tiveram correspondência. Portanto, a nível da relação sexual e afectiva, não tenho muito para contar, é basicamente esta primeira experiência que durou uma semana, com uns beijos assim de passeio, desses episódios em casa um do outro, e de resto não houve nada, como eu disse houve tentativas por parte de outras raparigas, mas não houve assim mais nada de especial.

Qual era a nacionalidade dela?

Era belga.

Contaste à rapariga com quem tinhas cá desenvolvido essa proximidade?

Se tivermos em conta a situação de Erasmus, quando eu voltei também no natal, ainda estava em Erasmus só que, pronto, foram férias, enquanto estive lá em Inglaterra não, mas quando voltei no natal contei, não contei tudo, contei que estive com uma pessoa, só depois de ter mesmo voltado é que contei tudo, dei-lhe os pormenores todos. Ela também contou coisas que aconteceram. Pronto, não houve uma má reacção, compreendemo-nos um ao outro, acho que tanto um como o outro se tivéssemos dito para esperar tínhamos esperado, foi o que fizemos os dois, portanto não gerou problema, mas foi bem aceite. Claro que, às vezes, é sempre difícil de pensar ou assim, foi bem aceite, foi compreendido até porque achamos os dois que há coisas mais importantes. Portanto, a nível de depois lhe ter contado sobre isso foi assim.

Então e sentes que o Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional?

Desenvolvimento emocional creio que sim, não sei se foi pelo Erasmus em si, mas pela pessoa que conheci antes e a maneira como interagi com ela durante. Acho que contribuiu bastante para o meu, pronto, para o meu estado emocional, o meu desenvolvimento emocional, porque tendo uma pessoa que nos apoia tanto sentimo-nos capazes de tudo, temos muito mais energia e incentivo para fazer tudo, e mesmo que tudo corra mal sabemos que essa pessoa vai estar lá e que isso é o mais importante. O que eu desenvolvi mais, a nível emocional, foi a compaixão pelas pessoas, a tolerância, o acreditar que temos tanto... temos algo de bom como de mau, toda a gente tem, ninguém é boa pessoa ou má pessoa, toda a gente deixa só vir ao de cima mais uma parte do que outra. E creio que isso acontece por experiências de vida, pela maneira como as pessoas reagem às coisas, há pessoas que reagem de uma maneira e há pessoas que reagem de outra, há pessoas que são mais fortes e outras que são mais fracas, e aprendi a compreender essas pessoas, a ser tolerante a explorar essa parte e não ser logo agressivo com elas quando elas são agressivas comigo, tentar compreender... e isso tem resultado muito, vim para aqui, pessoas que ao início não agem comigo da melhor maneira eu tento compreender porque, pronto, não podemos

conhecer uma pessoa logo pelas primeiras interações...e ajudo essa pessoa, e se for para me dar mal com alguém tem que ser por uma razão muito forte. Foi o que eu desenvolvi, e creio que isso foi uma das melhores conquistas com que vim de lá.

E uma questão que eu não fiz há pouco, mas que é importante: a nível de padrão, o Erasmus representou uma diferença no padrão que tinhas anteriormente a nível sexual, de actividade sexual, digamos assim, antes de ires para Erasmus eras muito activo ou não, houve alguma mudança de padrão?

É assim, eu sou mesmo muito fiel aos meus princípios e aquilo que aconteceu lá, até mesmo que não tivesse conhecido nenhuma rapariga, algo que não aconteceria aqui, que eu não gosto de ter algo só por ter, de ir simplesmente por atracção física, envolver-me mesmo com o corpo de uma pessoa, pode haver uns beijos só por atracção física, porque acho que isso cria sempre uma relação espiritual que não deve ser criada assim...só porque sim. A nível de actividade sexual, sempre só dentro de uma relação, aquele foi um caso à parte e não teve grande impacto agora no padrão actual que continua a ser o mesmo, só dentro de uma relação..(gravação imperceptível), sou consideravelmente activo mas lá está, só dentro de uma relação. Pronto, não alterou muita coisa, não fiz assim mais nada...

A tua actividade sexual foi sempre, dentro de uma relação, desde o início, deste o início do percurso da tua vida.

Exactamente.

E em relação à visão entre relações interculturais, o Erasmus mudou a tua visão?

É assim, o ambiente de Erasmus é um ambiente que eu acho que cria um espírito de cooperação enorme, porque as pessoas acho que davam o melhor de si para se dar bem com as outras pessoas e creio que nunca houve um problema por este ser de uma cultura, não me dou bem com ele... é assim, os franceses são pessoas um bocado... às vezes são um bocado difíceis, acho que há uma opinião geral de vários países, de várias culturas sobre isso, até pelas piadas que se fazem, às vezes, na internet, e costumam ser pessoas arrogantes. Eu conheci lá dois franceses, um deles não era assim muito arrogante, mas às vezes parecem-me pessoas um bocado complicadas, até houve uma atitude de um deles que eu condeno imenso, sei que ele tinha uma namorada e lá fazia tudo como se não tivesse, mas pronto, isso não me dizia respeito. A nível da relação que eu tinha só com estava tudo bem, da relação também com as outras pessoas também. Eu acho que nos respeitávamos imenso, respeitávamo-nos bem com as nossas diferenças, ninguém gozava uns com os outros, tentávamos integrar toda a gente, não havia aquela criação de um grupo separado, era sempre... convidava-se toda a gente para tudo, portanto a nível das relações interculturais mais parecia que éramos todos do mesmo sítio, não senti nenhuma diferença por uma pessoa ser da América ou ser de Inglaterra, ou ser de França ou de Espanha, não senti absolutamente diferença nenhuma, acho que isso foi o mais incrível da experiência. Pronto, então a nível das relações culturais, que mais posso dizer... claro que ainda havia de vez em quando algumas pessoas que diziam “ah os franceses são assim, os portugueses são assim, os ingleses fazem isto e aquilo”, mas

eram coisas que iam reparando ao longo do Erasmus, e que ninguém dizia em tom de crítica negativa, diziam que eram só aspectos que se realçavam e reparavam. Nem que fosse simplesmente o sotaque, os hábitos, às vezes, diziam que os portugueses tinham mais pêlo do que os franceses por exemplo, pronto, esse tipo de coisas sem muita importância. Pronto a nível das relações interculturais é isto, basicamente.

E durante o percurso da tua vida, já tinhas tido alguma experiência no estrangeiro, já tinhas vivido no estrangeiro anteriormente, davas-te com muitas pessoas de outras nacionalidades ou não?

É assim, dar-me com pessoas de outras nacionalidades só, por exemplo, alguns estrangeiros que viessem para cá e estivessem na escola, por exemplo tinha um romeno na turma, um chinês, como é hábito pessoal vindo de África e desses países dos PALOP. De resto, não houve assim um contacto muito...com pessoas de outros países que sejam mesmo de outros países, por exemplo com o skype ou pessoas que tenha conhecido de outras nacionalidades no próprio país... a única experiência a nível internacional que tive foi uma semana que fui para Inglaterra com a minha escola secundária, fui com portugueses, estive numa casa de uma família que nos acolheu, a mim e a um amigo, eram jamaicanos. Demo-nos imensamente bem com eles, eram super hospitaleiros e eram muito humildes, eram pessoas que, basicamente, nos davam muita liberdade dentro e fora de casa enquanto estávamos lá. Mas, acima de tudo, essa experiência foi mais feita com alunos da minha escola, portanto foi mais contacto com portugueses lá está. Claro que ainda houve contactos com estrangeiros mas não foi assim nada de especial, não houve criação de laços, só mesmo alimentar laços com os meus colegas da minha escola. Pronto, acho que não conta como experiências internacionais, pelo menos não é nada de desenvolvimento ir passar assim um dia ou outro a Espanha, há sempre um contacto com as pessoas, mas nada de especial. Portanto a nível de criação de laços anteriormente com estrangeiros não... só mesmo no Erasmus.

Por último, o que é que o Erasmus representou para ti?

Representou uma revisão de valores, uma revisão da minha personalidade, da minha forma de ser. Pronto, houve momentos difíceis, eu considero que sou uma pessoa que quer sempre fazer tudo o que for possível pelo bem, ajudar as pessoas, e há alturas em que uma pessoa pensa que não deve ser assim porque a vida prega-nos muitas rasteiras e às vezes vêm de pessoas de que não esperamos. Pronto, e lá eu recebi muito esses valores, pensar se eu deveria ser assim ou não e tomei a decisão de por mais que acontecesse alguma coisa ser sempre assim, porque às vezes as pessoas desistem de fazer o bem e se uma pessoa desiste vai levar a que a outra desista, e a outra desiste, a maior parte desiste e não se sai disso. Então decidi, a nível pessoal a maior decisão foi mesmo ter deixado de ser como sou por isso, o pior que acontecesse acreditares sempre nas pessoas e que elas podem fazer-te algo de bom. Por mim, por pior que possam fazer ao início, as pessoas acho que conhecem no fundo o bem... quando se faz o bem a uma pessoa essa pessoa reconhece e acaba por retribuir, cada pessoa tem a sua maneira de retribuir, não é sempre como nós esperamos, e desde que haja uma retribuição, tudo bem, eu creio que se alguma pessoa não esperar muito dela e... se eu não esperar muito de uma pessoa o que eu faço mais é não me dar tanto com ela e afastar-me, e não ser mau para essa pessoa, tentar compreender... lá está,

como eu disse, creio que cada pessoa tem uma parte má e outra parte boa, e essa pessoa é que escolhe qual é que deve sobressair. Portanto, a nível pessoal o que retirei mais do Erasmus foi essa revisão de valores, esse acreditar que deve ser assim aconteça o que acontecer, porque vivendo numa situação em que dependemos das pessoas que lá estão, para nos seguramos aquela experiência e não nos irmos abaixo com a falta das pessoas que nos são mais queridas e que já vêm desde que nascemos, que estiveram connosco ao longo das experiências mais marcantes que vivemos até à altura em Portugal, aprendi lá que não há... neste momento podemos ter tudo e mais alguma coisa, mas sem as pessoas não é nada. Acho que devemos valorizar muito as pessoas, as pessoas devem ser valorizadas, seja um agricultor, seja um doutor, seja advogado, todos têm algo para nos ensinar, todos sabem fazer alguma coisa que não sabemos, portanto acho que uma abertura a qualquer pessoa, aquilo que ela nos tem para ensinar, para dizer, valorizar a pessoa porque está ali uma pessoa não está um número, não está um trabalhador, está ali uma pessoa que como nós nasceu, viveu, aprendeu com a vida, e sendo como nós acho que ninguém é superior nem inferior, somos todos iguais e devemos-nos tratar como tal. Só devemos-nos sentir superiores a certas atitudes, às más atitudes acho que devemos-nos sempre sentir superiores e não nos deixarmos ir abaixo. Pronto, basicamente foi essa a experiência.

Mais alguma coisa que queiras dizer, que aches interessante que tenha acontecido, aches que deva ser focado?

O meu conselho para dar às pessoas que vão para Erasmus é para tentarem participar em tudo, para não desistirem de falar com as pessoas, por pior que sejam a nível social, serem tímidos ou não serem tímidos, acho que devem de arriscar e melhorar-se a elas mesmas. Tudo o que pode ser desconfortável ao início, devem sair da zona de conforto e tentarem melhorar-se, porque acho que isso compensa sempre, não queremos definir um limite para nós, devemos sempre pensar que conseguimos mais, e Erasmus, quando estamos por nossa conta acho que ela é a situação ideal para o fazer. Seja a nível de relação sexual, afectiva, seja aquilo que for.

Mais alguma coisa?

Pronto, para aproveitarem muito, que é preciso aproveitar viajar, conciliar bem o processo académico com a diversão, que é o conselho que se dá a qualquer estudante. Fazer contactos lá, nunca se sabe o que é que pode dar jeito, podemos depois mais tarde escolher trabalhar lá e construir lá uma vida. Logicamente, aquilo que mais me marcou já disse ao longo da entrevista, portanto não tenho assim mais a dizer.

Obrigada.

JOANA

Que motivos te levaram a fazer o Programa Erasmus?

Primeiro que tudo, ter uma experiência fora do país, viver noutro país, acho que é sempre uma experiência enriquecedora, permite ter contacto com outras pessoas, com outro estilo de vida, outra cultura... É uma experiência diferente, interessante.

Quais eram as expectativas, o que é que pensavas retirar da experiência?

Por acaso, não tinha bem expectativas em relação ao sítio para onde ia, eu fui para X na Turquia, e não conhecia nada da realidade, não sabia absolutamente nada sobre o país, não tinha ideia do que é aquilo era. Então era mesmo expectativa zero! Não sei se vai ser bom, se vai ser mau, não sei se me venho embora logo ao princípio, mas vamos ver, vamos ter assim um choquezinho cultural, vamos ver o que é que isto dá... Mas, sim, tinha um pouco de expectativa de uma experiência diferente e boa, não é? Mais ainda assim, não tinha bem a certeza de como é que poderia ser, como é que haveria de ser a minha reacção a esta experiência.

E em relação à tua vida sentimental, amorosa, sexual quais eram as expectativas que tinhas, antes de partires para Erasmus, para esse período?

Não ter relações, porque eu tinha cá um namorado e à partida não me ia envolver com mais ninguém e foi o que aconteceu.

Tinhas cá um namorado, portanto, na realidade como é que as coisas aconteceram com a tua relação, neste caso. O relacionamento, que foi apenas um, pelo que percebi, como é que foi essa relação?

Pois, é uma relação um pouco diferente, porque é uma relação à distância, não é? Isso é interessante, ver como é que as coisas se mantêm ou não se mantêm. Foi engraçado porque, por exemplo, correspondíamos por cartas, uma coisa à moda antiga, ao princípio e depois acabámos por também utilizar o *skype* e os *email* sempre também. E é interessante ver essa evolução da relação, porque por exemplo, nós não andávamos há muito tempo e havia a possibilidade das coisas não continuarem, tipo eu voltar e não haver uma continuação. Acho que essa possibilidade na minha cabeça esteve sempre presente, se bem que acabou por resultar muito bem... Não sei o que queres que eu diga mais...

Que explores o que tu e ele passaram, talvez seja mais fácil...a nível emocional como é que foi para vocês esse período?

É claro que tens saudades da outra pessoa, não é? Estás distante fisicamente, neste caso, durante cinco meses e qualquer coisa, mas através destas pequenas coisas, lá está, cartas, *e-mails*, falar de vez em quando pelo *skype*, enviar vídeos, enviar não sei o quê, contando pequenas coisas que vão acontecendo e tu mantendo a memória da outra pessoa também viva em ti, tipo, falar com os teus amigos, lembro-me de falar com a minha colega de casa, ou havia certas coisas, pronto, tudo isto mantém viva a presença da outra pessoa se bem que não fisicamente. E lá está tudo isso contribui.

Que dificuldades é que sentiram?

Falo mais por mim, não é? Sinto a falta e não só dele, não é? A nível sentimental também sentes a falta da necessidade da tua família, tipo, não que precisas dela, visto que estás bem e tens tudo o que precisas em termos de necessidades. Mas, se calhar, olha se eles te convidassem para ir jantar, tu ias. Sabia bem ir lá jantar a casa dos pais e depois voltavas.

E sentes que a experiência Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional?

Sim, sim, até porque foi muito interessante, eu depois apanhei lá aquela parte das manifestações, já quase no final da minha estadia, mas foi uma experiência brutal e mudou-me bastante! Porque eu nunca tinha assistido, nunca tinha estado num cenário de violência como aquele, estás lá no meio das manifestações e estás a ser atacado com gás lacrimogénico e canhões de água e o pessoal todo em pânico, e aquilo é tipo uma mini- guerra, não é uma guerra a sério, isso deve ser outra escala, não é? Nem sei o que é. Mas, só aquela experiência, já dá para tu sentires um cheirinho do que pode ser assim um cenário de violência e de insegurança e não sei, aquilo é estranho. E estando as pessoas a combater por direitos, por liberdades, enfim básicos que nós damos aqui como garantidos, não é? Mas que eles ainda estão a lutar por eles, especialmente a malta mais nova, a geração da nossa idade que estão influenciados por aquilo que recebem e que tem contacto através das redes sociais e internet e tudo isso, da europa, não é? E aí foi uma experiência bastante marcante também. E depois as pessoas que conheces lá, os turcos são um povo incrivelmente, (não estava nada à espera), são muito afectivos, muito acolhedores, passado uma ou duas vezes de estar com eles, eles já te consideram mesmo tua amiga e/ou parte da família. E se for preciso abrem-te as portas da casa, ficas lá a dormir, a comer o tempo que for preciso, ninguém te faz perguntas nem nada. Ah, és amiga da X, então és nossa amiga! E coisas assim que tu ficas mesmo uohhhh! É bom, é bom, estando longe de casa este sentimento de criares uma outra família, é muito bom! Dá uma boa rede de apoio, faz-te sentir mais integrada, num sítio que à partida não te vais sentir tão integrado, porque é uma cultura diferente, é uma maior maneira de viver diferente, é uma cidade absolutamente gigantesca e anónima e tudo isto... pá, nós somos portugueses, nós gostamos daquilo tipo de sentimento de estar em casa e o que é bom é nosso e essas coisinhas que tu consegues encontrar lá acabam por te fazer sentir mais à vontade.

E a tua vida sexual durante o período Erasmus, como é que foi?

Lá está, eu não me envolvi com ninguém.

Mas, com teu namorado essa parte existiu de alguma forma ou não?

Não, não, aí é mais outra cena, é mais amoroso como se diz... Sim, é mais aquela coisa de companheirismo ou outro tipo de...sexualmente não. Aqui não te posso ajudar muito.

Em relação às relações interculturais? O Erasmus mudou a tua visão sobre as relações interculturais?

Entre pessoas de diferentes países e diferentes culturas?

Exactamente.

Por acaso, estou-me a lembrar de uma rapariga que conheci lá francesa, e ela já foi para lá para estudar, ou também no Erasmus ou uma coisa qualquer, temporariamente, e acabou por ficar, porque arranjou um namorado, porque acho que eles já namoraram há três ou quatro anos ou uma coisa assim. E, pelos vistos, acho que eles se davam bem, não os conheço assim tão bem, nunca o conheci a ele. Mas não deixa de haver, acho que havia certas questões culturais entre eles. Tipo, ele é muçulmano, ela não é, acho que a relação, imagina que aquilo evoluiria para outra coisa, se eles quisessem casar ou assim, acho que nenhum deles saberia, ainda sabe como é que hão-de fazer, porque justamente existem essas pequenas diferenças que acabam por ter um certo peso, não é? Mas não sei bem o que pensar sobre isso... acho que é possível, acho que não há nenhuma impossibilidade cultural que impeça uma pessoa de ficar com outra, se as pessoas quiserem ultrapassam qualquer coisa. Mas pode criar algum tipo de problemas, que têm que, claro, ser resolvidos. Mas nesse aspecto, não sei, não houve grande impacto sobre isso, não houve assim nada que me fizesse pensar realmente sobre isso.

Então não mudou a tua visão? É essa a minha questão, mudou ou não?

A minha experiência Erasmus, acho que não, isto era algo que eu já pensava antes.

E durante o teu percurso de vida, agora fora do período Erasmus, já tinhas estado, estavas muito em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Já tinhas vivido no estrangeiro?

Nunca tinha vivido no estrangeiro anteriormente, mas contactava com outras nacionalidades, por exemplo através do *couchsurfing*. De vez em quando faço viagens temporárias. Eu tenho amigos, eu já tinha amigos de muitas nacionalidades antes, agora tenho mais.

E em que contexto é que viveste?

Por acaso, tive muita sorte, fiquei numa casa ao pé da faculdade. A casa era mesmo da rapariga com quem eu estava a viver, ela é turca. Era assim um apartamentozinho, muito fixe, por acaso muito bom. Vi outras casas e, pá, lá é um bocado difícil encontrar um sítio bom por um bom preço, as casas são muito caras. O estilo de vida nem por isso, a comida é barata, os transportes são baratos, mas as casas são bem caras. E a casa era um bocadinho carinha, mas valia a pena, pelo facto de não que pagar transportes, porque estava a cinco minutos da faculdade. E porque depois tive imensa sorte por ser ela, que ela é realmente uma pessoa extraordinária, uma das pessoas mais queridas que já conheci! E a casa é boa, é uma casa como tu tens aqui, uma casa moderna, bem equipada, nada de grandes orientalismos, nem pouco mais ou menos. Mas sim, estava bem.

Voltando um bocadinho à relação com teu namorado, portanto no Erasmus. Há pouco disseste que tiveste medo, tinham algum receio de não continuarem, do período Erasmus vir a quebrar isso de alguma forma. Porquê? Porque é que tinham esse receio?

Pelo distanciamento físico.

O que é a distância pressupõe?

Pressupõe... pois, percebo onde estás a querer chegar! Porque uma coisa é, porque tu acabas por desenvolver alguma coisa mais forte com uma pessoa pela presença que tens com ela, não é? Tu vais sair muitas vezes com ela, falas muitas vezes com essa pessoa, estão juntos muitas vezes, fazem coisas juntos muitas vezes, e vais aqui, vais ali e fizeste isto e aquilo e não sei quê, não sei que mais. E em parte é isso que cria essa relação e é isso que mantêm essa relação. Se tu, de um momento para outro tu, dizes a outra pessoa: Olha isto agora, esta coisa de irmos sair e não sei quê, agora durante cinco meses, esquece lá! Podes obviamente estar à espera de um: aí é? Então, mas eu não estou para estar cinco meses à tua espera, tchau, tchau! O que eu entenderia perfeitamente, e acho que cada um tem que ter a sua vida, ninguém tem que estar preso a nada, nem nada disso. Eu teria entendido do ponto de vista racional ou assim... Ou até mesmo, eu estava um pouquinho aberta, se houvesse alguma coisa que me chamasse lá mesmo atenção, mas também não houve, alguma pessoa, mas também não houve. Portanto é mais por aí, é mesmo, porque é diferente, é muito diferente, claro que é. Não sei se teríamos aguentado mais tempo, um ano ou assim já teria sido outro desfecho no final, não é? Não sei... é tudo hipotético. Que engraçado, tu a fazeres este trabalho, estás a fazer-me pensar sobre estas coisas.

Quando voltaste do Erasmus, como é que... conta-me como é que foi. Quando voltaste do Erasmus, com ele como é que ficou a vossa relação. Como é que a coisa se desenvolveu?

Logo assim que voltei, ele também por causa do tipo de personalidade que tem, foi como se nunca tivesse sido nada, foi tipo, fui passar o fim-de-semana a X, porque sou de X, voltei e: aí, olha bora ali? Bora! Mas mesmo assim na boa. Depois passado mais um bocado, houve certos ressentimentos que vieram ao de cima e umas certas confusões e tal, mas se calhar era necessário, era preciso, e depois voltou. Foi uma reacção mais tardia, não foi imediata.

Confusões?

Talvez, um certo ressentimento, pela outra pessoa ter estado fora, tão longe ou assim, não sei se terá sido isso, mas acho que foi isso. É a primeira relação assim, que eu estou assim há tanto tempo, há muita coisa que eu estou a descobrir. É muito engraçado veres como as coisas evoluem, que as coisas têm mesmo fases, passas por fases nos relacionamentos, é uma descoberta, digna de se estudar. Agora estamos, tipo, há um ano e meio mais ou menos, acho que sim. E realmente tem várias fases, e essa foi uma das fases, pois tive ainda de Erasmus! Ali tive o primeiro mês que foi como se nada tivesse sido, depois tipo algo turbulento, não sei porquê, várias coisas. A outra pessoa teve fora cinco meses agora tens que voltar a readmiti-la na tua vida, e tu própria, tu tiveste fora cinco meses com outro estilo de vida, outra coisa e voltas para aqui. Tens um bocadinho de choque cultural, tens que te voltar a habituar às coisas aqui, e depois começar... se bem que voltas para as férias de verão, ok, não fazes nada, não fazes nada! Mas depois tens que começar com um novo ano, tens que decidir o que é que vais fazer da tua vida, vais fazer mestrado, vais trabalhar, vais fazer um estágio, essas tretas todas! E tens que te agarrar às coisas, e pronto é isso.

Mais alguma coisa que queiras acrescentar sobre o período Erasmus que tenha sido importante para ti? Que queiras falar sobre isso?

Acho que já falei de tudo, as pessoas que conheci muito interessantes, a questão das manifestações também foi muito interessante, toda a experiência em si, não é?

Obrigada

JOÃO

Quais foram os motivos...

Para ir de Erasmus? Queria sair daqui como toda a gente, queria ter uma experiência no estrangeiro, mas o que mais influenciou foi que... o ir com a minha ex-namorada, que era namorada na altura, só que, entretanto, antes de ir acabamos e.. e pronto, depois acabei por ir na mesma porque decidi que ia ser importante de qualquer das formas, mas os motivos não foram de todo académicos, foi mais sobre a experiência pessoal sem dúvida.

Pela experiência pessoal... e foste juntamente com a tua namorada ou não?

Ela, na altura em que nos candidatamos, ela era minha namorada, depois nós fomos em X no final, só que aí já tínhamos acabado, porque acabamos em X. E desde X que não nos falávamos e depois ela esteve lá e eu estive lá também e não nos falamos até Maio, não, Abril!

E quando pensaste fazer o Programa Erasmus o que é que pensavas retirar dessa experiência?

No fundo era aprender a viver no estrangeiro, a desenrascar-me por mim, porque nunca sai de casa e também queria viver com ela um bocadinho.

Foi um projecto a dois?

Sim, acabou por ser um projecto a um!

E antes de partires para o Erasmus quais é que eram as tuas perspectivas em relação à tua vida sentimental/amorosa/ sexual, ou seja, como é que tu imaginavas, quais é que eram as tuas perspectivas para esses meses que ias estar fora?

Era que ia ter algumas oportunidades de me relacionar com outras raparigas, mas... e pronto iam surgir. Mas não era nada que influenciasse a minha ida ou que fosse o motivo da minha ida.

Ainda não sendo o motivo quais eram as expectativas?

Era que tivesse com algumas raparigas.

E depois na realidade isso aconteceu?

Estive, sexualmente com a minha namorada e com outra rapariga francesa que estava lá. Depois entretanto também estive com outras raparigas, só que nunca foi só sexualmente. Foi só andarmos aos beijos durante uns dias e depois acabava-se

E vivias aonde? Estavas a viver em que ambiente, numa residência, numa casa, como é que era?

No primeiro mês, vivi numa casa com um casal que tinha aí os seus 50 anos, ela era argentino e ele era colombiano. Pá, depois decidi que aquilo não era muito a minha cena, não queria viver noutra casa, com outros pais, por assim dizer. Decidi mudar para a residência de estudantes, na altura em que mudei os meus amigos, estavam a pensar mudar para fora da residência de estudantes, e eu acabei por mudar para fora da residência um mês depois e foi viver com uma amigo meu inglês e com uma amiga minha sueca e outra polaca com quem nunca me relacionei.

E a nível de desenvolvimento emocional, sentes que o Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional, conhecimento pessoal de alguma forma?

Sim, sim sem dúvida nenhuma. Porque, pronto, uma pessoa aprende a viver sozinha sem grande ajuda dos pais, bom financeiramente ainda a tinha. Mas não estão lá todos os dias para apoiar ou pressionar, depende da forma como as pessoas o virem e pronto e faz isso...

E a tua vida sexual no programa Erasmus como é que foi, podes-me descrever o mais pormenorizadamente possível como é que foi?

Aí por volta da segunda semana, comecei-me a relacionar com uma rapariga. Ela parecia que queria uma coisa séria, mas a mim não me apetecia muito e então fui-me embora dessa cena. Passados aí uns dois meses tive só uma cena de uma noite com outra rapariga, mas que não foi para a frente e passados uns dias foi com uma francesa e aí fomos para a cama e assim. E depois comecei-me a aproximar outra vez da minha ex-namorada e aí é que estivemos muitas vezes juntos.

Ela estava lá?

Não estava comigo, mas estava lá.

E essas pessoas com quem estiveste anteriormente, desenvolveste algum tipo de relações com elas?

Hoje em dia, pá, não falei com elas desde que me vim embora. Tive só com outras pessoas, mas pessoas amigas.

Quais eram as nacionalidades delas?

A primeira era grega, uma outra era finlandesa e depois a outra com quem me relacionei sexualmente mesmo era francesa.

E o facto de serem de outras nacionalidades, sentes que isso teve alguma influência nas tuas relações?

Sim, o modo, a cultura das pessoas também influencia um bocado isso. E é um bocado diferente estar a relacionar-me com portuguesas do que estar-me a relacionar com estrangeiras. É um bocado difícil de explicar, porque vai muito da cultura e é um bocado parvo dizer, mas pode parecer até mais fácil relacionar-me com estrangeiras do que com portuguesas. E não é só a minha opinião porque, uma vez, um sueco disse-me também que as portuguesas eram as mais difíceis, mas pronto, é um bocado isso.

O Erasmus mudou então a tua visão em relação às relações interculturais?

Sim sem dúvida.

Como?

A nível sexual?

Às relações interculturais, o que tu tomares como relação interculturais, relações entre pessoas de nacionalidades diferentes?

Sim, isso é sempre muito interessante, porque existe uma partilha de culturas e de pontos de vista diferentes que, enfim, podem acabar até por se cruzar mas de maneiras que se calhar não estamos à espera e...pronto é um bocado isso.

Agora em relação ao teu percurso de vida fora do programa Erasmus, antes do programa Erasmus, já estavas em contacto com pessoas de outras nacionalidades?

Não, não, não, nunca estive e o Erasmus foi a primeira vez onde isso aconteceu.

Nunca viveste no estrangeiro?

Não, até fazer Erasmus também...

E a nível de ligações com pessoas que não fossem portuguesas, tinhas? Estou a falar desde a tua infância.

Só com um amigo meu brasileiro, que andou comigo na escola, que entretanto teve que voltar para o Brasil quando eu tinha 15 anos. E pronto, de vez em quando vou falando com ele, línguas diferentes e isso, não, nunca.

Gostava de explorar um pouco mais a parte em que estavas a falar das relações que tiveste em Erasmus. Saber em que contexto é que conheceste essas pessoas, como é que as histórias se passaram? Se puderes, em cada uma delas, contares-me a história em particular.

A primeira que foi com essa grega...bom, o contexto em que eu conheci todas essas pessoas foi sempre normal. Porque é aquela cena, tu estás em Erasmus, vais sair e acabas sempre por conhecer gente nova e funciona um bocado assim, depois com umas começa a conversar mais, e acabam por se relacionar, sei lá, ou porque estão bêbados ou porque sentem mesmo a cena e pronto acaba por acontecer assim. A primeira vez, andamos aí enrolados, tipo aos beijos, sei lá uns 5 dias ou assim, mas depois, no dia seguinte, ela chegava-se ao pé de mim de manhã e dava-me um beijo e eu ficava um bocado constrangido e não gostava muito da cena, depois pronto, lá acabamos por ir cada um para seu lado, passado aí uma semana ou duas. Depois as coisas até ficaram um bocado estranhas, mas depois lá ficamos amigos na mesma. Depois, só passado aí uns dois, três meses é que estive com essa finlandesa, também foi só uma noite. Em que tínhamos saído à noite, estávamos os dois também bêbados, começamos aos beijos também e pronto depois éramos para ir para casa os dois, mas não fomos porque ela... a sueca que vivia comigo era um bocado fofqueira e ela tinha um bocado de medo da avaliação que ela ia dar, ou pelo menos, foi essa a explicação que me deu. E depois não fomos e nunca mais nos relacionamos. Depois, com a francesa, foi tipo uns dias depois, ou antes já não sei, foi também isso, tipo um dia à noite também estávamos bêbados e estávamos aí a conversar, mas dessa vez não aconteceu nada. Depois, uns dias mais tarde, estávamos, tinha-la encontrado também à noite. Mas ela entretanto foi á sua vida, eu estava lá com os meus amigos também. Depois, ela mandou-me uma mensagem a dizer que ainda me queria ver essa noite, eu fui lá ter com ela e depois fomos para a cama. Depois com ela voltei a estar, mas

entretanto já tinha estado também com a minha namorada, voltei a estar com ela mais duas vezes, e entretanto, depois tive sempre com a minha ex-namorada, várias vezes...

Como é foi a relação com a tua ex-namorada como é que foi a vossa relação, mais detalhadamente?

Foi, começamos a falar, um dia decidimos ir passear á noite ou assim, mas aí não aconteceu nada, depois passado uma semana também fomos sair à noite e aí...

Em contexto Erasmus, isso?

Sim, sim, quer dizer passear não, passear foi tipo: queres ir passear? Hora, e fomos. E falámos um bocado, do tempo que não tínhamos estado juntos e tivemos a trocar impressões. Ah... depois também fomos sair á noite, e também foi a mesma cena, estávamos um bocado bêbedos e ela chega-se a mim e começa-se a fazer a mim. Pá, eu ao princípio resisti um bocado, porque não me queria estar a relacionar com a minha ex-namorada, mas depois pronto, lá fui com cena dela e depois tivemos, sexualmente tivemos juntos mais dois meses ou assim, muitas vezes e depois fomos viajar e tudo entretanto, fomos a X e a X...

Tens mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Não, não, eu acho que é tudo, mesmo.

MARTA

Quais foram os motivos que te levaram a Erasmus?

Também já pensei nessa pergunta, por causa do tu que escreveste na altura, e inicialmente, eu sou sincera não estava nada interessada, Acho que fui um bocado de arrasto. Mais por causa do dinheiro, porque pensei, não vou estar...na altura não tinha dinheiro, como é que os meu pais me iam ajudar para ir... mas fui de arrasto por causa da X, “tá bom, bora, vamo-nos inscrever e depois na altura vimos”, porque a inscrição tem que ser muito tempo antes... e depois ela acabou por desistir, mas até essa desistência ela entusiasmou-me bastante, e depois quando ela me disse “olha, afinal já não vou, não sei quê” eu acho que isso me deu mais entusiasmo, porque eu pensei “bem, tenho que ir sozinha”, porque nós íamos completamente sozinhas, nós não conhecíamos ninguém, do nosso grupo ninguém ia...e comecei a pensar nisso, isto pode ser uma grande experiência para mim e eu na altura, sempre tive alguns problemas com os meus pais em termos de liberdade, era complicado sair, era sempre uma grande confusão e então pensei que podia ter alguma liberdade se fosse assim para um sítio completamente diferente. E também a nível pessoal, como é que eu ia lidar ao estar num sítio onde não conhecesse ninguém? Ter que fazer amigos, ser eu a ter que procurar isso. Porque se formos a ver, todo o meu percurso, eu sempre tive amigos desde o infantário que continuam a ser os mesmos de agora, portanto sempre tive pilares à minha volta. Tive um acompanhamento seja a nível familiar, dos amigos e portanto acho que me quis por à prova, saber como é que ia lidar com isso. E pela cidade, também porque tinha que ser muito próximo de Portugal e Espanha era de certeza e portanto já estava com o intuito de vai ser X, por aquilo que tinha ouvido dizer, que era uma cidade cheia de cultura e pronto acho que foram essas as

razões...inicialmente estava muito desinteressada tinha quase a certeza que não ia, mas depois com o percurso das coisas fui-me entusiasmando e também me começaram a falar das bolsas, dessa possibilidade, e senti-me mais apoiada nesse aspecto e...não sei acho que foi mais por aí...

O que é que procuravas retirar da experiência?

Sem dúvida que era mais a nível pessoal, eu queria ver...porque eu sentia que me queria conhecer mais a mim própria, lá está, porque quando uma pessoa tem sempre estas amigos à volta é tudo muito mais fácil, tu ambientas-te muito mais facilmente, estás mais confortável e como eu sou uma pessoa muito tímida queria-me testar nesse aspecto, e depois também tem a ver com a parte, (que ainda não falei anteriormente), também tinha a ver com a parte académica, porque tinha quase a certeza que estava no curso errado, eu senti isso logo no meu segundo ano, e achava que precisa de mudar, de sair um bocado daqui, de ter outros professores e porque também achei que ia ver outras coisas, porque em X, há aqui áreas que são mais, que tem a ver com os professores, eles incidem mais sobre determinadas áreas, e eu queria explorar (dentro de X também temos várias coisas) e queria explorar essas outras áreas, e queria ver se me entusiasmava e ver se era mesmo isto que eu queria ou não... e entretanto, acho que foi tentar buscar isso tudo, tanto da parte académica como da parte pessoal, perceber como é que eu ia lidar, num ambiente sozinha sem conhecer ninguém e pronto fui completamente lançada, para um mundo bastante rico...

E a nível pessoal, perspectivas para a tua vida amorosa/sentimental, antes de partires para Erasmus, quais eram? Quais eram as tuas perspectivas para essa altura?

Eu estava com muito receio de não conseguir, quer dizer, acho que uma pessoa acaba sempre por conhecer pessoas e isso é inevitável, mas estava com algum medo de não conseguir uma certa empatia com as pessoas. Por exemplo, na casa, isso é muito fácil, uma pessoa chega a uma casa que sabia que ia partilhar com outras pessoas, mas estava com medo de não me dar bem com elas, não me identificar com elas, podia acontecer até na faculdade também, não encontrar colegas com que me identificasse, estava com esse receio... A nível sexual e todas essas partes, sei lá, eu acho que como também estava só assim, aliás eu sempre fui uma pessoa, nunca tive muitos namorados, claro porque também sou tímida. Também estava com alguma expectativas que poderia ter ou...que encontrasse, não é que encontrasse alguém (isso é um bocado estúpido), mas que me pudesse envolver sem grandes preocupações, sem estar a pensar muito. Porque uma pessoa sabe, aliás, ir para Erasmus incentiva também um bocado isso, pelas festas, pela aquela vontade de conhecer novas pessoas e acabas também por te entusiasmar de várias outras formas, portanto acho que as minhas expectativas eram: tinha algum medo, mas por outro lado estava com boas expectativas, tinha quase a certeza que ia ter uma boa experiência nesse período...

E depois como é que correu?

Depois como é que correu? Eu acho que foi bastante positivo, encontrei pessoas espectaculares, umas com que me identifiquei, outras menos, mas com quem me ligava à mesma. Pronto, a nível sentimental ou sexual, nesse aspecto não evolui muito, verdade seja dita, mas também quer dizer... lá está, isso também tem a ver com a minha maneira de ser, eu não sou...sou muito tímida, não tenho assim algo de

entrar, não...também não fazem parte de mim, não tem a ver comigo, e não me envolvi sexualmente com alguém. Mas tive, pronto, tive algumas curtes, cheguei a sentir, não sei se era paixão, mas cheguei a gostar assim de um rapaz, que era meu colega de casa, que na altura tinha namorada, portanto tenho uma pontaria brutal! Mas também, lá está, acho que lidei com naturalidade, porque eu decidi que aquilo ia ser temporário, uma pessoa sabe que não vai encontrar, quer dizer, é algo intenso, mas sabe-se que aquilo vai ter um início e um fim, portanto não se vai prolongar, nunca pensei nisso, nem pensar! Portanto eu sempre lidei com as coisas de uma maneira muito natural. E cheguei também a curtir com rapazes, mas também de uma maneira um bocado, são daquelas noites em que uma pessoa bebe mais uns copos e dá-lhe para ali! Mas também não foi nada de especial, não prolonguei, porque também não o queria fazer, pronto ficou por ali naquela noite! Mas não foi nada exagerada, não estava tipo feita maluca, como muitas pessoas descrevem o Erasmus e as festas e não sei quê. Não, eu estava completamente descontraída e fui-me deixando levar pela minha vontade, pelo que eu ia sentindo e pronto acho que foi por aí...portanto a nível...Mas foi tudo muito positivo, então relativamente às pessoas, eu estou sempre a pensar nisso, acho que tive imensa sorte, imensa sorte! Mesmo com os meus colegas de casa que foram as pessoas que ficaram mais próximas de mim e que eu ainda agora tenho contacto, e isso é ótimo! A X que já veio cá e o X que também me já me visitou e isso é muita giro, essa parte posterior, nós sabemos que (gravação imperceptível)... muitas vezes o que acontece é que as pessoas dizem aquilo, mas depois não se prolonga nada, que isso é perfeitamente viável, porque lá está, uma pessoa está, estás num país completamente diferente, as pessoas estão como uma vida, mas que no fundo não é aquela a vida delas. Portanto quando voltamos, é completamente diferente, voltamos ao inicial, porquanto aquilo que vivemos deixamos um bocado lá! E as pessoas é um bocado assim, muitas pessoas que eu conheci, que eu acho que foram mesmo minhas amigas, mas que eu não tenho qualquer contacto agora, porque tomaram exactamente essa temporalidade! Aceitaram isso, “muito bem, neste momento estamos muito próximos, mas quando tu voltares vai ser completamente diferente!”. Mas houve outras pessoas que não, e acho isso espectacular e ainda bem que isso acontece! E tive imensa sorte, foi de encontrar pessoas que realmente sempre me apoiaram, porque eu também sou muito dramática! E acompanharam-me, que também é importante, e há momentos em que uma pessoa está lá e sente-se um bocado sozinha. Mas também me dei mal com algumas pessoas, especificamente com uma que era também minha colega de casa. Eu acho que foi a única coisa má de toda a minha experiência em Erasmus, que era uma pessoa estranhíssima e que já sabia por colegas que tinham estado naquela casa que ela era uma pessoa muito complicada e arranjava confusão e era estranha. Portanto, quando cheguei aquela casa, eles avisaram-me em relação a ela, mas eu acho que uma pessoa tem que dar sempre no fundo uma oportunidade, que me permitisse ter uma opinião sobre ela. E realmente tive com ela uma situação estranhíssima e depois ela deixou de me falar e isso criou um ambiente na casa um bocado estanho. Confesso que foi um bocado infantil, havia coisas em que parecíamos duas miúdas, naquela casa nós tínhamos ótimas relações, partilhávamos imenso as nossas coisas, seja a comida, seja (gravação imperceptível) e com ela começámos uma guerra, quando ela estava na sala eu não estava, e eu também me dava mais com os outros colegas, ela não estava muito, porque realmente era uma pessoa estranha. E dizia determinadas coisas, que

tudo o que eu comprava não deixava que ela usasse. Confesso que foi bastante infantil, mas na altura aquela pessoa irritou-me profundamente, também não deu para controlar, também tenho o meu feitio e não dava! Realmente foi pena, porque ainda por cima era uma pessoa que vivia comigo, na mesma casa o que é chato, porque não só foi mau para mim como também para os outros, criava um bocado mau ambiente. Mas, pronto, fora isso, acho que correu tudo lindamente... na faculdade, eu não conheci muito....isto é um caso particular, porque não costuma acontecer, mas eu esperava entrar na faculdade e ter várias pessoas também de Erasmus, portanto supostamente uma pessoa está à espera um bocado disso! E não foi nada disso que aconteceu, portanto em todas as minhas aulas não foi ninguém de Erasmus! E porquê? Porque em X não existe uma grande faculdade de X, não, as faculdades estão todas separadas, são mesmo, porque lá está, tem um maior número de pessoas. Existe um pólo também, mas a faculdade de X não estava toda junta como está aqui, as várias faculdades não estão todas juntas como acontece aqui em Lisboa. Existia a faculdade de X, depois existia a faculdade de X não sei aonde, depois de existia a faculdade de X, portanto cheguei lá e realmente era uma faculdade pequena e só havia uma rapariga de Erasmus, para além de mim, que era uma rapariga X, mas confesso que acho que ela era um bocado estranha. E também convidou, eu não sei se ela era lésbica ou não, mas tinha assim, às vezes, intervenções um bocado estranhas para comigo e eu também não sabia muito bem, porque nós praticamente não nos conhecíamos e era logo assim um bocado estranho, portanto, não sei, não consegui encontrar muitas afinidades com aquela rapariga, e também nós não tínhamos aulas em conjunto. Portanto, eu no fundo tive de conhecer as pessoas de lá, e eu acho que isso foi bom, porque eu tive mesmo que conhecer pessoas de lá. Nos Erasmus também há muito isso, a maior parte das pessoas conhece outras pessoas de Erasmus, eu não, tive mesmo essa oportunidade de conhecer mesmo pessoas de lá, e também fui muito bem recebida. Que eu não sei se isso acontece, por exemplo, aqui, porque eu já tive em aulas com pessoas de Erasmus e nunca os abordei e se calhar devia ter feito, devia ter feito. Mas lá, a verdade é que houve mesmo pessoas que me quiseram ajudar e tentar “enturmar” naquela faculdade que era tão pequenina. Numas disciplinas, por exemplo, havia um brasileiro que me ajudou imenso, porque eu tinha imensa dificuldade na língua. Na altura, o meu professor disse que X era muito fácil de perceber, que não valia a pena estar a fazer um curso cá, portanto eu fui completamente à nora. Eu achava que chegava lá e que nem era preciso falar castelhano, que eu falava português (na minha ignorância), que era muito fácil falar português e que eles me iam entender, claro não foi nada disso! Mas quando cheguei ainda tive duas semanas antes de ir para a faculdade, percebi que tinha que começar a falar rapidamente castelhano, portanto inicialmente foi isso eu que eu fiz, não falava castelhano, falava “portunhol”! Mas pronto, comecei foi a incidir mais nisso! Quando fui para a faculdade e percebi que realmente tinha que falar, nem sequer era falar X, que eu queria era falar castelhano, era perceber o X, porque os professores recusavam-se a falar castelhano! Também nunca percebi, só houve um professor que foi super simpático e que disse que não havia problema que podia dar as aulas em castelhano, portanto eu confesso que no primeiro mês foi horrível, que eu não fazia ideia do que é que era para fazer, portanto os professores davam tarefas e eu não fazia ideia e quando estava nesta cadeira com esse novo amigo brasileiro ele ia-me ajudando, noutras cadeiras tinha também ajuda de outras pessoas. Eu acho que foi um

bocado por aí que fui conhecendo e conheci também um rapaz que foi muito meu amigo, que eu também acho que ele não estava muito...não se estava a identificar muito com aquele curso, não sei se foi por causa disso...mas ele era um grande apoio para mim e estava sempre comigo e portanto acabámos...e saíamos e não sei quê e ele ia também a minha casa e, portanto, criámos ali uma relação mesmo de amizade. Porque eu acho que, lá está, ele não tinha paciência também para ir para a faculdade e ele até tinha imensos amigos, mas não gostava de estar muito tempo lá...eu acho que isso acabou por me aproximar dele, porque realmente é assim...houve inicialmente uma certa ajuda por parte deles, mas eles tinham conversas muitas das vezes em X, portanto eu estava ali completamente à nora, não dava! Já era um grupo que estava, pronto, como aqui, um grupo que já existia, portanto eles já se conheciam, (era uma faculdade pequenina ainda por cima), portanto já se conheciam todos uns aos outros e mesmo assim eles tentaram que eu entrasse naquele, pronto, que eu vivesse um bocado aquela parte universitária, mas não como vivia aqui, como nós que tínhamos as aulas e ficávamos nos cafés a conversar ou íamos para outros sítios, eu ali não consegui fazer isso! Mas com esse rapaz fiquei mesmo amiga e nesse aspecto acho que uma sorte! E pronto, por isto tudo acho que foi muito bom também, o facto de não ter pessoas de Erasmus na faculdade foi mau por um lado, mas acho que ajudou também a conhecer outras pessoas! Depois na casa tive esse problema com essa miúda X, mas acho que fiz amigos para toda a vida e com quem continuo a comunicar e que me visitam e eu acho que isso é óptimo! Portanto...acho que foi muito bom...eu já me perdi um bocado da pergunta inicial...mas pronto, acho que foi...Ah! Depois para além disso, como eu realmente tinha que resolver este problema das aulas de X, eu fui, tive que ir, não é? E a faculdade oferecia cursos de X e fui para essas aulas e acho que foi aí as únicas pessoas que conheci de Erasmus. Portanto eu, por um lado tinha assim vários... conheci pessoas em contextos completamente diferentes, pessoas que vinham de Erasmus, pessoas que eram mesmo de lá, as pessoas que estavam na minha casa também eram de um contexto diferente, muitas estavam lá não de Erasmus para estudar, mas ficaram lá um período para trabalhar. Ah...também quando fui para inicialmente, tive que ficar numa casa... eu fui para lá com um contacto que eu sabia que estava lá e só tinha que ligar e ele dava-me,(portanto eu na altura ainda não tinha casa, não tinha nada), mas ele dava-me um espaço até eu encontrar a minha casa. Mas aquilo correu tudo muito mal, porque o contacto estava mal, não sei o que é que aconteceu, se escrevi mal o número...Então só me lembro, no dia em que eu cheguei de estar, (já nem me lembro muito bem), mas acho que era ali no centro ao pé das X, e estava com uma mala enorme que não tinha rodas nem nada, para mim foi super difícil transportar aquilo até tive que pedir ajuda a um senhor qualquer...só me lembro de chegar, de estar no banco, tentar ligar, não conseguir, portanto eu estava completamente à nora, não tinha referência nenhuma era só aquele número de telefone, e entretanto desatar a chover, portanto eu acho que aí foi a única vez que eu cheguei a desespero, porque não sabia o que havia de fazer! Ainda por cima estava bué preocupada, sempre com a preocupação do dinheiro, não queria ir para um hotel nem nada do género, não queria estar a gastar dinheiro, isso era a última hipótese! Então liguei para casa e lá me arranjaram uma casa com um...que era amigo do meu X e ele tinha, na altura tive a sorte de ter um quarto livre e que eu podia ir para lá. E fui para lá e confesso que foi a melhor recepção, era uma casa só de rapazes, eles eram todos muito religiosos, lá nem entravam mulheres nem nada, mas eram impecáveis,

foram impecáveis comigo... começaram logo a dizer muito bem o que é que eu tinha que fazer, como é que eu tinha que falar, que tinha realmente que começar a desenvolver um bocado... e houve um senhor em particular que também foi extremamente simpático comigo, e também fui tomar café com ele durante aquele período em que estive lá. Foram pessoas que me ajudaram imenso, que foi ótimo, isso foi bom, porque lá está eu conheci pessoas em contexto completamente diferentes e por isso é que eu acho que foi super rico, não foi só aquela coisa da faculdade, aliás eu vivi muito pouco o ambiente da faculdade, confesso. Mas, lá está, encontrei amigos, encontrei pessoas que me ajudaram imenso, na minha casa, na casa onde morei, este grupo de Erasmus que também saí imenso com eles, depois das nossas aulas...portanto fui conhecendo assim várias pessoas e isso foi ótimo, porque deu um bocado para ver o que é aquela cidade, que é uma confusão de culturas e para além disso, mesmo as pessoas da minha casa, (depois isso é que é engraçado), têm os amigos e nós fazíamos imensos jantares, lá está, como nos dávamos muito bem, fazíamos imensos jantares em grupos, portanto toda gente convidava os amigos, uns eram amigos que trabalhavam lá, mas eram pessoas que também vinham, pronto que emigraram, mexicanos, colombianos, argentinos, portanto foi tudo...foi muito giro por causa disso, eu conheci mesmo imensa gente. Depois da faculdade, ainda estive lá a trabalhar um mês, também aí eu conheci pessoas, num restaurante que também...foi bastante puxado, acho que foi a primeira vez que eu trabalhei em que me senti completamente esgotada fisicamente, mas era um bar que estava sempre em festa e portanto esse ambiente foi muito giro. E a maior parte eram argentinos que também são muito cómicos, portanto eu consegui perceber não só como é que era a X, algumas coisas específicas daquela região, mas também de outros países, conheci várias pessoas de outros países, e isso foi muito bom, foi espectacular! Aliás em X é impossível uma pessoas não contactar com isso, e acho que isso é espectacular, foi super rico e foi...acho que não estava mesmo à espera disso, portanto foi brutal! E a nível pessoal surpreendi-me, porque achava que, pronto, por ser muito tímida, muito reservada, que se calhar...e mesmo na casa que não me ia acontecer isso, não me dar bem ou as coisas correrem mal, também se isso acontecesse eu facilmente me ia embora, por isso é que eu escolhi um país mais próximo de minha casa mas não, não aconteceu nada disso! Acho que correu lindamente, não podia ter corrido melhor, lá está, a única falha, foi esta situação que eu tive com esta miúda X, mas que também é assim, é normal, eu estava a numa casa a viver com cinco pessoas, tinha que haver uma...quer dizer não é normal, com tantas pessoas que eu conheci tinha que haver uma para arranjar complicação, eu digo arranjar complicação, porque foi mesmo das poucas pessoas em que senti conflito. Eu acho que não sou uma pessoa nada conflituosa, e não costumo dar-me mal com as pessoas, posso é não gostar delas e então afasto-me, e com esta rapariga não dava para me afastar, porque ela vivia na mesma casa que eu, portanto fui um bocado complicado nesse aspecto. Mas pronto, por acaso foi bué engraçado, porque quando eu entrei para essa casa ia para um quarto de um X que esse X ia sair exactamente por causa dela, e ele estava completamente obcecado com ela, mas de uma forma que eu achei aquilo doentio. Ele era muito amigo já de uma colega minha que estava lá, e depois tive a oportunidade de o conhecer melhor e percebi que ele era espectacular e que era uma pessoa super divertida e que ele não era uma pessoa estranha, portanto devia ser da outra rapariga. E não é que eu acabei por ficar exactamente como ele?! Para o final eu estava

completamente obcecada por aquela rapariga, eu sentia-me mal, porque eu pensava coisas más em relação a ela, eu fui mesmo má para ela, fiz coisas horríveis para ela que não devia ter feito, mas pronto não dava, não me consegui controlar... e só quando voltei é que tive essa percepção, meu deus, eu inicialmente lembro-me de ter ficado um bocado assustada com aquele rapaz que até pensei “ainda bem que ele se vai embora”, e depois, a seguir, eu estava exactamente na mesma situação, estava obcecada com aquela miúda... mas é assim, se eu for por as coisas todas numa balança, acho que há muito mais coisas positivas e isto não pesou quase nada, pronto eu não posso dizer que tenha sido...foi um ponto negativo, mas que não pesou assim tanto. É assim as lembranças, eu tenho bastante presente a imagem daquela mulher aquilo que ela me fez, mas sempre que falo de Erasmus, mas sempre que falo de Erasmus é muito mais as outras coisas, e é sempre isso que eu recordo, as coisas boas e é sempre isso que eu conheci...**(situação específica que compromete a identidade do entrevistado)**(...)E eu senti, por exemplo este rapaz, por quem eu senti qualquer coisa, que era o X, nós inicialmente éramos muito amigos e saíamos imenso, e eu não sei...coincidiu com a altura em que eu comecei a discutir mais, a discutir, lá está, era eu que falava, era eu que gritava com ela e ela não me dava resposta nenhuma! E eu senti que ele se afastou um bocado de mim, ele era um pessoa muito correcta e isso influenciou de algum modo a nossa relação, não sei se foi isso ou outra coisa qualquer, mas eu senti que tinha ver com isso, **(situação específica que compromete a identidade do entrevistado)**

Querida voltar um pouco atrás, queria que falasses do X, e das tuas experiências mesmo as pontuais, se pudesse fazer um apanhado dessas situações...

Inicialmente, nesta primeira casa onde eu estive, que era só uma casa de rapazes, eu ainda estive imenso tempo nessa casa, porque demorei algum tempo a encontrar casa, aquilo estava um bocado complicado, porque eu não queria que fosse por agência, queria que fosse mais simples, para não ter que pagar aqueles meses de caução, mas não foi preciso. Então, as X estavam a chegar e eu não tinha casa para elas, então fiquei um bocado pressionada com isso e pensei “vou ter que arranjar uma casa nem que seja por uma agência”. Mas nessas visitas às várias casas, eu lembro-me deste rapaz do X, e lembro-me porquê? Porque ele não era um rapaz nada giro, tinha uns olhos que saíam, pronto, lembro-me perfeitamente dele! E depois quando fui a essa casa, eu já não sei se eu cheguei primeiro ou...se calhar chegámos ao mesmo tempo, bom, eu acho que cheguei primeiro aquela casa e achei piada por causa disso, porque me lembro perfeitamente dele! Bem, não sei se eram aqueles olhos, mas ele tinha expressões faciais muito cómicas, e eu acho, não sei porquê, quando eu fixo as pessoas é porque...houve ali logo algo fisicamente, (ele nem era nada giro), não sei muito bem explicar, são coisas que uma pessoa sente, agrada-me, acho que foi mais por aí, porque era uma pessoa bem-disposta. E pronto e começamo-nos a dar-nos, porque também nós tínhamos horários mais comuns e encontrávamo-nos imensas vezes há hora de almoço, e tínhamos mais disponibilidade que as outras pessoas, porque a X trabalhava, a X também, e esta X também. Portanto, nós os dois éramos os que estavam mais livres e acabávamos por estar mais tempo os dois juntos e, inicialmente então, também não conhecíamos assim muitas pessoas, (ele mais, ele estava mais ambientado)...eu acho que nos aproximámos também por várias razões, porque vivíamos ali, fazíamos companhia um ao outro, também pelas festas, aquelas

que eu ia tomando conhecimento ele ia junto comigo ou o contrário...era um bocado assim. E, pronto, porque realmente era um pessoa muito cómica, e era bastante simpático, eu acho que até tinha a ver comigo, e era conversador, e a X gozava imenso connosco pelo nosso espanhol, e ela ficava bué irritada porque eu nunca tinha apreendido a falar espanhol, mas mesmo assim estava quase equiparada com ele, porque ele teve imensas aulas de espanhol mas falava pessimamente, os X também têm algumas dificuldades nas línguas. E pronto nós tínhamos essas situações e logo nos jantares, estávamos muito tempo juntos e pronto eu acabei por sentir mais alguma coisa. Também não quis desenvolver muito isso, porque decidi que ele tinha namorada, e que...ele tinha-me explicado, pronto a história deles e também não me queria envolver em nada desse género...mas pronto, acho que não me afastei dele por causa disso, lá está, não me impedi de nada, deixei-me levar e...porque lá gostava de estar com ele, portanto, não ia estar a impedir-me disso, até porque não foi assim nada de especial. Até porque quando uma pessoa não tem o “volto”, também não queria assim nada de outro mundo, foi só um amigo mais especial...

E os outros?

Os outros? Eu acho que isso não são envolvimento muito interessantes. Eu lembro-me de... também não tive muitos... eu lembro-me de uma vez curtir numa discoteca, por acaso esse é um caso cómico, porque era um norueguês e nós não estávamos a conseguir comunicar, ainda por cima eu estava muita bezana e eu não conseguia falar nada de inglês, ele não conseguia falar espanhol, portanto não estava a resultar, mesmo, de todo...era um homem super alto...um homem super alto, magríssimo, e não sei porquê, ele estava ali de volta de mim e eu só me ria porque eu não conseguia falar com ele, mas como estava ali ao pé de mim, ele lá me convenceu e pronto, mas depois também estava...lá está, eu não tenho grandes recordações dessa noite... era tudo uma grande confusão, era uma discoteca...ah que era outra novidade para mim, eu não estava habituada, não era costume ir assim a discotecas, mas vá, nós tínhamos entrada livre e até tínhamos...tinhas que te inscrever nos sites e até tinhas bebida de graça, aquilo era a forma mais fácil de sair à noite, em vez dos bares, era mais barato digamos assim...tinhas música, mas era uma discoteca enorme com várias salas, às vezes estava com ele, outras vezes estava com os meus amigos, assim uma grande confusão! Mas eu realmente não estava ali... estava ali a fazer um bocado... de início havia alguma atracção, mas não era nada de especial, estava ali a fazer um bocado frete e de repente sei que, tipo, fui-me embora e até não lhe disse nada...e pronto e acho que foi...não me lembro também de ter desenvolvido assim... lembro-me de também de...foi assim uma situação (gravação imperceptível) acabámos por nos beijar, foi uma coisa mais de... de haver qualquer coisa, uma atracção, mas depois, foi uma coisa mais, pá, não sei, foi uma coisa de alegria, foi uma coisa mais de amiga, não foi assim nada de especial, portanto ficou por aí também. Lá está, como já te tinha dito, não me envolvi sexualmente com ninguém, porque também não era capaz de fazer isso só fisicamente...quer dizer tinha que ter uma atracção física muito grande e não se proporcionou, portanto não...quer dizer não é uma coisa que uma pessoa vá procurar, não sei se isso acontece (risos), não sei...sim, porque realmente uma pessoa está fora, se formos a ver e uma pessoa conhece...aqui com os teus amigos estás mais, pronto, tens mais companhia, e estás... não te sentes tão carente, não é? Uma pessoa lá sente uma carência a todos os níveis, aliás, aqui também sempre

me habituei a não ter namorado e sinto falta disso como é óbvio. Mas lá parece que as coisas são ainda mais intensas, porque não tens ninguém, tu aqui ainda podes, vais com os amigos, tens a família, lá não tens nada! Portanto como é óbvio, lá tudo é muito mais elevado a nível sentimental, mas não me deu nada para isso...(gravação imperceptível)

Estava a questionar-te sobre o teu percurso sexual e sentimental antes do Erasmus? O Erasmus mudou o teu percurso?

Eu senti que voltei diferente, no sentido em que estava mais à vontade...sim, também com os homens, porque eu sempre, lá está, sempre fui bastante tímida com os homens, não é? Mas senti-me mais predisposta, porque, lá está, porque me tinha conhecido mais a mim própria, estava mais feliz, e estava mais descontraída, eu acho que foi a fase em que estava mais descontraída na minha vida, porque eu aqui tenho imensas pressões, seja da minha família...aquela coisa de estarem muito em cima, no sentido...parece que eu sempre fui a ovelha negra e não têm razão para isso, mas pronto! Eu gosto muito deles, mas realmente são pais que estão muito em cima dos filhos, é um bocado exagerado, protegem-nos de coisas que acho ridículo, protegem-nos de mais! E ali senti-me livre, completamente livre, e eu acho que quando cheguei ainda estava...ainda assim, portanto, fui uma altura em que estava completamente bem-disposta, muito à vontade com os homens, estava mesmo...sentia que queria estar com alguém, porque eu também sempre fui...não quer dizer que eu tivesse planeado a minha vida, mas sempre achei que não...nunca gostei daquela cena de estar com um namorado e ter que dar satisfações e nunca fui uma pessoa assim, portanto eu gosto de ser independente, apesar de não o ser, mas gosto da minha independência. E na altura quando cheguei eu senti que precisava de estar com alguém e realmente na altura foi quando eu me apaixonei por X, e sinceramente foi uma grande paixão e não sei...às vezes penso nisso, não sei se não tem a ver um bocado com isso, a maneira como eu estava, estava tão descontraída que foi todo um ambiente que se proporcionou, para aquilo que eu senti! Porque eu senti realmente uma química com aquele rapaz que eu acho que nunca mais vou sentir novamente, não sei mesmo! Mas foi mesmo uma coisa muito forte, e se calhar tem a ver com isso, porque eu estava mesmo muito descontraída, estava-me a deixar levar por aquilo que eu estava sentir. Eu não sou muito assim, sou mais racional, tento ver, sei lá, tu analisas sempre as pessoas, será que vale a pena, será que não vale? Tens imaginação, portanto acho que voltei muito predisposta, com vontade de estar com alguém...acho que sim.

E antes de ires? Como é que era o teu percurso, a nível de história sexual, emotiva... a minha questão é no sentido de entender, de saber se tu cá tinhas determinadas práticas que continuaste lá ou se o Erasmus representou uma alteração de padrão, na tua forma de estar?

Não, eu cá não tinha, todas as pessoas com quem eu me envolvi sexualmente, estávamos... (gravação imperceptível), lá está, portanto eu sabia, que quando as pessoas me diziam “ah vais ver, vais para lá e vais libertar isso tudo e não sei quê”, eu nunca tive grandes expectativas sobre isso, porque eu conheço-me, não sou pessoa para isso, não me identifico com isso, não quer dizer que isso não aconteça um dia, provavelmente sempre me vai apetecer e vou ter vontade, eu é que não me identifico com esse tipo de coisa, não é? E mesmo assim aquilo que eu fiz, de estar a beijar um

rapaz que eu não conheço de lado nenhum, que não é amigo, não é nada, para mim também foi um bocado estranho, mas pronto na altura...pronto lá está, foi o pouquinho que eu tive, se calhar, dessa coisa que dizem das festas de Erasmus, que as pessoas ficam mais predispostas para isso, não sei, mas sexualmente eu acho que não...nunca foi assim importante **(gravação imperceptível)** ...não quer dizer que não vá ser um dia, não sei...sou um bocado específica nesse aspecto, ou pelo menos tenho esta noção, não há muitas mulheres que pensem assim, se calhar estou a perder algumas coisas, não sei, não aproveito ou assim...mas pronto...

Queres acrescentar mais alguma coisa?

Não...não sei...eu tenho a noção que já mudei muita coisa, mesmo a nível de sentimento, mesmo das coisas que eu faço. Ah...agora na parte sexual eu acho que nunca evolui muito, quer dizer, não sei bem se é evoluir, acho que não... **(gravação imperceptível)**, realmente se for a ver, não...se calhar podia explorar mais o facto...**(gravação imperceptível)**...quando tu vais para a cama com alguém só por ir, só por ir não, só para teres prazer meramente físico, é isso, é explorares o físico, não acho nada mau isso, nem pensar! Outra coisa é eu não sei se sou capaz de estar assim numa noite, sentir uma atracção física e bora lá, acho que não me consigo ver nesse género...já tive com pessoas em que só senti uma atracção física, mas às vezes também penso será que aquilo era só físico? Portanto em relação a mim às vezes desconfio um bocado, não sei se alguma vez tive assim só ...completamente só físico...mas também penso nisso, se não deveria explorar um bocado isso, mas também vou o quê? Esforçar-me a fazer essas coisas, também acho um bocado estúpido...eu gosto de fazer aquilo...de seguir a minha vontade, se me apetece vou, se não me apetece não vou, mas também pode ser uma bocado por não...se calhar a vontade até tens, mas depois... até posso ter vontade, mas não ter, não me sentir à vontade, ter desejo mas não me sentir à vontade para isso, ou, no fundo, inconscientemente achar que é incorrecto, pois também essa parte familiar, acaba por ter influência, a educação que eu tive não ter nada a ver com isso...pronto...

Então agora em relação às relações interculturais, o Erasmus mudou a tua visão em relação às relações culturais?

Quer dizer, é um bocadinho, eu não tinha... Não, eu acho que não mudou, quer dizer, eu fui sempre aberta, sempre tive... eu acho que fiquei foi fascinada, gostei imenso disso, e realmente quando estava lá e encontrava portugueses eu fugia deles, não queria nada com eles! Mas eu acho que isso acontece com toda a gente, porque queria estar com pessoas completamente diferentes, e por isso é que eu gosto imenso de viajar e tenho imenso pena de, às vezes, nas minhas opções financeiras não incluir (porque também passo a vida nestes cursos e gasto imenso dinheiros com isto), mas eu adoro essa parte, eu acho que...lá está, fico sempre fascinada é com essa parte, portanto ...acho que não, acho que não mudou...

Durante o teu percurso de vida antes de ires para Erasmus, tinhas vivido algum tempo no estrangeiro, tinhas muito contacto com pessoas de outras nacionalidades, tiveste outras experiências no estrangeiro ou não?

Desta forma não...mas, quer dizer fiz uma viagem, ainda no outro dia estava a comentar isso com a minha mãe e ela até disse: não sei como é que eu te deixei ir com aquela idade! Dezoito anos, porque eu tive...pelo facto dos meus pais serem assim,

tentei vir para fora, também para fugir um bocado a esse ambiente que eu tenho...para conhecer pessoas e poder divertir-me e conhecer algumas culturas e...porque eu sei que quando,(já não sei muito bem como é que eu convenci os meus pais, não foi nada de especial também)...mas os meus tios emigraram para X e eu fui para lá, e portanto lá acabei por conhecer os amigos dos meus primos, e visitei um bocado, ainda por cima, X é no centro da Europa e visitei vários países à volta, X e X, foi muito giro, foi assim...acho que antes de Erasmus, eu nunca...é assim eu adoro viajar, mas realmente eu nunca fiz *interrail*, porque nunca tive dinheiro para isso, eu tento viajar o máximo que eu posso, mas não tenho conseguido, e essa foi, antes de Erasmus, foi a única viagem que eu fiz que deu para conhecer assim outras coisas...mas lá está, foi um mês, mas foi muito pouco tempo, portanto a viagem foi muito curta, as pessoas que eu conheci já nem me recordo...muito pouco...

Há mais alguma coisa que queiras acrescentar, que aches importante, em relação à experiência Erasmus?

Não sei...se calhar mais tarde podem surgir outras coisas...mas lá está para mim foi mesmo aquilo, a amizade que tive com determinadas pessoas, a relação que tive com elas, acho que isso foi espectacular, **(gravação imperceptível)**, e tirou-me algumas paranóias e eu também não sou nada prática e aprendi muita coisa, aprendi também a orientar-me, o que também foi bom, se bem que aquela cidade também é muito fácil uma pessoa se desorientar. Mas pronto se depender de mim, eu sou dependente dos outros. Eu se for viajar com alguém, se tiver confiança naquela pessoa e se for ela a planear as coisas, para mim está ótimo! Não quer dizer que eu não tenha... sei lá, eu se confiar naquela pessoa, facilmente me ajusto aquilo e também bora lá, e se essa pessoa me orientar, eu tomo completamente aquilo, portanto não tenho muito aquela iniciativa de “Ah, não”, ou “ quero ir por aqui”...e ali tive um bocado que me desenrascar. E a explorar as coisas também sozinha, eu cheguei a sair de X, porque também fiquei lá mais tempo, e também muitos dos meus amigos já tinham ido embora, eu é que quis ficar lá mais tempo, lá está, quis prolongar aquele momento em que me sentia descontraída...e então, também fui para fora e olha foi outra coisa que também aprendi foi a estar sozinha, que era um das coisas...isso é um bocado estranho em mim, eu sou uma pessoa tímida e sou reservada, gosto de ter algum sossego e não sei quê, mas a verdade é que eu estou habituada, e porque na minha casa é assim, sempre tive imensas pessoas a entrar e a sair, até posso estar nos meus pensamentos, mas eu gosto de ter pessoas à minha volta. E lá está, estava habituada sempre a ter companhia, para mim tomar café sozinha era horrível, portanto eu aprendi e hoje em dia faço-o com a maior das naturalidades **(gravação imperceptível)**, e percebi que não dava para fazer o que queria, como estava no último ano, como estava naquela vida tão descontraída, e perguntei ao professor qual era o mínimo de disciplinas que eu podia fazer e eles disseram que eram duas, eu fiz as duas e pronto. **(gravação imperceptível)**. Lá está, porque é que eu não vivi muito a parte da faculdade, porque realmente eu não ia muito às aulas, verdade seja dita. E entretanto como tinha muito tempo livre, e como os meus pais me estavam a sustentar, eu achei que devia arranjar um trabalho qualquer. E isso também era difícil com o horário que eu tinha, então decidi por uma coisa na internet a dizer que dava explicações de português. E apareceu um jornalista X que também foi uma pessoas, pronto, que foi mais uma pessoa que conheci, e que nós, às tantas, aquilo já não eram bem explicações já não

era nada, nós tomávamos imensas vezes café, aliás era assim que nós fazíamos as...porque falávamos português, porque ele no fim só queria falar português. Por acaso tive pena de ter perdido o contacto dele, ainda tentou, mas eu não...mas pronto, não sei, também não dei muita continuidade. Mas era uma pessoa impecável e era também muito cómico. E, pronto, isso é que foi engraçado, é que fui conhecendo pessoas em contextos completamente diferentes, **(gravação imperceptível)**, mas pronto e foi bom. Lá está foi uma experiência muito boa, foi na altura certa, foi pena foi ter sido no ultimo ano da faculdade, porque eu tive que ficar mais um ano. A nível na faculdade acho que podia ter explorado mais, porque realmente o meu intuito era explorar áreas que cá não são exploradas, e não fiz nada disso, com medo de acabar o curso. Cá havia aquela pressão de não gastar... pronto, mais anos. Acabei por não fazer nada disso. Percebi que não tinha interesse, porque eu acho que se tivesse tinha-me dedicado mais aquilo. E isso até é estranho em mim, porque eu até sou uma pessoa muito responsável e eu ali perdi-me completamente, não quis saber, não ia às aulas, era muito raro, fiz só mesmo aquelas disciplinas. E foi muito bom para mim porque realmente foram umas verdadeiras férias, porque eu sempre me senti muito descontraída **(gravação imperceptível)** mesmo quando voltei **(gravação imperceptível)**, mas pronto, aquela coisa de encontrar trabalho, acabar o curso, e eu lá nunca senti essa pressão, eu lá tinha muito tempo livre e não me importei com isso e aproveitava isso. E acho que todas as pessoas têm um período cá, e não sei se faz parte da cultura portuguesa ou não, mas nós somos um bocado pressionados em relação a isso, é: acabas o liceu, depois tens que ir para a faculdade, acabas a faculdade, tens que ir trabalhar não há ali um espaço de descanso ou...descanso não é estar a fazer sem nada, sei lá, viajar ou ires trabalhar numa coisa completamente diferente, fazer o que te apetecer, se tiveres dinheiro, se não tiveres...descansar um bocado. E eu acho que foi isso que eu fiz, porque senti que precisava disso...

Mais alguma coisa?

(gravação imperceptível) Agora voltando a parte das pessoas com quem eu estive em contacto **(gravação imperceptível)**, tive pena da nossa relação tivesse... tivesse havido um afastamento, eu não muito bem percebi porquê, **(gravação imperceptível)**, mas eu própria não quis explorar muito aquilo, pensei se calhar ele pode ter reparado que eu sentia alguma coisa por ele, deixei isso ao critério dele, muito bem se queres estar aqui... mas por exemplo, outras pessoas que eu acho que são muito importantes para mim, que foi o X que também me fez muita companhia, que era meu colega da faculdade, não percebi porque é que... eu sei, que também falei aqui, que sabia que aquilo era temporário, e sabia que a amizade que eu tinha com aquelas pessoas teria de ser assim, mas com ele, foi das pessoas com que me senti mais à vontade e isso também não é muito comum em mim, porque eu posso ter muitos amigos, mas há mesmo aqueles amigos com quem eu consigo ser eu completamente e dizer tudo. E com o X consegui, porque lá está, ele também não se identificava com a faculdade, parecia que... eu como estava ali meia perdida, feliz, mas um bocado perdida, não sabia bem o que é que eu queria da minha vida, e já estava a pensar o que é que ia fazer quando chegasse, e ele também estava assim, meio perdido e acho que nos juntámos um bocado por causa disso. E senti imensa pena...e combinámos coisas, porque fizemos um trabalho de X, e um dia que íamos falar e não sei quê. E fizemos planos para depois quando eu voltasse, e a verdade é que quando

eu voltei, ele cortou completamente o contacto comigo e eu nunca percebi muito bem o motivo. E tive imensa pena que ele também... ainda tentei, mas não sei... não sei muito bem o que é se passou ali, não sei se... às vezes ele demonstrava que gostava de mim doutra maneira, mas também não cheguei a perceber muito bem isso, não ia explorar isso, porque lá está, não queria nada. Não sei se foi por causa disso... e ele também tinha tido uma situação complicada, de uma pessoa que tinha feito Erasmus e ele tinha-se apaixonado por ela... portanto tinha assim um historial não muito bom e ainda por cima eles namoraram durante muito tempo, e depois ela acabou o que tinha a fazer lá, foi-se embora e ele ficou muito mal com isso. Não sei se foi por causa disso, mas pronto, tive pena **(gravação imperceptível)** e depois foi uma grande companhia, porque se formos a ver, porque eu tinha muito tempo livre, lá está... porque se formos a ver em Erasmus é inevitável uma pessoa não se sentir sozinha, cá qualquer coisa ligamos a um amigo e “olha queres ir tomar café?” e ali não é assim... **(gravação imperceptível)** e aprendi imensa coisa sobre mim e acho que foi mesmo bom, muito bom. Mas é estranho, não é? Uma pessoa dar-se tão bem durante seis meses ou sete e depois e depois cortar, é um bocado estranho...

Mais alguma coisa?

Não, acho que não, já tive a falar uma hora e tal.

Obrigada.

MIGUEL

Quais foram os motivos que te levaram a fazer o Programa Erasmus?

Conhecer uma cultura nova, e queria uma cultura que não fosse assim tão parecida com a nossa, uma coisa relativamente distante, mas não demasiado distante, uma coisa tipo países de língua eslava se calhar aí seria demasiado complicado, portanto a Alemanha pareceu-me o indicado.

O que é procuravas retirar da experiência?

Essencialmente, o facto de ir conhecer uma cultura nova, e o facto de viver sozinho também, porque nunca tinha vivido sozinho antes, assim de repente, não me estou a lembrar de mais nada.

A nível da tua vida amorosa, sexual, sentimental, quais eram as tuas perspectivas antes de partires? O que é que tu imaginavas que ia acontecer?

Imaginava que ia acontecer uma libertação, porque cá eu tinha uma relação, sentia que a relação não era muito saudável e sentia que precisava de me libertar dessa relação e achava que o Erasmus me ia ajudar e, de facto, ajudou.

Essa relação, explora um pouco mais essa relação que tinhas cá...

Ui, é muito complicada, era uma relação já de três anos e ao longo do tempo, eu percebi que o rapaz se prostituía e foi uma relação muito complicada, eu gostava muito dele, e não conseguia libertar-me daquela relação, mas ao mesmo tempo sabia que, pronto, que nunca iria de encontro aos meus objectivos, enquanto pessoa e

enquanto vida emocional. A minha vida emocional não podia continuar eternamente naquele estado, que é um estado muito angustiante, e um estado muito complicado, pronto...

E quanto foste, quanto partiste para Erasmus essa relação ainda existia ou não?

Sim, sim ainda existia, não terminei a relação. Aliás, a relação continuou quando eu voltei de Erasmus, aí depois terminou, e o Erasmus ajudou-me nesse sentido, mas eu não conseguia terminar a relação. Eu sabia que a relação do lado de cá, ele também não estava a ser fiel à relação, portanto foi uma coisa que me deu relativamente liberdade, porque senti: Bom se a outra pessoa faz eu também o vou fazer e nem sequer o estou a fazer por dinheiro, estou a fazê-lo para mim próprio, portanto ah... foi isso...

E depois na realidade, depois na prática, quando foste para Erasmus como é que as coisas aconteceram na tua vida sentimental/amorosa, as relações que desenvolveste no período Erasmus como é que foram?

Bom, quando cheguei lá foi relativamente descontrolado, foi uma situação que como era uma novidade e como eu estava com esse espírito de liberdade, sinto que me envolvi com muitas pessoas, num curto espaço de tempo e ao mesmo tempo foi bom, mas chegou uma altura que obviamente que senti que: ok, eu tenho que estabilizar um pouco mais e comecei a ter, como é que eu hei-de dizer, amigos com quem eu me relacionava emocionalmente, sexualmente, mais próximos. Se bem que durante o período Erasmus tem-se sempre a noção que aquilo é uma coisa passageira, portanto nunca se tem aquela sensação de “eu posso construir uma relação com alguma dessas pessoas”, será sempre um envolvimento emocional contido. Porque nunca pretendi ultrapassar aquele limite e sempre tive medo de o ultrapassar e ao mesmo tempo quis que continuasse a existir, porque sinto que necessitava e sinto que tinha vontade de viver aquilo com aquelas pessoas que estavam a viver o mesmo que eu e que não queriam ultrapassar aqueles limites e que ao mesmo tempo se queriam envolver com outras pessoas.

Em que contexto vivias no Erasmus? Ou seja, onde é que ficaste a viver, como é que foi...

O arranjar quarto, foi muito difícil, em X é muito difícil, principalmente nos meses de Setembro que é o mês quando começa o ano lectivo, efectivamente. E a cidade está sobrelotada. E há muitas repúblicas onde as pessoas vivem todas juntas e muitas vezes não se conhecem de lado nenhum e acabam por se conhecer no contexto de arranjar uma casa e de partilharem uma casa todos juntos. Mas que dão preferência às pessoas que falam a língua alemã, e eu fui para lá sem falar alemão, o que também foi uma experiência muito gira (risos), em que tive de comunicar sempre em inglês, e tive a aprender alemão lá, e não era suposto, pronto.

E o contexto era internacional? Viveste com pessoas de outras nacionalidades?

Sim, sim, no início, durante um mês, dois meses, eu andei a viver em vários quartos de amigos, até encontrar o meu próprio quarto. Quando encontrei o meu próprio quarto, aí sim, fiquei a viver com um alemão e um irlandês.

Em relação às relações de que falaste que tiveste anteriormente, principalmente no início da experiência, elas foram com pessoas de que nacionalidades?

De várias nacionalidades!

Podes ser um pouco mais específico, ou contares-me do que te recordas, claro, cada uma das experiências de que te recordas...

Bom, eu cheguei e fui para casa de uns amigos que já lá tinha feito, houve uma vez que tinha estado em X, só que ao fim de uns dias, aquilo não estava correr muito bem, por questões de ciúmes e não sei quê. E eu não me tinha envolvido com ninguém, ainda sequer! Por questões de ciúmes aquilo não estava muito correr bem, então eu decidi sair da casa deles e fui para um *hostel*. Quando fui para o *hostel* é que foi o problema! Porque o *hostel* era com muita gente e o *hostel* era mais complicado, como era muita gente sempre a entrar e sair, e as pessoas também estavam nessa postura de liberdade, e de isto é uma vez só e temos que disfrutar ao máximo, pronto no *hostel* é que as situações começaram acontecer com mais frequência, também foi num curto espaço de tempo, não tive no *hostel* durante muito tempo porque não podia estar a pagar o *hostel* tantos dias. A primeira situação que me lembro e até foi muito engraçada, foi portanto, eu fui sair à noite, numa das noites, porque eu andava muito preocupado em arranjar quarto. E houve uma noite em que as pessoas do *hostel* me iam convidando...as pessoas do *hostel* iam-me convidando várias vezes para sair, e eu pensava: não, eu tenho que ficar em casa para arranjar quarto! Até que houve uma noite em que cedi, pensei: ok, pronto, vou sair, vou descontraír um bocado! Nessa noite até consegui arranjar alguns contactos, nuns bares, de pessoas que tinham quartos para alugar, e foi aí que percebi: Ok, é melhor sair, e é melhor falar com as pessoas do que andar agarrado ao computador! E quando voltei para casa, pronto, voltei para casa, vim preparar-me para ir dormir e fui lavar os dentes e um rapaz seguiu-me, viu que eu ia lavar os dentes e decidiu vir lavar os dentes ao mesmo tempo, pronto! E eu estava a lavar os dentes, houve uma troca de olhares, e automaticamente envolvemo-nos, depois de lavar os dentes (risos). Esse foi o primeiro envolvimento que durou algum tempo, no dia seguinte, voltei a encontrar o rapaz, décimos passear juntos, tivemos a visitar a cidade juntos, claro que houve envolvimento constante. Numa das noites em que eu continuava envolvido com esse rapaz, esse rapaz era israelita, de X. E enquanto, exactamente, numa das noites o rapaz decide ir para o casino, e eu decidi que não queria ir para o casino também, decidi ficar no *hostel*, porque acho que ele até tinha o vício do jogo e não sei quê. E então, pronto, eu decidi não o acompanhar por essas andanças e ficar no *hostel*. Como fiquei no *hostel*, aconteceu ah... porque eu não reservava a cama para o dia seguinte, então acabava sempre por ficar em camas diferentes, o que também era muito chato (risos). esquecia-me de reservar a cama e quando lá voltava, ficava colocado noutra cama. Essa cama onde eu fui colocado nessa noite, era por cima, porque aquilo eram cama de beliche e era por cima de outro rapaz que era, como é que é, nasceu na moldávia, mas vivia na Noruega. E então comecei a falar com esse rapaz e acabei por me envolver com esse rapaz também. Ah... Quando, portanto, depois de nos envolvermos, eu vim para minha cama... Aliás, eu nem vim logo para a minha cama, eu fiquei na cama dele durante algum tempo, e não sei porquê estava desconfortável na cama e subo, pois era só subir, ele estava na cama por baixo da minha, e subo as escadinhas

para a cama de cima do beliche. E, passados cinco minutos de ter subido as escadas, entra no quarto o tal rapaz que tinha ido ao casino! Ele entrou, ele não estava nesse quarto nessa noite, eu é que tinha trocado de quarto, não é? Ele não estava nesse quarto nessa noite e entra para me por um chocolate e um bilhete para mim e dá-me um beijinho e vai dormir! Portanto, foi uma situação muito constrangedora (risos), não estava à espera daquilo! Eu tinha acabado de me envolver com outra pessoa e ti, e se ele tivesse entrado cinco minutos antes, tinha-me apanhado estava com os chocolates na mão e com o bilhete e tinha-me apanhado na cama com outra pessoa, portanto teria sido muito chato! E pronto essa foi uma das primeiras situações, foi uma marcante por esse motivo, não é?

Durante o período Erasmus como é que viveste o tua vida sexual e podes compará-la também com o antes. Como é que era antes e depois? Existiram diferenças, ou não existiram?

Claro que existiram, não é? Antes do período eu não me envolvi com tanta gente num tão curto espaço do tempo como no período Erasmus. Porque no fundo quando se está no período Erasmus sente-se que é um período isolado e que tem de ser vivido com a máxima intensidade e que não se pode desperdiçar experiências e que tem de acontecer tudo ali porque é agora ou nunca! Pronto, e antes isso não acontecia, antes eu vivia a minha vida mais tranquilamente. Claro que eu tinha sempre aquela relação chata que me fazia no fundo ter vontade de me envolver com outras pessoas, quase que... por vingança, ou por o que quer que seja, ou então para me sentir livre também, para não sentir que estava preso aquela pessoa e que me estava a fazer tão mal. Pronto e quando fui para o período Erasmus isso potenciou-se.

E o Erasmus mudou a tua visão sobre relações interculturais? Em relação às relações entre pessoas de nacionalidades diferentes?

Sim, completamente, porque eu não tinha amigos internacionais, eu não tinha amigos que não dominassem, pelo menos a minha língua. Nunca tinha sequer experimentado falar em inglês de uma forma tão informal e, pronto, isso foi bom porque acabei por fazer amigos de todas as nacionalidades e perceber que as pessoas não são assim tão diferentes, basta olhar para o que as pessoas em comum e aprender com as diferenças uns dos outros.

No teu percurso de vida, estiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Viveste algum tempo no estrangeiro?

Não, não, não, tinha contacto, não eram amizades, eu ia fazer uma viagem e falava com as pessoas. As conversas nunca se aprofundavam tanto, eram coisas mais superficiais, mais funcionais e práticas, vamos sair para aqui, ou vamos sair para ali ou aonde é que é isto ou aonde é que é aquilo, ah...pronto, eram coisas mais funcionais. E no Erasmus senti relações realmente a desenvolverem-se com pessoas de outras nacionalidades que falavam línguas diferentes.

Entre o antes e o pós Erasmus sentes que houve uma mudança na tua vida? Como?

Sim, sim, claro que sim! Depois do período Erasmus eu sinto que consigo relacionar-me com qualquer pessoa desde que pelo menos fale inglês! Que qualquer pessoa que, pelo menos fale inglês, é possível eu ter uma amizade com essa pessoa. E

antes, para mim, eu achava que não era possível de momento, ou provavelmente que haveria no futuro pensaria eu, de momento não era possível, sentia que haveria ali uma barreira linguística, que não nos iríamos conseguir expressar e que as amizades nunca seriam tão profundas como alguém que falasse a minha língua nativa, mas isso no fundo não aconteceu. É possível as pessoas expressarem-se nem que seja por linguagem corporal! Pronto e isso mudou a minha visão.

E a nível emocional também? A tua visão, o teu ser emocional, digamos assim, em relação às relações que tens com os outros? Achas que houve alguma mudança?

Sim, sim, eu sinto que o período Erasmus foi um período que me subiu muito a auto-estima, porque havia muito poucos portugueses, eu era único no meu grupo de amigos e eu sentia-me especial, porque as pessoas diziam todas muito bem de mim, e diziam todas muito bem dos portugueses, e que eram muito simpáticos e eram muito extrovertidos! E isso faz-nos subir a auto estima, e mesmo a nossa auto-estima patriota. Quando voltei para Portugal, senti orgulho de alguma forma e acho que mesmo pelo que estamos a passar, falta um bocadinho às pessoas esse orgulho patriota e isso ajudou-me muito a tê-lo. Que não o tinha antes do período Erasmus, antes do Erasmus se calhar emprenhava pelos ouvidos, mas não tinha esse orgulho, não tinha! Se calhar a minha visão era: eu quero sair daqui para fora, eu quero fazer outra coisa qualquer fora daqui e quando voltei a minha visão era: Não, eu gosto muito deste sítio, eu quero sempre fazer alguma coisa por este sítio, por mais que eu se calhar esteja fora, mas quero sempre manter sempre alguma coisa que me ligue aquilo que eu sou! E essas relações com pessoas internacionais, de outros países, fez-me perceber que é um bocadinho do que eu sou e o facto de ser portugueses.

A tua identidade saiu reforçada é isso?

A minha identidade, exactamente, saiu muito reforçada, exactamente! E a auto-estima também saiu muito reforçada, porque só houve comentários muito positivos.

Eu gostava de voltar um bocadinho à tua relação, disseste que saíste de Erasmus um pouco para fugir dessa relação, mas que depois voltaste a ela, certo? Durante o Erasmus ainda ou quando voltaste para Portugal?

Durante o Erasmus a relação manteve-se sempre, exactamente.

Houve sempre contacto?

Houve sempre contacto e como se tivéssemos juntos, mas pronto, eu sabia que ele se estava a envolver com outras pessoas...E não era de uma forma aberta, ainda se fosse uma coisa aberta do género: tu agora vais para Erasmus, vais estar fora, se calhar eu vou precisar de me envolver com outras pessoas! Mas não, era sempre um grau de desonestidade muito grande, que era: Não, não, eu sou-te fiel! Eu estou aqui à tua espera! Pronto, e depois no fundo depois existiam outros envolvimento, eu senti a liberdade de o fazer também! Mas quando voltei, eu voltei cheio de trabalho, porque eu no Erasmus, eu tentei trabalhar, mas houve muita coisa que ficou por trabalhar! E voltei ainda a fazer trabalhos para entregar. Ah...e quando voltei, senti que não tinha tempo, sequer, para encontrar outras relações, eu não tinha tempo para nada, eu tinha que fazer os trabalhos impreterivelmente! E durante esse tempo, pensei: bom,

eu vou continuar com a relação que tenho, vou-me entreter durante mais algum tempo enquanto estiver a fazer os trabalhos, e depois salto da relação! E foi exactamente isso que eu fiz!

Em relação...

Deixa-me só dizer, dois meses, foram dois meses depois de ter voltado de Erasmus eu terminei a minha relação.

E até agora? Entretanto não houve...

Agora tenho outra relação, à qual sou fiel, é uma relação estável e estou felicíssimo!

E houve visitas do teu ex-namorado a X?

Não, não houve, foi tudo via internet, eu vim cá no Natal e no Ano Novo, passei cá este período, no qual estivemos juntos, mas ele nunca foi a X.

Se quiseres acrescentar mais alguma coisa que aches importante em relação à experiência?

Deixa-me pensar, não sei,... se calhar posso reportar uma situação, visto que é relativamente a relações, não sei se isto pode interessar. Mas eu consegui o meu quarto, isto foi uma situação muito estranha! O meu quarto, que viria a ser o meu quarto um mês depois, foi um quarto que eu arranjei naquela primeira noite em que saí do *hostel*. Apesar de ter procurado muito mais quartos e de ter ido a muito mais entrevistas, porque eles fazem mesmo entrevistas, para tu ficares numa residência, não é residência, é uma república, vá quase, como nós fazemos aqui, não é? Uma casa com várias pessoas, alugares um quarto com aquelas pessoas, eles fazem-te um casting! Portanto, o que é que tu fizeste, o que é que não sei quê, blá-blá-blá...Mas o quarto com que vim a ficar, foi o primeiro quarto da primeira noite! Pronto, escusava de me ter esforçado mais! Pronto, ao menos foi descargo de consciência! E esse quarto, eu consegui arranjar nessa noite, porque senti que a outra pessoa, conheci um homem, já dos seus quarenta e tal anos, que senti que ele estava interessado em mim e o interesse era, sei lá, sexual, *whatever*! Mas, mostrei-me interessado pelo quarto obviamente! E eu acabei por ir para essa casa, porque de facto o homem estava interessado em mim! Nunca aconteceu nada entre mim e o homem e eu consegui manter sempre essa distância durante os outros meses todos até me ir embora em X! Consegui manter sempre a essa distância, apesar de termos ficado grandes amigos! Porque consegui, se calhar devido um bocado ao interesse dele, houve muita conversa, não é? Falámos muito e ele até era uma pessoa interessante! Apesar de nunca ter havido nenhum envolvimento sexual, físico, houve uma relação que se desenvolveu muito ali, graças se calhar ao interesse dele! Porque foi a primeira coisa que aconteceu e no fundo foi o interesse dele que acabou por me dar casa. Porque no início, quando eu o conheci, ele já tinha pessoa para o quarto e disse: olha que pena, tu não teres aparecido dois dias antes, porque senão tinhas ficado tu! Mas eu fico com o teu contacto e vou tentar falar com amigos, e pode ser que alguém te arranje um quarto ou qualquer coisa, pronto!

Já agora gostava de te fazer outra pergunta, em relação ao contexto que frequentaste em X, a nível de saídas à noite, de vivência, qual foi o contexto que frequentaste? Foi mais virado para bares *gay* ou...

Experimentei de tudo, tudo! Obviamente, sim, que claro que queria conhecer o circuito *gay*, não é? Conheci o circuito *gay* todo de X, mas claro que experimentei outros locais, claro que tive que ir a X, que é a melhor discoteca! E os meus amigos Erasmus no fundo, claro que também tinha amigos *gays* no Erasmus, mas quando saímos todos juntos não íamos levar aquela catrefada toda para bares *gays*, como é óbvio! Portanto íamos para bares mistos, íamos para outros sítios e conheci um pouco de tudo na cidade, não é? Mas claro que conheci bem o circuito *gay*!

E o circuito Erasmus também?

Sim, sim, havia esses dois pólos, não é?

Consegues identificar um circuito Erasmus?

Não, não consigo!

Então, o que tu chamas de circuito Erasmus é saíres com as pessoas de Erasmus, é isso?

Com as pessoas do Erasmus, exactamente.

Queres acrescentar mais alguma coisa?

Não, não acho que está tudo.

Obrigada.

PEDRO

Quais foram os motivos que te levaram a Erasmus?

Bom, eu acho que acima de tudo, eu no início precisava de uma pausa, uma pausa na minha vida, uma pausa de tudo de facto! Porque, na altura, comecei a ter mais problemas em casa, até por causa crise, os meus pais começaram a ter cortes nos salários, estava sempre um ambiente um bocadinho mau. As coisas na minha vida também não estavam a correr muito bem e eu acabei por achar que precisava de um tempo fora. Mas eu já tinha tido a ideia de ir para Erasmus muitos antes, não foi por causa disto, isto só se proporcionou depois, porque estava numa altura um bocadinho pior. Mas eu já há muito tempo, aliás, desde o secundário que eu queria ir de Erasmus. Já tinha feito outras experiências, já tinha ido tirar um curso a Inglaterra durante uma semana, tinha entrado no projecto X que também é um projecto de intercâmbio no secundário, fui para a Hungria durante uma semana e fiquei assim muito apaixonado pelo estrangeiro. E surgiu a hipótese de ir para Erasmus no meu primeiro ano, eu candidatei-me, tinha boa média e entrei na minha primeira opção que na altura foi a Holanda, por causa da minha vertente que é X, e disseram-me que lá tinha uma boa faculdade. Depois também tudo o que está à volta da cultura holandesa, o facto de o país ser muito liberal, ser muito bonito. Mas eu fui um bocadinho para lá sem expectativas nenhuma. Eu lembro-me um dia antes do meu avô, eu tive um exame, eu não fiz a mala até às oito da noite... e fui mesmo completamente sem expectativas. Tive um ataque de pânico no avião, porque a minha avó apareceu-me de pijama à porta de casa, antes de eu sair... e veio-se despedir de mim e dá-me um último beijinho, eu lembro-me, e eu fiquei muito emocionado! E quando fui para o aeroporto

estava a minha mãe a chorar, o meu pai a chorar, o meu irmão estava lá, e foi demasiada pressão. E então no voo eu estava-me a sentir muito... tive assim uma espécie de um ataque, tava a pensar o que é que vai acontecer? Eu não sei para onde é que eu vou, eu não conheço ninguém, eu não conheço o país, eu nunca vivi sozinho! E depois cheguei lá, pus os pés no chão, entrei no aeroporto e fiquei completamente extasiado e cheguei...apanhei o comboio, cheguei a x e quando saí da estação e olhei para a universidade, pensei: bom, cheguei isto agora vai começar! E a partir daí foi sempre a subir, e foi a melhor altura de sempre! Acho que foi um bocadinho por aí...

E o que é que procuravas retirar da experiência?

Bom, eu precisava imenso de estar num sítio onde não conhecesse ninguém, eu das coisas que eu queria era de certa forma ter um começo, um começo novo, começar do zero! Estar num sítio onde as pessoas não tivessem nenhuma noção de quem tu eras e tu poderes-te apresentar como a pessoa que sempre quiseste ser, não necessariamente para mudares o que eras, porque eu fui sempre genuíno, mas num sítio onde eu não tivesse os constrangimentos de, às vezes, estar a pensar em certas coisas, porque eu era demasiado consciente do que fazia, eu precisa de não ser tão consciente, precisava de certa forma de libertar-me um bocadinho. E era um bocadinho por aí, eu fui mesmo para ter uma experiência que me desse outro parecer sobre a vida e precisava imenso de sair minha bolha, porque em Portugal eu sentia que estava sempre dentro da minha bolha! Ainda para mais, na situação em que estávamos, que era uma situação de crise, todos os dias se ouvia notícias sobre a crise no telejornal, e não havia perspectivas de emprego, não havia perspectivas de futuro, havia uma taxa de desemprego de 30 e não sei quanto por cento nos jovens, e era demasiado constrangedor, era muito claustrofóbico tava a sentir-me sempre sufocado e não tinha bem a certeza do que é que eu queria fazer, e precisava de me afastar! Nem que fosse só para ter uma pausa, ter uma espécie de um período sabático, não foi necessariamente um período sabático, mas que me introduziu a novas experiências e que me fizeram crescer imenso. E depois vêm outras conclusões acerca do queremos com isso, porque a partir do momento que uma pessoa está sujeita a um ambiente que não conhece, então começa a desenvolver outras vertentes da sua personalidade e foi um bocadinho por aí. ... E para mim isso foi muito valioso! Eu não estava mesmo à espera que acontecesse o que aconteceu! E a experiência desenrolou-se de uma forma que foi inacreditável, eu conheci pessoas que mudaram a minha vida para sempre! E lá encontrei uma família mesmo! Porque eu tinha um grupo de amigos que eram todos franceses, cerca de 20 ou 25 franceses, foi como se fosse a minha família, eles incorporaram-me no grupo e eu comecei a beber um bocadinho daquela cultura francesa na Holanda, que foi muito engraçado! Mas depois também o facto de se conhecer pessoas de todos os países, e todos os dias conhecer uma pessoa nova, acontecer uma coisa inesperada. Vou a casa de uma amigo meu deixar uma bicicleta e acabo por fazer um *barbecue* com 15 ou 20 pessoas! E são coisas que surgem assim, ninguém planeou aquilo, acontece espontaneamente! São essas experiências que no fundo ficam! E conversas que tive que também mudaram o meu parecer sobre uma data de coisas, pessoas que conheci acima de tudo, e com quem ainda falo hoje! Por exemplo, este ano a minha passagem de ano foi passada com essas pessoas de Erasmus, fizemos uma reunião em X, porque uma amiga minha foi viver para lá. Depois também em Janeiro fui visitar a minha melhor amiga de Erasmus a X, também estive lá

uma semana. E não sei, são pessoas que mesmo que não se veja todos os dias, ou todas as semanas, estão lá e quando houver uma reunião nós sabemos que vamos apanhar exactamente do sítio onde tinha ficado.

E em que contexto em que viveste na Holanda? Onde é que estavas a viver, Com quem?

Eu fui com um colega de cá, que eu já conhecia do primeiro ano. E ele foi meu colega de casa, e depois entretanto estava com mais duas raparigas, uma alemã, a X, e uma belga que falava português, muito curioso! Nós chegamos lá no primeiro dia, ela já estava em casa e eu disse-lhe olá, em inglês, o meu nome é X! Entretanto, estava a falar com o X que era o meu colega, e ela : ah mas vocês falam português? E eu: sim! Tu falas português? E ela: sim, eu sou belga, mas o meu pai é português! E ela tinha assim um português um bocadinho estranho, mas a gente entendia-se! Foi bastante curioso! Então nós vivíamos numa casa com quatro quartos, havia muitas pessoas que viviam na residência, mas... o que é curioso é que no nosso ano havia muitas casas espalhadas por X, e no ano a seguir, portanto este ano, a agência de casa pela qual nós nos inscrevemos criou uma residência nova. E é um bocadinho mau, porque estão todas as pessoas no mesmo sítio! E todos os quartos são iguais, e tão todas as pessoas na mesma torre! E no meu ano, nós estávamos espalhados pela cidade, nós íamos a casa de pessoas e estávamos em qualquer lado em 5 minutos com a bicicleta! E é uma coisa que eu não vejo a ser de outra maneira! E eu conheço uma pessoa que está lá este ano, que é a melhor amiga de uma grande amiga minha que estava lá comigo nessa altura... e ela diz que ouvir as nossas histórias de Erasmus foi sempre muito excitante, muito exaltante! E depois ela foi para lá, e ela está adorar, mas ela diz que não é a mesma coisa, porque não é aquele espírito que houve no ano em que nós estivemos lá! E eu sinto que tive uma sorte tremenda, porque há pessoas que vão de Erasmus e vem e dizem que foi uma boa experiência! Eu vim e quando as pessoas me perguntavam como é que tinha corrido dava-me vontade de...nem sei...eu nem sabia bem responder, era sempre aquela resposta que vinha sempre atrasada, era: Ah... foi fantástico não há palavras para descrever!

E antes de partires de Erasmus, quais eram as perspectivas que tinhas em relação à tua vida afectiva/amorosa/ sexual? O que é que pensavas que poderia ou não acontecer?

Bom, eu na altura andava um bocadinho mal, porque eu tinha acabado uma relação muito importante por mim há cerca de seis meses, portanto eu fui em X e a relação tinha acabado no verão. E eu, esse semestre foi um bocadinho estranho, eu conheci outras pessoas... eu não andava a procura de nada, as coisas nunca resultaram e também foi um bocadinho por aí, se eu já ia com essa ideia à partida as coisas nunca iam resultar, até porque não era isso que eu queria. Não me queria comprometer tão cedo. E quando eu fui para Erasmus até foi um bocadinho nesse espírito, eu acima de tudo, não queria encontrar ninguém de quem realmente gostasse, porque isso ia ser muito complicado, e efectivamente não encontrei. Conheci algumas pessoas com quem me dei bem, conheci outras pessoas com quem estive uma vez, e também o que eu queria era conhecer-me mais a mim mesmo. Eu não ia com grandes expectativas acerca do que ia acontecer, eu só sabia que queria ter uma experiência que mudasse a minha vida e que queria aproveitar todos os dias individualmente, fazer de cada dia um dia só! E nesse sentido eu não ia com intenções de me comprometer com ninguém

a não ser comigo. Não queria ter uma experiência demasiado grande em termos afectivos amorosos, digo assim, mais em termos afectivos com outras pessoas, um amor mais fraterno e menos romântico, era um bocadinho por aí.

E depois como é que correu? Como é que foi a realidade? Podes contar-me como é que foi a tua realidade, as pessoas que conheceste, etc...

Foi mesmo de encontro ao que eu estava à espera de facto! Eu lembro-me que a primeira pessoa que eu conheci foi um rapaz, numa discoteca, nós tivemos juntos umas duas vezes, éramos para estar juntos mais uma vez, mas eu depois não quis que acontecesse, mas as outras pessoas foi tudo, foi muito circunstancial, as coisas aconteceram uma vez e foi um bocadinho por aí. Eu tinha, obviamente, muito mais liberdade do que tenho cá, não é? Porque cá vivo com os minha mãe e o com meu irmão e lá tava a viver na minha casa sozinho, não tinha que dar explicações a ninguém. O meu colega de quarto, também sabia que não me tinha que dar explicações a mim, estávamos os dois completamente à vontade, cada um tem a sua vida e fazem o que quiserem. E nesse sentido tinha liberdade para fazer mais o que... não tinha que pensar tanto nas coisas, podia fazer o que eu queria sem ter que estar a pensar muito. E como tinha a minha própria casa também me senti um bocadinho mais a vontade para caso conhecesse alguém ou caso quisesse estar com alguém ter a minha casa. Mas de facto não foi isso que... não senti tanta, não é necessidade de, mas não senti tanta vontade de conhecer essas pessoas, porque estava preenchido por outras coisas. Eu lembro-me de uma conversa muito interessante que tive com a minha mãe em que eu estava a dizer-lhe que estava a sentir tudo muito intensamente. E ela disse-me que, se calhar, também sentia falta de outras coisas e para preencher esse vazio, as coisas que eu arranjava para preencher, preenchiam-no de uma forma muito mais entusiasta, muito mais emotiva! Sou capaz de acreditar nisso até certo ponto, mas também consigo ver que comecei a dar muito mais valor a outras coisas e as relações não entraram muito nessa equação. Eram situações mais circunstâncias, em que conhecia uma pessoa, estávamos interessados, pronto, acontecia alguma coisa e depois não voltava a acontecer.

E a tua vida sexual como é que foi durante o período Erasmus? Como é que a descreverias?

Mais aventureira, acho eu, não sei, criou um precedente que depois veio a desenvolver um bocadinho quando cá cheguei, acho eu. Mas de certa forma também foi bom, porque não me sentir tão comprometido com alguém, possibilitou-me que eu me desse a conhecer mais a mim mesmo. E como a minha grande obrigação era conhecer-me a mim. Porque eu reparei num grande problema, um dos grandes problemas de hoje em dia é que a muitas das pessoas não tem confiança nelas próprias. Isso influencia todos os factores da sua vida pessoal, profissional, relacional, tudo isso. E de certa forma eu queria conhecer-me um bocadinho mais a mim a mesmo, porque eu sempre tive algumas ideias pré-concebidas acerca de como eu agia, ou como é que as outras pessoas percepcionavam o que eu fazia, ou forma como eu fazia, ou o que eu dizia. E de certa forma o que eu queria era conhecer-me mais a mim, para largar um bocadinho esse preconceitos, essas ideias pré-concebidas que não são nunca boas! E eu, quando fui lá para fora e conheci uma data de pessoas que mudaram a minha vida, os meus amigos principalmente, comecei a perceber que eles viam coisas em mim que eu não via, que eu não tinha possibilidade de ver. E quando

uma pessoa é confrontada com isso, começa de facto a pensar se o reflexo que vê no espelho é a mesma pessoa que as outras pessoas vêem. E acaba por, muitas vezes, não ser, portanto eu tinha uma ideia de aquilo que eu achava que era, mas depois a forma como eu me encarava a mim mesmo era muito diferente. E aprendi imenso com a forma como as outras pessoas me viam a mim, e comecei a dar-me a conhecer mais a mim mesmo, nesse sentido. E isso foi muito bom, o facto de não ter... porque eu conheci por exemplo pessoas que tiveram relações mais estáveis em Erasmus, dois amigos meus, por exemplo e... e não sei, não queria que o meu Erasmus fosse preenchido por uma nota negativa quando eu viesse embora. E também foi por isso que eu não me tentei comprometer com ninguém, nem queria, nem queria! O interesse estava mais em conhecer-me a mim em primeiro lugar, porque a partir do momento em que uma pessoa se conhecesse a si, pode-se dar a conhecer aos outros. E, portanto, era para isso que eu ia, e foi para isso que eu fui.

Mas ainda em relação ainda à tua vida sexual, eu queria saber se mudou? Ou seja se existiu uma mudança entre o que tinhas cá, com o que viveste até ires para Erasmus e se depois existiu alguma mudança no padrão da tua vida sexual?

Não, eu acho que a forma como eu agi lá começou a desenvolver-se um bocadinho cá, portanto eu tinha acabado uma relação há seis meses, entretanto conheci algumas pessoas e nunca foi com aquela de intenção de realmente me comprometer. Aliás eu sempre fui muito claro nisso, sempre fui muito honesto eu nunca dou falsas esperanças e sou sempre muito: é isto que vai acontecer, é isto que vais ter de mim, portanto, se é isto que tu queres, então pronto tudo bem! Se estás à espera de mais alguma coisa, garanto-te já que isso não vai acontecer, porque eu não estou preparado, nem interessado nisso! E, de certa forma, como isso aconteceu um bocadinho antes de ir para Erasmus com algumas pessoas, eu tive também com outra pessoa antes de ir, com um rapaz, e eu disse-lhe logo desde início: não, é assim, eu vou-me embora, eu não me quero comprometer, eu não quero ir-me embora a pensar, a pensar que tenho cá alguém, porque isso não vai resultar e não é isso que eu quero! Eu quero ir e quero ter uma experiência a sério, não quero estar a sentir falta de alguma coisa, na qual eu não estou interessado agora! Não é isso que eu quero ter! Então, nunca tive uma relação mesmo durante esses seis meses antes, nunca se passou nada sério. Quando fui para lá foi um bocadinho a mesma coisa, eu sabia que era um período curto, e não queria ter aquela noção romântica de que me vou apaixonar por alguém, vai ser uma coisa completamente fantasiosa e vou voltar e vou lembrar-me daquela relação para sempre na minha vida! Não, houve coisas mais importantes! E no que diz respeito à minha vida sexual, eu conheci algumas pessoas com quem estive e diverti-me, e as coisas correram bem, uma ou duas vezes, e depois era isso, era, era mais um prazer momentâneo do que uma necessidade de compromisso, não necessariamente uma necessidade, mas vá uma vontade de compromisso, porque que eu não a tinha! Então, foi um bocadinho no seguimento disso, também porque eu, provavelmente, não estava preparado para ter uma relação, desde que tinha acabado a outra há seis meses, portanto foi um bocadinho no sentido de explorar um bocadinho mais o que é que queria, o que é que eu gostava, quem eu era! E isso não se fez, necessariamente, através doutras pessoas, ou de estar em relações, mas de expor-me a situações também um bocadinho diferentes, o que também veio a suceder um bocadinho com as pessoas que eu conheci. Não foram os

métodos mais convencionais, diga-se assim, mas foi interessante na medida em que foi um bocadinho mais aventureiro e foi um bocadinho diferente daquilo a que eu estava habituado. Um rapaz, por exemplo, ele estava no exército, acho eu, ou já tinha estado no exército e foi no meu dia de anos e nós estávamos na minha festa e, pronto, já estava toda a gente demasiado animada! E eu pensei: são os meus anos, não me interessa, eu posso fazer o que eu quiser, provavelmente não vou estar em X nos meus anos provavelmente tão cedo (o que acho que vai ser mentira, porque este ano sou capaz de ir lá), mas pensei: para que é que hei-de me estar a preocupar? Então, eu sempre tinha tido aquela impressão que ele estava vagamente interessado, porque ele estava sempre a dizer: eu não sou *gay*, vocês pensam que eu sou *gay*, mas eu não sou *gay*! Eu, pronto, eu pensei logo: já te topei (isto é um bocadinho mau de se dizer), mas pronto, arrisquei, pronto, divertimo-nos! Outra situação, por exemplo, conheci um rapaz através de uma aplicação qualquer e ele veio a minha casa, não foi necessariamente o que eu estava à espera, porque eu achei que ele era um bocadinho diferente, e estas situações são sempre engraçadas de se contar depois, mas na altura são um bocadinho estranhas, mas são sempre experiências que, depois, ficam nem que seja para uma risada depois, porque as pessoas lembram-se disso e acham que é engraçado, pelo menos eu tenho histórias engraçadas para contar. Acho que foi um bocadinho nesse sentido.

(interrupção)

Estavas-me a contar as tuas histórias giras...

Então uma foi, efectivamente, essa do rapaz que eu conheci numa aplicação, porque foi uma coisa, não sei lá às vezes as pessoas começam a ter comportamentos mais espontâneos, porque estão num ambiente mais libertador ou que não tem tantas regras, pelo menos para mim era assim, porque eu estava viver sozinho e uma pessoa, às vezes, dá-se, não é ao luxo, mas a situações que provavelmente noutra situação não se daria! E, portanto, foi uma coisa um bocadinho espontânea, nós conhecemo-nos, falamos durante vinte minutos, na minha casa, e ele era um bocadinho diferente das fotos, não era assim muito, para quem eu olhasse normalmente, não é? Mas foi uma situação engraçada, porque pronto o rapaz até era interessante, não é? Mas é aquilo que acaba por acontecer, as pessoas conhecem-se, divertem-se um bocadinho e vão-se embora à sua vida e depois, pronto é isso. E não passa disso, é uma vez sem exemplo, são experiências *one time only*, diga-se assim. Outra dessas foi muito engraçada, por acaso, era um rapaz que era da minha universidade, e eu tinha um amigo meu, com quem eu me dava muito bem, foi a primeira pessoa que conheci em Erasmus, e ele a certa altura num dos X, que era uma espécie de um evento na universidade em que há cervejas a um euro, e a partir das quatro da tarde, dentro da universidade num bar, portanto as pessoas vão para lá e fazem uma grande festa. Eu já estava assim mais animado, não é? E ele veio-me dizer que havia um rapaz que gostava de me conhecer, e eu: o quê um rapaz, mas donde? Quem é ele? E ele: ah e tal, ele chama-se X, ele é daqui, é holandês, eu: está bem, não sei quê, podes dizer a ele que ele pode vir falar comigo, ele não tem que ter vergonha! E ele: sim, foi isso que eu lhe disse, foi isso que eu lhe disse! Entretanto, eu fui para o balneário, estava lá a falar com um amigo meu, não sei quê, apareceram dois rapazes, falaram comigo e, entretanto, eu fui-me embora. Eu não tinha percebido que era esse o rapaz, porque ele, efectivamente veio falar comigo, eu falei com ele como se estivesse a falar com

outra pessoa, porque em Erasmus falamos com toda a gente, não é? Depois, nós conhecemo-nos, já nem me lembro em que situação é que foi bem, isto é interessante! Mas, lembro-me que fui uma vez jantar com os amigos dele e fizemos sushi, outra vez fomos para uma festa qualquer num bar na praia, também saímos da discoteca os dois e fomos para o meio da praia. Não sei, são experiências que acabam por acontecer, são interessantes na medida em que são mais espontâneas, e não tão pensadas ou não tão...

(interrupção)

Estavas a falar das várias experiências que tinhas tido...

Sim, esta foi particularmente engraçada, mas é só engraçada quanto se conta depois, porque na altura não foi particularmente interessante. E portanto, a última experiência, diga-se só de passagem, foi com um rapaz com quem eu só tinha falado uma vez, não sei quê. Mas nós só tínhamos falado na internet, não é? Não nos tínhamos conhecido, mas eu na altura dei uma de moralista, porque ele nunca tinha estado com ninguém. E eu perguntei: mas o que é que estás aqui a fazer, tipo, nestas redes sociais? O que é que estás aqui a fazer nestas redes sociais? Como é que podes estar à procura de uma coisa que tu nem sabes como é que é? Tipo, não devias estar à procura de alguém aqui, porque sei lá, às vezes são aquelas redes em que as pessoas estão mais por outras razões, andam mais à procura de sexo, do que necessariamente de uma relação, o que não é sempre verdade, não é sempre verdade, mas na maior parte dos casos é! E, para uma pessoa que, ele era novo tinha o quê? 18,19 anos e que nunca tinha estado com ninguém, aquilo era um bocadinho conflituoso na minha cabeça. Então eu dei uma de moralista, mas não era moralista, no sentido: vá, tipo vou fazer a boa acção do dia! Foi mesmo porque aquilo fez-me mesmo confusão, eu disse-lhe: o que é que estás a fazer nestas redes sociais? Se tu nunca tiveste uma experiência sequer, como é que tu podes saber o que é que estás à procura? Como é que tu podes saber o que é que tu queres de uma pessoa? Como é que tu podes ter uma experiência realmente verdadeira, se vens para redes sociais onde as pessoas estão maioritariamente à procura de outras coisas? O que vai acontecer é que se vão aproveitar de ti! E nesse dia tivemos uma conversa muito interessante que ele disse: ah, tens razão, já tinha pensado nisso, mas não sei, depois é sempre a tentação de voltar aqui... e eu pronto, eu pus logo na minha cabeça, que não queria envolver-me com o rapaz, ainda por cima, porque tinha tido uma conversa com ele mais séria (não foi assim tão séria). Efectivamente, nós depois falámos mais umas vezes e decidimos conhecer-nos, e ele veio ter comigo uma vez e ele nunca tinha estado com ninguém de facto, e notava-se porque rapaz não sabia beijar, não é? E é sempre uma coisa um bocadinho constrangedora, quando...porque é assim o primeiro passo para acontecer alguma coisa, não é? Portanto, as pessoas conhecem-se, mas pronto o primeiro passo para acontecer alguma coisa é um beijo! E quando isso não é necessariamente interessante, torna-se um bocadinho difícil partires para o que quer que seja... Também não era essa a intenção com que eu estava e não era intenção com que ele estava, felizmente! Mas, foi só um bocadinho estranho, foi só um bocadinho estranho, porque depois também me senti um bocadinho mal como se me tivesse aproveitado dele, eu não me aproveitei, não é? Eu não me aproveitei! Eu até tive a reacção de lhe dizer, no início, não andes aqui nestas redes, tipo, já sabes que não é bem isto, eu acho

que não é isto que andas à procura e tu também deves saber que não é isso e ele concordou, mas pronto. Depois acabou por acontecer, e foi, foi, enfim, foi engraçado!

Pedia-te só para recapitulares as experiências porque tivemos a interrupção

Sim, então foram, uma delas foi com um rapaz no meus anos, ele já tinha andando na tropa, aliás eu acho que ele agora está na tropa, muito macho, que dizia a toda a gente que não era homossexual, não é, mas depois veio-se a verificar que existiam algumas tendências, mais por incitação minha que por outra razão. Depois houve outro rapaz que eu conheci, que era aquele rapaz que um amigo meu me disse, na universidade, que me queria conhecer. Nós, de facto, demo-nos bem, ele era um rapaz muito simpático mesmo, era muito querido, mas eu...uma das coisas que mais me complica, é quando as pessoas estão comigo tipo uma ou duas vezes e começam a achar que gostam muito de mim! E isso faz-me recuar imenso, porque eu preciso do meu tempo para me adaptar à situação e quando as pessoas começam a gostar demasiado, é muito complicado, porque eu tenho um padrão, e o padrão é este é... quando eu sinto que a outra pessoa gosta demasiado de mim, e eu ainda não estou lá, eu começo inconscientemente a afastar-me! Porque sinto ou que vou magoar a outra pessoa ou que não vou chegar lá, ou que as coisas estão a avançar demasiado depressa. E quando eu vejo que a pessoa vale a pena e começa a fazer isso, então é o pior! Porque então aí as coisas vão dar para o torto, e já deram, já aconteceu mais do que uma vez. A minha relação, antes de ir para Erasmus, foi mesmo assim, nós tivemos juntos, no início, ele começou a gostar muito de mim, eu não tava ainda lá e acabamos as coisas. Passado um mês, achei que era o pior erro da minha vida, fui falar com ele e namorámos durante cinco meses. E depois, entretanto, foi ele que não gostou tanto como eu gostei. Porque esse é o grande problema das relações, é as pessoas não estarem na mesma página e é sempre... eu acho que acaba por ser isso que acontece, é uma pessoa gostar demasiado da outra, ou as duas pessoas não estarem ao mesmo nível, ou terem expectativas diferentes e quando essas coisas não se discutem, as coisas acabam por não acontecer bem. Pronto, esse foi outro rapaz então, que ele era bastante simpático, mas as coisas não resultaram precisamente porque ele estava demasiado interessado. Outro rapaz conheci-o, na única vez, na primeira vez e única vez que fui a uma discoteca *gay* na em X. Tinha um *show* de travestismo, fiquei um bocadinho chocado, chocado não, pronto, eu nunca tinha visto nada assim, foi no mínimo engraçado! Ele era muito simpático, tive com ele mais do que uma vez, era o X, que é engraçado porque também vai um bocadinho de encontro ao meu nome, não é? Mas pronto. E a última pessoa foi então o outro rapaz que acabou por ser um bocadinho diferente na vida real do que eu tinha visto nas fotos, e também foi um bocadinho uma reacção inicial de choque, mas pronto não foi nada de muito estranho.

E em relação a esses parceiros que tiveste quais eram as nacionalidades? E como é que foram essas experiências?

Sim, então um era meio maltês, meio holandês, o rapaz que gostava um bocadinho de mim e eu não lhe queria dar falsas esperanças, portanto as coisas não duraram muito mais do que uma semana. Os outros eram todos holandeses se não me engano, sim, exactos eram todos holandeses, os quatro holandeses. O que é curioso porque em termos de personalidade as pessoas holandesas são pessoas que se conhecem muito bem ao início, mas que nunca se chega muito a fundo, no início. É preciso uma pessoa dar-se a conhecer e estabelecer uma relação de amizade mais

profunda para realmente conheceres as pessoas. São pessoas com quem, normalmente, consegues falar muito bem, mas nunca se vai muito a fundo numa relação de interacção, a menos que se conheça realmente as pessoas. Mas, foram sempre, eu dei-me sempre muito bem, nunca houve nenhum problema, eles aliás eram bastante simpáticos todos, mas sim eram na sua maioria holandeses, eram todos holandeses e outro era meio-holandês meio-maltês. Não sei se respondi à tua pergunta.

O Erasmus mudou a tua visão às relações interculturais?

Completamente, eu acho que acima de tudo, aprendi muita coisa em termos de contacto humano e interacção com outras culturas. Aprende-se um bocadinho a beber de cada cultura em particular. O que eu gostava de fazer era ver o que é que... uma das coisas que eu sempre gostei de fazer e que se começou a enfatizar muito mais quando fui de Erasmus, é ver aquela coisa que distingue uma pessoa da outra. Eu gosto imenso de ver as coisas em que as pessoas são particularmente diferentes, seja a forma de falar, a forma de agir, a linguagem corporal, o humor. Acima de tudo, a forma de falar, eu gosto imenso de ver as pessoas a falarem para ver os maneirismos, a forma como eles dão entoação a certas palavras ou as formas como elas se expressam. Porque eu também sou uma pessoa muito expressiva, eu quando estou a falar de uma coisa que me entusiasma, começo a falar muito rápido, começo a falar muito alto, começo a ficar...eu vou buscar as experiências e gosto de transmitir isso em palavras. E parte de contar o Erasmus. aos meus amigos e às pessoas com quem eu me dou agora e tentar fazê-las ver o que é que eu passei, também passa um bocadinho por aí, tentar... tentar fazê-los viver um bocadinho daquela experiência nas palavras que eu conto. Portanto, mudou muito a forma como eu vejo as relações interculturais. E acima de tudo, fez uma coisa muito importante, eu não me sinto tão português, agora sinto-me muito mais europeu! E nesse sentido é bom, porque eu sei que tenho amigos em vários países, e mesmo que não sejam relações com quem se interage todos os dias, porque eu não falo com maior parte das pessoas todos os dias como é óbvio, não é? Porque as pessoas começam, não é a ter outras prioridades nem a esquecer-se dessas pessoas, é as coisas não estão tão presentes, então não há aquela, não é necessidade, nem vontade, não há aquela reacção de ir falar com essas pessoas todos os dias, embora continue a manter contacto. E eu sei que, se for a França tenho casa em vários sítios, ou se for a Alemanha também tenho casa lá ou no Reino Unido. E uma das coisas muito interessantes, é que um dos meus grandes amigos, no final do Erasmus foi fazer um *interrail* e ele, basicamente, passou por dez países e pagou alojamento num! Porque tinha casa em todos os sítios! E nesse sentido, eu agora sinto mais facilidade em pegar nas coisas em ir-me embora. É sempre um sentimento um bocadinho conflituoso na minha cabeça estar a deixar um sítio que me é familiar, assim como foi, por exemplo, quando fui passar a passagem de ano a X, para ir ter com os meus amigos. Senti-me um bocadinho conflituoso por dentro, por estar a deixar a minha casa de novo, mas a partir do momento em que eu aterro e ponho os pés no chão é aquela sensação de êxtase que me ataca por todos os lados, e não consigo reagir a não ser ter um sorriso parvo na cara e andar feliz pela cidade! E isso acontece mesmo e é bom, é bom! Porque eu gosto dessa sensação de sentir que a minha casa não é necessariamente em Portugal, mas num sítio onde eu me sinto bem! Então nesse sentido, acho que consigo muito mais lidar com esta questão da migração, de me ir

embora, de experienciar novos ambientes, novas situações, um estilo de vida diferente e isso para mim é muito interessante, muito interessante mesmo.

E em relação ao teu desenvolvimento emocional? Achas que contribuiu para o teu desenvolvimento emocional?

Ai, tanto! Eu já era uma pessoa muito emotiva, agora ainda mais! Mas no sentido em que... eu comecei a pensar sobre muitas coisas e, para além de passar muito tempo com outras pessoas, eu também gostava de passar muito tempo comigo, também me dar a conhecer a mim mesmo. Porque eu acho que nós, hoje em dia, andamos tão acelerados com tudo, que às vezes, não temos tempo para estarmos connosco. E é uma tradição que eu mantive desde que voltei, eu, às vezes, quero fazer alguma coisa e eu pego no meu computador, e eu vou para o meu carro, e vou a um sítio a 5 minutos de distância num parque de estacionamento, estaciono lá e levo o meu computador e fico a ver uma série ou a ouvir música no carro e estou um momento sozinho. Nem que seja uma ou duas horas, estou só a pensar nas minhas coisas, a reflectir sobre a minha vida. Às vezes, nem estou a fazer nada disso, estou mesmo só a distrair-me, a ouvir música ou a ver um filme. Mas sinto aquela necessidade de estar sozinho, também porque agora vivo com a minha mãe e com o meu irmão. E sinto necessidade, sinto falta daquele espaço pessoal que eu tinha, que é um espaço em que não entra ninguém que eu não queira. E não é necessariamente que eu não queira que as outras pessoas entrem no meu espaço, é só aquela sensação de privacidade. Que eu gosto de estar em controlo, pelo menos das coisas no meu quarto e, muitas vezes, não sinto isso. Portanto, a minha forma de lidar com isso, é, às vezes, pegar no carro, ir para um sítio qualquer, levar o meu computador e ter o meu espaço de conforto noutro sítio qualquer, numa viatura móvel que é um bocadinho estranho o conceito, mas é isso que acaba por acontecer. E sim, tornei-me muito mais emocional em certas coisas, porque comecei a pensar muito nestes momentos que passava sozinho, naquilo a que as pessoas dão sentido, ou dão importância. E, muitas vezes, eu acho que é aos grandes momentos, acabei a faculdade, comecei uma relação, acabei uma relação, tive um casamento, tive um filho, mas depois sem se dar valor aos momentos mais pequenos! E na, minha visão, são esses momentos que marcam o compasso, porque uma pessoa pode ter muitos grandes momentos, e esses momentos serem muito bons, mas se os pequenos momentos não forem as pessoas não são felizes! E eu nesse sentido comecei a dar muito valor àqueles pequenos momentos que eu passava comigo, o ir até à praia e andar quarenta minutos de bicicleta para ir tomar um cafezinho num café à beira-mar e ver o sol a pôr-se. Isto são coisas que eu partilhei com as pessoas que me foram visitar e depois quando voltei para cá. Eu lembro-me imenso quando a minha prima foi lá passar os anos dela, foi lá passar uma semana, e eu liguei-me a ela de uma forma muito diferente, porque nós já erámos muito próximos, mas tornámo-nos ainda mais próximos. O esforço dela ir lá visitar-me, eu fiz todos os possíveis para ela não gastar muito dinheiro, aliás eu lembro-me que ela gastou X euros para comer uma semana inteira. Eu cozinhei em casa todos os dias, e quando nós saímos de casa eu levava a comida feita para não estarmos a gastar dinheiro noutros sítios. E a forma como eu me relacionei com ela foi completamente diferente, porque, às vezes, era só o facto de estarmos os dois a falar 40 minutos para irmos até à praia, sentarmo-nos lá na esplanada e tomarmos um cappuccino enquanto fumávamos um bocadinho e estávamos a falar. E estávamos

apenas, não sei, estávamos felizes! Não havia preocupações, não havia aquela pressão do dia-a-dia, das pessoas estarem sempre a pensar o que é que está mal, do que é que tem que fazer para o que está mal ficar melhor. E eu comecei a dar valor a esses pequeninos momentos em que as pessoas realmente estão felizes. Uma das coisas que os muitos dos meus amigos reparavam, era que eu, às vezes, ficava feliz por coisas muito simples. Acordar de manhã e ver que estava um sol radiante na X para mim era uma coisa diferente, porque lá não está sol todos os dias. Então, nesse sentido, eu comecei a dar muito valor a certas coisas e tornei-me muito mais emotivo nesse sentido. E isso marcou muito a forma como eu me relaciono com as outras pessoas agora, porque eu acho que é uma relação muito mais próxima. Pelo menos, eu gosto de pegar por aquilo em que as pessoas são diferentes e tentar relacionar-me com isso de certa maneira, e acho que as pessoas também vêem em mim uma pessoa muito diferente da que foi. E isso para mim é bom, era isso que eu queria quando fui! Eu não tinha grandes expectativas, mas se eu tivesse um objectivo era que eu mudasse de uma forma que me viesse a orgulhar no futuro, e acho que mudei de uma forma que me orgulho agora!

E durante o teu percurso de vida antes do Erasmus? Tiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Viveste algum tempo no estrangeiro? Como é que foi a tua vida a nível de contacto com o exterior antes do Erasmus?

Bom, eu sempre tive a fantasia de ir para o estrangeiro. Sempre tive muito essa fantasia. Aliás eu desde pequeno que pensava que eu queria ir para Nova Iorque e casar com uma chinesa, isto é muito parvo, mas eu sempre pensei nisto durante muito tempo, era muito engraçado! Mas eu sempre tive aquela ideia de me ir embora, não é que eu sentisse que Portugal não era a minha casa, mas eu sempre tive curiosidade em conhecer outras coisas, porque há sempre muito para conhecer. Uma das coisas que mais me aflige, hoje em dia, é pensar que não vou ter tempo para ver todos os filmes ou ouvir todas as músicas, mas, acima de tudo, estar em todos os lugares. Aflige-me imenso! Mas também se tivéssemos tempo para fazer tudo isso, não dávamos valor à vida! Eu tive outras experiências, eu fui no projecto X no secundário, tive um curso de uma semana no estrangeiro. Nessa semana no estrangeiro conheci pessoas de 25 ou 30 países, nem que fosse só uma pessoa de cada país, eu sempre fiquei muito interessado por esta questão. Eu desde muito cedo que aprendi inglês, porque sempre pensei que me ia ser útil, porque eu, um dia mais tarde, queria ir-me embora e queria viver parte da minha vida no estrangeiro. E agora ainda mais sinto essa vontade e essa necessidade, essa necessidade acima de tudo, porque uma pessoa vive experiências diferentes! Eu já tinha tido essas experiências e então isso também foi uma forma de criar mais interesse por o Erasmus. Já há muito tempo que eu queria viver fora, mas nunca tive essa oportunidade e o Erasmus foi a oportunidade que se apresentou. E pronto, eu já tinha muito esse interesse. Tive algumas experiências, não foram muitas, também, às vezes, ia passar uma semana lá fora, mas era mais Espanha que é aqui muito próximo. Nunca fui, por exemplo, para a Alemanha ou para França ou para a Holanda ou para Bélgica, nunca fui assim para países mais distantes diga-se de passagem. Por isso, sempre tive aquela vontade de ir e de incorrer nessa experiência e agora muito mais, depois de ter vindo de Erasmus então! Acho que não consigo ver a minha vida só a ficar cá por Portugal, era um bocadinho triste, na minha forma de ver, porque há muitas coisas para se conhecer. Não digo que Portugal não seja

interessante, porque é! E depois de voltar de Erasmus então comecei a reparar em coisas que nunca tinha reparado antes, e isso é muito bom! Mas sinto necessidade de ir mais, de aventurar-me pelo mundo mais ainda.

Queres acrescentar mais alguma coisa sobre o período Erasmus? Sobre a tua experiência?

Eu acho que uma das coisas que me fez foi...abrir-me portas para me conhecer a mim mesmo. Porque não sei, eu acho que as pessoas estão num ambiente muito familiar, começam-se a habituar a certas rotinas, começam-se a habituar a certas pessoas, começam-se a habituar a certos locais e deixam de ver o que é que os locais e as pessoas têm de especial. Isso é muito triste! Não é que seja uma escolha consciente, porque não é consciente, nós somos humanos, a força do hábito faz com que nós deixemos de dar certo valor às coisas, mas isso para mim foi crucial, foi essencial... o facto de estar num país estrangeiro, abre-me a minha cabeça para certas coisas, para a interpretação que dou a certas coisas e agora noto muito mais que dou mais valor a certos sítios, a certas pessoas, a certas situações de forma diferente. Sou muito mais entusiasta nessas coisas. Era uma coisa que eu... eu tinha perdido muito o ânimo na vida acho eu, andava muito deprimido, as coisas não me corriam bem e agora mesmo quando as coisas correm mal, há coisas que correm bem, não sei... eu sou capaz de encontrar...porque eu agora sei o que é que eu preciso para ser feliz e eu sou capaz de encontrar essas coisas nas pequeninas coisas. Sou capaz de encontrar esses factores, mesmo que não confluam todos num todo, podem estar lá em separado e eu sinto-me feliz com as coisas pequenas. Como... eu lembro-me, há coisa de duas semanas eu queria ir ao cinema ver o novo filme do *Lars von Trier*, o *Ninfomaníaca*, tava mesmo interessado, e fui para um cafezinho e tive a tomar café, a ouvir um bocadinho de música. E depois estava fazer tempo para o filme e tive a andar por Lisboa, era quase de noite e tava com os *phones* nos ouvidos, tinha uma mistura nova de música no telemóvel e comecei a ouvir e... e não sei, fico mesmo entusiasmado, porque eram músicas que eu já não ouvia algum tempo, e só o facto de estar a andar por Lisboa e é quase de noite e vai-se a passar pelas pessoas, e às vezes, as pessoas nem sequer olham! Mas, eu adoro olhar para as pessoas na rua, eu vou a andar e vou a notar as reacções das pessoas e era uma coisa que eu já não fazia, não sei, é triste, é mesmo triste quando as pessoas se habituem a essas coisas. Eu sinto que é preciso mais ânimo! Às vezes, as pessoas já não sentem ânimo e isso é... é um bocadinho derrotista quando as pessoas se habituem demasiado à vida que levam para não conseguirem notar o que é que há-de bom! E eu agora noto muito mais isso, por isso...eu não sei como é que a minha vida tinha sido se eu não tivesse no Erasmus, eu acho que ia ser muito mais triste! E eu nesse sentido dou muito valor a... Mesmo depois da má experiência que eu tive com a minha relação, eu pensei se me apetecia mesmo ir, mas foi mesmo isso...se eu não fosse o que é que eu vou ter cá para... qual é que vai ser o meu corpo de salvaguarda? Não vai ser nenhum! Vou estar a abdicar de uma experiência que me vai mudar para quê? Para estar aqui a mostrar comiseração, não vou! E fui, e adorei, adorei! E aconselhava isso a toda a gente, aconselhava mesmo, porque muda as pessoas de uma forma que as pessoas não estão à espera! É impossível esperar uma coisa que é tão grande e tão intensa! Mesmo! E acho que é isso...

Obrigada.

RITA

Quais foram os motivos que te levaram ao Programa Erasmus?

Os principais motivos foram conhecer outras cidades por completo. Eu escolhi Itália também, porque acho era uma boa oportunidade de poder viajar mais barato também, não é? E também porque já tinha tido italiano na faculdade! Então gostava de...era praticamente porque gostava de conhecer Itália! Não tenho assim mais motivos...acho que não... e também espairer um bocadinho daqui, possivelmente.

O que é que procuravas retirar da experiência?

Basicamente, saber como é que era lá a vivência, como é que era o estilo de vida deles também, porque diziam que era muito parecido com o nosso, mas não era! E também ver como é que era o ensino lá, ter uma boa experiência também para o currículo, porque às vezes há empresas que dão ênfase a isso, do ensino Erasmus ou assim...e também pelo convívio e isso.

E a nível pessoal?

A nível pessoal também era isso, crescer um bocado, ver se conseguia ficar quatro meses sozinha, basicamente, não era!? Porque como eu moro com os meus pais e assim, não tenho aquela coisa de estar sozinha, de ter que fazer tudo, e lá tive que fazer e tive que crescer e tive que aprender a fazer as coisas... normais, pronto! Habituais! Foi isso.

E a nível de perspectivais amorosas/sentimentais, antes de ires o que é que tu imaginavas que ia acontecer ou o que é que pensavas sobre esse período? Quais eram as tuas perspectivas?

Sinceramente não tinha perspectivas nenhuma disso, era algo que não pensava que fosse acontecer, pronto, não era aquela... não fui lá com esse intuito, e também já estava assim mais ou menos com uma pessoa, e então não pensei mesmo nisso. Se conhecesse alguém, pronto, mas mais profunda não, nunca tinha pensado nisso. Até porque não sou mesmo aquela típica pessoa de conhecer alguém no espaço de meses e ser capaz de me envolver...

Então essa relação que tinhas antes, podes falar-me um pouco sobre ela?

Ah, não há muito para falar, estávamos só naquela fase inicial, ainda por cima! Ai o que é que eu tenho para dizer? Já foi há dois anos, na altura pensava uma coisa, agora penso outra, não é?

Mas podes falar sobre as mudanças...

Não me arrependo como é óbvio! Até, pronto havia lá rapazes em X que se metiam e não sei quê, até me chegaram a dar uma rosa, só por estar a uns metros: ah! Uma rosa! Mas nunca tive aquela, não havia aquela coisa de me querer envolver com alguém, até porque pronto, se calhar já estava satisfeita, não é? Com o que tinha aqui, pronto. Estava apaixonada, vá, infelizmente. Se não tivesse, acho que tinha sido igual também, pelo tipo de pessoa que sou, por não conseguir dar confiança às pessoas logo assim à primeira e não me conseguir envolver...acho que tinha sido igual também...se bem que existia um grego muito giro...mas pronto! Não, acho que não.

Estavas apaixonada cá, era uma relação ou não?

Estávamos naquela fase em que ainda não havia relação, mas já estávamos juntos, estávamos a ver como é que era, como é que não era. E por ser muito ao início, se calhar, possivelmente estragou um bocado as coisas, mas...deixa-me-pensar, que essa pergunta é um bocado complicada...como é que foi que me perguntaste mesmo?

Em relação à tua relação, que tinhas cá, em que estavas apaixonada, se já era uma situação concreta? Posso-te fazer a pergunta talvez de outra forma, qual foi o impacto do Erasmus nessa situação? Se calhar é mais fácil assim...

Estragou um bocado, vá, não é? Porque acho que se tivéssemos uma relação sólida, que quatro meses não eram muito. Por exemplo estavam lá esse X de quem te falei e o X também, que já tinham relações de um ano e tal, dois anos e pronto foi tudo tranquilo! Agora acho que pelo facto de ter sido muito no início, de não haver aquela confiança total, que acabou por estragar um bocado as coisas. E como também não tínhamos estado assim, tivemos juntos, mas não tínhamos estado tanto tempo juntos, percebes? Não deu para desenvolver mais...

Quando existiu o Erasmus acabaram?

Não, não, falávamos sempre e havia aquela coisa sempre, falava sempre com ele pelo *skype* ou pelo *chat* do *facebook* e assim. De vez em quando umas mensagenzinhas, quando ia viajar. E falamos sempre, falamos até eu chegar e tudo, mas já não era aquela coisa, percebe? Não era aquela... como antes basicamente...

E no decorrer do Erasmus como é que se passou a tua vida amorosa/sentimental? O que é que sentiste?

O que eu sentia foi isso, foi as saudades dele, não era? E essas coisas, não tive assim nenhuma... podia ter sentido aquelas atracções, não é? Mesmo físicas e assim, mas não! Não senti nada, conheci montes de rapazes, conheci...em muitos ainda era: ah vamos ali almoçar, vamos ali... Não!! Não dava, porque por um lado sentia-me, sentia-me comprometida, percebes?! Sentia-me comprometida mesmo que não estivesse numa relação mesmo, sentia-me comprometida, e sentia que pronto não é suposto, não se deve fazer! Pronto basicamente foi isso.

Há quanto tempo é que essa relação que tinhas antes se tinha iniciado? Mais ou menos?

Foi pra aí há um mês e pouco, foi mesmo início, início.

Já tinhas o Erasmus marcado quando o conheceste?

Já, já, mas era daquelas coisas, eu não mudava Erasmus, não ia cancelar, mesmo que tivesse namorado ou não tivesse. Porque acho que é uma experiência única, que nós devíamos apresentar e que quem pode deve aproveitar, não é? Porque só traz benefícios mesmo. Há parte disso, só traz benefícios...são daquelas coisas, que pronto acontecem, aconteceu...naquele ano. Aconteceu assim, naquela altura e pronto!

E em que contexto é que vivias no Erasmus? Ou seja com quem é que viveste? Como é que foi?

Vivi, alugámos um quarto, eu e uma amiga minha. Era um quarto duplo e depois tínhamos mais duas raparigas, uma X, e uma que era da X, mas já morava em X há muitos anos e uma gata! Era um sítio, eu gostei muito de X, era calmo, a zona também! Tínhamos sempre aquelas interações, tínhamos sempre jantares, nem que fosse de Erasmus ou com elas, ou com os amigos delas e assim...depois...posso-te contar um pouco do meu dia-a-dia e assim. Eu tinha aulas, eu só fui fazer três cadeiras mesmo para a boa vida, estás a ver?! Depois aquilo... a noite, por exemplo a noite, aquilo não tinha muita noite! A noite começava, tipo, às nove da noite, à uma da manhã está tudo a ir para casa! Quer Sexta, Sábado, Domingo estava tudo a ir para casa...era só os cocktailzinhos que eles tinham, mais nada! Basicamente foi...era mais convívio mesmo, com os amigos e assim, não há aquela coisa que há cá, quando vais sair para uma discoteca ou para um bar e dançar e beber e assim...lá era completamente diferente mesmo...era tudo mais calmo, para conviver e conversar e assim...e comer uns waffles e umas pizzas e assim...

(interrupção)

Sentes que a experiência Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional? Pessoal?

Sim, sim, contribuiu! Tornou-me um bocado mais forte até não só em relação a esse tal rapaz, mas também em relação aos meus amigos e à minha família...e assim. Custou, na verdade custou, não é? Podem só ter sido quatro meses, mas estarmos longe e não termos aquele contacto, nem que fosse de quinze em quinze dias ou qualquer coisa assim, altera um bocado as coisas. Não fiquei muito tempo triste, porque estava lá, estava distraída, não é? Mas às vezes dava assim aquela saudadezinha e sim, mas acho que fiquei mais forte nisso e mais independente também...essas coisas... fiquei.

E as dificuldades quais foram?

Ah...dificuldades...foi mesmo na língua a fazer os testes. Não houve assim grandes dificuldades lá, eram todos super prestáveis, e como vêm que somos doutro país e não sei quê, ajudam, eram um povo amigável até...não tive assim dificuldades...foi uma boa estadia, foi estável...

Deste-te maioritariamente com que tipo de pessoas?

Com um pouco de tudo! Tínhamos um grupo que era só portugueses, eram para aí dez ou quinze portugueses, depois também com as aulas conhecemos uns três ou quatro, eu conheci para aí uns três ou quatro italianos que me dava assim mais. Depois eram as raparigas da casa, não é?...E depois daí, da alemã que já conhecia alguns, pronto também formamos parte de um grupo, eram checos, suecos...e mais alguns que eu agora não me estou a lembrar. E depois pronto, depois havia aquelas festazinhas também próprias para Erasmus e assim...mas maioritariamente era com o grupo de casa...sim.

O grupo de casa era constituído por quem?

Era a alemã, era um checo, duas suecas e havia mais alguém que eu estou-me a esquecer, que depois é amigo dos amigos e não sei quê e pronto juntamo-nos sempre, mas era por aí...

Então em relação à tua vida sexual, no período Erasmus pelo que percebi não aconteceu nada. E antes do período do Erasmus a tua vida sexual era activa, não era activa? Como é que foi o teu percurso?

Desde quando?

Desde o início.

Foi como eu te disse, eu não me consigo envolver com todo o tipo de pessoas. Que eu se calhar tenho vinte e três anos, mas se calhar houve pessoas que já estiveram com muitas mais pessoas do que eu, não é? Eu estive, até agora só estive com três pessoas. Às vezes, falo com amigas e não sei quê. E, pronto, e tenho pessoas que tiveram com muito mais e sentem-se à vontade. Mas eu própria não me sinto à vontade, não me sinto à vontade comigo própria também e isso, pensando que não, vai contribuir para tudo, não é? Sim, pronto e só me consigo envolver muito com o tipo de pessoas em que eu sei que estou numa relação. E não aquele género: ah, conheci-o é giro, bora! Percebes? Não consigo, não é meu! Não consigo, até porque não me sinto bem, tenho alguns complexos, e pronto basicamente é isso....

Após o Erasmus sentiste uma mudança na tua vida nesse aspecto?

Não, acho que não, esteve tudo na mesma. Estava mais gorda, por isso sentia-me um bocado pior... engordei uns quilinhos! Lá, em X, engordei para aí uns cinco ou seis quilos ainda, portanto pensando que não, ainda me tornou pior um bocadinho! Mas depois pronto acabou por passar! Mas não, nisso não mudou nada, não mudou nada... a nível de envolvimento, não.

Quando retornaste a relação que tinhas acabou por ficar...

Sim, sim, porque depois também fui trabalhar e não era para aqui, era nas X, e então ficamos assim por amigos, vá...

Não retomaram?

Ainda estivemos assim uns tempos juntos e assim, mas depois não dava, percebes? Senti que não...não dava mesmo, não era a mesma coisa, foi tudo diferente!

(interrupção)

Em relação à tua visão sobre relações interculturais? O Erasmus mudou a tua visão em relação às relações interculturais?

A mim não, nunca foi contra essas coisas, acho que...nunca tinha pensado nisso, visto assim...hmm...acho que o Erasmus não mudou nada nesse aspecto, eu nunca fui contra, nunca tive nenhum problema do género: Ah tal pessoa é desta raça ou isto e aquilo, nunca tive. E sempre me dei bem com toda a gente, nunca me fez grande espécie.

Não é só no sentido da relação amorosa, relações interculturais no sentido de culturas a conviverem com culturas ou choque cultural?

Isso há sempre, não é? Quando eu fui para lá também, houve assim umas diferenças, não é? Mas depressa me habituei, acho que uma pessoa está noutro país, só tem é que se habituar à cultura desse próprio país, não sei se é isso bem que me estás a querer perguntar ou não? Mas também não mudou muito a minha visão estar no Erasmus...

E no teu percurso de vida estiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades? Viveste algum período no estrangeiro, tiveste algum tempo fora do país?

Não, nunca vivi no estrangeiro, tirando a parte do Erasmus! Estive, conhecia aqui alguns Erasmus até, não muito, falámos e não sei quê, pronto, como é óbvio, para os ajudar e assim. O que é que me ias mais perguntar, desculpa?

Se convivias com pessoas de...

Não muito, pronto, tivemos alguns Erasmus no curso e não sei quê, falávamos assim com eles, mas nada demais.

E se já tinhas tido experiências no estrangeiro anteriormente?

Não, não nunca tive no estrangeiro. Com quem me dou mais é com pessoas de França, porque como tenho lá família, depois passo lá férias no norte, e então conheço franceses e conheço francesas e pronto. De resto mais nada.

O que é que o Erasmus representou para ti?

Uma boa experiência, uma maneira de aprender a conhecer outra cultura diferente da nossa. De crescer...de me tornar independente também...pronto, basicamente é só isso mesmo.

Mais alguma coisa que queiras acrescentar, que tenha sido importante, que teve impacto?

Não, acho que não....Foi tudo muito calminho, foi tudo muito soft...acho que não, não houve assim mais nada.

Soft em comparação com?

Com a vida cá, com a vida cá. Nunca fui com aquele intuito de : Ah vamos sair todos os dias e isto e aquilo, porque pronto, nós temos uma boa noite, não é? E temos um... pronto, são diferentes. Lá é tudo muito mais calmo, foi como eu disse há bocado, é tudo muito mais para o convívio, para conhecer do que propriamente estar a sair e estar...pronto...vida louca!... Basicamente.

Então o Erasmus representou uma diferença na forma como tu vivias a tua vida pessoal?

Sim, eu aqui, quer dizer, eu lá saía mais à noite, a nível de estar fora de casa até à uma da manhã ou até às duas da manhã, mas só no cafezinho ou assim, não houve assim muitas festas. Aqui tive uma fase em que saía todas as semanas, ficava na discoteca até às 6 da manhã e não sei quê ou ia para o bairro alto, ou assim, percebes? Pronto, era só essa a diferença.

Então foi um período mais tranquilo, de alguma forma, ou não?

Sim e não, lá está, estava mais tempo fora de casa, mas não naqueles meios, era mais passear, irmos ao café, vamos aqui... Como eu moro na X, não é assim uma zona muito segura, nós não é muito usual irmos para ao café todos os dias com o nosso grupo de amigos, percebes? Agora já é mais, porque já temos carro e assim, já começamos a sair para outros sítios. Mas lá era tudo tranquilo e era mais...festas era só mesmo de vez em quando.

Neste momento tens então namorado?

Não, não, quer dizer... Por acaso, é curioso porque entretanto há uns tempos, há uns meses voltei a falar com esse tal rapaz. É curioso, não é? Dois anos depois cá estamos...mas pronto.

E nesse momento estão a desenvolver isso?

Não sei bem, não sei bem ainda. É ver, não tenho pressa, agora também tenho outras coisas na cabeça, outras prioridades. E também como não tenho uma relação há muito tempo, não quero estar com aquelas coisas...

As tuas outras relações foram longas, foram curtas?

Depende do que considerares longas e curtas. Mais ou menos, foram à volta de dez, onze meses por volta disso, uma ou outra assim mais curta ou assim...

Mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Não, acho que não, assim que me lembre, não estou a ver...

Coisas que o Erasmus tenha mudado?

Foi só mesmo aquilo que te disse, mesmo. Quanto aos choques culturais, o que eu reparei era aquilo que eu não pensava cá, que na parte até mesmo quando vamos sair e conhecer pessoas e não sei quê, nós saíamos um grupo de portugueses como eu te disse, e as raparigas eram muito mais calmas do que por exemplo as gregas que eram atiradiças à força toda, mas tipo...horrorosas! E eu pensava sempre que nós éramos assim um povo mais espetitado, estás a ver? Mais vamos conhecer e vamos isto e vamos aquilo e pronto eu lá tive uma noção contrária disso.

Pensaste que as portuguesas eram mais reservadas é isso?

Sim, sim em comparação com as gregas e espanholas sim, sem dúvida. É só isso, é só isso...

Quando voltaste de Erasmus a adaptação?

Foi horrível, foi horrível porque, olha não conseguia comer fritos, não conseguia comer batatas fritas, não conseguia comer nada que tivesse cheiro a fritos, até fui à médica e tudo. Vomitava mesmo, sentia-me mesmo mal do estômago, e a médica disse que podia ser pelo ambiente que tive lá, porque lá...isto aqui é um cheiro mais a fritos, não é? E eles lá era mais tipo pão assim mais *soft* e não sei quê, e a médica disse-me que eu podia estar ainda em adaptação a este cheiro de Portugal, vá. Porque eu não conseguia mesmo, eu estive um mês e tal não conseguia comer ovos estrelados, não conseguia comer nada disso, nada. Se calhar também foi porque lá só comia batatas fritas quando ia ao *Mcdonald's*, porque nós era mais massa, era só massa, massa, massa e essas coisas...possivelmente foi por isso.

Na dieta sentiste impacto e em outros aspectos da tua vida?

Não, o resto foi tudo tranquilo. Depois quando tive cá, aí é que estava com saudades mesmo, devia ter ficado lá mais um mês, mas de resto foi tranquilo, foi só do género, fui ali e voltei, pronto! De resto está tudo igual, os amigos estão iguais, está tudo igual, foi tudo na boa...foi só aquele período de: ah tenho que ir ali ver esta pessoa e ver aquela pessoa, porque foram quatro meses e é normal, mas de resto

continuou tudo igual, tudo na mesma... continuei sempre a manter contacto com todas as pessoas que tinha cá, que me eram importantes...e até me aproximei de mais outras, é verdade.

Aproximaste-te mais de outras em que sentido? Porquê?

Não sei bem porquê, por exemplo, havia uns rapazes que eram da minha secundária e que eu já não falava com eles há alguns anos e de repente, pronto, como viram que estava Erasmus, falaram e não sei quê e ficámos mais próximos, tanto que ainda falo com um deles e é um grande amigo meu e assim. Depois é as fotos e não sei quê e isto e aquilo...e como é que isso? Como é que é a comida? Gostava de ir aí, tens que me dar depois...dizer os sítios, os melhores sítios e assim, mas...foi só isso.

Eles também foram para Erasmus?

Não, não, não foram. Não, tava agora a ver outro, mas não, não foi...

Mais alguma coisa?

Não, acho que não.

Obrigada.

SUSANA

Quais foram os motivos que te levaram a fazer o Programa Erasmus?

Bem, como a minha variante principal seria o alemão e o inglês, achei por bem ir no segundo ano para a Alemanha, que me iria ajudar a melhorar o conhecimento da língua alemã. E também porque tive sempre aquela vontadinha, aquela vozinha cá dentro que me queria levar a conhecer outros países. Achei por bem escolher a Alemanha como primeiro ponto internacional.

E o que é que procuras retirar da experiência?

Primeiro que mais um desenvolvimento da língua, também uma experiência fora do país, ah... como é que eu vou explicar? Queria sentir-me mais independente, fora do meu espaço de conforto, então que melhor maneira de o fazer do que sair do país? E sair do ninho?

E em que contexto é que viveste lá? Quais foram as tuas condições de alojamento, como é que viveste, com quem é que viveste?

Eu inscreve-me para uma residência lá, aquilo basicamente... o espaço residencial era, antigamente, um orfanato e antes de ser um orfanato era um prédio para os construtores que, na altura, estavam a construir, se não me engano, a via férrea. Mas aquilo parecia mais uma espécie de apartamentos do que uma residência, era bastante diferente. Era uma casa com oito quartos e eu estava lá. Portanto, tinha mais sete companheiros, quatro eram alemães e os outros também eram alunos de Erasmus. Não sei que mais queres com esta pergunta? Em que contexto não sei...

E, antes de partires para o Erasmus, quais é que eram as tuas perspectivas em relação á tua vida amorosa e sentimental?

Não tinha qualquer pensamento sobre isso, porque eu basicamente só queria ir para lá estudar e tentar boas notas e talvez fazer bons amigos, não tinha pensado sequer nisso.

E depois na realidade como é que as coisas aconteceram, como é que foram os relacionamentos que tiveste?

Houve uns que foram menos bons, mas não menos bons no sentido em que eram maus, mas era aquela... não havia qualquer relação. Um olá e um adeus! Era mais ou menos a relação como com os meus companheiros de quarto, eu não gostava muito de falar com eles, então estava sempre no meu quarto. Essa relação era inexistente! Mas, depois, as outras pessoas que eu conhecia fora desse local, por exemplo, no coro, ou mesmo nas aulas da faculdade, desenvolvi uma certa amizade mais complexa, mais, mais... qual é que é a palavra? Mais forte, pronto mais forte. E isso também foi mais na zona do coro do que na faculdade, porque da faculdade também era: não, não quero saber de vocês! As pessoas do coro são aquelas que mais me apoiaram no momento, entre aspas, e por exemplo também estava lá um rapaz que era também português e que acho que era do Porto, portanto eu nunca o tinha isto na minha vida e lá, basicamente, o meu único contacto com a língua portuguesa era ele. E então, posso ou não ter desenvolvido alguma coisa, mas só o facto de ele ser um ponto que me indicasse para a minha área portuguesa, para a minha vida portuguesa, tenha desenvolvido talvez uma relação mais íntima com ele.

E a tua vida sexual no Erasmus, como é que foi?

Não houve qualquer vida sexual nesse momento, infelizmente, infelizmente não é essa a palavra que quero usar, mas pronto. Não houve nada, acho que não senti nada o suficiente para querer ir a esse nível, pronto

E a tua vida sexual, a nível do que tinhas cá antes de ires para Erasmus, houve uma mudança, houve um padrão que mudou, ou não? Ou ficou tudo da mesma forma?

Bem, digamos que antes de ir para lá a minha vida sexual não era tão activa como muita gente tem... mas, depois, também para aí dois ou três meses antes de ir essa onda acalmou e então também não tive grandes problemas em adaptar-me á minha vida sexual lá.

Sentes que a experiência Erasmus contribuiu para o teu desenvolvimento emocional?

Bem, não sei, porque eu também não tenho assim uma vida emocional muito forte, portanto também não sei responder se me ajudou ou se me deixou ficar na mesma, não tenho bem a certeza. Acho que também não me deu assim grande alarido para ter uma vida emocional mais forte. Acho que não, não sei.

Acabaste por me dizer que não tiveste nenhum relacionamento amoroso ou sexual durante Erasmus. Portanto, a única situação que tiveste foi com esse rapaz em que sentiste alguma coisa com ele, certo? Podes falar um pouco mais sobre isso, como é que se desenvolveu, na verdade contares-me essa história.

Pronto, foi na primeira reunião do nosso coro, supostamente, estávamos em...estávamos sentados em roda e cada um tinha que dizer de onde vinha, quantos anos tinha e não sei quê. E depois é que eu descobri que ele era de Portugal, porque ele estava sentado a meu lado e eu nunca tinha falado com ele antes, nunca o tinha visto. E pronto, então, como achámos piada ao facto de sermos os dois do mesmo país, decidimos começar a falar um bocadinho, pronto desenvolvemos aquela...hmm quando as palavras me fogem...Ah... bem, decidimos ficar mais...quisemos continuar a desenvolver a nossa comunicação, e pronto, então basicamente, nós tínhamos, as nossas reuniões do coro que eram uma vez por semana, eram às quartas-feiras, mas apesar disso, logo assim que nos conhecemos mais, adicionámo-nos ao *facebook*, não tínhamos telemóvel, porque era mais caro lá e comprar um telemóvel novo, não me valia a pena. Então falávamos, às vezes, por *facebook* e, às vezes, também o via assim na rua, porque apesar de não sermos da mesma faculdade ou do mesmo curso, porque ele estava em mestrado e eu estava na licenciatura normal. Também assim de vez em quando víamo-nos e combinávamos umas coisas, não só nós próprios, mas também com o grupo inteiro, o grupo do coro ah...não sei que mais é que eu possa dizer? Que tipo de resposta é que procuras mais...

Não procuro resposta nenhuma, a minha ideia é que tu fales da tua experiência, não há respostas ou certas ou erradas, a ideia é tu falares sobre a tua experiência e dizeres-me o que achas que aconteceu, ou que pensas sobre isso também... e antes de ires tinhas alguma relação cá?

Não, mas para aí uns três ou quatro meses, antes tinha uma certa relação platónica que não deu em nada, não teve qualquer impacto, portanto...

E em relação então a relações interculturais, a pessoas de nacionalidades diferentes, o Erasmus mudou a tua visão sobre essas relações?

Bem, definitivamente mudou ainda mais um bocadinho. Eu antes de ir para lá já tinha a ideia que uma relação intercultural, internacional deveria ser apoiada. Devia ser uma forma de desenvolvimento não só de identidade, mas também de interajuda internacional. Porque eu, antes mesmo de ir para Erasmus, já tinha ido para um campo de jovens noutro país, pronto. Que, por acaso, também foi na Alemanha, mas foi no Norte. Já tinha essa ideia, de que esse intercâmbio de interajudas poderia ajudar, quer dizer, não é bem ajudar é mais... é um certo desenvolvimento internacional que se os jovens começarem, tipo, pode melhorar o mundo (entre aspas, nunca se sabe). Quando eu fui para Erasmus, isso mudou, e alterou-se e até melhorou a minha vista digamos. Porque eu, basicamente, não me dava muito bem com pessoas alemãs, mas mais com pessoas de outros países. Suécia, também me dei bastante com pessoas da Roménia e também da Hungria. Esses foram os que com quem eu me dei melhor. E também essa forma de contacto com outros países, com outras pessoas de outros países, ajudou-me mais ou menos a ter uma melhor visão do mundo, e de como outras pessoas também tem problemas políticos, por exemplo, como Portugal, que isto está muito mau aqui! E também me deu uma certa visão para se algum dia for mesmo necessário sair deste país, ao menos já tenho uma melhor escolha, uma melhor ideia para onde eu possa querer ir estudar, ou trabalhar ou viver!

E durante o teu percurso de vida, estiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades, em outras situações? Viveste algum período no estrangeiro? Antes do Erasmus neste caso.

Bem essa pergunta é um bocadinho complicada porque eu não sou portuguesa, eu nasci da África do Sul. E só depois é que vim para cá viver. Tenho família na África do Sul, tenho família também no Canadá, tenho família espalhada por todo o mundo por alguma razão. Qual é que era a pergunta?

Era para me explicares, no teu percurso de vida, qual foi o teu contacto internacional, se tiveste noutro país, as pessoas com quem te dás de outras nacionalidades...

Eu tenho contacto, não é assim um contacto muito próximo, mas talvez uma vez por mês, ainda telefono aos meus familiares no Canadá, por exemplo. E também já voltei à África do Sul uma vez, estive lá no Natal em X, que lá é Verão. Também, ainda não fui, mas gostaria de ir à Venezuela porque tenho lá família, tenho vários amigos que, infelizmente, foram viver para a Itália. E também é muito aquela situação, eu queria no futuro visitá-los, não só porque eles estão lá, mas também porque eu gostaria de visitar um bocadinho mais, ter mais noção de outras culturas e outras nacionalidades, e talvez aprender um bocadinho ainda mais com isso.

Disseste-me que não és portuguesa? Qual é a tua história familiar então?

Os meus pais são portugueses. Os meus avós antes do 25 de Abril foram morar para a África do Sul, eles tinham lá a sua vida, tinham o seu emprego, tinham tudo. Só que depois eles quiseram voltar para cá, e depois a minha mãe nasceu, depois nasceu o meu pai sabe-se lá aonde, também cá em Portugal. E depois eles quiseram voltar para lá, então foram todos para a África do Sul. E depois, eu nasci lá, e depois nasceu a minha irmã lá, aliás, primeiro nasceu a minha irmã, depois nasci eu! E depois o meu pai cansou-se daquilo e então decidiu voltar para cá.

Com que idade é que voltaste?

Infelizmente, não foi uma idade muito boa, eu só tinha dois meses! Mas eu tenho o meu passaporte, o meu passaporte é sul-africano, portanto eu tenho nacionalidade sul-africana.

E em relação, então, ao Erasmus, não sei se queres acrescentar mais alguma coisa, o que é que foi importante para ti a nível pessoal, emocional? O Que é que o Erasmus mudou na tua vida, se é que mudou alguma coisa?

Bem, eu quando lá cheguei, comecei a ter uma certa noção de que talvez eu me iria sentir mais sozinha, porque não sabia onde é que eu estava, não tinha ninguém com quem falar. Mas, depois, quando descobri aquela situação do coro, porque era um coro que havia sido criado naquele semestre para alunos de Erasmus. Decidi que se participasse naquilo, talvez não me sentisse tão sozinha, e talvez poderia partilhar as minhas experiências e se tivesse a sentir-me mal, talvez poderia usá-los, usá-los entre aspas, podia falar com eles, porque eles também poderiam estar a sentir o mesmo como alunos de Erasmus. O que é que mudou? Eu, sinceramente, acho que vir para cá depois de ter esta noção do Erasmus, senti que nesta faculdade não há muito apoio aos alunos de Erasmus. Não há muito apoio comparando com aquele apoio que havia lá. E então eu mudaria mais no sentido de ajudar os alunos de Erasmus. Eu, por

exemplo, já tenho vários amigos de Erasmus desta faculdade, mas só mesmo depois da minha própria experiência, porque eu sei o quão pode ser difícil e é muito complicado. E ter uma pessoa com quem falar ajuda bastante, mesmo que não mude assim tanto no foro à volta, mas pelo menos no foro mental ajuda bastante.

Queres acrescentar mais alguma coisa? Que te recordes, que aches importante?

Acho que não, mais que eu possa acrescentar, não sei. Até pode haver, mas agora que me venha à cabeça, não sei...

Obrigada.

TERESA

Quais foram os motivos que te levaram a fazer o Programa Erasmus?

Queria viver fora do país, queria experimentar viver no estrangeiro e..., queria experimentar viver no estrangeiro e na altura tinha, até queria, tinha dito que não queria ir para nenhum sítio do Mediterrâneo ou latino, portanto não queria ir para Espanha, nem para Itália, nem para França e queria ir para os países mais nórdicos, queria ir para Alemanha e depois acabei... acabei por me inscrever para Itália e fiquei lá.

O que é que te levou a mudar de ideias, recordas-te disso?

Não sei, se calhar foi a escola! Ah não, não, espera, eu inscrevi-me para Berlim em primeira hipótese, mas depois realmente não havia nenhuma outra escola que eu gostasse e depois acabei por... já não sei porquê, realmente o que é aconteceu! Mas acabei por pôr para aí quatro escolas de Itália, e depois fiquei na segunda opção que tinha sido, porque não consegui entrar para Berlim, entrei para Itália.

E querias ir para o Norte, ou seja o teu objectivo principal era ir para o Norte da Europa por alguma razão particular?

Porque queria que fosse diferente, porque queria que fosse diferente de Portugal! Queria que fosse uma...E porque, e porque supostamente as aulas, as faculdades de artes no Norte têm uns sistemas diferentes, menos académicos e tem menos disciplinas e tem mais ou menos, são disciplinas mais abertas e basicamente tens tutoriais com os professores e vais fazendo o teu trabalho. E, portanto, depois ao fim fazer Erasmus em Itália foi um bocadinho mais parecido com o estar em Portugal e a escola também era parecida com a portuguesa e assim!

E a nível pessoal o que é que procuravas retirar da experiência? Fora a questão académica, o que é que procuravas retirar da experiência Erasmus?

Opá, estar sozinha, estar num sítio com uma língua estrangeira, conhecer pessoas de outros sítios. Porque eu também já gostava muito de viajar na altura e tinha vontade de conhecer outros sítios e outras pessoas. Ver também como é que era, não sei, não sei se realmente queria ver como é que era a mentalidade dos italianos, mas...Deixa cá ver, não sei, a questão é não, nunca... sempre foi um dado

muito adquirido, já é uma coisa muito, de alguma forma corriqueira, ou corrente, que as pessoas fazem Erasmus. Nunca me passou pela cabeça que eu não quisesse fazer Erasmus, ou que não fosse, ou que não fosse uma opção fazer Erasmus. Porque pareceu-me que era sempre uma oportunidade uma vez que há essa oportunidade, que se pode ter bolsa e que se pode ir, não havia razão para não ir.

E antes de partires para Erasmus, em relação à tua vida amorosa sentimental, sexual, quais é que eram as perspectivas que tinhas?

Eu estava, eu estava muito, estava bastante, numa fase não muito boa. Tinha acabado uma relação muito grande e não tava muito bem com isso e a possibilidade de ir embora, parecia uma coisa, parecia que iria ajudar e que haveria muitos...eu, por exemplo, como tinha acabado uma relação de vários anos, tinha pensado agora é que é! Vou para lá e vou conhecer uns italianos bonitos, e assim e assado e pronto.

Isso a nível amoroso, a parte sentimental que tem a ver com tua relação anterior. Então procuravas basicamente sair dessa relação e procurares relações novas, é isso?

Exactamente!

E depois na realidade como é que as coisas aconteceram? E como é que foram os relacionamentos que desenvolveste?

Não, não aconteceu, depois, não sei, não aconteceu praticamente nada. Eu nesse momento então estava mais do que livre para ir e começar o que quer que quisesse, e depois acabou por não acontecer, porque eu não ia assim muito, assim não ia...também não ia andar lá muito assim em festas e em... nessas coisas. Eu não estava, eu não estava á procura de nenhum amor da vida, por acaso na altura não ia à procura de nenhum amor da vida, nem estava a procura de nenhuma coisa estável, estava só a pensar vou estar aqui, vou estar uns meses fora e posso estar com pessoas, sem ter de me atracar muito a elas, porque é uma coisa temporária, porque eu já sei que vou querer voltar e que, que não é para ficar. E então era uma coisa que me agradava a ideia de estar ali mais ou menos um semestre de hiato, não da vida amorosa, mas daquela, da outra pessoa com quem estava.

O que estou a perguntar é, isso era a tua vontade, mas depois, nos meses que tiveste no Erasmus, tiveste relacionamentos, existiram relacionamentos com pessoas, sejam pontuais ou não?

Ah, sim, sim, sim! Tive um, uma *one night stand* e pronto! E depois na verdade foi só isso, porque depois o meu ex-namorado acabou por me ir lá visitar, portanto estragou tudo.

E em relação a essa *one night stand* tiveste algum relacionamento maior com essa pessoa ou não?

Não, não, não, nem queria! E para já, para já foi uma *one night stand* com uma pessoa que não vivia na mesma cidade, portanto vivia noutra cidade. Foi, também me ajudava a entrar na *one night stand*, o facto saber que não ia haver continuidade disso. Ele depois, ele depois veio visitar-me á minha cidade, mas eu achei isso tudo muito perturbante e não queria sequer vê-lo. Mas, porque, porque também foi uma coisa um bocado estúpida, não sei...

As expectativas que tu tinhas acabaram por não se tornar...

Não, não, de todo! Eu tinha, eu achei que ia para lá e que ia ter uma vida muito apaixonante com os mais variados amantes, amantes italianos, mas depois não ocorreu.

Sentes que essa experiência, o Erasmus, o facto de teres saído de Portugal durante esse tempo, contribuiu para o teu desenvolvimento emocional ou crescestes de alguma forma se é que se pode dizer assim?

Não particularmente, porque ia com um desejo qualquer que depois acabou por não se realizar. Eu na verdade também estava muito... isto é muito difícil que é a tal coisa, na minha situação específica como eu continuava em contacto com o meu ex-namorado, aquilo também não ajudou muito, mas de qualquer forma não teria havido problema em eu estar com outras pessoas, eu não sei, eu não posso saber, a situação foi como foi e não posso saber como é que poderia ter sido se eu não tivesse mantido contacto com o ex-namorado. Mas, não sei se me fez crescer... especialmente porque eu também me concentrei noutras coisas, e tava contente com viajar e com conhecer as pessoas com quem estava a viver. E com as pessoas com quem estava a viver não havia nenhuma hipótese de relacionamento, de relacionamento assim amoroso, por isso.... E ao início a história da língua, era... realmente não acho que isso fosse um grande impeditivo ao início, porque depois eu aprendi a língua também bastante depressa. Se bem que eu agora estou a pensar nisso do Erasmus e estou a pensar no que fiz, estou a misturar com o facto de ter estado cá e como é que foi estar cá e comparando percebo que a língua não foi um obstáculo assim tão grande, se bem que depois aqui a língua foi obstáculo muito grande

E a tua vida sexual como é que foi? O que é que ocorreu? Já falaste um pouco disso há pouco...

Não foi grande coisa, não foi, foi muito inexistente, foi bastante inexistente.

Foi somente aquela situação em tiveste com o rapaz italiano nessa noite, foi isso? Foi somente isso?

Isso e depois o meu namorado veio-me visitar no fim do Erasmus e aí tive umas férias com ele e pronto e foi isso.

A nível de relacionamentos amorosos, sexuais com pessoas de outras nacionalidades, foi somente com esse rapaz italiano. E apaixonaste-te por alguém, alguma atracção, mesmo que depois não se tenha realizado?

Não, não.

Em relação à tua visão sobre relações interculturais, relações com pessoas de diferentes nacionalidades, o Erasmus mudou a tua perspectiva em relação às relações? Ou como é que elas se podem construir?

Não, não, desculpa. A questão é que tem que ser em relação ao Erasmus, Eu podia falar muito mais sobre tudo isto que estás aí a falar, tinha muito mais a dizer, se pensasse na minha experiência agora aqui, percebes? Agora em relação a Erasmus, não...

Experiência em X, que foi uma segunda experiência que tiveste fora do país...

Mas principalmente, acho que a grande diferença, foi que eu acho essencialmente que os italianos não são muito diferentes. Eu quando tive em Itália relacionei-me maioritariamente com italianos e tinha alguns amigos de Erasmus, mas eu não andava muito no circuito Erasmus, portanto não tive aquela experiência em que estás sempre a conviver com gente estrangeira, isso depois tive aqui, aqui é que tive essa experiência. Portanto, lá acabei por estar muito com italianos, e acabei por achar que era muito parecido com Portugal e não achei que o choque cultural fosse assim tão grande entre portugueses e italianos, seja pela língua, seja pela cultura acabou por não ser um choque muito grande e não me parece que teria havido algum problema de relacionamento pelo facto de eu ser portuguesa e deles serem italianos porque o choque cultural não é assim tão sentido.

Durante o percurso da tua, o teu crescimento, durante a tua vida, antes de fazeres Erasmus e também poderemos falar do depois, tiveste em contacto com pessoas de outras nacionalidades em muitas situações? Viveste algum período fora antes do Erasmus?

Sim, sim, tinha! Não, não vivi fora antes do Erasmus, mas viajava um bocadinho, e fazia *couchsurfing* e recebia pessoas de outras nacionalidades também que faziam *couchsurfing* em Portugal.

Já tinhas estado em contacto com contextos interculturais, podemos chamá-los assim, já fazia parte de ti antes do Erasmus?

E fazia parte antes e provavelmente a nível relacional e sexual aconteceu mais fora do contexto Erasmus do que no contexto Erasmus.

E depois, do Erasmus, tiveste depois mais tarde a experiência do X que também foi uma espécie de continuação, de procura...

Exactamente, foi mais ou menos a mesma coisa, também para sair outra vez dessa relação que tinha em Portugal, porque havia oportunidade de fazer, porque era financiado por mais ou menos a mesma coisa, a comissão europeia também. E achei mais uma vez que é uma coisa que se pode fazer e se tenho oportunidade não havia razão nenhuma para não o fazer e mais uma vez aí também achei que sim que estava muito livre para fazer o que quisesse.

(2ªPARTE)

O que pretendo é que me voltes a falar da tua história de Erasmus, o que aconteceu em Erasmus em relação à tua vida sexual a amorosa, tudo o que mudou em relação a essas dimensões da tua vida...

Eu quando fui para Erasmus estava numa relação mal acabada e achei que ia ser uma coisa boa, essa distância física do meu namorado da altura... e na altura, tinha um certo desejo de encontrar alguém que me fizesse esquecer o ex-namorado, porque não era a melhor relação na altura.... Se bem que agora estou a pensar nisso e, na verdade, eu estava ainda muito apaixonada pelo meu ex-namorado e quando cheguei lá conversávamos, e eu contava-lhe o que é que se passava, e portanto não consegui libertar-me muito da presença psicológica dele.... Obviamente, se pensar na parte da sexual, não estaríamos juntos, porque eu não me lembro nunca de ter pensado que as aventuras sexuais que tive ou que poderia ter que podiam implicar alguma

traição...portanto realmente não estava numa relação estável com o X...e eu só fui para a cama com uma pessoa, não foi?

O que falaste da outra vez, foi só uma vez! Com um italiano...

É, só porque não queria estar a faltar à verdade e a contradizer-me...

Tinhas terminado ou não com o X?

Tinha, tinha! A conversa era, "vai, e depois nós falamos quando voltares". A bem dizer, eu fui com a ideia que havia de ser bom para nós a distância e depois quando eu voltasse para Portugal, logo se via o que é que acontecia. Mas sim, havia algumas expectativas de "desfidelidade" ou de estabelecer uma relação à distância...O que foi muito difícil, porque fomos mantendo o contacto através da internet e também é possível que eu não tenha estado, de facto, realmente aberta para conhecer outras pessoas, uma vez que estava sempre agarrada a esta relação em Portugal... portanto, se o desejo inicial era liberta-me da pessoa, desta sombra em Portugal, quando fui para Itália não aconteceu muito... provavelmente também tem a ver com o facto de não ter encontrado ninguém com quem eu pudesse abrir-me da forma que tinha com este ex-namorado... o que faz com que acabasse sempre por voltar a qualquer coisa que conhecia, por mais que o novo pudesse ser excitante, acabava por voltar um bocadinho à segurança, ainda que fosse difícil, traumatizante e tudo! Porque era uma relação com problemas....

Quando foste para Erasmus achavas que ia ajudar a vossa relação, ia ser melhor ou querias acabar a relação? Do que tem lembranças...

A relação estava num ponto de saturação tão grande, que eu achei que realmente, no momento, não havia volta a dar mantendo as coisas como estavam, portanto uma mudança de ares para mim e para ele só poderia ser bom... Mas, tenho a dizer que ele fez Erasmus no primeiro semestre e eu fiz Erasmus no segundo, ou seja, ele no primeiro semestre teve fora e depois eu...exactamente, ele esteve em Erasmus no primeiro semestre em X, e depois quando ele voltou eu fui para Erasmus em Itália...portanto, de certa forma, eu achei que aquela distância desse ano em que ele teve lá, era preciso, porque realmente não era... mas pronto, acho que a mudança física e de espaço foi muito importante, talvez para a esperança de que **(gravação imperceptível)** ... que a distancia física criasse alguma distância emocional

Desculpa, estão a existir falhas na Internet, não compreendi bem, disseste que tinhas esperança que a distância física, de alguma forma conseguisse aumentar, ajudasse a aumentar a distância geral, ou seja, a tua distância emocional, é isso? Foi isso que disseste?

Sim, exactamente! Que a distância física se reflectisse numa distância emocional, que depois por causa do *facebook*, do *messenger*, dos *chats* e dessas coisas todas, acabou por fazer muito pouca diferença a distância física... e depois os estrangeiros que conheci, não sei, eu realmente não ia muito com o intuito de ir fazer amizades internacionais com um teor sexual, não fui, fui uma ou outra vez a festas Erasmus...

(quebra na ligação)

Estavas a falar de quando foste para lá não estiveste muito em ambientes de festa e ias desenvolver a partir daí...

Sim, porque depois, realmente não sei... não acho realmente que ia à procura de aventuras e, as vezes que teve para se proporcionar não estava muito aberta, mas eu acho que foi mesmo muito por isso, por ter ido para lá, mas mantive uma relação à distância, o que se calhar até foi pior... A tal distância emocional física que eu estava à procura com a distância física acabou por não acontecer, porque os problemas que nós tínhamos com a nossa relação, o quotidiano e da presença física um do outro desapareceram, portanto isso deixou de se um problema e a coisa passou a ser uma relação idealizada à distância....em que eu provavelmente idealizei muito, a qual pude escolher o que é queria da relação ou não. No fim, a distância física proporcionou simplesmente assim um sonho, uma fantasia, que foi desenvolvida com isso das tecnologias...desculpa, é um bocadinho desinteressante...

De todo...Podemos falar de outra parte, das relações que realmente desenvolveste lá. Foi só uma, com o rapaz italiano, mas na altura acabamos por não falar muito nisso...

Não era nenhuma relação, foi uma coisa que aconteceu e foi até um bocadinho, foi bastante desagradável, porque meti-me numa situação que depois... que era o desenvolvimento normal, que me tinha deixado envolver a tal ponto, que já não tinha realmente hipótese a não ser ir para a cama com ele, e foi tudo um bocadinho estranho...foi estranho, foi sexo desprotegido também, que foi uma coisa muito estúpida...e depois, a seguir não queria mais nenhum contacto com ele, e ele depois veio a X visitar-me, e eu estava querer fugir dele e a querer tudo menos encontrar-me com ele, quando ele se calhar até era um rapaz fixe, mas não sei... se calhar foi um bocadinho assim aquela, do “vou fazer porque posso”, ou “vou deixar acontecer porque é assim que deve ser”, e também pronto alguma ideia qualquer romantizada do que é que será uma aventura com um italiano, se calhar simplesmente queria ir para cama com um italiano, é possível...

Também não falamos muito sobre a tua vida sexual, antes de ires para Erasmus. Como é que era a tua vida sexual, antes de ires? Era activa, ou não?

Tinha vida sexual activa sim, com o meu ex-namorado e ainda outros envolvimento. Ao terminarmos a relação houve outros homens...não era propriamente uma vida sexual parada. Antes do Erasmus, se o Erasmus mudou alguma coisa nesse aspecto? Não, acho que não fiz nada que não fazia em X, não posso dizer que em Erasmus fui mais promíscua ou o que quer que seja, porque não foi de todo... não, provavelmente não, aliás antes pelo contrário... é isso que eu acho realmente, não mudou a forma como eu via o sexo, ou as relações ou a promiscuidade, porque realmente depois disso... essa insatisfação que senti em Itália, depois dessa aventura, foi mais ou menos um padrão que voltei a repetir quando voltei a X, portanto...

Então Erasmus acabou por ser um período mais calmo?

Na verdade o Erasmus foi um período mais calmo, tive muito mais casos, aventuras e coisas esporádicas em X já do quem em X... Pois não sei, eu se calhar começo a achar que sou bastante “português”, porque só quando vou para a Portugal

é que as coisas são mais aventuradas (risos), quando estou fora de Portugal, não mexe nada...Queres perguntar mais?

Sim, mais uma coisa, uma coisa que não ficou clara, os motivos que te levaram a X (outro programa de mobilidade) que também estavam relacionados sobre a tua ex relação já numa fase mais adiantada... se puderes falar sobre isso

Sobre X, foi mais ou menos a mesma situação, o mesmo desejo de sair desse espaço onde tinha esse ex-namorado, mas com um bocadinho mais de decisão, com um desejo um bocadinho maior de mudar qualquer coisa, com um desejo um bocadinho maior de querer começar qualquer outra coisa. Porque, no início, na altura do Erasmus era uma coisa de vai ser um bom tempo para fazer uma pausa e ver o que significa a nossa relação, e... com o vir para X fazer X, foi mesmo: eu vou, mas não me vou fixar no voltar e não a pensar...não vou para melhorar nada do que cá fica, vou para começar qualquer coisa nova. E, aí, ia mais decidida, ia mais decidida, mas acabei por ficar mais celibatária ainda do que em Itália...pronto, a relação ainda se arrastou até ao tempo de X, mas com menos contacto e...mas, também é muito diferente o panorama italiano e o panorama X, as pessoas são muito mais fechadas cá, a ideia de vir para cá e ter aventuras é um coisa muito...muito remota e que não me parece que corresponde muita à verdade. Em Itália, teria sido...é mais fácil, ou então, se calhar eu é que já não estou para aí virada...sinceramente quando vou para Portugal parece-me tudo mais...mas depois também talvez seja isso, talvez seja a língua, talvez seja eu não conseguir exprimir-me da mesma forma se não estiver a falar português, e por mais que seja emocionante ou pareça interessante outra cultura, outras pessoas, outra maneira de estar e de se relacionar... acabo sempre por, na verdade, gostar do que conheço, gostar de Portugal e da língua e da maneira como os portugueses se relacionam... mais ou menos como a comida, vais para um sítio diferente e é tudo muito emocionante, a comida é diferente e é tudo...e estás muito excitado por causa disso! E depois passado um tempo, tens saudades e tens falta daquilo que conheces e a novidade não chega, a novidade e o exótico não chegam em comparação com o familiar! E, pronto nesse aspecto posso pensar que foi isso que o Erasmus mudou, ou que estar a viver estrangeiro pode ter mudado, é valorizar mais ou menos o que é nosso, o que é meu e o que eu já conheço, pronto, na comida e nos homens...

E há mais alguma que queiras acrescentar?

Não sei, eu obviamente sempre tive uma ideia de Erasmus antes de fazer, porque até pensei fazer Erasmus mais cedo, numa altura da minha vida em que eu até era muito mais promíscua e aí a ideia de fazer Erasmus, parecia ser muito mais aliciante por essa coisa, por ser muito exótico e muitas pessoas e muitas oportunidades de conhecer e uma pessoa está num lugar, num espírito muito aberto! Eu, depois quando fui para Erasmus já não ia nessa...já não tinha essa visão da vida, portanto acabei por não procurar, não tirar partido dos contactos que surgiam, proporcionados por estares num ambiente internacional... porque as pessoas estão fora dos seus países, estão fora dos seus ambientes e tem aquela ideia de...Ah, realmente, isto é uma coisa que posso dizer! Que também se passou aqui e que também se passou lá um pouco lá em Itália, que é a possibilidade de tu te apresentares aos outros como tu quiseses de uma maneira nova e de uma maneira que ninguém vai estranhar. Portanto, eu posso-me apresentar-me como eu sou, em casa, vista como uma palhaça, posso-me apresentar como uma pessoa tímida, por

exemplo! E ninguém sabe, portanto tens mais ou menos essa possibilidade de reescrever a tua...não só a tua história, às vezes nem é o passado, mas pronto tens uma oportunidade de rescrever o teu presente e o teu futuro noutro sítio, porque ninguém te conhece e podes ser quem tu quiseses, coisa que não podes ser em casa. E se calhar, às vezes, ter essa possibilidade de seres quem te apetece e quem não és, depois, ou te encontras e és uma outra pessoa e queres trazer essa de volta para casa, ou percebes que essa pessoa que estás a ser nesse segundo sítio não és tu e tens saudades do que eras em casa e no teu ambiente familiar...não sei se isto faz sentido...

Mais alguma coisa?

Não...

Obrigada.